

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

PATRÍCIA DUARTE DE BRITTO

**MÍDIA E A PRODUÇÃO DISCURSIVA DE NOVAS IDENTIDADES
FEMININAS NA PÓS-MODERNIDADE**

MARINGÁ - PR

2008

PATRÍCIA DUARTE DE BRITTO

**MÍDIA E A PRODUÇÃO DISCURSIVA DE NOVAS IDENTIDADES
FEMININAS NA PÓS-MODERNIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos – Estudos do Texto e do Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro
Barbosa

MARINGÁ - PR

2008

PATRÍCIA DUARTE DE BRITTO

**MÍDIA E A PRODUÇÃO DISCURSIVA DE NOVAS IDENTIDADES
FEMININAS NA PÓS-MODERNIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovado em **05 de setembro de 2008**.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Pedro Luís Navarro Barbosa
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof.^a Dr.^a Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof.^a Dr.^a Vanice Maria Oliveira Sargentini
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar / São Carlos - SP

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Britto, Patrícia Duarte de

B862m Mídia e a produção discursiva de novas identidades femininas na pós-modernidade /
Patrícia Duarte de Britto. -- Maringá : [s.n.], 2008.
181 f.

Orientador : Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em
Letras, área de concentração: Estudos lingüísticos - Estudos do Texto e do Discurso,
2008.

1. Análise do discurso francesa. 2. Identidade feminina. 3. Pós-modernidade. 4. Mídia
impressa. 5. Discurso. 6. Processos identitários. 7. Lingüística. I. Universidade Estadual
de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 21.ed. 401.41

*Para minha mãe e minha avó,
mulheres que eu amo.*

AGRADECIMENTOS

Meu caminho no mestrado foi marcado por pessoas que, com seus pequenos e grandes gestos, me ajudaram, muitas vezes, sem perceberem; despertaram em mim a força e a coragem necessárias para que eu semeasse, dia após dia, o sonho que colho aqui. Por iluminarem e tornarem mais bonito esse caminho, **eu agradeço:**

À Taty Bender, que esteve comigo, no começo de tudo.

Aos professores Edson Romualdo, Maria Célia e Ceci, por me aprovarem na entrevista de seleção para o ingresso no PLE.

Ao professor Pedro Navarro, pela bondade demonstrada ao me estender a mão e me aceitar como sua orientanda; por me apresentar a Foucault e me propiciar crescimento acadêmico; pela idéia sobre a temática da dissertação; por partilhar, generosamente, seu conhecimento; por compreender e respeitar meu tempo de produção; pelas orientações repletas de atitudes humanas e humildade, que me deixaram à vontade para expor minhas dúvidas, dificuldades, receios e limitações.

À Rafaela Rafis, que chegou de mansinho me oferecendo sua amizade verdadeira, cultivada mesmo em meio às nossas ausências.

À Leonice, a Lê, minha amiga madame e que fala palavrão; por me fornecer os exemplares impressos e a assinatura virtual das revistas e porque sempre me diz que sou inteligente e, com isso, me coloca para cima.

Ao Jefferson, pela convivência: conversas, telefonemas, e-mails, risadas, almoços e passeios ao shopping, que me revigoravam sempre e que hoje colocam um sorriso de saudade em mim.

Às professoras Vanice Sargentini e Ismara Tasso, por aceitarem compor as bancas de qualificação e de defesa pública e fornecerem valiosas sugestões a esta dissertação.

À Verinha Verusca, pela leitura carinhosa deste trabalho.

Ainda à professora Ismara, porque seu abraço é tão cheio de aconchego e porque gosto dela; nem sei por que, mas gosto muito.

À professora Neiva Jung, por ter acreditado em mim e pelas palavras de conforto.

À Renata de Cássia, a Rê, com quem eu caminhava vagarosamente na volta das aulas, trocando confidências.

À Márcia Santos, pelas longas conversas, serenas e sensatas, cheias de paz.

À Simone, a Simo, que é tão doce e querida; porque, ao vir de longe para cursar as disciplinas, me mostrava, a cada encontro, que eu tinha tudo em minhas mãos.

Ao Paulo César, pois sempre me fez sentir bem-vinda, quando fui aluna não-regular.

À Raquel, Érica Danielle, Juliana Juba e Verinha Verusca, pela boa companhia nas viagens; pelas gargalhadas, rolando de tanto rir.

Ainda à Juliana Juba, Renata de Souza e a Ana, que me encorajaram naquela noite em que, para mim, não havia saída.

Ao professor Renilson Menegassi, pessoa que aprendi, com o tempo, a gostar imensamente; pelos desafios de superação sempre dolorosos, mas muito recompensadores.

À Vera Guedes, pela torcida constante, mesmo que de longe.

À Viviane Gomes, de quem recebi incontáveis palavras de incentivo.

À Ana Peron, por me ajudar com conselhos sobre o processo para seleção de bolsistas e sobre o estágio de docência.

Às turmas 2006 e 2007 da linha de Ensino-Aprendizagem, por me receberem - a “estranha no ninho” - de bom grado nas disciplinas; muito abertos ao diálogo, à amizade e às trocas de conhecimento.

À professora Marilurdes Zanini, porque sempre sorri para mim.

À professora Marinês Lonardonni, pelo incentivo, quando estagiei com seus alunos.

À Érika Teixeira e Sara Casagrande, dos sôfregos diálogos repletos de dúvidas e medos, em nossa jornada como bolsistas.

À CAPES, pela bolsa de estudos e tudo que ela significou para mim: horas a mais de dedicação à pesquisa, ajuda financeira, reconhecimento pelo meu desempenho durante as disciplinas e currículo para o futuro.

À minha mãe, porque tomou para si boa parte de meus “múltiplos papéis”, a fim de que cursasse o mestrado; por se preocupar tanto com os prazos, cuidar de minha saúde e orar por mim continuamente.

À minha avó, pelas preces e por compreender minhas ausências e impossibilidades.

À irmandade da Congregação Cristã no Brasil, pelas orações.

Ao meu Deus, criador, dono e sustentador de todo esse caminho inesquecível, que extrapola os limites destas linhas; por tudo o que fez até aqui, pelo que está fazendo em minha vida e por tudo o que fará; por sempre sonhar para mim coisas maiores e melhores do que posso desejar ou sequer imaginar. Seu nome seja eternamente louvado.

*“Escreverás meu nome com todas as letras,
com todas as datas,
e não serei eu.*

*Repetirás o que me ouviste,
o que leste de mim, e mostrarás meu retrato,
e nada disso serei eu.*

*Dirás coisas imaginárias,
invenções sutis, engenhosas teorias,
e continuarei ausente.*

*Somos uma difícil unidade,
de muitos instantes mínimos,
isso serei eu.*

*Mil fragmentos somos, em jogo misterioso,
aproximamo-nos e afastamo-nos, eternamente,
como me poderão encontrar?*

*Novos e antigos todos os dias,
transparentes e opacos, segundo o giro da luz,
nós mesmos nos procuramos [...]”.*

Cecília Meireles

RESUMO

Esta pesquisa dissertativa tematiza o processo de constituição identitária do sujeito feminino nas práticas discursivas em *mass media* contemporâneos. Com o olhar voltado para a revista impressa diversional destinada ao público feminino, buscamos vislumbrar, na sociedade pós-moderna, o modo como saberes sobre a mulher são construídos, enquanto “verdades” necessárias para que novas identidades femininas sejam firmadas. Para tanto, nos debruçamos ao estabelecimento de várias relações entre saberes, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistemas de normas e técnicas, os quais nos possibilitam compreender quem é a nova mulher da pós-modernidade, quem ela diz ser e quem a mídia massiva diz que ela é. O alicerce para nossas reflexões está no entrecruzamento entre linguagem, sociedade, história e memória e, para tanto, lançamos mão, como embasamento teórico-analítico, dos estudos referentes à terceira época da Análise de Discurso erigida por Michel Pêcheux, das formulações discursivas de Jean-Jacques Courtine e, principalmente, das contribuições de Michel Foucault à teoria do discurso. Também nos fundamentamos nas reflexões de pesquisadores da Teoria de Comunicação de Massa e dos Estudos Culturais, a partir de deslocamentos oriundos dos pressupostos pós-modernos. O método arqueológico, elaborado por Michel Foucault, é o guia para nossas análises, que são norteadas pelos seguintes conceitos-chave: enunciado, função enunciativa, regularidade discursiva, arquivo, governamentalidade, memória discursiva, interdiscurso, trajeto temático, comunicação de massa, identidade, diferença, pós-modernidade, modernidade líquida, mulher-elástico, fragmentação e flutuação. Nosso material analítico forma um arquivo de dez reportagens, retiradas de quatro exemplares da revista *Veja Edição Especial Mulher*, veiculados nas edições de 08/2002, 08/2003, 05/2006 e 06/2008. Esse material nos direciona a organização de três trajetos temáticos, a partir dos quais é possível detectar a construção de novas identidades femininas na pós-modernidade: a) o trabalho, a mulher e seus múltiplos papéis; b) a beleza estética da mulher; c) o relacionamento amoroso entre homem e mulher. Em nosso arquivo, analisamos um conjunto de enunciados verbais, dispersos e heterogêneos, efetivamente ditos por mulheres que se subjetivam a partir de uma relação com tipos particulares de governo e autocontrole, de modo a compreenderem aquilo que são e encontrarem para si uma identidade, constituindo-se em sujeitos de suas próprias existências. Analisamos também enunciados formulados por detentores de saber de diferentes ordens. Tais enunciados, ao serem organizados pela revista, constroem imagens modelares, legitimam múltiplas identidades coletivas e determinam condutas, objetivando suas leitoras em sujeitos femininos. Nossa hipótese, confirmada em nossos resultados de pesquisa, é a de que *Veja* não é somente um aparelho institucional de controle que guia comportamentos, idéias, condutas, servindo como um tipo de mentor que exerce certa autoridade no que se refere à tentativa de controle dos papéis de suas leitoras. *Edição Especial Mulher* é, principalmente, espaço para que a mulher contemporânea, enquanto material vivo imprima em cada página sua cotidianidade, vivendo nela suas próprias práticas, técnicas, programações de conduta e disciplinas, ora se submetendo à revista, ora dela se liberando, ao se construir como sujeito e tomar consciência de si. Mediante tal hipótese, não procuramos respostas definitivas; diagnosticamos as técnicas e os processos que movem a história, constroem os discursos e constituem as novas identidades femininas em revistas impressas buscando alcançar um estado de reflexão, conscientes de que, uma vez analisado, o arquivo permanece para novas abordagens, não se esgotando em nossa interpretação.

Palavras-chave: novas identidades femininas; pós-modernidade/modernidade líquida; governamentalidade.

ABSTRACT

The theme of current research comprises the process of the identity status of the female subject in the discourses of contemporary social mass media. The printed past-time magazine published for the female population is highlighted. Research deals with the manner knowledge on the female population, or rather, the necessary “truths” for the formation of feminine identities, is built. The relationships between knowledge, economic and social processes, types of behavior, system of norms and techniques are established so that the new post-modern woman may be understood, coupled to what she says she is and what the social mass media say she is. The dissertation is foregrounded on the intercrossing between language, society, history and memory. The theoretical and analytic basis is made up of studies on the third wave of Michel Pêcheux’s Discourse Analysis, Jean-Jacques Courtine’s discourse formulas and chiefly on Michel Foucault’s contributions to the theory of discourse. It is also based on research on Mass Communication Theory and on Cultural Studies as from the displacements underlying the suppositions of post-modernism. Foucault’s archeological method leads us on our analyses guided by the key concepts of enunciation, enunciation function, discursive regularity, archive, governmentability, discursive memory, interdiscourse, thematic path, mass communication, identity, difference and post-modernity/net modernity, elastic woman, fragmentation and fluctuation. Analytic material is composed of ten reports withdrawn of four numbers of the Brazilian magazine *Veja Edição Especial Mulher*, published in August 2002, August 2003, May 2006 and June 2008. The above-mentioned material was organized according to three thematic trajectories from which the construction of new feminine identities in post-modernity could be detected: a) jobs, women and their multiple roles; b) female aesthetic beauty; c) love relationships between the male and the female. A set of verbal enunciations, actually said by women, are analyzed. These women make themselves subjects through a relationship constituted by special types of agency and self-control by which they understand what they are and built up an identity of their own. As a matter of fact, they make themselves the subjects of their own existence. Verbal enunciations prepared by knowledge holders hailing from different stances are also investigated. The organization of the enunciations by the magazine editors favors the construction of model images, the legitimization of multiple collective identities and the determination of types of behavior with the aim at producing feminine subjects. The hypothesis of current dissertation, confirmed by results of research, is that the magazine *Veja* is not merely an institutional control tool that fabricates behavior, ideas and ways of thinking. Neither is it a merely mentor that exercises certain authority for the control of the female readers’ roles. Actually, *Edição Especial Mulher* is mainly a place where the contemporary woman, as a living being, inscribes its day-to-day experience in each page, experiences her own practices, techniques, behavior and discipline programs. Whereas in certain instances she submits herself to the magazine’s dictum, at others she frees herself from it when she makes herself a subject and is conscious of her own condition. Definite answers are not given. Techniques and the processes that make up history, construct discourses and constitute new feminine identities have been diagnosed in magazines. Current research, therefore, lies within the reflection condition, without any presumption of definitely solving the issue. In fact, the archive exists to be explored for new approaches.

Key words: new feminine identities; printed magazines; post-modernity/net modernity; governmentability.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
 CAPÍTULO 1	
1 A(s) identidade(s) do sujeito feminino na pós-modernidade	20
1.1 Pós-modernidade/Modernidade líquida: a história da época atual	20
1.2 Do sólido para o líquido: estruturas sociais em constante fragmentação	24
1.3 Adeus à rainha do lar: os novos espaços sociais da mulher contemporânea	33
1.4 A concepção de sujeito e identidade na pós-modernidade	37
 CAPÍTULO 2	
2 Análise de Discurso: o dizer como acontecimento histórico	48
2.1 Michel Pêcheux e a articulação entre sujeito, discurso e história	49
2.2 A terceira época da Análise de Discurso: o estilhaçar dos espelhos	57
2.3 Michel Foucault e a articulação entre sujeito, discurso e história	59
2.3.1 O discurso: do enunciado ao arquivo	63
 CAPÍTULO 3	
3 <i>Veja - Edição Especial Mulher</i> e o discurso da cultura de si na construção de novas identidades femininas na pós-modernidade	80
3.1 Um olhar sobre a prática discursiva jornalística: a relação entre saber, poder e disciplinaridades na produção de identidades femininas contemporâneas	81
3.2 “Mas é preciso ter força, é preciso ter raça”: o trabalho, a mulher e seus múltiplos papéis.....	92
3.3 “As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”: a estética da mulher pós-moderna	120
3.4 “Você precisa de um homem pra chamar de seu?”: o relacionamento amoroso entre homem e mulher	152
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS	175
ANEXOS.....	181

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível”.
Michel Foucault

O rápido movimento das mudanças econômicas, tecnológicas, culturais e do cotidiano ocorridas durante o período histórico da pós-modernidade¹ (HALL, 1997) - que concerne a nossa contemporaneidade, de meados do século XX aos primeiros anos do século XXI - tem deslocado as estruturas centrais da sociedade. Instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções têm sido afetados por ações provenientes do neoliberalismo, da globalização, da sociedade de consumo e pela fragilidade das relações humanas. Sem uma perspectiva de longa duração, essas estruturas fundamentais vêm mudando antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e “verdades”².

Tal realidade social em constante transformação e sem a expectativa de permanência caracteriza a contemporaneidade em uma modernidade líquida³ (BAUMAN, 2001), marcada especialmente pela fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, forneciam sólidas localizações aos sujeitos. Como consequência dessa fragmentação, os parâmetros estabilizadores de homens e mulheres têm sido abalados, descentralizando-os de seus lugares sócio-culturais e de si mesmos.

Esta dupla descentralização torna o conceito de identidade problemático: no cotidiano, os antigos papéis, outrora assumidos pelos sujeitos e consolidados na modernidade, entram

¹Tomamos o termo pós-modernidade de teóricos que avaliam a última geração (de meados do século XX aos primeiros anos do século XXI) como um período de significativa mudança cultural e social. Tais transformações são grandes o suficiente para que essa época seja considerada um novo período da história. Outras vertentes no interior dos Estudos Culturais não concordam com tal afirmação e não utilizam o termo pós-modernidade, por compreenderem a contemporaneidade como uma extensão do período moderno (início do século XV às quatro primeiras décadas do século XX).

²A verdade está entre aspas porque não nos valemos dessa categoria. Consideramos a verdade como uma construção do discurso, que pode ser historicamente refutada, invertida e considerada erro, pelo fato de estar ancorada em regras, mecanismos, técnicas, estatutos, sistemas de poder e códigos da época a que pertence; em outros termos, cada sociedade, em uma determinada época, “[...] tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 1998, p. 12).

³Zygmunt Bauman passa a utilizar, em seus trabalhos recentes, o termo modernidade líquida como sinônimo de pós-modernidade, a fim de evitar a confusão semântica que não distingue sociologia pós-moderna de sociologia da pós-modernidade. Para o autor, ser um sociólogo da pós-modernidade significa investigar a sociedade ou condição humana contemporânea, enquanto que, ser um sociólogo do pós-modernismo, se refere à pesquisa de uma visão de mundo que pode surgir, não necessariamente, da condição pós-moderna.

em declínio, cedendo, pouco a pouco, espaço a novos papéis, adquiridos por homens e mulheres a partir de um jogo complexo de relações, o que acaba por incitá-los a uma difícil questão: quem sou eu aos meus próprios olhos e aos olhos do outro? Tal realidade faz com que, no campo teórico, a identidade, antes considerada como um elemento dado *a priori*, unificado, singular, homogêneo, acabado, estanque e definitivo, passe a ser observada na pós-modernidade como uma construção mutável, instável, descentralizada, inacabada, contraditória, fragmentada, heterogênea enquanto processo dos múltiplos dizeres que se formulam na sociedade (HALL, 1997).

Perpassada por discursos e enunciados efetivamente pronunciados em determinada época e que emergem a partir de certos tipos de memória, a identidade traz consigo forças históricas, isto é, relações de saber e poder entre instituições, processos econômicos e sociais (HALL, 1997), formas de comportamento, técnicas de exposição ilimitada de si, sistemas de normas e disciplinas (FOUCAULT, 1985). A força histórica, via linguagem e simbólico, é que modifica a relação do sujeito com ele mesmo, fazendo da identidade, antes de tudo, uma fabricação, um efeito, enfim, uma construção realizada, historicamente, por práticas discursivas (FOUCAULT, 1997).

Ao observarmos a importância dos aspectos históricos para a constituição das identidades, o que mais nos chama a atenção, especificamente, é a questão da identidade feminina na pós-modernidade. Notamos que, se nas relações sociais da modernidade as identidades femininas eram geralmente construídas a partir da inserção da mulher no casamento e na maternidade, na modernidade líquida os processos identitários femininos passam a se alicerçar, em grande parte, em outros pilares (OSÓRIO, 2004). Por meio de um movimento temporal heterogêneo e descontínuo⁴ da/na história, um conjunto de papéis sociais é atribuído às mulheres contemporâneas, levando-as a elaborar novos saberes sobre si e sobre

⁴Quando destacamos a existência de determinados aspectos do comportamento feminino na modernidade e na pós-modernidade, não os observamos a partir de um sistema de relações homogêneas e regulares que se estabelecem na unidade e continuidade temporal desses períodos históricos. Tampouco tomamos o pressuposto de que sobre as bases econômicas e sociais de tais períodos prevalece somente uma única e mesma forma de historicidade. Norteados por Foucault (1997), descrevemos e analisamos tais aspectos da conduta feminina a partir da descontinuidade histórica e da heterogeneidade temporal, ou seja, com base nos múltiplos centros de estruturação, complexidades e encruzilhadas existentes na não-linearidade estabelecida entre o período moderno e pós-moderno. É esse processo heterogêneo e descontínuo, dentro da própria história, que possibilita aos sujeitos pós-modernos viverem concomitantemente múltiplas temporalidades sociais, ou seja, apresentarem na contemporaneidade traços de comportamentos regulamentados em outras épocas históricas, conforme seja a relação que esses sujeitos mantêm com os saberes instituídos e legitimados numa sociedade. Por esse motivo, os aspectos do comportamento feminino na pós-modernidade não são apresentados nesta dissertação como ações estanques, mas que se entrecruzam e caracterizam a mulher contemporânea enquanto sujeito heterogêneo e fragmentado entre os novos e antigos papéis sociais, os quais são bases para o estabelecimento de determinadas identidades.

o outro, considerados como “verdades”_necessárias para se firmar uma identidade feminina pós-moderna.

Podemos notar, por meio dos enunciados dispersos e heterogêneos que circulam no período pós-moderno, a existência de discursos de estimulação na/da mulher para a busca da liberdade e emancipação individual. Passa-se a fazer parte do universo feminino muito mais a incitação do que o impedimento, a excitação do que a inibição, com uma grande e intensa abertura para a manifestação dos desejos subjetivos, para a realização individual e profissional, para a conquista do amor próprio em detrimento às relações estáveis (OSÓRIO, 2004). Consequentemente, o que se dissemina entre as mulheres contemporâneas são novas formas de pensamento, de ações, de relacionamentos, de trabalho, de consumo - vestimentas, cosméticos, comidas, bebidas etc.

Essa heterogeneidade de enunciados e discursos referente às novas configurações do comportamento feminino pós-moderno pode ser encontrada em circulação, notoriamente, nos meios de comunicação de massa (DIMBLEY; BURTON, 1990) - cinema, internet, jornalismo, rádio, televisão, publicidade etc. São enunciados e discursos organizados por jornalistas e efetivamente ditos por detentores de saber, especialistas e responsáveis de diversas ordens discursivas (FOUCAULT, 1996) - comunicação, economia, medicina, estética, sexualidade, moda, psicologia, espiritualidade, entre outros - que, enquanto produtores de uma rede infindável de símbolos, enfatizam por meio de dicas, conselhos, receitas e estatísticas, certa idéia de identidade indissociável de imagens modelares, as quais atravessam o sujeito feminino e constituem a sua percepção subjetiva da realidade, ressignificando “ser mulher” no tempo presente⁵. Procedente disso, a mídia, enquanto prática produtora de informação e cultura (DE CERTEAU, 1996), transforma-se em um poderoso dispositivo de produção de novas identidades femininas na pós-modernidade.

⁵Navarro-Barbosa (2004) analisa o funcionamento discursivo da mídia e volta o olhar, em específico, para o jornalismo, problematizando que o jornalista, ao construir cotidianamente os acontecimentos, mesmo que na sua imediaticidade e, muitas vezes, superficialidade, exerce o papel de um narrador de uma história em curso, não acabada, sendo o seu discurso uma importante fonte de interpretações para a história. Com base nessa observação, o autor estabelece uma aproximação entre a prática jornalística e a prática do historiador filiado à vertente de estudos denominada de História Imediata. O tempo que essa corrente da história narra ainda está em curso; é o tempo do presente, que se apresenta como uma lacuna entre o passado e o futuro. Nesse sentido, a reflexão que o jornalista e o historiador fazem sobre os acontecimentos presentes, permite que um passado heterogêneo e constituído de mistas lembranças retorne, seja reinterpretado, e que novas significações sejam encontradas. Como o passado vive nas memórias, elas são a principal especificidade das práticas midiáticas e historiográficas do tempo presente. As representações do passado, com seus mitos e deformações, têm a capacidade de influenciar a realidade e o curso dos acontecimentos históricos, o que leva historiadores e jornalistas a tornarem-se agentes da história.

Toda essa problemática no viés dos processos identitários femininos nos leva, enquanto estudiosos da linguagem, a realização deste trabalho dissertativo, instigados por três perguntas basilares e complexas: quem é a nova mulher da/na pós-modernidade? Quem ela diz ser? Quem os *mass media* dizem que ela é? Essas três questões delineiam o esboço não de uma, mas de várias novas identidades femininas na pós-modernidade, as quais nós tomamos como objeto de análise, por considerá-las um acontecimento discursivo e histórico (FOUCAULT, 1997) da/na sociedade contemporânea. Em um gesto de delimitação, elegemos, dentre a mídia de ampla circulação, o jornalismo enquanto uma superfície primeira de emergência (FOUCAULT, 1997) onde tal objeto pode aparecer, já que nele encontra-se a possibilidade de limitar e definir aquilo de que falamos, tornando-o nomeável e descritível.

As complexas relações e entrecruzamento entre linguagem, sociedade, história e memória no processo de produção de novas identidades femininas nos inquietam e incitam a uma pergunta geral, que norteia nossa pesquisa: quais são as condições de existência a que essas novas identidades estão submetidas, ou seja, de que maneira saberes sobre a mulher são negociados, enquanto efeitos de verdade (FOUCAULT, 1998) necessários para a construção de novas identidades femininas no jornalismo massivo do tempo presente?

Para responder a esse questionamento, partimos de uma instância de delimitação (FOUCAULT, 1997) que são as revistas diversionais⁶ impressas destinadas ao público feminino, que adquirem o direito de falar sobre a mulher, suas particularidades e peculiaridades, delineando, para ela e por ela mesma, determinadas identidades femininas.

Realizamos um levantamento representativo desse tipo de produção jornalística, voltando nosso olhar para as seguintes revistas impressas de ampla circulação: *Cláudia*, *Nova*, *Elle*, *Marie Clair*, *Veja - Edição Especial Mulher* e *Istoé - Edição Saúde da Mulher*. Nesse movimento, dadas as limitações do nosso trabalho dissertativo, fizemos um recorte, selecionando como material de análise dez reportagens produzidas pela revista impressa *Veja - Edição Especial Mulher* - exclusivamente para o público feminino, nos períodos de: 08/2002, 08/2003, 05/2006 e 06/2008.

Para organizarmos metodologicamente este material de análise, fomos guiados por grades de especificação, isto é, sistemas de particularização (FOUCAULT, 1997) que nos levaram a observar, nas reportagens de *Veja*, a manifestação recorrente de determinados

⁶O estilo diversional é um dos formatos existentes dentro do jornalismo especializado. Esse formato é direcionado a preencher os momentos de lazer dos leitores com informações que não são necessariamente utilitárias ou de primeira necessidade; contudo, que buscam entreter e divertir (ROSSI, 2000).

temas relacionados ao universo social feminino. Estes temas estão divididos na revista em três grandes grupos, que abarcam: a) a inserção da mulher no mercado de trabalho e os múltiplos papéis sociais que ela exerce simultaneamente; b) a beleza estética da mulher; c) a conquista de desejos subjetivos e do amor próprio adquirido pela mulher por intermédio dos relacionamentos amorosos.

A realização de um levantamento de temas nos direcionou a organização de três trajetos temáticos (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1997), isto é, de um percurso de três objetos discursivos (trabalho, estética e relacionamento amoroso) que nos possibilitam apreender, em *Edição Especial*, feixes de sentido em relação aos padrões para os quais aponta a identidade da mulher no tempo presente. Estes três trajetos temáticos são por nós nomeados como: a) o trabalho, a mulher e seus múltiplos papéis; b) a beleza estética da mulher; c) o relacionamento amoroso entre homem e mulher.

As reportagens que delineiam estes três trajetos temáticos formam um arquivo (FOUCAULT, 1997) representativo do conjunto heterogêneo e disperso de enunciados efetivamente pronunciados na contemporaneidade sobre a mulher e que continuam a existir através da história. Tal arquivo apresenta-se como documento histórico - a despeito da pequena quantidade - constituído de uma massa de elementos que, ao serem desmontados, relacionados, equacionados no decorrer de nossa pesquisa, transformar-se-á em monumento (FOUCAULT, 1997), isto é, símbolo pelo qual poderemos, em um gesto de interpretação, compreender como se definem e são definidas, nos discursos de *Veja – Edição Especial*, as identidades femininas pós-modernas.

Para analisarmos este arquivo, debruçamo-nos sobre algumas seqüências de enunciados verbais efetivamente ditos, heterogêneos, descontínuos, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, advindos de diferentes ordens, de diferentes campos discursivos e que se relacionam com uma multiplicidade de objetos, mas que estabelecem, entre si, certa regularidade, ou seja, laços familiares e insistentes que formam séries enunciativas em uma relação descritível e constante. Nestas séries o discurso ganha corpo, construindo o “verdadeiro” de uma época (FOUCAULT, 1996) no que diz respeito às identidades femininas pós-modernas.

Não analisamos um encadeamento ou uma continuidade, uma forma linear e cronológica de enunciados, mas a descontinuidade e a dispersão existente no arquivo da história, ou seja, um conjunto de formulações cujo campo complexo de discursos lança nosso olhar a inúmeros outros enunciados efetivamente ditos em outros momentos, em outras épocas e que tensionam a memória, em meio à lembrança e ao esquecimento, ligando-nos ao

passado, ao presente e ao futuro, fazendo da produção de novas identidades femininas em *Edição Especial Mulher* uma história do cotidiano em migalhas (DOSSE, 2001).

Levando em conta a descontinuidade e a dispersão, perguntamos: por que determinado enunciado apareceu nas páginas de *Especial Mulher* e não outro em seu lugar? O que nos interessa saber é o que torna possível uma escolha e não outra de enunciados; é observar quais são as relações que caracterizam a construção de saberes sobre as mulheres pós-modernas; é determinar porque foi possível empregar um conjunto de relações entre práticas discursivas e não-discursivas no lugar de outras relações (FOUCAULT, 1997).

Para responder a essas questões, observamos cada discurso na irrupção do acontecimento enunciativo, ou seja, os jogos de relações, correlações e encadeamentos entre: a) diferentes enunciados; b) grupos de enunciados; c) enunciados, grupos de enunciados e acontecimentos de diversas ordens, de maneira a compreender as regras, as práticas, as condições e o funcionamento que, num momento dado, definem, ao mesmo tempo, os limites e as formas dos dizeres sobre a mulher contemporânea.

Para tanto, nossas reflexões teórico-analíticas se alicerçam nos estudos da Análise de Discurso de linha francesa, inaugurada por Michel Pêcheux, nas formulações discursivas de Jean-Jacques Courtine e, principalmente, nas contribuições de Michel Foucault à teoria do discurso. Fundamentamo-nos também nas reflexões de pesquisadores da Teoria de Comunicação de Massa e dos Estudos Culturais, a partir de deslocamentos oriundos dos pressupostos pós-modernos.

Por intermédio desse embasamento, somos norteados pelos seguintes conceitos-chave, mobilizados de acordo com as necessidades da pesquisa: enunciado, função enunciativa, regularidade discursiva, arquivo e governamentalidade (FOUCAULT, 1997, 1985); memória discursiva e interdiscurso (COURTINE, 1981); trajeto temático (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 1997); comunicação de massa (BELTRÃO e QUIRINO, 1986; DIMBLEY e BURTON, 1990; GUARESCHI, 2000; PIGNATARI, 1999); identidade e pós-modernidade (HALL, 1997); diferença (SILVA, 2000); mulher-elástico (FERNANDES, 2006); fragmentação (ROSÁRIO, 2002); modernidade líquida e flutuação (BAUMAN, 2001, 2004).

O método arqueológico, elaborado por Michel Foucault (1997), é o guia para nossas análises, já que tal metodologia nos oferece condições para observar o sujeito feminino como uma fabricação histórica e analisar os sistemas de governamentalidade, isto é, as regras de conduta, prescrições e exames que edificam, transformam, redefinem e mantêm os saberes sobre a mulher na pós-modernidade. A partir desse procedimento, observamos, em nosso arquivo, mulheres que se mostram e são mostradas; falam e são faladas; se transformam e são

transformadas a cada instante. Podemos nele notar a presença de individualidades comuns e suas múltiplas identidades, bem como, uma variedade de identidades padronizadas.

Analisamos em *Veja* um conjunto de enunciados verbais efetivamente ditos por detentores de saber, especialistas, responsáveis de diversas ordens; dizeres que carregam elementos capazes de construir para suas leitoras um grande número de imagens modelares, objetivando-as em sujeitos femininos. Essa objetivação (FOUCAULT, 1985) se dá a partir do momento em que *Especial Mulher* propicia que as consumidoras da revista impressa absorvam determinadas maneiras de cuidados de si, como um dos elementos centrais para assegurarem uma identidade feminina pós-moderna.

Tais maneiras de cuidado de si, provenientes de diferentes ordens (jurídica, médica, econômica, educacional etc) e campos discursivos (moda, saúde, psicologia, nutrição, sexualidade, estética, entre outros) estão envoltas de um mesmo conselho: “tome conta de você” - isto é, tome conta de seu corpo, sua saúde, suas emoções, seus relacionamentos, seu espírito, sua maneira de falar, vestir e se alimentar. Por meio dessas recomendações, os sujeitos enunciadorees da revista ocupam lugares, posições de sujeito (FOUCAULT, 1997) e sustentam determinados saberes que possibilitam às mulheres descobrir uma “verdade” sobre si, ou seja, sobre como deveriam ser para encontrar a tão almejada unicidade, homogeneidade e centralização identitária.

Nesses termos, já não são elas mesmas, nem suas naturezas, nem suas origens ou suas afinidades que os enunciados dispersos e heterogêneos presentes em *Veja* salientam para que tais mulheres componham uma identidade própria, mas sim, regras de conduta, que elas devem praticar para se constituírem sujeitos e assegurem uma identidade feminina padronizada. A partir deste domínio, nosso interesse é saber quais são estas modalidades contínuas de técnicas existentes nos enunciados de *Edição Especial Mulher*, capazes de determinar condutas, objetivar as leitoras em sujeitos femininos e submetê-las a certos fins e dominação.

Consideramos também um conjunto de enunciados verbais efetivamente ditos pelas mulheres entrevistadas por *Veja*, que encontram nas páginas das reportagens um espaço para uma relação com elas mesmas. Por meio de depoimentos que tomam a forma de citações diretas e indiretas, organizadas no texto pelo jornalista, estas mulheres passam por um processo de subjetivação (FOUCAULT, 1985), ou seja, organizam uma consciência de si (de suas particularidades, características e desejos) a partir de uma relação com tipos particulares de exame, governo e autocontrole, a fim de compreenderem aquilo que são e encontrarem para si uma identidade, constituindo-se em sujeitos de suas próprias existências.

São identidades instáveis, descentralizadas, contraditórias, incompletas e fragmentadas, em busca de uma unicidade. Nesse domínio, nosso interesse é observar quais modalidades contínuas de técnicas podem ser observadas nos enunciados produzidos pelas mulheres que se expõem em *Especial Mulher*, quando levadas a voltarem o olhar para si, se apropriarem de uma relação consigo e encontrarem uma identidade.

Ao olhar para esses processos de subjetivação e objetivação (FOUCAULT, 1985) existentes em nosso arquivo, nossa hipótese é que *Veja* não é somente um aparelho institucional de poder que guia comportamentos, idéias, condutas, servindo como uma espécie de mentor que exerce certa autoridade e controle sobre os papéis sociais de suas leitoras. Por meio dos enunciados e discursos que veicula, essa revista diversional é, principalmente, espaço para que as mulheres entrevistadas pela revista “colem” em cada página sua cotidianidade; tornem a revista uma extensão de si, vivendo nela suas práticas, técnicas, comportamentos, particularidades, características, desejos, programações de conduta e disciplinas.

Nesse sentido, ora a mulher se submete à revista impressa, ora dela se libera, ao se construir como sujeito feminino e tomar consciência de si. Em meio a subjetivações e objetivações presentes em *Veja* encontram-se mulheres dispersas, heterogêneas e fragmentadas por práticas discursivas e não-discursivas que as atravessam, inteira ou parcialmente. Mulheres que, ao mesmo tempo, são o eu e a outra, estranhas e familiares, em um jogo de lutas identitárias, conflitos, ilusões e decisões que as inscrevem, enquanto sujeitos femininos, em seu tempo e seu espaço social.

Investigamos a hipótese levantada estabelecendo diagnósticos de discursividade em nosso arquivo. No entanto, não procuramos respostas definitivas. Ao analisarmos as técnicas e os processos que movem a história, constroem os discursos e constituem as novas identidades femininas em revistas impressas contemporâneas, buscamos alcançar um estado de reflexão. Todavia, somos conscientes de que, uma vez analisado, o arquivo permanece para novas abordagens, não se esgotando em nossa interpretação.

Ao levarmos em conta o papel de *Veja - Edição Especial Mulher* para a construção de novas identidades femininas na contemporaneidade, acreditamos que nosso trabalho tenha relevância social e seja justificado pela necessidade de compreender - pela rememoração dos fatos e dos discursos materializados em palavras - as relações de saber e de técnicas disciplinares que tornam as identidades femininas em “verdades” sócio-historicamente construídas. Ao mesmo tempo, defendemos que nossa pesquisa tem relevância teórica, pois as reflexões e análises aqui apresentadas oferecem uma contribuição que se acrescenta às demais

pesquisas sobre uma das bases epistemológicas da Análise de Discurso que mais questões têm despertado: os modos de existência do sujeito discursivo, o sujeito das práticas do cotidiano.

As contribuições de nosso trabalho estão reunidas em um trajeto de três capítulos, considerações iniciais e finais.

O primeiro capítulo é dividido em quatro seções, por meio das quais buscamos situar as novas identidades femininas como um acontecimento histórico expresso em *mass media* contemporâneos. Na primeira seção, alicerçados nos Estudos Culturais, apresentamos o contexto sócio-histórico sobre o qual surgem estas novas identidades: a pós-modernidade/modernidade líquida. Na segunda seção, localizamos os fenômenos que causam um processo de liquefação em instituições e campos sociais e que nos permitem compreender as novas identidades femininas como um acontecimento histórico da sociedade atual. Na terceira seção, explanamos determinados aspectos do comportamento feminino na pós-modernidade. Na quarta seção, apresentamos as concepções pós-modernas de sujeito e identidade como uma produção discursiva e histórica da/na época presente.

O segundo capítulo é composto, do mesmo modo, por quatro seções, por intermédio das quais buscamos, em uma breve trajetória, as variantes que compõem a Análise de Discurso; campo do saber que nos possibilitará, posteriormente, compreender discursivo-historicamente os processos identitários femininos nas revistas impressas selecionadas para análise. Na primeira seção, apresentamos a fundação, contexto epistemológico e noções basilares da Análise de Discurso estabelecidas por Michel Pêcheux, sobretudo, durante primeira e segunda época da teoria. Após situar tais conceitos-chave, construímos a segunda seção, voltando nosso olhar para a terceira época dessa teoria, cujas formulações se aproximam da teoria do discurso erigida por Michel Foucault - eixo central de nossa pesquisa, abordado nas terceira e quarta seções - e estruturada sobre as especificidades do método arqueológico.

O terceiro capítulo é, igualmente, composto de quatro seções e erigido sobre a noção foucaultiana de governamentalidade, acrescida das formulações e deslocamentos de sua teoria do discurso, em acordo com as contribuições de Guilhaumou e Maldidier sobre trajeto temático e de Courtine sobre memória discursiva e interdiscurso. Esta articulação, alicerçada no método arqueológico elaborado por Foucault, abre espaço para estabelecermos um movimento entre apontamentos teóricos, descrição e interpretação de nosso arquivo. Na primeira seção, voltamos o olhar para a prática jornalística e, em especial, para a revista *Veja - Edição Especial Mulher* enquanto suporte de linguagem. Abordamos, de um modo geral, a importância das forças históricas, isto é, das relações de saber, poder e técnicas

disciplinadoras que, como três pilares midiáticos, sustentam intercambiavelmente uma nova idéia de identidade feminina no tempo presente. As seções subseqüentes são construídas com base em três trajetos temáticos, que abarcam os seguintes objetos discursivos: a) trabalho; b) estética; c) relacionamento amoroso. Nessas seções, analisamos, em um gesto de interpretação, algumas seqüências enunciativas verbais de nosso arquivo, buscando compreender quais são as condições de existência a que as novas identidades femininas estão submetidas na pós-modernidade, o que se desdobra em outros questionamentos específicos, já delineados no decorrer deste capítulo introdutório e sobre os quais procuramos tecer respostas, alcançando um estado de reflexão.

Na seqüência do trabalho, apresentamos as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

CAPÍTULO 1

A(S) IDENTIDADE(S) DO SUJEITO FEMININO NA PÓS-MODERNIDADE

*“Quanto a mim mesma, sempre
conservei uma aspa à esquerda e outra
à direita de mim”.*
Clarice Lispector

Para refletirmos sobre o processo de constituição das novas identidades femininas em revistas impressas da época presente, é fundamental que, na primeira seção deste primeiro capítulo, tracemos teoricamente - alicerçados em um crítico e outro ligado aos Estudos Culturais - o contexto sócio-histórico em que nosso objeto é produzido: a pós-modernidade/modernidade líquida (HALL, 1997; BAUMAN, 2001).

Após delinear o percurso contextual, localizamos, na segunda seção, os fenômenos que causam um processo de liquefação em instituições e campos sociais e que nos permitem compreender as novas identidades femininas como um acontecimento histórico da sociedade atual.

O capítulo prossegue sob a mesma perspectiva e, na terceira seção, explanamos determinados aspectos do comportamento feminino na pós-modernidade. Tais reflexões abrem espaço para discutirmos, em uma quarta seção, as concepções de sujeito e identidade estabelecidas com base em pressupostos pós-modernos; concepções que fundamentam nossa pesquisa sobre as novas identidades femininas nas revistas diversionais contemporâneas como um acontecimento discursivo.

1.1 Pós-modernidade/Modernidade líquida: a história da época atual

O período histórico pós-moderno (HALL, 1997), que diz respeito a nossa contemporaneidade - de meados do século XX aos primeiros anos do século XXI - caracteriza-se pela ocorrência de rápidas e profundas transformações nas estruturas centrais da sociedade. Essas mudanças são procedentes da desconstrução de princípios, conceitos e

sistemas relacionados ao homem e seus aspectos, outrora estabelecidos no momento histórico moderno - que teve início no século XV e foi consolidado no século XVIII.

Na pós-modernidade, idéias e instituições têm sido constantemente questionadas e dissolvidas aceleradamente. Em todas as esferas sociais são propostos novos valores, menos fechados e categorizantes, mas que, sem uma perspectiva de longa duração, mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e “verdades”. Como exemplo, podemos citar o Estado, o campo tecnológico, a produção econômica, a cultura, a vida política, as formas de sociabilidade, os quadros de referência, as crenças e os estilos de vida, os quais, caracterizados na modernidade pela certeza, durabilidade e tradição, têm vivenciado na contemporaneidade uma constante transformação e falta de permanência.

Aliado a este mesmo ponto de vista, Bauman (2001) esclarece que as estruturas sociais da época presente têm experimentado um estado de liquefação, isto é, uma espécie de “derretimento estrutural” que torna suas naturezas “fluídas” e “líquidas”, numa incapacidade de manterem a forma por muito tempo. Conforme o autor, as instituições, estilos de vida, crenças, códigos, regras e quadros de referência têm perdido sua solidez, não sendo mais dados como auto-evidentes, como outrora fora na modernidade. Pelo contrário, eles se chocam, se contradizem, se liquefazem, perdendo espaço de maneira cada vez mais acelerada para a flexibilidade, isto é, para uma capacidade de molde em relação a infinitas estruturas. É por conta das dissoluções e maleabilidade nos campos sociais que Bauman (2001) assinala o período atual como uma modernidade líquida, traçada como um período de permanente fragmentação, imediatismo, instantaneidade, relativização, rupturas de fronteiras e barreiras, instabilidade, descentralização, imprevisibilidade e provisoriedade.

Para ambos os autores (BAUMAN, 2001; HALL 1997) essas transformações ocorridas na sociedade contemporânea são originárias, principalmente, de fenômenos como a globalização, o neoliberalismo e a sociedade de consumo que, desde a década de cinquenta, vêm tornando as relações humanas extremamente frágeis. Como globalização, Bauman (1999) compreende o fenômeno de aprofundamento da integração econômica, social, cultural e política dos países - o que torna o mundo mais interconectado, como uma espécie de “aldeia global” - permitindo maiores ganhos para os mercados econômicos internos.

Para Robins *apud* Woodward (2000), o fenômeno da globalização tem resultado em profundas conseqüências sociais, como, por exemplo, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a homogeneização dos centros urbanos e a unificação das sociedades do planeta, o colapso de velhas estruturas em todas as esferas sociais, a revolução tecnológica nas

comunicações e na eletrônica, uma crescente transnacionalização e mudanças nos padrões de produção e consumo, o hibridismo entre os grupos e comunidades, a criação de uma cultura de massa universal etc.

Bauman (1999) também contribui, acrescentando que a aceleração dos processos globais e a interação de fatores econômicos, culturais e políticos têm propiciado à sociedade uma série de outras consequências, tanto positivas quanto negativas. Entre os aspectos positivos, estão a facilidade com que as inovações se propagam entre países e continentes, além do acesso fácil e rápido à informação e aos bens. Já em relação aos aspectos negativos, o autor enfatiza o consumismo, o contraste social entre a riqueza e a pobreza, a negação à solidariedade, a violência humana e ecológica, o hedonismo, o imediatismo, a troca de valores, o narcisismo, o niilismo, a substituição da ética pela estética, entre outras características.

O fenômeno da globalização, com suas integrações e queda de fronteiras, está estreitamente associado ao neoliberalismo, definido por Bauman (1999) como um conjunto de idéias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do Estado na economia, dando-se ênfase ao livre mercado, ou seja, à total liberdade do comércio - como, por exemplo, a privatização de empresas estatais, a franca circulação de capitais internacionais e a abertura para as grandes potências econômicas e multinacionais - enquanto possibilidade para o crescimento econômico e o desenvolvimento social dos países.

Esse livre mercado neoliberal abre espaço para uma sociedade-cultura de consumo pós-moderna (SIQUEIRA, 2005), isto é, um tipo de sociedade em que tudo está relacionado ao consumo, desde os ambientes urbanos, o lazer, o modo de produção e de circulação dos bens, os meios de comunicação, a alta tecnologia, as indústrias da informação, até a maneira como se estruturaram as instituições da vida cotidiana - família, política, escola etc. Segundo Siqueira (2005), tal tipo de sociedade tem servido, primordialmente, aos interesses econômicos, mantendo o foco na expansão de mentalidades consumistas, a partir do conhecimento sobre as maneiras de ser e de ter do homem pós-moderno.

Siqueira (2005) comenta que, pelo fato de estar associada à complexidade humana - envolvendo valores, desejos, hábitos, gostos e necessidades numa escala extremamente intensificada - a sociedade-cultura de consumo cria constantemente novos espaços para os consumidores, tornando o consumo um sistema global que molda as relações dos sujeitos na atualidade. De acordo com o pesquisador, nesse sistema global, a pluralidade de consumidores é considerada por intermédio de um processo governado pelo jogo do signo, da imagem, do estilo e do desejo, de modo a distribuir-lhes estilos de vida de acordo com os

critérios de mercado. Isso significa que, dentro de uma lógica consumista, tudo é feito no sentido de atrair o consumidor - imagens, cores, formatos e sons, que são ecleticamente misturados e constantemente veiculados pelos mais variados suportes de linguagem.

É na sociedade-cultura de consumo pós-moderna que o signo e a mercadoria são atrelados para produzir o que Baudrillard (*apud* SIQUEIRA, 2005) chama de mercadoria-signo, ou seja, a incorporação de uma vasta gama de associações imagéticas e simbólicas, que podem ou não ter relação com o produto a ser vendido, mas que recobrem o valor de uso inicial dos produtos e tornam as imagens e símbolos em mercadorias. Dessa maneira, na época da sociedade-cultura de consumo produz-se, simultaneamente, a mercadoria como signo e o signo como mercadoria.

Tais fatores possibilitam que Siqueira (2005) destaque o consumo não apenas como aceitação de valores de uso, de utilidades materiais, mas primordialmente, como recebimento de signos, que são muito bem explorados, principalmente, pela mídia (cinema, internet, jornais e revistas impressos ou *on line*, canais de televisão, gravadoras, emissoras de rádio, publicidade etc). Por intermédio de técnicas de exposição de signos, a mídia fixa em seus produtos (programas, análises, enquadramentos, perfis, comentários, notícias, reportagens, capas, quadrinhos, novelas, cartazes, folhetos, músicas, vinhetas, propagandas, *outdoors*, entre outros) imagens de beleza, sedução, auto-realização, romance e até mesmo de qualidade de vida atrelada a pessoas, automóveis, roupas, eletrodomésticos, alimentos, de modo a desestabilizar suas noções originais e torná-las mercadorias criadas a partir de verdadeiras ilusões culturais, que fascinam o consumidor pós-moderno pela sua estética, pelas associações mirabolantes com os signos e pelas justaposições entre elas.

Levando em conta tais apontamentos, Siqueira (2005) atribui, como principal característica da sociedade-cultura de consumo pós-moderna, a apresentação do sujeito a um grande número de bens repletos de signos e ofertas de experiências, para que ele os deseje e consuma. Vale ressaltar que, segundo Bauman (2001), esse tipo de sociedade funciona a partir da grande rapidez do mercado em explorar possibilidades de apresentar novos produtos, criar novas necessidades e novos desejos. O que existe, de fato, é um comércio inteiramente organizado em incitar o consumidor à procura permanentemente insatisfeita de mercadorias, isto é, um mercado empenhado a excitar o apetite dos consumidores para sensações cada vez mais intensas e busca de novas experiências. Nesse sentido, o consumismo contemporâneo não enfatiza o acúmulo de bens, mas o uso e rápido descarte, a fim de abrir espaço para outros produtos.

Para Siqueira (2005), ao induzir as pessoas a lidarem com a descartabilidade, a novidade e o instantâneo, a cultura de consumo pós-moderna faz com que os sujeitos percam a capacidade de organizar e projetar coerentemente suas vidas. Numa espécie de “esquizofrenia”, cada ser humano passa a focar sua vivência a partir de determinadas experiências e imagens desconectadas, isoladas, que não se articulam em seqüências coerentes, sendo esse enfoque feito com intensa imersão e imediatismo. Conseqüentemente, sua história pessoal torna-se reduzida a estilos, referências, imagens e objetos, que podem circular independentemente de contextos originais.

Com base em tal “esquizofrenia”, o consumo passa a ser a medida de uma vida bem-sucedida, da felicidade e mesmo da decência humana, tornando extremamente frágeis as relações humanas, pois, como assinala Bauman (1998), nenhuma quantidade de aquisições e sensações tem a probabilidade de trazer satisfação da maneira como outrora prometeram. Essa incapacidade de satisfação se dá porque, na sociedade-cultura de consumo pós-moderna, não há padrões a serem mantidos, na medida em que, logo adiante, novos recordes necessitam ser quebrados.

Fenômenos como a sociedade de consumo e a globalização podem ser observados em inúmeros campos sociais, sendo vários os exemplos de liquefação sobre os quais podemos explanar. Na seção a seguir, apresentamos alguns exemplos de liquidez ocorrentes nas principais instituições estruturais da sociedade, a fim de apontar, por meio de suas características, a fluidez pós-moderna.

1.2 Do sólido para o líquido: estruturas sociais em constante fragmentação

Para apresentarmos o evento de flexibilidade e liquidez que afetou as principais instituições sociais pós-modernas, faz-se necessário que, nesta seção, comentemos também, determinadas características dessas mesmas instituições na sociedade moderna, de modo a estabelecermos um paralelo entre os aspectos dessas estruturas sociais em períodos históricos distintos. Descrevemos concomitantemente as características institucionais na modernidade e na pós-modernidade, mantendo sempre certa divisão expositiva entre as duas épocas, para fins explicativos. No entanto, salientamos - como está ressaltado na nota explicativa n. 4 de nosso capítulo introdutório - que essas características não são ações estanques, passíveis de existirem somente em um único e mesmo período histórico; ao contrário, elas se entrecruzam

e podem estar presentes nas diferentes épocas, em decorrência da heterogeneidade temporal e descontinuidade histórica estabelecida entre a modernidade e a pós-modernidade.

Ao tratarmos das estruturas sociais que perdem espaço, de maneira cada vez mais acelerada, para a flexibilidade e liquidez, nosso primeiro apontamento diz respeito ao Estado, que, conforme apresenta Eagleton (1998), presidia a ordem social na modernidade de maneira sistemática, legisladora, generalizadora, classificadora e categorizante. Na contemporaneidade, as ações do Estado não são tão recorrentes, e cedem lugar à privatização da responsabilidade pela situação humana e à transferência gradativa da ordem social para as forças de mercado. Cada vez menos surgem, de forma governamental, órgãos conjuntos, coletivos e visíveis encarregados da ordem societária. Os instrumentos e métodos de responsabilidade utilizados por esses órgãos na modernidade são terceirizados na modernidade líquida, o que torna a sagacidade e a força individual as maiores responsáveis pela sobrevivência e aperfeiçoamento societário.

Eagleton (1998) assinala que o desempenho pessoal e a força mercadológica também atingem, na pós-modernidade, os campos político e ideológico. O sucesso da política, solidificado na modernidade pelas instituições partidárias e por movimentos políticos de massa, torna-se, durante a atualidade, muito mais dependente do desempenho pessoal dos candidatos nos meios midiáticos, do alto investimento em publicidade e exposição, do que de elevados ideais e grandes causas político-ideológicas.

O fenômeno da fluidez pode, da mesma maneira, ser observado nas relações de trabalho. Se na modernidade as antigas condições de emprego construía uma vida planejada e estruturada - ainda que aniquilando, na maioria das vezes, a criatividade e habilidades humanas - o mesmo não é regular na modernidade líquida. De acordo com Bauman (1998), os cargos, posições ou carreiras já não se mostram mais inteiramente seguras na atualidade. O planejamento de um futuro profissional torna-se constantemente ameaçado pela meta do progresso tecnológico e administrativo, alcançado na época presente por meio do “emagrecimento” da força de trabalho, isto é, com base no fechamento de divisões e redução de funcionários, os quais são substituídos constantemente, quando aparece uma mão-de-obra mais submissa e menos dispendiosa.

Outra característica do trabalho na contemporaneidade é, segundo Bauman (1998), o alargamento do setor de serviços - lojas, bancos, escritórios, laboratórios, administração. Neste âmbito, o trabalhador é envolvido em parcerias e grupos, sendo constantemente avaliado num jogo de comunicação e habilidades de pessoas que competem entre si, mediadas por ferramentas tecnologicamente produzidas. Na ausência de tais ferramentas, restrição de

habilidades ou falta de alta produtividade, parcerias e grupos se desintegram e funcionários são substituídos. Conforme acentua Eagleton (1998), esse mercado de trabalho excludente acaba por causar uma desestruturação psicológica no sujeito, sobretudo em sua auto-estima, já que sua importância passa a ser medida pela sua utilidade e pelo tempo de sua produção. Não sendo produtivos, homens e mulheres pós-modernos são caracterizados, no jogo competitivo do mercado, como profissionais inúteis, pousando sobre eles a imagem de derrotados.

Na época atual, as ações provenientes da globalização, do neoliberalismo e da sociedade de consumo também repercutem na mídia. Após a revolução industrial e o aumento da população alfabetizada, ocorridos na sociedade moderna, os meios de comunicação midiáticos são transformados em um setor de serviço altamente mercadológico, conforme situa Pignatari (1999). A comunicação deixa de funcionar somente em nível interpessoal e formato artesanal para operar em larga escala e processo industrial nos tempos pós-modernos, o que transforma os sistemas de comunicação em empreendimentos empresariais, cujos produtos são a notícia e a informação - consideradas mercadorias com valor de uso e de troca. Já o espaço publicitário, um elemento essencial para a manutenção e o funcionamento da engrenagem midiática.

O resultado da transformação mercadológica na mídia contemporânea pode ser observado em seus produtos, como explicitam Beltrão e Quirino (1986). Os textos, mais literários na modernidade, recebem na sociedade pós-moderna uma composição técnica, padronizada em diferentes níveis de estrutura e linguagem, com o intuito de atingir determinados públicos-alvo. Tais matérias, que outrora resultavam da criatividade e de um trabalho individual de seus escritores, dão lugar, na atualidade, aos especialistas de diferentes campos profissionais que produzem, em equipe, bens e serviços culturais sob a forma de mensagens. Além disso, as notícias passam a ser elaboradas, em grande parte dos veículos de comunicação, por meio de uma espécie de agendamento, no qual os assuntos pautados são sempre os mesmos, contendo os mesmos destaques.

Junto com a inserção da mídia na sociedade mercadológica e consumista pós-moderna, surgem os avanços tecnológicos que permitem a redução de custos para a transmissão de informação em escala local e global. Em decorrência, as mensagens passam a ser produzidas para milhares de pessoas em diferentes locais ao mesmo tempo; os interlocutores se tornam dispersos e massivos durante a atualidade. A chegada de uma informação sintética aos locais mais variados e mutuamente autônomos - de modo a atingir milhares de sujeitos pertencentes a diferentes espaços geográficos e que formam uma suposta audiência - caracteriza tais veículos de informação como meios de comunicação de massa (DIMBLEY; BURTON, 1990)

ou *mass media* (cinema, internet, jornalismo, rádio, televisão, publicidade etc), os quais operam largamente em termos de volume ou escala, fazendo com que as pessoas tenham a sensação de estarem cada vez mais próximas, e não separadas por obstáculos físicos ou distâncias temporais, exatamente como rege a globalização.

Todavia, essa chegada cada vez mais veloz de notícias acaba por gerar um atropelamento ou sufocamento da informação obtida, criando, de acordo com Guareschi (2000), uma espécie de “comunicação barata”, regida pela instantaneidade e superficialidade. Segundo o autor, na contemporaneidade, essas informações sintéticas e em grande número chegam ao público de maneira desconexa, sem lógica interna. Questões sociais são sentimentalizadas, algumas posições e versões dos fatos recebem destaque em detrimento de outras e as mensagens de entretenimento transmitem uma cultura de conceitos e valores mundializados, capitalizados e massificados.

Outra característica da modernidade líquida é o consumo de produtos midiáticos como principal espaço de ocupação do tempo livre da população, de modo a transformar os *mass media* em formadores de opinião. Com esse *status*, os meios de comunicação de massa acabam por se inserir junto às instituições políticas, econômicas, educacionais, familiares e religiosas, colocando, em segundo plano, a influência e poder exercidos por elas. Para Guareschi (2000), tal *status* caracteriza a mídia como uma instituição de controle social e, ainda mais, como um instrumento de dominação e elemento fundamental de dependência intelectual que, ao refletir crenças e valores capitalistas, influencia a massa por intermédio de suas notícias, opiniões e entretenimento.

Entre as instituições que perdem espaço para o *mass media*, ressaltamos as transformações ocorridas na família, que, influente na formação da personalidade do sujeito durante o período moderno, passa a vivenciar na contemporaneidade um constante processo de liquidez. Conforme especifica Bauman (2004), tal liquefação acontece porque a estrutura tradicional familiar - outrora alicerçada no casamento sólido, no domínio patriarcal e na extensa reprodutividade - experimenta nos dias atuais constantes abalos, procedentes das possibilidades de divórcio, união estável, controle de natalidade, novas alternativas para os relacionamentos afetivos e sexuais, ingresso das mulheres no mercado de trabalho e conseqüentemente, sua independência financeira. Segundo o autor, a fragmentação da família na contemporaneidade se dá exatamente porque a possibilidade de tais metamorfoses instiga as pessoas a realçarem a individualidade e a procura por satisfação pessoal, o que se reflete em uma constante reavaliação e modificação das relações afetivas e sexuais existentes entre os cônjuges, educação dos filhos e administração do lar.

Como resultados, surgem no período líquido, novas configurações familiares e formas de convívio. Um número crescente de homens e mulheres pós-modernos abandona o modelo familiar típico de casamento para buscar experiências novas e ainda não apreciadas, seduzidos por propostas de amor descontraído, de relações abertas e de aventuras sem fixação de compromisso. Para Bauman (2004), essa mudança de disposição nas relações afetivas faz com que a convivência seja, em grande parte das vezes, substituída pelos encontros episódicos, nos quais os casais preferem “ficar” juntos a estabelecerem fortes laços afetivos, numa série de jogos estreitos e breves, marcados pela recusa a “fixar-se” de uma forma ou de outra.

A busca cada vez mais intensa de novas experiências faz também com que os encontros episódicos e não fixos sejam substituídos, não raro, por uma sucessão de encontros sexuais que, de acordo com Bauman (2004), em nada resultam, salvo o próprio sexo e as sensações que o acompanham. Nesse âmbito, as práticas sexuais não são mais unidas pelo dever, pelos direitos adquiridos ou por laços protegidos, como outrora fora na modernidade, mas pelo prazer, despidas de intimidade e de emotividade, sendo, por muitas vezes, consideradas pelos sujeitos pós-modernos como um estágio indispensável no processo de emancipação individual.

Em contrapartida, a negação à intimidade física é outra opção presente na modernidade líquida. Bauman (2004) assinala que, nessa esfera, os relacionamentos virtuais através de redes de computadores tornam-se práticas comuns, pois propiciam a cada pessoa a possibilidade de estar próximo do outro, de compartilhar emoções, confidências e anseios, mantendo dele, ao mesmo tempo, uma distância necessária para se evitar a intimidade e o compromisso. Contudo, do ponto de vista do teórico, esse tipo de relacionamento faz do outro uma espécie de objeto de consumo facilmente descartável.

Ao observar esses variados tipos de relacionamento movidos pela falta de compromisso, Bauman (2003, p. 6) localiza no sujeito contemporâneo uma misteriosa fragilidade, isto é, um sentimento de insegurança e de desejos conflitantes entre a intenção de estar afetivamente junto a outrem e, ao mesmo tempo, não estabelecer relações duradouras. Para o pesquisador, tais sentimentos se dão porque, de um lado, o sujeito “[...] precisa dos outros como do ar que respira, mas, ao mesmo tempo, tem medo de desenvolver relacionamentos mais profundos, que o imobilizem num mundo em permanente movimento”.

Bauman (2004) defende a idéia de que essa insegurança caracteriza as mais variadas relações afetivas no período líquido e carrega consigo tipos de mecanismos de defesa, os quais são empregados pelos sujeitos como estratégias de proteção, diante do risco representado pela decisão de ingressar em relações amorosas que refletem uma ordem social

pautada pela instabilidade. O teórico classifica, especificamente, dois tipos de estratégias de proteção: a fixação e a flutuação.

A fixação é compreendida como tentativa do sujeito em preservar o relacionamento, apesar da real impossibilidade de controlá-lo. Trata-se de um auto-esforço para evitar que o relacionamento seja atingido por sentimentos “errôneos” e vacilantes, de maneira a assegurar-lhe o contínuo interesse, cuidado e responsabilidade por parte de seu companheiro. A fim de evitar a ansiedade e a possibilidade do fim do relacionamento, o sujeito investe no cuidado, na preservação e na tolerância com o parceiro, ainda que isso exija renúncias ou mesmo implique rotinas e aprisionamento.

Já os adeptos da flutuação não apresentam a mesma perseverança, nem estão dispostos a fazer muitas concessões. Seus relacionamentos afetivos são pautados em princípios de custo-benefício, tais como nas relações de mercado: conforme os lucros obtidos, o relacionamento continuará recebendo investimentos ou será suspenso. Nessa estratégia, é latente a presença de laços frágeis, que têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagrado de ambas as partes. Esses relacionamentos, voláteis e fluidos, remetem o sujeito a uma sensação de leveza e descompromisso, que é muitas vezes associada à liberdade individual, devido à possibilidade de se abandonar a relação a qualquer momento e privilegiar o momento em detrimento do futuro.

Contudo, por muitas vezes, essas uniões amorosas temporárias alongam-se de maneira improvisada, diante da necessidade inalterada de criar os filhos, os quais, de acordo com Bauman (2004), são, cada vez mais, frutos de vários relacionamentos que expressam os desejos e frustrações individuais dos pais em seus encontros afetivos e sexuais. Nessa perspectiva, de forma cada vez mais recorrente, a maternidade e a paternidade tem se adaptado na contemporaneidade às situações inusitadas que procedem de configurações familiares diversificadas. Por muitas vezes, tais funções são exercidas à distância, quando filhos de antigas uniões ficam sob a guarda dos pais ou das mães. Torna-se também muito comum que na modernidade líquida a maternidade e a paternidade se estendam aos filhos dos novos cônjuges, às relações monoparentais ou às relações homossexuais.

Conforme enquadra Bauman (1998), toda essa mudança de disposição na estrutura familiar e, acima de tudo, nos relacionamentos afetivos, tem ocasionado o crescente movimento de novas patologias, próprias da pós-modernidade: depressão, solidão, desamparo, isolamento, entre outras. Junto com elas, surge a era dos especialistas da psique, dos exímios em identificar problemas e dar aconselhamentos, dos restauradores de personalidade, dos guias de casamento, dos autores de livros de auto-afirmação etc.

Em busca de um alívio para a alma, muitos dos sujeitos contemporâneos dão crédito, como base para orientação pessoal, aos valores interiorizados transmitidos pela religião. Todavia, Bauman (1998) acrescenta como característica da época atual uma considerável migração das religiões antigas e tradicionais - que apregoavam no período moderno a salvação da alma - para pequenas seitas ou credos menos coletivos, que privilegiam a busca pelo aconselhamento, reafirmação e expansão da mente.

Bauman (1998) nota que, se no período moderno a cultura religiosa era culpabilizante - mostrando as fraquezas do ser humano, a insuficiência dos recursos humanos e a negação do prazer físico - a cultura religiosa da atualidade passa a trilhar por outros caminhos. Aliada ao consumo, a religião da contemporaneidade faz uso de mestres místicos, novos pastores e padres, que apresentam produtos técnicos utilizados para desenvolver os recursos internos, psicológicos e fisiológicos dos sujeitos, de modo a libertar, aprofundar e intensificar sensações. Nesse sentido, as antigas práticas da abnegação e afastamento das atrações humanas cedem, cada vez mais, lugar à força condutora de prosperidade, desejo e direito a bens terrenos, estimulando, naquele que busca a saúde da alma, a realização de uma intensa atividade enquanto consumidor.

Se na versão religiosa moderna, o fiel costumava reconciliar-se com uma vida de miséria e privação, a versão religiosa líquida reconcilia seus seguidores em torno do dever de um consumo ávido e permanente de sensações, graças à intensificação e ao acúmulo de produtos refinados e requintados, embora nunca definitivamente satisfatórios (BAUMAN, 1998). A promessa das experiências intensas e transcendentais é realçada pela venda de literaturas, vestuários, CDs, adornos, alimentos, bebidas e cosméticos “capazes” de provocar sensações nunca antes experimentadas e mais intensas que quaisquer outras. Nessa perspectiva, a religião pós-moderna é adaptada à comunicação da “experiência máxima”, considerada como um dever e uma perspectiva realista para todas as pessoas. Lemas como “você pode fazer isso”, “todo mundo pode fazê-lo”, ou “cabe somente a você decidir se vai fazê-lo”, são propagados às pessoas, sem que se leve em conta fatores como idade, poder aquisitivo, histórias de vida, necessidades ou desejos particulares.

A mesma falta de perspectiva realista que permeia a saúde da alma também é encontrada no campo da saúde do corpo, extremamente valorizado na contemporaneidade e, principalmente, nas sociedades ocidentais, conforme explica Rosário (2002). A importância dada à materialidade física se origina da busca por um ser humano autônomo, colocado a serviço da economia e da produção. Para que tal objetivo seja alcançado, a atenção da sociedade volta-se para o corpo produtor, que precisa ter a saúde necessária para produzir

mais e melhor, além de adaptar-se aos padrões de beleza para melhor consumir. Nesse sentido, em tempos pós-modernos, o físico é construído sobre os conceitos de produção, economia, mercado e consumo.

Em busca desse construto, os sujeitos se esforçam ao máximo para manterem seus corpos dentro de modelares dominantes. Um notório modelar da época atual é a imagem do corpo centrado na magreza e nas formas menos arredondadas. Bauman (2001) destaca que esse ideal de magreza é apresentado ao sujeito não somente como padrão de beleza e estética, mas também como sinal de perfeição moral e passaporte para o sucesso, poder e dinheiro, exigindo dele disciplina e firmeza para atingir o alvo.

Sob o ponto de vista de Rosário (2002), a excessiva preocupação com a estética e a supervalorização da magreza abre espaço para uma verdadeira “indústria do corpo”, em que o físico entra numa espécie de “linha de produção” que inclui tratamentos de saúde, ginástica, regimes alimentares, tratamentos estéticos, consumo da moda e de bens. Esse modelar dominante torna o corpo um produto comercializável e fonte de renda altamente explorável, enquanto imagem e mensagem lucrativa. A partir desse contexto, alguns segmentos comerciais passam a ter no físico o seu maior consumidor, estando à espera de homens e mulheres pós-modernos as academias, clínicas estéticas, salões de beleza, estilistas, costureiros e butiques, que oferecem a esses sujeitos a ilusão de fazê-los sempre belos, saudáveis e fortes.

Nessa perspectiva, Siqueira (2005) acentua que o corpo, inserido numa sociedade-cultura de consumo pós-moderna, pode ser compreendido como mercadoria e matéria despojada de sentimento, não possuindo, em si, valor algum além daquele que lhe fora atribuído pelo mercado. O corpo se torna, meramente, um meio de produção, resultado das expectativas mercadológicas e produto de consumo subordinado às leis da oferta e da procura.

Rosário (2002) conceitua que o corpo proveniente do estímulo ao consumo atinge na atualidade três estados líquidos: o estado de fragmentação, de simulação e de ambigüidade. Para a autora, o estado fragmentário do corpo se dá devido ao mercado, quando esse volta sua atenção para cada parte específica da materialidade física, possibilitando sua decomposição em músculos, boca, olhos, glúteos, cabelos, coxas, quadris, seios etc. A partir do momento em que o mercado de consumo enfoca cada membro do corpo, tais partes passam a ser tratadas e concebidas individualmente, sem que outras sejam afetadas. Assim sendo, o corpo se torna fragmentado, partido em pedaços e com um sentido próprio para cada membro. Podemos notar o campo midiático enquanto grande propulsor desse traço, na medida em que dá ênfase

a elementos isolados do físico e transforma cada parte do corpo em um grande gerador de sentidos e signo estimulador para o consumo.

O campo da medicina também contribui para esse novo corpo fragmentado; cirurgias plásticas reconstituem narizes, implantam cabelos, transformam seios, quadris, cinturas ou glúteos, preenchem rugas e até preparam uma fragmentação maior, por meio da decodificação do mapa genético do corpo humano.

Nesse período histórico de corpos fragmentados, também subsiste, de forma líquida, o corpo em estado de simulação, que se constrói diferentemente para cada situação, para cada vontade. Isso se dá na medida em que vestimentas, adereços e maquiagens, associados com outras técnicas - como, por exemplo, a cirurgia plástica, a lipoaspiração, os tratamentos de beleza, a musculação etc - são utilizados por homens e mulheres como recursos para mascararem o próprio corpo, escondendo detalhes e ressaltando outros, de forma a construir um simulacro corporal.

Por intermédio dessa simulação, os corpos podem ser construídos diferentemente para cada situação, para cada vontade, a partir de uma multiplicação de estilos possibilitados por recursos como tatuagens, tinturas para cabelos, *piercings*, silicones, lipoaspirações, ginásticas localizadas, roupas específicas para tribos como *punks*, *funks*, *rappers*, “patricinhas”, “mauricinhos”, “sarados”, entre outros.

Aliado ao estado de simulação está à ambigüidade do corpo, capaz de compor-se de vários estilos, muitas vezes, até opostos: num dia cabelos lisos e em outro, cabelos crespos; ora olhos castanhos, ora verdes ou azuis; isso sem contar que, em pouco tempo, seios menores podem dar lugar a seios maiores, juntamente com a possibilidade de o corpo voltar à expressão original em pouco tempo. Para Rosário (2002), esse corpo pós-moderno, composto na fragmentação, na simulação e na ambigüidade, tem a possibilidade de uma constante metamorfose, ainda que dentro de modelares dominantes, sendo esse o seu aspecto mais marcante.

Tal capacidade de metamorfose é explorada por homens, mas acima de tudo, por mulheres que, alimentadas e instigadas pela vaidade e desejo de consumo, recorrem às mais variadas alternativas mercadológicas a fim de alcançarem os ideais de beleza e estética. Esses ideais permitem às mulheres a inserção social, quer seja no âmbito do mercado de trabalho, da conquista feminina, das relações sociais, enfim, do espaço público no qual elas estão cada vez mais participativas. Passamos a discutir sobre tal metamorfose corporal e conseqüente inserção social na próxima seção.

1.3 Adeus à rainha do lar: os novos espaços sociais da mulher contemporânea

Conforme considera Osório (2004), uma constante transformação tem se dado, de maneira cada vez mais acelerada, no modo de vida das mulheres, às quais, desde a década de cinquenta, têm vivenciado uma progressiva ocupação no espaço público e, conseqüentemente, uma descentralização da figura masculina em prol da figura feminina.

Essa centralização da mulher, principalmente nas sociedades ocidentais, pode ser observada notoriamente nos novos códigos civis, cujas leis superaram as conquistas obtidas durante o período moderno - como, por exemplo, o direito à participação na vida pública, ao voto e à ocupação de cargos políticos, ao trabalho assalariado, a assistência à saúde integral e ao controle de natalidade. Durante a contemporaneidade, políticas públicas organizadas pelo movimento feminista⁷ para a valorização e a promoção das mulheres passam a assegurar-lhes direitos, ainda não adquiridos, em todas as esferas da vida social, econômica e institucional. Nos códigos civis pós-modernos são estabelecidas mudanças referentes aos contratos matrimoniais, o divórcio é legitimado, o aborto é legalizado em casos específicos e é constituída a punição contra a discriminação de gênero. Institui-se o direito à proteção legal para as trabalhadoras gestantes, creche e igualdade de remuneração entre trabalho masculino e feminino para a mesma função. Abre-se o acesso irrestrito ao mercado de trabalho e a carreiras antes consideradas masculinas. Surgem também as delegacias específicas para mulheres vítimas de violência física e/ou psicológica.

O estabelecimento desses direitos - embora, na prática social, alguns não sejam respeitados e exercidos - foi o resultado da luta feminista e, acima de tudo, um reflexo das profundas liquefações pelas quais as mulheres contemporâneas passaram no decorrer das últimas cinco décadas: mudanças no estilo de vida, hábitos, ideais, quadros de referência e formas de sociabilidade (BAUMAN, 2001).

Uma das transformações mais marcantes da mulher pós-moderna diz respeito aos papéis que até então lhe eram atribuídos. Enquanto as sociedades modernas reservavam à mulher o casamento e, a partir dele, uma família hierárquica, extensa, patriarcal - que limitava os afazeres da esposa aos cuidados domésticos e com os filhos, de modo a trazer-lhe uma forte dependência financeira - o contrário geralmente acontece nas sociedades ocidentais pós-modernas. As mulheres do período líquido saem da exclusiva participação no âmbito

⁷O Feminismo foi um dos mais importantes movimentos sociais do século XX e seu ápice ocorreu na década de sessenta. Os ideais feministas resumem-se na promoção da igualdade entre os sexos e, primordialmente, nos direitos e deveres das mulheres nas esferas pública e privada (BAUMAN, 2001).

doméstico, no casamento e no cuidado dos filhos para terem acesso ao mercado de trabalho, a independência financeira, ao aprimoramento profissional e a formação universitária (OSÓRIO, 2004).

Essa nova condição feminina se dá em decorrência de diversos fatores, dentre os quais Fernandes (2006) destaca: a diminuição salarial do homem, aliada ao crescimento de consumo de bens e serviços, o que acaba por requerer da mulher a contribuição financeira na provisão do lar; a ausência do cônjuge ou figura masculina responsável pela manutenção e sustento da casa, o que tem obrigado grande parte das mulheres contemporâneas a assumirem o papel de provedoras do lar; a aspiração feminina por uma independência financeira, formação profissional, aprimoramento intelectual e valorização pessoal.

No entanto, Fernandes (2006) enfatiza que essa participação intensa e estável das mulheres no mercado de trabalho não significa a isenção dos afazeres domésticos e do cuidado com os filhos, pois o enraizamento cultural de papéis masculinos e femininos cristalizados nos países mais patriarcalistas torna dificultoso o estabelecimento de uma relação de igualdade entre os gêneros, no que diz respeito à divisão das tarefas do lar. Como resultado, a mulher atual envolve-se em uma tripla jornada de trabalho, que compreende o âmbito doméstico, a esfera remunerada e o cuidado com os filhos.

Contudo, isso não pode ser definido por vias gerais de regra, já que há mulheres que pouco se inserem na temporalidade pós-moderna e, conseqüentemente, negam-se a adotar os papéis impostos por essa tripla jornada; ao contrário, optam por serem mães e donas de casa em tempo integral, ainda que isso implique, socialmente, certos estereótipos e estigmas desvalorizantes, como, por exemplo, a imagem de dona de casa frustrada, não-capacitada, mal informada e, sobretudo, sem iniciativa, apesar da árdua tarefa que é a organização do lar, a administração das finanças da família e a educação dos filhos.

Há também casos de mulheres que negam a tripla jornada para ingressarem prioritariamente no mercado de trabalho, tendo como alvo o sucesso profissional em detrimento ao matrimônio. Escolhem dedicar-se exclusivamente aos estudos e à carreira, dada a dificuldade de conciliar tais atividades com o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos. Permanecendo solteiras e livres de uma multiplicidade de tarefas, tais mulheres chegam, em média, aos trinta e cinco anos de idade, no ápice do mercado de trabalho para, só depois, pensarem em casamento e gravidez, o que, como conseqüência, lhes acarreta clichês negativos como, por exemplo, os rótulos de “solteirona”, “titia”, “encalhada” e “avulsa”.

No entanto, esses casos são exceções, pois grande parte das mulheres contemporâneas procura obter a sensação de pertencimento e inclusão social com base no desempenho dos

múltiplos papéis que lhes são impostos sócio-historicamente e dos quais lhes é requerido grande excelência. Lutam por obter uma graduação, aperfeiçoamento, especialização e, por vezes, mestrado, doutorado etc, a fim de galgarem cargos elevados e conquistarem um bom salário. Concomitantemente, se casam no espaço de tempo entre seus estudos e conquistas profissionais, não demorando a ter filhos, uma vez que o tempo corre contra seus organismos, sob o perigo de envelhecimento dos óvulos e o assombro da impossibilidade de alcançarem a maternidade.

Em meio a tantas atividades, ainda está o exercício dos papéis de boa esposa e amante, o que significa para a mulher pós-moderna, no mínimo, o dever de ser amiga e companheira sempre pronta a ouvir o parceiro e compreender os problemas das mais diversas ordens. Ao mesmo tempo, exige-se que ela tenha constantemente equilíbrio emocional para sustentar o relacionamento afetivo, sem se descuidar também de satisfazer todos os desejos sexuais de seu companheiro, tendo, ela própria, igualmente, plena satisfação sexual e uma libido sempre em alta.

Bauman (2004) destaca que essa exigência do papel de boa amante é, ironicamente, um resultado das conquistas obtidas no campo da sexualidade, especialmente do acesso da mulher aos métodos anticoncepcionais, o que possibilitou uma maior liberação sexual e, conseqüentemente, o alcance de novas formas de erotismo.

Nesse campo, a iniciação sexual, que na modernidade se dava, na maioria das vezes, dentro do casamento, começa na modernidade líquida geralmente durante a adolescência, por volta dos treze aos dezessete anos. Isso proporciona que as mulheres contemporâneas tenham muito mais parceiros, vivenciem o sexo com mais liberdade do que antes lhes era permitido, compartilhem experiências, tenham maior controle sobre seus corpos e, conseqüentemente, sejam muito mais exigentes sexualmente.

Bauman (2004) esclarece que a busca da mulher contemporânea por uma plena satisfação sexual faz com que ela mude sua concepção de homem “ideal”. Enquanto, na modernidade, a preferência era dada a homens ricos, fortes e viris, com o objetivo de se garantir e sustentar a prole, na atualidade, os parâmetros para a escolha dos parceiros passam a ser, geralmente, outros. Em decorrência da liberação sexual e da independência financeira e intelectual da mulher, um homem cobiçado e valorizado é aquele que tem maiores condições de proporcionar prazer e que possui cultura suficiente para manter um diálogo aberto, o que tende a aumentar, em muito, a insegurança masculina.

No campo do sexo e da conquista feminina, não podemos deixar de citar a boa estética como um dos elementos fundamentais exigidos pela sociedade para que a mulher pós-

moderna obtenha sucesso. Para tanto, a supervalorização do corpo, idealizado na magreza como sinônimo de beleza, configura-se em uma meta a ser atingida por todas as mulheres, sem que para isso, sejam levadas em conta particularidades como, por exemplo, a idade, saúde ou capacidade física (ROSÁRIO, 2002).

A autora ressalta a aquisição de um ideal de beleza como algo necessário, não somente, para a conquista feminina, mas também para que a mulher seja aceita no mercado de trabalho, nas relações sociais e, conseqüentemente, para uma construção positiva de sua auto-estima. Isso é preocupante, pois leva, constantemente, as mulheres a entrarem, com base na aparência, em uma espécie de competição pelo sucesso na vida pública, pela atenção dos homens e, até mesmo, de outras mulheres. Ironicamente, o ideal de beleza, ainda que destrutivo, passa a ser considerado na pós-modernidade um requisito necessário para uma boa “qualidade de vida”, disponibilizada a todas as mulheres que possam pagar pelos serviços prestados em clínicas de cirurgia plástica e estética, salões de beleza, costureiros, butikues, estilistas etc.

Do ponto de vista de Fernandes (2006), esse tratamento mercadológico que o corpo feminino recebe na sociedade de consumo atual, somado a liberação sexual, acaba por redirecionar determinados valores morais, fazendo com que, de forma muito rápida, a mulher pós-moderna sofra um descrédito e seja tratada como objeto e como mercadoria, o que, de certa forma, resulta na troca do papel de escrava do lar para o papel de escrava da estética e do sexo.

Como resultado de todas as transformações e liquefações referentes ao estilo de vida, ideais, formas de sociabilidade, Fernandes (2006) classifica metaforicamente a mulher da época atual como uma mulher-elástico: ao mesmo tempo em que busca ser uma profissional competente, realizada e economicamente independente, não deixa de lado a luta para corresponder aos ideais de mãe dedicada e bem disposta, esposa compreensiva e amante ardente. Em meio a esses múltiplos papéis, está também em suas metas ser magra, bem cuidada, elegante, saudável, conservando-se sempre jovem. Concomitante, cabe a ela usufruir variadas formas de lazer e *hobbies* para conseguir lidar com o estresse diário, além de manter-se e culta de modo a conversar sobre qualquer assunto, freqüentar qualquer lugar e ser companhia agradável para as mais variadas pessoas. Vale assinalar a busca insistente da mulher-elástico por lidar com todo esse excesso que caracteriza as demandas do seu cotidiano associando inteligência, sabedoria, feminilidade, graça, delicadeza.

Por intermédio da metáfora da mulher-elástico, Fernandes (2006) ressalta a nova realidade que permeia a vida de grande parte das mulheres na contemporaneidade. A partir do

que discorremos até aqui, podemos notar que a progressiva conquista do espaço público trouxe para a mulher uma infinidade de ganhos, mas, também, a existência de caros preços a serem pagos. A nosso ver, uma das maiores problemáticas decorrentes dessa inserção da mulher na esfera pública está no fato de que as transformações em seu estilo de vida têm lhe solicitado uma mudança em sua posição subjetiva, isto é, na maneira como ela se vê e compreende a si - seu comportamento, particularidades, características, sentimentos e desejos - enquanto um elemento necessário para a construção de uma determinada identidade feminina.

Tal posição subjetiva está permeada de novos saberes que a mulher pós-moderna tem elaborado sobre si e sobre o gênero feminino; são novas formas de pensamento e de ação, consideradas como “verdades”_necessárias para firmar uma identidade. Em decorrência destes novos saberes, surgem novas identidades femininas, definidas em grande parte por intermédio da participação da mulher no espaço público, e não mais, exclusivamente, pela sua atuação no âmbito doméstico - como, na maioria dos casos, acontecia na sociedade moderna, quando o rígido esquema hierárquico atribuía à identidade feminina inferioridade em relação à identidade masculina (OSÓRIO, 2004).

Essa mudança na posição subjetiva da mulher e a resultante construção de novas identidades femininas podem ser observadas enquanto um acontecimento histórico da sociedade pós-moderna. No entanto, o surgimento dessa nova mulher contemporânea aponta para um caminho difícil e tortuoso, já que o período presente é caracterizado como uma época de permanente fragmentação, imediatismo, relativismo, instabilidade, imprevisibilidade e provisoriedade. São dissoluções e maleabilidade em instituições, estilos de vida, crenças, códigos, regras e quadros de referência que nos instigam a perguntar: é possível à mulher se fixar a uma nova identidade feminina, tendo-a como verdadeiramente sólida e duradoura, mediante a crônica falta de recursos estruturais com os quais possa delineá-la? Para responder a esse questionamento, é fundamental que compreendamos teoricamente a concepção de sujeito e identidade que surge na contemporaneidade, o que realizamos na próxima seção.

1.4 A concepção de sujeito e identidade na pós-modernidade

A questão da identidade é tratada, para os Estudos Culturais (HALL, 1997), como relativa a três concepções de sujeito (iluminista, sociológico e pós-moderno), estabelecidas

em períodos históricos diferenciados⁸. Para que explanemos a concepção de sujeito na pós-modernidade, faz-se necessário situarmos brevemente as concepções a ela anteriores.

A primeira concepção é a iluminista, baseada na idéia de um indivíduo centrado, controlado pela razão, dado *a priori* e cuja identidade é unificada, homogênea e estanque, desde o nascimento até a morte. O sujeito iluminista tem como principal característica a singularidade, isto é, a individualidade, mantida pela sua própria conduta, o controle e a responsabilidade de todas as circunstâncias de sua vida, independentemente da interferência de outras pessoas.

Um exemplo de sujeito iluminista, dentre os quais podemos citar, está na crença de que há um conjunto cristalino e autêntico de características que todas as mulheres partilham e que não se alteram ao longo do tempo. Para Woodward (2000) essa crença pode ser fundamentada, por exemplo, em afirmações de base biológica, como, por exemplo, a de que o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, o que serve de fundamento para a identidade sexual. A maternidade é outro exemplo pelo qual a identidade feminina está embasada biologicamente. Segundo a autora, afirmações como as de base biológica contribuem para a estabilidade, unificação e homogeneidade da identidade iluminista.

Diferentemente, a concepção de sujeito sociológico, oriunda do período moderno, não caracteriza a identidade como uma entidade unificada ou fixa, mas formada por intermédio da interação que o sujeito estabelece com a sociedade. Essa concepção situa o ser humano como alguém constituído e modificado no diálogo com o mundo exterior, de modo a assumir as identidades que a sociedade lhe oferece. Conforme esclarece Hall (1997), tal sujeito é assujeitado, já que o outro ser humano determina a sua identidade, por meio da relação interacional. Como consequência, a identidade sociológica não é compreendida como individual, mas proveniente de grupos sociais que vêem o mundo, pensam e falam a partir do espaço onde se encontram.

⁸Para Hall (1997), os aspectos sócio-históricos perpassam e constituem os sujeitos e, conseqüentemente, as identidades. Levando em consideração períodos históricos distintos, o teórico classifica o sujeito em iluminista, sociológico e pós-moderno. Contudo, observamos que o autor relaciona essas concepções a épocas históricas estanques, o que deixa entrever sua filiação ao estudo da história em sua linearidade, continuidade, homogeneidade e unidade temporal; um estudo em que o tempo histórico se restringe somente ao critério cronológico. Fazemos uso das concepções de sujeito formuladas por Hall, mas guiados por Foucault (1997), desconsideramos a estagnação temporal atribuída a elas. Isso porque, como já dito em nota explicativa n. 4 de nosso capítulo introdutório, determinadas características dos sujeitos e das identidades não são elementos fixos, passíveis de existir unicamente em um determinado período histórico; ao contrário, essas características se entrecruzam e podem estar presentes nas diferentes épocas, em decorrência da heterogeneidade temporal e da descontinuidade histórica estabelecida entre o iluminismo, a modernidade e a pós-modernidade.

Todavia, Woodward (2000) destaca que uma cultura disseminada por meio de determinados saberes no decorrer da história é um dos fundamentos possíveis para as identidades estereotipadas, como, por exemplo, “toda mulher é burra”, “mulheres são complicadas”, “as mulheres dirigem mal”, “toda mulher chora à toa”, “mulheres são históricas”, “as mulheres só pensam em gastar” etc. Para a autora, a partir das relações sociais, identidades femininas baseadas na natureza, na raça, nas relações de parentesco etc, podem ser recuperadas no processo de atribuição de sentidos, servindo de base para a construção de identidades estereotipadas.

Conceber o espaço e a interação social como agentes de formação e transformação do ser humano serve de premissa para que Hall (1997) estabeleça uma terceira concepção de sujeito: o pós-moderno. Essa nova compreensão de sujeito deriva dos rápidos e constantes processos de mudança, deslocamento e divisão nas estruturas centrais da sociedade pós-moderna. Segundo o autor, tal contexto sócio-histórico - com o acelerado movimento das mudanças econômicas, tecnológicas, culturais e do cotidiano provenientes, em particular, do processo de globalização - propicia às pessoas o acesso a outras culturas, outros espaços e outros papéis sociais. Em consequência, ocorre uma descentralização e fragmentação das paisagens de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade etc, que, no passado, forneciam sólidas localizações aos seres humanos.

Para Woodward (2000), essas variações sociais desestruturam certas bases que antes asseguraram a conformidade subjetiva dos sujeitos com as necessidades objetivas da cultura⁹ e, dessa maneira, são abalados os parâmetros que sempre deram ao sujeito uma estabilidade no mundo social. Isso se dá porque os antigos papéis, assumidos e consolidados por homens e mulheres pós-modernos, acabam por entrar em declínio, cedendo espaço a novos papéis, adquiridos pelos sujeitos a partir de um jogo complexo de relações.

Por levar em conta esses aspectos, Hall (1997) defende a falência¹⁰ das concepções de sujeito iluminista e de sujeito sociológico que, por tanto tempo, estabilizaram o mundo social, e formula a concepção de sujeito pós-moderno. O autor também atribui o esgotamento de tais concepções a cinco grandes eventos que desestabilizaram os discursos já cristalizados sobre o sujeito. São eles: o pensamento marxista, a descoberta do inconsciente por Freud e a releitura

⁹Woodward (2000) compreende que cada cultura, com suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo, serve de intermediação para a experiência dos sujeitos, propiciando, a partir da construção de sistemas classificatórios, valores públicos e padronizados de uma comunidade, meios pelos quais eles podem dar sentido ao mundo social, de modo a construir sistemas partilhados de significação.

¹⁰Ver nota explicativa n. 8.

que Lacan fez do psicanalista alemão, o trabalho voltado à lingüística do estruturalista genebrino Ferdinand de Saussure, o trabalho filosófico empreendido por Michel Foucault e o impacto do Movimento Feminista. Em decorrência desses fatores, a identidade unificada do sujeito passa a ser considerada, para Hall (1997), como uma cômoda convenção simbólica. O autor considera a identidade, na pós-modernidade, como uma construção mutável, descentralizada, inacabada, múltipla, contraditória, heterogênea; um “sentido de si”, isto é, um processo e efeito dos múltiplos dizeres que se formulam na sociedade.

Hall (2000) esclarece que as identidades pós-modernas são caracterizadas como uma construção e um processo em decorrência da influência que sofrem por formas de comportamentos variáveis, conforme são os sistemas culturais que as rodeiam. Também, por consistirem em um efeito de estreitas conexões histórico-sociais, estruturas lingüísticas, práticas discursivas, relações de saber e de poder, às quais podem se cruzar ou serem antagônicas.

Silva (2000) também leva em conta esses mesmos fatores para negar as identidades da contemporaneidade como dadas *a priori*, isto é, como entidades preexistentes a partir de algum momento fundador, já que elas são constituídas de maneira contínua, em meio a mudanças, transformações e descontinuidades sócio-históricas, o que retira delas qualquer possibilidade de estabilidade, centralização, completude ou unificação. Tampouco, o autor compreende as identidades pós-modernas como compostas de singularidade, ou seja, da capacidade de serem únicas e individuais, pois o fato de serem formadas a partir da interação que os sujeitos estabelecem com a sociedade as carrega de características comuns a certos grupos sociais.

Hall (2000) ainda assinala que as identidades contemporâneas são contraditórias e heterogêneas, por serem compostas e mudadas com base nos lugares sociais que cada pessoa ocupa, dos diferentes papéis que exerce e de acordo com as formas de comportamento representadas através dos múltiplos dizeres que se formulam socialmente. Esses aspectos fazem com que a produção das identidades tenha a ver, não tanto, com questões como “quem nós somos?” ou “de onde nós viemos?”, mas com a seguinte indagação: “quem nós podemos nos tornar?”, o que abre espaço para que o autor também considere as identidades contemporâneas como múltiplas construções que coexistem em um mesmo sujeito, convivendo ora de maneira harmoniosa, ora conflitante.

Tratarmos da multiplicidade de identidades como característica intrínseca de uma mesma pessoa abre espaço para refletirmos sobre o conceito de posição de sujeito, elaborado por Foucault (1997). Essa formulação faz referência ao fato de que os seres humanos vivem

simultaneamente no interior de um grande número de diferentes instituições - tais como famílias, escolas, grupos de trabalho, partidos políticos etc - encontrando, em cada uma delas, um contexto material e um conjunto de recursos simbólicos. As diferentes situações, expectativas, restrições e lugares sociais que essas instituições oferecem aos sujeitos fazem com que eles se posicionem, exercendo graus variados de escolhas e autonomia. Explicando melhor, cada sujeito compreende-se, em um senso comum, como sendo a mesma pessoa em todos os seus diversos encontros e interações sociais. Entretanto, tal sujeito é influenciado por variados contextos, os quais fazem com que ele seja diferentemente posicionado como pessoa nos mais diversos momentos e lugares, exercendo distintos papéis sociais.

O conceito foucaultiano de posição de sujeito permite a Hall (2000) fundamentar teoricamente a presença de uma multiplicidade de identidades coexistentes e simultâneas em uma mesma pessoa. O autor acrescenta que o fato de os diferentes contextos sociais disponibilizarem aos seres humanos uma diversidade de posições a serem ocupadas, torna difícil separar algumas dessas identidades e estabelecer fronteiras entre elas. Um exemplo dessa dificuldade pode ser observado na forma como as mulheres representam a si, em meio à complexidade da vida pós-moderna e no contexto de mudanças sociais e históricas. Tomar para si os papéis sociais de donas de casa, mães sensíveis, trabalhadoras em ascensão na esfera pública, esposas dedicadas, amantes sedutoras etc, exige que elas assumam, ao mesmo tempo, múltiplas e diferentes posições de sujeito, ainda que essas identidades coexistam em conflito e tensão.

Em relação ao âmbito do conflito, Woodward (2000) assinala que cada pessoa pode experimentar, em sua vida pessoal, tensões entre diferentes posições de sujeito, quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere no que é cobrado de outra. Um exemplo retirado do universo feminino é a relação de tensão existente entre a identidade materna e a identidade profissional, já que a demanda de uma mãe interfere no que é exigido de uma trabalhadora remunerada e, com frequência, a contradiz; isso porque, para ser uma “boa” mãe, a mulher deve estar disponível para seus filhos e satisfazer suas necessidades, mas como profissional em ascensão, a mesma mulher deve dar, de si, total comprometimento com o trabalho.

Tais conflitos requerem que as identidades pós-modernas passem, constantemente, por um estado de negociação (HALL, 1997), tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais os sujeitos dão sentido às suas próprias posições. Nessa perspectiva, é por intermédio da negociação de formas de comportamento variáveis que os seres humanos passam a assumir diferentes identidades em diferentes momentos. Todavia, não são identidades unificadas ao redor de um eixo estável,

mas identidades tensas e contraditórias que, como afirma Hall (1997), “empurram” o sujeito para diferentes direções, provocando um contínuo deslocamento e descentralização em seu “eu”.

Essas identidades conflitantes são negociadas, principalmente, a partir da representação (WOODWARD, 2000), concebida nos Estudos Culturais em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, pura marca material, traço visível, exterior e disseminada nos mais diferentes suportes de linguagem. Podemos considerar como sistemas de representação a escrita, a pintura, o desenho, a fotografia, a simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação etc. Contudo, Silva (2000) ressalta que a representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de um suposto referente. Pelo fato de incluir práticas de significação e sistemas simbólicos, a representação é considerada uma forma subjetiva de atribuição de sentido, utilizada pelos sujeitos como um "lugar" específico, concreto, conhecido, familiar e delimitado, com o qual eles podem se identificar.

A identificação é a palavra-chave para a compreensão da relação existente entre representação, produção e negociação dos “sentidos de si”, podendo ser definida, de acordo com Woodward (2000, p. 18), enquanto “o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades”. A produção de um “sentido de si”, ou seja, de uma identidade, se dá a partir do momento em que cada pessoa passa a identificar-se com determinadas representações e formas de comportamento. Durante esse processo, ela é convocada a tomar ou assumir para si determinadas posições sociais, por meio das quais “se constrói”, ainda que temporariamente.

Entretanto, vale destacar que a identificação não é uma construção completa ou definitiva, já que está condicionada à subjetividade, que é compreendida por Woodward (2000) como a compreensão que temos sobre o nosso “eu”. Especificando melhor, a subjetividade envolve pensamentos, sentimentos e emoções conscientes e inconscientes, os quais constituem a concepção que cada ser humano tem de si. A subjetividade diz respeito aos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e, acima de tudo, no investimento pessoal que o sujeito faz em posições específicas de identidade, o que implica a existência de instabilidades e contradições.

Na mesma perspectiva, a identificação também pode ser negada como uma construção completa ou definitiva, pois é uma prática de significação ligada ao discurso e ao fechamento e demarcação de fronteiras simbólicas, o que permite que ela seja, por maior ou

menor tempo, sustentada ou abandonada, sendo retirada dela qualquer possibilidade de totalidade ou estabilidade.

É em virtude dos instáveis processos de identificação, localizados no espaço e no tempo simbólico, que as representações têm a capacidade de formar e moldar as pessoas, fazendo com que a identidade adquira um sentido, isto é, passe a existir.

[...] é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Nesta perspectiva, os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar [...] identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso (WOODWARD, 2000, p. 17).

Nesse caso, representar significa dizer: “a identidade é isso ou aquilo” ou ainda, “a identidade não é isso ou aquilo”. Orientados por Silva (2000), não podemos deixar de levar em conta essas segundas duplas aspas, pois elas nos remetem à questão da não-identificação, ou seja, da diferença. O autor destaca, acima de tudo, que as identificações e os “sentidos de si” são construídos a partir da diferença e não fora dela. A diferença implica no reconhecimento de que é apenas por meio da relação com aquilo que o sujeito não “é”, ou melhor, daquilo que ele exclui como sendo oposto e diferente de si, que as identidades podem ser construídas.

Explicando melhor, os processos de identificação vão sendo realizados mediante formas de comportamento que, ao serem representadas nos diferentes suportes de linguagem, são negadas e deixadas de fora pelo sujeito. Nessa perspectiva, a identificação está subordinada, como todas as práticas de significação, ao “jogo” da diferença, requerendo, para consolidar seu processo, daquilo que é recusado e deixado à margem, ou seja, do exterior que a constitui (SILVA, 2000).

Conforme Woodward (2000), os processos de diferença se dão a partir de sistemas classificatórios, os quais lidam com oposições binárias em relação a outras identidades - como, por exemplo, homem/mulher, pai/mãe, heterossexual/homossexual, feio/bonito, jovem/idoso, gordo/magro - fazendo com que elas sejam sempre produzidas, sobretudo, por meio do outro ser humano, ou seja, com aquilo que o sujeito pensa que não é, e, precisamente, com aquilo que falta a ele.

Para Woodward (2000), a diferença e suas oposições binárias são sustentadas pela não-aceitação e, mais especificamente, fazem parte de um processo de exclusão social, que ocorre cada vez em que uma pessoa recusa uma identidade, por considerá-la oposta a si. A autora especifica que é com base na distinção social que as classificações de diferenças são “vivas” nas relações sociais, e aponta alguns exemplos de exclusão e inclusão para explicar como as identidades são construídas: segundo a pesquisadora, se você é um sujeito magro, não pode ser gordo e, sendo gordo, é inferior ao sujeito magro, ou vice-versa; se você consome produtos de determinada marca, considerada pela elite como valorativa, não consome produtos de outras determinadas marcas, consideradas pela elite como inferiores e, assim sendo, é rebaixado em relação àquele que consome marcas “valorativas”, ou vice-versa; se você é um sujeito rico, não pode ser um sujeito pobre e, sendo pobre, torna-se inferior ao rico, ou vice-versa.

Seguindo essa linha de raciocínio, Woodward (2000) explica, no entanto, que as oposições binárias, enquanto formas de classificação, não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas, já que um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. Corroborando, Silva (2000) destaca que as formas de comportamento, e conseqüentemente, as identidades, funcionam como pontos de identificação e apego, exatamente devido à capacidade de atribuir valores positivos e negativos, de modo a incluir e excluir, transformar o outro em igual ou diferente, em pertencente ou abjeto.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como podemos observar, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. “A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e que o fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” (SILVA, 2000, p. 82).

Para Silva (2000), juntamente com as distinções e demarcações de fronteiras estão os processos de normalização. Normalizar significa atribuir a uma forma de comportamento e, conseqüentemente, a uma identidade, todas as características positivas possíveis, em relação às quais outras formas de comportamento e identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. O teórico esclarece que a força da forma de comportamento “normal” está exatamente no fato de que ela é vista como natural, desejável, única; aliás, o que propicia a

identificação é o fato dela nem sequer ser vista como uma entre as muitas formas de comportamento, mas simplesmente como a única forma de comportamento possível. É exatamente esse processo que torna a fixação de uma determinada forma de comportamento como norma, em uma forma privilegiada de hierarquização das identidades e das diferenças.

Contudo, não podemos deixar de levar em conta que, na produção da diferença, o anormal é inteiramente constitutivo do normal, da mesma maneira como a identificação depende da diferença. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do que é incluído. “A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural, é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural e, conseqüentemente, excluído socialmente” (SILVA, 2000, p. 82).

Tal demarcação de fronteiras, de separação, distinção e exclusão social, realizada por intermédio do processo de normalização, está sujeita aos vetores de força, ou seja, às relações de poder. Isso porque as identidades e as diferenças não são simplesmente definidas, mas impostas e disputadas socialmente, convivendo desarmoniosamente, isto é, lado a lado em um campo sem hierarquias. Identidades e diferenças traduzem o desejo de diferentes instituições e grupos sociais, assimetricamente situados para garantir o acesso privilegiado ao poder e, conseqüentemente, aos bens sociais.

Um exemplo de evidentes indicadores de posições de sujeito fortemente marcadas por relações de poder é dado por meio da diferenciação lingüística não simétrica existente nas oposições binárias (“ser isto” significa “não ser isto”), que pode ser apresentada, por exemplo, sob as definições discursivas de demarcação de fronteiras (“nós” e “eles”); de inclusão/exclusão (“estes pertencem”, “aqueles não”); de classificações (“bons e maus”), (“puros e impuros”), (“desenvolvidos e primitivos”), (“racionais e irracionais”); entre outras.

Essa diferenciação lingüística demonstra, no processo de construção da identidade e da diferença, o estabelecimento de relações de força e de poder entre grupos sociais que, ao classificarem, separarem e demarcarem fronteiras, inevitavelmente julgam e condenam as pessoas a certo modo de vida que as inclui ou exclui da sociedade. Entretanto, não são classificações fixas, já que entre os grupos de poder estão “jogos” de interesses políticos, econômicos, institucionais, sociais etc. Esses vetores de força assinalam a indeterminação e a instabilidade como características inerentes à identidade e diferença, sendo elas, portanto, construções fundamentalmente indefinidas, incertas e vacilantes.

Características tais como a indeterminação e a instabilidade, além da mutabilidade, descentralização, contradição e heterogeneidade, já citadas nesta seção, fazem com que os sujeitos pós-modernos sofram de uma crônica falta de recursos com os quais possam construir

uma identidade verdadeiramente sólida e duradoura. Ao mesmo tempo, ressaltamos que a sociedade contemporânea encoraja, como uma necessidade, que esses mesmos sujeitos tenham uma identidade bem delineada, coerente, solidamente fundamentada e resistente a oscilações. Nessa perspectiva, tê-la “pela vida afora” passa a ser, ao mesmo tempo, uma busca e um problema, já que a instabilidade própria da modernidade líquida não permite que as pessoas possam manter-se fiéis a qualquer identidade por muito tempo. Essas considerações nos fornecem uma resposta negativa ao questionamento levantado no final da seção 1.3. *É possível à mulher pós-moderna se fixar a uma nova identidade feminina - decorrente de sua inserção na esfera pública - tendo-a como verdadeiramente sólida e duradoura, mediante a crônica falta de recursos estruturais com os quais possa delineá-la?*

Nesses termos, abrimos parênteses para ressaltar que a gravidade específica desse problema identitário não é a mesma para todos os seres humanos. A crise identitária afeta as pessoas em diferentes graus e traz conseqüências de significação variáveis, conforme sejam seus alvos de vida, anseios e desejos. Contudo, é característica fundamental dos sujeitos plenamente inseridos no modo de vida pós-moderno a angústia relacionada aos problemas da identidade, os quais estão longe de ser resolvidos, como pudemos perceber no decorrer desta seção.

São pessoas que vivem suas subjetividades em um contexto histórico-social cujos discursos heterogêneos e conflitantes - carregados de produções simbólicas, formas de conduta ligadas à cultura, relações de poder e saber entre as mais variadas instituições e grupos - dá significado à experiência que elas têm de si, de modo a adotarem uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos por esses discursos, eles só são eficazes na construção de determinadas identidades porque recrutam cada indivíduo como sujeito que se identifica, se diferencia e se posiciona, estabelecendo um “sentido de si” e fazendo da identidade, antes de tudo, uma fabricação, um efeito, enfim, uma construção realizada historicamente por práticas discursivas.

Em decorrência dessa concepção de identidade como construção discursiva, o entrecruzamento entre linguagem, sociedade, história e memória alicerça nossas reflexões sobre o processo de construção de novas identidades femininas na revista *Veja – Edição Especial Mulher*. A relação que se estabelece entre esses quatro elementos para a construção de nosso objeto de pesquisa propicia-nos a tomar como fundamentação teórica algumas das formulações pertencentes ao campo de conhecimento da Análise de Discurso. Contamos com os avanços propostos por Michel Pêcheux na terceira época de sua teoria e, sobretudo, com as formulações que compõem a teoria do discurso de Michel Foucault, as quais, apresentadas no

capítulo seguinte, nos permitirão, mais adiante, observar a produção discursiva de nosso objeto de pesquisa em sua espessura sócio-histórica.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DE DISCURSO: O DIZER COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO

“Intercâmbios, leituras e confrontos que formam as suas condições de possibilidade, cada estudo particular é um espelho de cem faces (neste espaço os outros estão sempre aparecendo), mas um espelho partido e anamórfico (os outros aí se fragmentam e se alteram)”.

De Certeau

Neste capítulo, traçamos uma breve trajetória teórica em busca dos fios que tecem a Análise de Discurso (doravante AD); o campo do saber que alicerça nossa investigação sobre o processo histórico-discursivo de constituição de novas identidades femininas na revista *Veja - Edição Especial Mulher*. Tais fios são variantes desse campo de conhecimento que nos permitem abordar a AD como uma teoria não homogênea. Referem-se, sobretudo, ao desenrolar, do ponto de vista teórico, dos estudos apresentados por Michel Pêcheux e Michel Foucault, os quais amparam e estruturam reflexões sobre o discurso.

Para abordarmos o tecer desse emaranhado de variantes, dividimos este capítulo em quatro seções, nas quais realizamos uma reflexão sobre a relação que ambos os teóricos estabelecem entre sujeito, discurso e história. Na primeira seção, apresentamos brevemente a fundação, o contexto epistemológico e algumas noções basilares da AD, as quais foram estabelecidas por Michel Pêcheux e colaboradores, sobretudo, durante primeira e segunda época da teoria. Enfocamos primordialmente e de forma conjunta - em uma leitura não-linear dos textos pertencentes às duas épocas - os conceitos-chave formulados por Pêcheux sob a ótica da teoria das formações sociais e ideológicas desenvolvida por Althusser. Vale destacar que não lançamos mão dessas noções como dispositivos para nossas análises; nosso objetivo é problematizar as conseqüências dessas formulações para uma reflexão do discurso em sua espessura histórica.

Na segunda seção, situamos especificamente a terceira época da AD, quando Pêcheux se desloca de um althusserianismo estrito, abre várias problemáticas e reordena o projeto

epistemológico da teoria, por intermédio de uma aproximação com as teses da Nova História e com a teoria do discurso erigida por Michel Foucault.

Nas terceira e quarta seções deste capítulo, trazemos os conceitos pertencentes à teoria do discurso formulada por Foucault - eixo central de nossa pesquisa - os quais nos possibilitam compreender de que maneira o teórico trata o discurso em sua profundidade histórica, quando descreve e analisa a maneira como se entrecruzam regimes de práticas e séries de enunciados.

É o entrelaçar existente entre a terceira época da AD estabelecida por Michel Pêcheux e a teoria do discurso erigida por Michel Foucault que nos fornecerá suporte para, posteriormente, analisarmos novas identidades femininas na revista *Veja – Edição Especial Mulher* como um acontecimento histórico resultante da produção de discursos.

2.1 Michel Pêcheux e a articulação entre sujeito, discurso e história

A Análise de Discurso de linha francesa foi inaugurada por Michel Pêcheux e nasceu na França, durante a década de sessenta, numa conjuntura científica dominada pelo estruturalismo, bem como, num momento contemporâneo à revolta estudantil ocorrida em maio de mil novecentos e sessenta e oito contra o poder político ditatorial francês.

Essa cena política e histórica influenciou o surgimento da teoria erigida por Pêcheux, pois, conforme situa Courtine (1999), trouxe à frente uma produção e multiplicação de discursos contrários à censura, à violência e à tortura militar, os quais apareceram nas ruas, nos muros e na mídia, deixando inúmeros traços textuais. De acordo com Orlandi (1999b), tal conjuntura foi vista pelo grupo em torno de Pêcheux - constituído por colaboradores como Paul Henry, Michel Plon, Catherine Fuchs, Denise Maldidier, Jean-Jacques Courtine, Claudine Haroche etc - como um acontecimento discursivo desencadeador de um processo de produção de sentidos, os quais afetaram de maneira explosiva a história e a sociedade política e cultural.

Esse “momento discursivo” (COURTINE, 1999) repercutiu no trabalho realizado pelo grupo pecheutiano, tornando os discursos de esquerda veiculados em textos impressos uma preocupação considerável para análises - ainda que esse tipo de discurso não tenha sido objeto de estudo inteiramente exclusivo de tais analistas durante todo o percurso da teoria.

Contudo, o surgimento da AD na década de sessenta não decorreu, unicamente, por razões exteriores ao campo científico. Como dito anteriormente, o aparecimento da teoria se

deu também numa conjuntura dominada pelo estruturalismo, ainda pouco criticado na lingüística daquela época; um âmbito em que as análises pautavam-se num modelo abstrato e ideal de língua e enfocavam somente seu aspecto meramente formal e categorizador, descrevendo os arranjos textuais e discursivos na sua intrincação material, de modo a colocar em suspenso a produção de interpretações (PÊCHEUX, 1997a).

Apartidários desse viés, os analistas de discurso procuraram ir para além dos limites impostos por uma lingüística da língua, isto é, buscaram ultrapassar os limites da frase, considerada como o último nível da análise na combinatória estruturalista. Os estudiosos do discurso se esforçaram para escapar da dupla redução da linguagem à língua como objeto ideologicamente neutro, e ao código como função puramente informativa (MALDIDIER et al, 1997). Além disso, negaram a utilização de atividades concernentes a usos semânticos e sintáticos enquanto um meio para se obter a compreensão de um texto - pautada em questões como “de que fala o texto”, “quais são as idéias principais contidas neste texto”, “o que o autor quis dizer” (MALDIDIER, 2003).

Para ultrapassar uma lingüística da língua, o grupo em torno de Michel Pêcheux abordou o papel da linguagem, estabelecendo um novo objeto de estudo: o discurso, compreendido como palavra em movimento, num entrecruzamento de aspectos sociais, históricos e ideológicos que a perpassam e a constituem, conforme articula Orlandi (1999a); língua que, em relação à exterioridade, é observada em sua subjetividade, resultando em sentidos móveis e sujeitos à transformação.

A fim de investigar esse novo objeto, os analistas de discurso criaram todo um dispositivo teórico, por meio do qual se opera a ligação entre o nível propriamente lingüístico e o extralingüístico, de modo a relacionar o atravessamento existente entre o caráter formal da língua e as entradas subjetivas e sociais que são constitutivas do homem e da história (ORLANDI, 1999a).

Por intermédio desse dispositivo teórico, Pêcheux (1993a) analisa a língua funcionando para a produção de sentidos e, para tanto, não a observa somente em sua transparência, isto é, a partir de sua materialidade lingüística - como próprio do estruturalismo - mas, também, em sua opacidade, ou seja, por meio de sua materialidade sócio-histórica e ideológica, que resulta de condições de produção específicas. Tais condições abrangem os fatores extraverbais que integram às circunstâncias da enunciação, às relações de ambiente material, às situações vividas pelos sujeitos (denominadas de condições de produção em sentido imediato), bem como o momento sócio-histórico e ideológico que permeia a enunciação (denominado de condições de produção em sentido amplo).

Ao considerar, para a produção de sentidos, a relação que se constitui entre a materialidade lingüística e a materialidade sócio-histórica e ideológica, Pêcheux (1997a) nega a crença na existência de um sentido evidente, fixo, único ou verdadeiro, assim como uma interpretação nova e inédita, destinada a derrubar todas as outras interpretações e todos os outros sentidos. O teórico avalia que os sentidos podem sofrer deslocamentos, em decorrência dos fatores extraverbais e, portanto, estabelece a possibilidade de efeitos de sentido, ou seja, probabilidades de interpretação, as quais são derivadas de diferentes gestos de leitura, produzidos por sujeitos situados em distintos lugares sócio-históricos e ideológicos. Para o autor, a relação entre a materialidade lingüística e a materialidade sócio-histórica e ideológica pode completar e modificar os sentidos; completar os sentidos, já que a língua não fornece todas as condições para sua interpretação, e modificá-los, pois os fatores extraverbais podem alterar os sentidos do que se diz.

Levando em conta a dinamicidade do sentido, Pêcheux (1999a) formula procedimentos teóricos passíveis de expor o olhar de um analista da linguagem aos níveis opacos do texto - tido como um produto, isto é, um espaço para a materialização de processos discursivos - de modo a romper as estruturas lingüísticas e descortinar o que está entre a língua e a fala, na exterioridade. Ao ordenar tais dispositivos para a interpretação, a AD fica caracterizada, conforme situa Orlandi (1999a), como uma teoria de análise semântica, mas também, como uma teoria de leitura.

Leitura definida por Orlandi (1999c) enquanto processo que supõe o real - não observado pelos sujeitos em sua concretude, mas em versões dos fatos afetadas pelo simbólico, uma vez que, sob a perspectiva discursiva, os textos são, ao mesmo tempo, integralmente lingüísticos e históricos. Leitura também considerada por Orlandi (1999a) como atividade que possibilita a problematização, o levantamento de questões sobre o que se é produzido nas diferentes manifestações de linguagem; que não constrói no leitor a ilusão de que se pode alcançar a consciência de tudo, mas que o permite ter, ao menos, uma relação menos ingênua com a linguagem.

Tal trabalho de leitura gira, basicamente, em torno de duas questões, conforme delinea Fernandes (2005): a) como o texto diz o que diz, ou seja, de que maneira a materialidade lingüística diz o que diz e produz determinados efeitos de sentidos, na relação com sua exterioridade, com o social, enfim, no espaço em que o lingüístico, o histórico e o ideológico coexistem compreendidos como discursos? b) por que o texto diz o que diz, isto é, pelo qual motivo sócio-histórico e ideológico tal materialidade lingüística diz o que diz e produz determinados efeitos de sentidos?

Conforme Orlandi (1999a, p.26), essas questões propiciam a realização de gestos de interpretação, mas acima de tudo, permitem a um analista da linguagem averiguar como um objeto simbólico produz efeitos de sentido, isto é, compreender de que maneira as interpretações funcionam. Esse exame “[...] procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem”. Nessa perspectiva, a autora especifica que os analistas de discurso não estacionam na interpretação, mas tratam seus limites e seus mecanismos como parte dos processos de significação.

Para dar conta desse exercício analítico, o grupo em torno de Michel Pêcheux edifica todo um legado teórico, estruturado no entrecruzamento de três regiões de conhecimentos científicos: a) o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e ideológicas; b) a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; c) a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos; d) todos esses campos, atravessados por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica, que traz o inconsciente para o interior das reflexões discursivas (PÊCHEUX; FUCHS, 1993).

Na articulação com essas diferentes teorias, Pêcheux se aproxima de pensadores que, ao seu tempo e de maneiras diversas, contribuem, enquanto pilares teóricos, para o desenvolvimento da AD, conforme apresenta Gregolin (2003). São eles: a) Althusser, com sua releitura das teses marxistas; b) Bakhtin e o fundamento dialógico da linguagem, que leva à AD a abordar a heterogeneidade constitutiva do discurso; c) Foucault, com a noção de formação discursiva, da qual derivam vários outros conceitos, como interdiscurso, memória discursiva etc; d) Lacan e sua leitura das teses de Freud sobre o inconsciente, o simbólico e a formulação do conceito de formações imaginárias.

No entanto, Gregolin (2003) abre parênteses para salientar que as formulações de tais teóricos não são apenas transferidas para o dispositivo teórico da AD, mas interpretadas e reelaboradas por Pêcheux e colaboradores, de modo a criar diferenças. Ao lançar mão dessas áreas de conhecimento, o grupo pecheutiano acaba por levantar uma série de constantes questionamentos que, no decorrer das três épocas da teoria, deslocam, sobretudo, os conceitos de língua, discurso, sujeito e história, abordados pelo estruturalismo como noções estáveis, centradas e homogêneas.

A relação estabelecida por Pêcheux entre língua, discurso, sujeito e história, durante a primeira e segunda época da AD, está fortemente embasada pela teoria das formações sociais e ideológicas desenvolvida por Althusser. Influenciado por um althusserianismo estrito, Pêcheux (1997b) desconsidera a língua enquanto um universo de signos que serve apenas

como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento e passa a vê-la como modo de produção social e, conseqüentemente, enquanto fenômeno que se insere na história e se materializa na ideologia para produzir sentidos; lugar possível para a manifestação ideológica e, respectivamente, espaço discursivo onde ocorrem o conflito e o confronto de classes sociais.

Vale destacar que a ideologia é compreendida por Althusser (1985) não em seu sentido negativo, como outrora formulada na leitura dogmática de Marx¹¹, mas considerada como a maneira pelas quais os homens vivem as relações com suas condições materiais de existência; relação necessariamente imaginária, ou seja, um conjunto lógico, sistemático, coerente de representações de idéias, valores de normas, regras de conduta que determinam os sujeitos e que supõem um distanciamento da realidade, o que pode ser a causa para a transposição e para a deformação imaginária das condições reais do homem, isto é, para a alienação.

Para Althusser (1985), essas idéias, valores de normas e regras de conduta dos sujeitos, existem em seus atos e ganham materialidade, enquanto práticas de classes sociais, por meio de instituições distintas e especializadas, denominadas pelo teórico como aparelhos ideológicos do estado (doravante AIE). São elas: a religião, a escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a mídia, a cultura etc, as quais influenciam secundariamente os sujeitos por meio de um caráter moldador de ações, tentando forçar - de forma dissimulada e simbólica - uma classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração de uma classe dominante.

Conforme Pêcheux e Fuchs (1993), essa moldagem de ações funciona mediante a interpelação/assujeitamento, que consiste em fazer com que cada indivíduo - sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é livre para pensar e exercer sua própria vontade - seja conduzido ideologicamente a se identificar com uma ou outra classe social, de modo a ocupar e falar a partir daquele lugar; ao ser interpelada a tomar para si um lugar no sistema de produção, toda pessoa, enquanto sujeito, age como uma espécie de porta voz de determinados aparelhos ideológicos. A partir dessas formulações, os dois autores caracterizam o sujeito como efeito ideológico elementar, ou seja, sujeito que tem a impossibilidade de escapar da ideologia.

¹¹Em seu legado teórico, Marx considera a ideologia como falso imaginário que distancia o homem da sua realidade concreta, de modo a escamotear, dissimular a dominação de classe e ocultar a presença da contradição entre força de produção, relações sociais e consciência, as quais são resultantes da divisão social do trabalho material e intelectual (ALTHUSSER, 1985).

Pêcheux (1997b) destaca que são, na verdade, diferentes interpelações, provenientes de um confronto de relações de classes e, conseqüentemente, de distintas posições políticas e ideológicas, organizadas de forma a entreter entre si relações de aliança, antagonismos ou de dominação. Tais lugares ideológicos ocupados pelo sujeito nessas relações vêm, conforme Henry (1993), confirmar a existência de diferentes ideologias, isto é, de distintas posições ideológicas que, no interior dos AIE, vivenciam uma ininterrupta luta de classes, de modo a conquistar a legitimação do poder - alcançado, não necessariamente, por uma classe dominante.

A organização dessas diferentes posições existe sob a forma conceitual de formação ideológica - doravante FI - termo utilizado por Pêcheux e Fuchs (1993) para caracterizar um elemento suscetível de intervir, em dado momento, como uma força em confronto com outras forças dentro de uma formação social - o que não significa que uma FI comporte, necessariamente, posições conflitantes, mas, também, relações contratuais ou de dominação; elemento que constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações nem "individuais", nem "universais", mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras. Para Pêcheux (1997b), o funcionamento da ideologia como interpelação dos indivíduos em sujeitos se realiza por meio do complexo das FIs, as quais fornecem para cada sujeito sua "realidade", enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas e aceitas.

Tais FIs ganham existência quando materializadas por uma ou várias formações discursivas (doravante FD) interligadas; noção erigida por Foucault (1997) e reformulada por Pêcheux e Fuchs (1993) para fazer referência àquilo que, dentro de uma determinada FI e a partir de uma determinada posição, em uma determinada época e conjuntura social, determina o que pode e o que deve ser dito.

Conforme Pêcheux (1997b), a interpelação do indivíduo em sujeito se realiza pela sua identificação com as FDs que o dominam, as quais representam, na linguagem, as FIs que lhes são correspondentes. O teórico conceitua essa identificação de forma-sujeito, pois compreende que o indivíduo, ao ser interpelado ideologicamente, é levado a se identificar com classes de determinadas formações sociais para, consecutivamente, ocupar diferentes lugares institucionais, variáveis e determinados. Ao posicionar-se nesses distintos lugares, o sujeito adquire diferentes formas, configurações, pois passa a enunciar somente a partir do que pode e do que deve ser dito dentro desses espaços em um dado momento da história.

Pêcheux (1997b) leva em conta as posições ideológicas ocupadas pelo sujeito no processo sócio-histórico e, conseqüentemente, as formas-sujeito que ele adquire, para definir

a relação existente entre sujeito, língua, discurso e ideologia. Considera que se esses diferentes e conflitantes lugares ocupados pelos sujeitos coexistem socialmente, o mesmo acontece, conseqüentemente, no lingüístico, já que os enunciados, caracterizados como inconstantes e móveis, partem de sujeitos que ocupam determinadas posições para falar de determinados lugares sociais e em circunstâncias específicas. Nessa perspectiva, a forma-sujeito acaba por determinar os sentidos das palavras, expressões e proposições, pois, para o autor, tais sentidos não existem na relação transparente com a literalidade do significante.

[...] as palavras, expressões, proposições etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem [...] Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (PÊCHEUX, 1997b, p. 160).

A partir da afinidade que estabelece entre os conceitos de FI, FD e forma-sujeito, Pêcheux (1997b) considera a ideologia imprescindível para a noção de língua e, conseqüentemente, de discurso. Em específico, compreende o discurso como o lugar onde se pode observar a relação existente entre a língua e a ideologia. O autor explica que se o sistema lingüístico é dotado de uma relativa autonomia - sendo, portanto, indiferente à divisão de classes sociais - as leis internas ao sistema da língua não o são, pois servem de base comum para a realização de processos discursivos diferenciados, os quais manifestam alianças ou confrontos históricos entre classes distintas.

Essa distinção fundamental leva Pêcheux (1997b) à compreensão de que a língua constitui a condição de possibilidade do discurso, pois ela é uma espécie de invariante pressuposta por todas as condições de produção possíveis em um momento sócio-histórico e ideológico determinado. Tal distinção também permite ao teórico observar que os processos discursivos constituem a fonte de produção dos efeitos de sentido e que a língua é o lugar material onde se materializam esses efeitos.

Pêcheux e Fuchs (1993) compreendem que esses efeitos de sentidos são provenientes do entrecruzamento de uma multiplicidade de diferentes discursos em uma mesma FD. São discursos distintos, em concordância ou antagonismo, que coexistem em uma FD justamente porque na exterioridade da língua há posições ideológicas divergentes que se contrastam, ou seja, diferentes inscrições de sujeitos em uma mesma sociedade que geram conflito e contradição. Tais discursos, ora convergentes e ora conflituosos, já foram ditos em outras

épocas, em outros momentos da história e são provenientes de diferentes lugares sociais e ideológicos. São dizeres distintos, dispersos, apagados, silenciados na história, denominados de interdiscurso (COURTINE, 1981). Para Pêcheux e Fuchs (1993), essa multiplicidade de discursos que se entrecruza no interior de uma FD materializa uma ou mais FIs, manifestando a história dos modos de produção, isto é, a luta de classes.

Tal entrecruzamento de discursos no interior de uma FD leva Pêcheux (1993b) a constatar que ela não é um espaço estruturalmente fechado, mas heterogênea a si própria, tendo o seu fechamento fundamentalmente instável. O teórico assinala que por meio do entrelaçamento de discursos, uma FD é constitutivamente invadida por várias outras FDs que se repetem nela, fazendo com que suas fronteiras se desloquem em função dos embates da luta ideológica. É em consequência dessa heterogeneidade - embora uma FD determine a seus falantes “o que deve e pode ser dito”, buscando uma homogeneidade discursiva - que os efeitos das contradições ideológicas de classe são recuperáveis no interior da “unidade” dos conjuntos de discurso.

É possível observamos, por intermédio da breve explanação de conceitos realizada até aqui, que Michel Pêcheux acentua, na primeira e segunda época da AD, o papel da luta ideológica de classes na produção dos sentidos. Apesar de o grupo em torno de Pêcheux demarcar que o dispositivo teórico da AD estabelece uma intrínseca ligação entre discurso, sujeito e história, Courtine (1999) chama a atenção para o fato de que a história observada por tais analistas na materialidade discursiva é a história da luta de classes em conflito no interior dos aparelhos ideológicos; história dos modos de produção/transformação das relações de classe, que é levada em conta cada vez que os estudiosos da linguagem analisam a maneira como determinado discurso reproduz uma FI, na qual encontram a evidência de seu sentido.

Isso é admitido pelas palavras do próprio Pêcheux (1997b, p. 190), quando assume o conceito de história formulado por Althusser, compreendo-a como um imenso sistema “natural-humano” em movimento, cujo motor é a luta de classes; um tecido em que se desenvolve a produção/transformação das relações de classes. O teórico evidencia a aceitação do conceito de história althusseriano, ao afirmar que “[..] a história da produção dos conhecimentos não está acima ou separada da história da luta de classes, como o “bom lado” da história se oporia ao “mau lado”; esta história está inscrita, com sua especificidade, na história da luta de classes”.

Com base no exposto, Courtine (1999) opina, afirmando que na relação entre o processo discursivo e o processo histórico, Pêcheux ressalta mais o aspecto ideológico do que o histórico e produz uma série de reduções daquilo que se pode entender por discurso, bem

como o apagamento de toda a dimensão histórica inscrita nos processos discursivos. Courtine (1999) atribui essas reduções a duas determinações: ao vínculo que a pesquisa lingüística e discursiva na França manteve com o marxismo nos anos sessenta, bem como, aos acontecimentos político-ideológicos ocorridos em maio de sessenta e oito, dos quais a AD é contemporânea. Para o autor, tais determinações conduziram a teoria a se constituir, ao mesmo tempo, como uma intervenção científica e como uma intervenção política, as quais se refletem fortemente nas duas primeiras épocas do trabalho de Pêcheux, levando-o a realizar uma redução do histórico ao político, uma submissão do político ao ideológico e uma segunda redução, do ideológico ao discursivo.

Ao realizar tais críticas, Courtine (1999) defende a necessidade de devolver ao discurso sua espessura histórica. Essa é uma tentativa realizada pelo grupo em torno de Pêcheux, na terceira época da teoria, que temporalmente, se marca como o período de 1980 a 1983. É o momento de aproximação com os historiadores da Nova História e com a teoria do discurso erigida por Michel Foucault, quando Pêcheux muda os rumos em relação às pesquisas feitas até então, o que situamos a seguir.

2.2 A terceira época da Análise de Discurso: o estilhaçar dos espelhos

Conforme situa Gregolin (2006a), as decepções políticas, o panorama econômico em constante transformação, a fragmentação das esquerdas e a crise simultânea do marxismo e do estruturalismo ocorridas na França durante a década de oitenta, levaram à AD uma necessidade de mudanças e retificações em seu dispositivo teórico, numa reordenação de seu projeto epistemológico. As categorias althusserianas e as análises de discursos de esquerda em *corpus* escritos, utilizadas pela AD da primeira e segunda época, já não se encaixavam mais nessa nova conjuntura social francesa - um contexto em que a classe operária, antes engajada em uma “marxização” generalizada, passa a adquirir uma nova identidade, em decorrência de fenômenos como a globalização, as reconfigurações trabalhistas e a expansão da mídia, que instala uma “revolução” áudio-visual, produzindo novas representações e desejos.

Essa cena política e histórica se impôs e se refletiu nos trabalhos elaborados por Pêcheux no decorrer da terceira época da AD. Durante um período de três anos, o teórico se afasta do althusserianismo estrito e dos conceitos a ele ligados - como, por exemplo, os AIE, o sujeito interpelado pela ideologia, a história como luta de classes - de modo a realizar uma desconstrução de bases longamente gestadas desde a década de sessenta. Numa tentativa de

abrandar a redução que fez da história ao nível ideológico, Pêcheux “parte alguns espelhos” e muda o rumo das pesquisas feitas até então, por intermédio de uma aproximação com as teses da Nova História elaboradas pela Escola dos *Annales* (M. de Certeau, J. Le Goff, P. Nora etc), com a teoria do discurso formulada por Michel Foucault e com os trabalhos produzidos pelo círculo em torno de Mikhail Bakhtin.

De acordo com Gregolin (2006b), esse encontro é propiciado por pesquisadores como D. Maldidier, J. Guilhaumau, J-J. Courtine e J. Authier-Revuz, cujos trabalhos realizam uma fusão entre as propostas da AD, teses foucaultianas, bakhtinianas e dos historiadores de *Annales*. São estudos que rearticulam o lingüístico e o histórico e enfocam a heterogeneidade do discurso, indicando algumas direções possíveis para as análises discursivas. Por meio dessas composições, Pêcheux incorpora novos conceitos ao quadro teórico da AD. São eles: a) o estudo das articulações entre o discurso e a memória discursiva; b) a noção de heterogeneidade discursiva (relações do intradiscurso com o interdiscurso e heterogeneidades mostrada e constitutiva) e a idéia de alteridade; c) a análise das relações entre o discursivo e o histórico, motivado pela inserção dos conceitos de acontecimento, prática discursiva e arquivo; d) o uso do enunciado como unidade de análise - levando em consideração sua natureza material e histórica de acontecimento discursivo, sua inserção em uma rede de outros enunciados e a convocação de um espaço de memória; e) sob esse fundo emerge a questão central da leitura, fundada na descrição e interpretação simultâneas.

Especificamente, as pesquisas elaboradas por J-J. Courtine, J. Guilhaumou e D. Maldidier propiciam a Pêcheux uma aproximação com a obra de Michel Foucault, que é demonstrada em vários de seus trabalhos (PÊCHEUX, 1990, 1994, 1999a, 1999b etc) e visível, sobretudo, em uma de suas produções mais significativas, intitulada *Discurso: estrutura ou acontecimento?* (1997a). Nessa obra, em especial, o fundador da AD procura descrever a maneira como se entrecruzam historicamente regimes de práticas e séries de enunciados, de modo a possibilitar uma reflexão do discurso no interior de um feixe de relações entre língua e história (COURTINE, 1999). Essa relação passa a ser observada por Pêcheux mediante a incorporação de noções foucaultianas, tais como: a) estrutura e acontecimento discursivo; b) o estabelecimento do enunciado como unidade de análise e da localização de inter-relações entre a materialidade do discurso e a história; c) o conceito de FD, que deixa de ser referida a um exterior ideológico para ser observada enquanto fronteiras que se deslocam e buscam na dispersão dos lugares enunciativos do sujeito; d) o conceito de campo associado, por meio do qual é desenvolvido o conceito de memória discursiva; e) a mudança na concepção de documentário histórico, a partir da valorização da leitura do

arquivo; f) a proposta de análise de materialidades discursivas implicadas em rituais ideológicos, discursos filosóficos, formas culturais e estéticas, através das relações com o cotidiano (PÊCHEUX, 1997a).

Acatando a influência foucaultiana, novos trabalhos em AD vão se delineando nas duas últimas décadas, principalmente entre os estudiosos de discurso no Brasil. São análises que tomam metodologicamente a linguagem e a história para descrever as articulações entre a materialidade discursiva, sua inserção em formações discursivas, sua circulação através de práticas e relações de saber e seu controle por princípios relacionados ao poder. Por meio desse movimento teórico-metodológico, tais analistas de discurso se aproximam, em muito, de alguns pontos prenunciados por Pêcheux na terceira época de sua teoria. É a essa vertente foucaultiana de estudos discursivos que nos filiamos e que nos remetemos nas seções a seguir.

Ao apresentar tais seções, nosso objetivo é indicar alguns momentos nos estudos de Michel Foucault em que ele pensou sobre a articulação entre o discurso e a história e, portanto, elaborou conceitos que indicam direções para a AD. Vale salientar que, conforme nos adverte Gregolin (2004b), o caminho que percorremos é uma das muitas leituras possíveis de um pensador cuja fecundidade se presta a várias interpretações. Trata-se de uma abordagem parcial, que se apresenta como um trajeto possível de acesso ao universo foucaultiano. A partir de sua obra *A arqueologia do saber* (1997), buscamos formar um conjunto possível que nos abre possibilidades para compreender as novas identidades femininas na revista *Veja – Edição Especial Mulher* como um acontecimento histórico resultante da produção de discursos. Ao acompanharmos esse percurso arqueológico, estaremos próximos das fontes de um diálogo estabelecido entre Foucault e a AD desenvolvida por Pêcheux em sua terceira época. Procuramos, portanto, visualizar Foucault no campo da AD: um lugar propício para o desenvolvimento de uma concepção de discurso fortemente ancorada na história.

2.3 Michel Foucault e a articulação entre sujeito, discurso e história

A obra de Michel Foucault surgiu e se firmou na França dos anos 60, em meio ao paradigma estrutural que se impunha às ciências humanas; obra ampla, complexa e de longo percurso, que se relaciona tensivamente a uma tríplice aliança - Nietzsche, Freud e Marx - por meio da qual o teórico estabelece uma densa relação com as problemáticas da história e da filosofia (GREGOLIN, 2006a).

Mediante o diálogo conflituoso com esses dois campos do conhecimento, Foucault realiza um exercício crítico de pensamento, que vai sendo produzido em meio a reexames, abandonos, modificações e ampliações, num movimento contínuo de retomada e de deslocamento, como resultado dos debates e críticas que o autor faz à sua própria produção intelectual (REVEL, 2005).

Rojas (2000) define o trabalho teórico de Foucault para além do estruturalismo e o considera dificilmente classificável dentro de uma das grandes tendências ou correntes de pensamento, bem como impossível de “envasar” dentro de uma única das diferentes ciências sociais. Na mesma perspectiva, em toda a trajetória de sua obra, Foucault rejeita rótulos, tendo como preocupação constante desfazer-se de qualquer adesão ou aderência, conforme assinala Dosse (2001). A dificuldade de caracterizar Foucault como um intelectual representante de uma determinada *episteme* se dá por que, a cada nova produção, o teórico se desprende de si mesmo e realiza incursões em campos diferenciados do conhecimento, deslocando as disciplinas e os saberes, a fim de angariar suporte para erigir seu projeto de pesquisa de mais de duas décadas: a produção de uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano no ocidente, isto é, a investigação dos dispositivos e técnicas de fabricação histórica elaboradas pela sociedade que instituem um indivíduo em sujeito (FOUCAULT, 2001).

A partir dessa problemática, o projeto de Foucault se abre para três domínios: os eixos do ser-saber, ser-poder e ser-si, por meio dos quais investiga: a) o sujeito em relação à verdade e ao saber, o que leva o filósofo a compreender as estruturas de construção dos discursos; b) o sujeito em relação à força e ação sobre os outros, ou seja, ao poder; c) o sujeito em relação à ética e aos agentes morais, isto é, aos dispositivos de estruturação de certos comportamentos e práticas do campo da sexualidade e da formação do “eu” (FOUCAULT, 2001). A divisão de uma investigação do sujeito em três domínios justifica-se porque, para Foucault, a noção de sujeito é histórica e tem diferentes usos em distintas *epistemes*.

O sujeito constitui, portanto, o objeto para o qual Foucault volve o olhar, pensando-o como uma construção realizada historicamente pelas práticas discursivas, isto é, por códigos de permissão, interdição e maneiras peculiares de pensar o mundo, elaboradas pela sociedade para ensinar cada indivíduo a se calcular como um objeto de si mesmo. Partindo dessa observação, Gregolin (2006a) ressalta que os domínios do ser-saber, ser-poder e ser-si estão sempre articulados a uma reflexão sobre os discursos e que, por conseguinte, a relação entre linguagem, história e sociedade está na base das investigações de Foucault.

Ao estabelecer tal relação, Foucault acaba por definir e descrever a proliferação de acontecimentos - ou seja, dos fatos que, enquanto uma cristalização de determinações históricas complexas, estão repletos de uma rede de discursos, poderes, estratégias e práticas - com base nos quais se formam as noções, os conceitos que atravessam e constituem o que se entende como sujeito. Gregolin (2004b) atenta para esse percurso e observa nele uma teoria do discurso que vai se delineando e encontrando lugar central na obra de Foucault, ainda que este não seja o objetivo imediato do teórico.

No entanto, esses três domínios compõem um conjunto complexo e variado de obras que representam o pensamento crítico de Foucault. Cabe-nos, no atendimento das necessidades e limitações de nossa pesquisa dissertativa, voltar o nosso olhar, nesta e na seção subsequente, para a obra *A arqueologia do saber* (1997), por meio da qual Foucault explicita e explica as categorias metodológicas por ele utilizadas para realizar uma escavação, restauração e exposição de discursos, de modo a enxergar a formação dos diferentes saberes em um determinado período histórico.

Na busca por fornecer respostas, o teórico elabora o método arqueológico, mediante o qual analisa o funcionamento das diversas modalidades de discursos que constituem as ciências humanas, observando-os enquanto prática que obedece a certas regras e a partir das quais se constituem os saberes que levam um determinado objeto a receber diferentes significações em certa época.

Tal observação se dá a partir da construção de um campo de investigação histórica e do trabalho com diferentes dimensões - filosófica, econômica, científica, política etc - articuladas entre si. Já no início de *A arqueologia do saber* (1997) Foucault toma posição a respeito da história, que considera ser estabelecida pelas lutas e batalhas discursivas. Sem se apresentar como historiador, mas como arqueólogo, o teórico esclarece o sentido de seu projeto intelectual, marca sua rejeição às idéias positivistas e empiristas da História Tradicional¹² e define sua aproximação com as teses da Nova História, elaboradas pela terceira geração da Escola dos *Annales*¹³ (DOSSE *apud* SARGENTINI, 2004).

¹²Foucault (1997) define o trabalho da História Tradicional como o estudo da história em sua evolução, linearidade e continuidade, sob o intuito de reconstruir o “rosto” de um determinado período a partir de um sistema de relações homogêneas e regulares, numa rede de causalidade entre todos os acontecimentos de uma área espaço-temporal.

¹³A partir das palavras de Dosse (*apud* SARGENTINI, 2004), a Escola dos *Annales* é apresentada como uma importante corrente de estudos que reconhece a história como uma ciência em construção e que faz recusa sistemática à História Tradicional. Os representantes da terceira geração dessa Nova História (M. de Certeau, J. Le Goff, P. Nora etc) decompõem a unidade temporal, consideram as questões sociais e culturais e reconhecem a história no interior de sua heterogeneidade e como fragmentação do real, voltando o olhar para a pluralidade de historicidades e para a observação das relações de poder - já que a difusão do domínio cultural tem como mediadores grupos sociais possuidores de um discurso dominante e de poder.

Essa nova corrente de estudos compreende que a história é composta de uma multiplicidade de durações, sendo cada uma delas portadora de certo tipo de acontecimento. Tal segmento teórico problematiza as diferentes temporalidades sociais, a pluralidade de historicidades, as múltiplas causalidades imbricadas, os desníveis, os deslocamentos, o que propicia a Foucault (1997) compreender a irrupção dos acontecimentos discursivos em meio a recortes históricos precisos - constituídos de múltiplos centros de estruturação, de dispersão e de uma pluralidade de sentidos que produzem conhecimentos em uma área do saber. A partir de uma aproximação com a Nova História, o que o arqueólogo se propõe a fazer é:

[...] “acontecimentalizar” a História, isto é, em vez de buscar o que é “evidente”, buscar a singularidade, a raridade: as conexões, os jogos de força, as estratégias que formam, num dado momento histórico, aquilo que a seguir vai ser dado como evidência - olhar o acontecimento a partir dos processos múltiplos que o constituem (as práticas, que são as condições para a sua inteligibilidade). Tomar os acontecimentos, estabelecendo uma nova noção de tempo (temporalidades múltiplas) e de espaço (emaranhado, rede de relações) (GREGOLIN, 2004a, p. 5).

Para investigar tais acontecimentos discursivos, Foucault (1997) escolhe e organiza como material de análise uma multiplicidade de documentos históricos dos mais variados tipos. No entanto, não os observa enquanto dados neutros e meio para se reconstruir o real, conforme faz a História Tradicional, mas como algo criado, produto de uma sociedade e que, portanto, produz um efeito de real e traz possibilidades de interpretação, na mesma linha de pensamento dos historiadores de *Annales* (GREGOLIN, 2004b). O que Foucault (1997) busca por intermédio de tais documentos históricos é constituir séries, definindo-lhes seus elementos e limites, descobrindo o tipo de relação que lhes são específicas e as leis que as rege. Além disso, o teórico procura descrever os jogos de correlação e de dominância entre as diferentes séries, para constituir, desse modo, séries de séries, observando nelas os espaços de dispersão e regularidade a partir dos quais nascem sentidos historicamente estabelecidos que delineiam um “quadro”, isto é, um monumento de determinado período histórico.

Para tanto, o fundamento de Foucault (1997) é a noção de descontinuidade - igualmente tomada como empréstimo da Nova História e que figura como um conceito central para ambos - sendo ela, ao mesmo tempo, seu instrumento e seu objeto de trabalho. É por meio da compreensão de uma história repleta de cesuras, complexidades e encruzilhadas e, conseqüentemente, da captação de práticas discursivas descontínuas - que se cruzam por vezes, mas que também se ignoram e se excluem - que Foucault observa os acontecimentos

discursivos que possibilitaram o estabelecimento e a cristalização de determinados saberes em dada época. Tal processo de investigação permite ao arqueólogo construir uma história geral, constituída de “múltiplos centros de estruturação, e por fim, também de dispersão; história que é necessariamente “pluralidade de sentidos” [...]” (ROJAS, 2000, p. 314-5).

Foucault (1997) esclarece que o exercício de interpretar documentos e transformá-los em monumentos de uma dada época histórica, levando-se em conta a noção de descontinuidade, implica tomar um campo imenso de possibilidades. No entanto, defende que esse trabalho é algo que se pode definir pelo conjunto finito e limitado de todos os enunciados efetivamente falados ou escritos em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um. O arqueólogo ressalta que sua atenção se volta para o enunciado justamente pelo fato de compreendê-lo como a unidade elementar do discurso, situada entre a língua como sistema de regras e o discurso efetivamente pronunciado.

2.3.1 O discurso: do enunciado ao arquivo

Para definir o que é o enunciado, Foucault (1997) observa-o mediante um princípio de diferenciação, isto é, em oposição a outros conceitos. Salienta que ele não é reconhecível devido à presença de atos de linguagem, de uma estrutura proposicional definida, seja ela simples ou complexa, nem tão pouco é localizado se chegando ao nível dos constituintes de uma frase. Quanto à proposição, o arqueólogo esclarece que, por estar no nível do discurso, o enunciado não pode ser submetido às provas de verdadeiro/falso que sobre ela incidem. Foucault (1997) opõe o enunciado à frase, pelo fato de ele não ser determinado, necessariamente, por meio de uma estrutura lingüística canônica no nível dos caracteres gramaticais, já que seu campo de abrangência se abre para as materialidades não-verbais. O teórico ainda assinala a oposição do enunciado em relação aos atos de fala, pois suas condições de existência não se dão, necessariamente, a partir da realização de um ato ilocucional, por serem bem maiores que as possibilidades de isolamento dos atos de linguagem.

Foucault (1997) também faz oposição entre a língua e o enunciado, a fim de mostrar que ambos não estão no mesmo nível de existência. O teórico compreende que a língua existe somente como um sistema de construção para enunciados possíveis. Além disso, destaca que a língua só tem existência porque é possível que seja descrita a partir de um conjunto de enunciados reais. Seguindo essa linha de raciocínio, o autor observa que o enunciado não

mantém o mesmo tipo de relação existente entre o substantivo e o que ele designa ou significa: um substantivo pode ser caracterizado com base na possibilidade de ser recorrente, definição que não se aplica ao enunciado, uma vez que a relação que ele mantém com aquilo que é enunciado não pode ser identificada a um conjunto de regras de utilização, pois o enunciado existe fora de qualquer possibilidade de reaparecimento. Desse modo, esclarece que se uma formulação idêntica reaparecer, se as mesmas palavras forem utilizadas, serão, em suma, a mesma frase, mas não, necessariamente, o mesmo enunciado. Com base em tais considerações, o arqueólogo enfatiza que entre o enunciado e aquilo que ele enuncia existe uma relação que transcende os aspectos gramatical, lógico e semântico, o que o leva a marcar seu desinteresse, do ponto de vista do discurso, pelo campo de virtualidades das formas lingüísticas.

Tampouco, Foucault (1997) tem em mente que o enunciado seja o ato material que consiste em falar ou escrever, ou a intenção do indivíduo que fala, bem como, o resultado eventual do que disse; ao contrário, o teórico faz oposição a todos esses conceitos e mostra que o que torna uma frase, uma proposição ou um ato de linguagem em enunciado é a função enunciativa, que atravessa um domínio de estruturas e de unidades possíveis, fazendo-as irromper, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.

Conforme esclarece Gregolin (2006a), a função enunciativa designa o fato de o enunciado ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que o definem e o possibilitam. Essa relação faz do enunciado um conjunto de signos que se atualizam e que possuem um modo de ser singular, ou seja, nem inteiramente lingüístico, nem exclusivamente material. Levando em conta o sujeito e a história, Foucault (1997) conceitua o enunciado como um conjunto de signos em função enunciativa.

O sujeito é um elemento que responde pelo exercício da função enunciativa. Para Foucault (1997), a relação que o enunciado mantém com o sujeito o distingue de uma série qualquer de caracteres lingüísticos, pois ele é historicamente determinado. O teórico esclarece que o sujeito do enunciado não se reduz aos elementos gramaticais que marcam a presença de um enuncrador em primeira e terceira pessoa, ou seja, não é interior ao sintagma lingüístico. Isso porque, mesmo que não haja a marca gramatical de pessoa, há um sujeito que assume os signos enunciados.

Além disso, os enunciados que possuem uma forma gramatical fixa não mantêm um único e mesmo tipo de relação com o sujeito do enunciado. Para que um enunciado exista é preciso uma instância produtora, isto é, um “autor” que se possa localizar, o qual não é sempre idêntico ao sujeito do enunciado, mas considerado por Foucault (1997, p. 107) como

“[...] uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e não medida em que um único e mesmo indivíduo, que pode ocupar, alternadamente em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”, conforme sejam os lugares sociais e institucionais determinados, variáveis e vazios. Isso denota que, em um texto, o sujeito de um enunciado não é o mesmo de um enunciado a outro, mas variará, de acordo com a posição ocupada por aquele que o enuncia.

Descrever, pois, a função enunciativa a partir do sujeito é especificar a posição que o indivíduo pode e deve ocupar para exercer a função de sujeito do enunciado. Nessa perspectiva, o que torna uma frase em um enunciado é o fato de podermos assinalar-lhe uma posição de sujeito, determinada pela existência prévia de um número de operações efetivas, que não podem ser conferidas a um único ser humano. Por conta disso, Foucault (1997) define o sujeito do enunciado não como uma pessoa que teria efetuado tais operações, mas pelo conjunto de requisitos e de possibilidades que prescrevem a posição de sujeito.

Ao considerar o princípio de diferenciação e a posição de sujeito como elementos que respondem pelo exercício da função enunciativa, fica evidente, portanto, que o arqueólogo não determina o que é o enunciado em decorrência de suas estruturas formais e de suas leis de construção. Definidas essas demarcações, é preciso, de agora em diante, nos ater ao fato de que, em sua descrição arqueológica, Foucault (1997) não leva em conta a existência de enunciados livres, neutros e independentes; ao contrário, defende que todo enunciado tem margens povoadas por outros enunciados com os quais ele coexiste. Trata-se, portanto, conforme situa Gregolin (2004b), de investigar os documentos históricos e transformá-los em monumentos de uma dada época a partir da emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentidos.

Para tanto, Foucault (1997) correlaciona o enunciado a um campo associado e as relações das quais é suscetível, as quais atestam seu caráter histórico e fazem com que ele não seja apenas uma aglomeração de signos. Considerado pelo teórico como mais um dos componentes da função enunciativa, o campo associado é uma trama complexa, constituída pela série de outras formulações que coexistem com o enunciado em um espaço historicamente delimitado. Além disso, o campo associado é constituído pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere - implicitamente ou não - seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, para se opor a elas ou para falar de cada uma delas. Isso aponta para o fato de que “[...] todo enunciado liga-se a uma memória e, assim, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT,

1997, p. 113). O campo associado é composto, ainda, pelo conjunto das formulações que podem vir depois do enunciado como conseqüência, seqüência natural ou réplica dele. É constituído, também, pelo conjunto das formulações que dividem com o enunciado o mesmo estatuto, em relação às quais se apagará ou tomará um lugar, sendo valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto para a possibilidade de existência material de discursos futuros.

Conforme esclarece Gregolin (2004b), esse jogo enunciativo em que o enunciado está imerso - quer seja fazendo parte de uma série ou de um conjunto de outros enunciados, desempenhando um papel no meio deles, neles se apoiando e deles se distinguindo - permite que o enunciado apresente relações possíveis com o passado, com a memória, ou seja, com um retorno de temas e figuras passadas que se colocam insistentemente na atualidade. Tal jogo enunciativo também abre para o enunciado a possibilidade de um futuro eventual, quer dizer, a probabilidade de inserir-se na rede da história que, ao mesmo tempo, o constitui e o determina.

De acordo com Gregolin (2004b), a história é, nessa mesma perspectiva, constituída e determinada por esses jogos enunciativos; ela tem uma materialidade que se expressa na existência material dos enunciados. Essa é, aliás, mais uma característica fundamental de todo enunciado, que o difere de frases ou proposições: a sua existência material, considerada por Foucault (1997) como o último elemento que compõe a função enunciativa.

Para o arqueólogo, o enunciado pode ser definido em termos de uma espessura material, que abrange a superfície dos signos lingüísticos, ou seja, o suporte que os registrou, bem como, o lugar e a data em que foram registrados. Tal materialidade pode ser manipulada pelos enunciadores, no regime da ordem da instituição - como, por exemplo, a literatura, a ciência, o jurídico etc, o que faz com que a identidade do enunciado seja sensível e móvel, caso apareça em diferentes gêneros do discurso.

A capacidade que uma materialidade possui de ser manipulada pelos enunciadores também define para o enunciado as possibilidades de sua reinscrição e transcrição, ou seja, de se tornar repetível - ainda que submetido aos limites que lhe são impostos por um espaço, um tempo dado e uma área social geográfica, econômica ou lingüística, os quais se referem muita mais à ordem da instituição do que à localização espaço-temporal. São esses limites que fazem com que o enunciado seja inserido em um campo de estabilização, o qual permite - apesar de todas as diferenças de enunciação - a repetição do enunciado em sua identidade.

Na mesma perspectiva, o campo de estabilização pode determinar um limiar a partir do qual se torna impossível estabelecer uma equivalência nessa repetição, o que implica

considerar o surgimento de novos enunciados. Tal aparecimento é consentido por um campo de utilização, que possibilita a mobilidade e ressignificação dos enunciados por meio dos acontecimentos singulares das enunciações.

A partir da espessura material apontada, Foucault (1997) assinala a singularidade e a repetição como características dialéticas da constituição elementar do enunciado. Daí justifica-se a necessidade de se definir o jogo de relações entre enunciados, sua forma e seu tipo de encadeamento para compreender os acontecimentos discursivos.

Por meio da singularidade, o arqueólogo analisa os jogos de aparecimento de enunciados diferentes em sua forma, dispersos no tempo e que se relacionam a uma multiplicidade de objetos, mas que formam um determinado conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto. O teórico define, portanto, um conjunto de enunciados no que ele tem de individual para, posteriormente e de modo paradoxal, formular sua lei de repartição, isto é, descrever a dispersão de sentidos que esses enunciados promovem. Para tanto, leva em conta todos os interstícios que separam esses enunciados, mediando às distâncias que reinam entre eles, analisando o jogo das diferenças, dos desvios, das substituições, das transformações, das formulações de níveis demasiadamente distintos e das funções excessivamente heterogêneas.

Ao delinear um conjunto de enunciados no que ele tem de singular e conseqüentemente, em sua dispersão, Foucault (1997) procura detectar certa regularidade, ou seja, uma unidade em relação a enunciados que formam um determinado conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto. O teórico busca definir as condições permanentes e coerentes que se encontram em jogo. Enfim, examina a existência de uma regularidade interna, que diz respeito a regras de formação que regem a maneira como um enunciado se apóia em outros, como se correlacionam, posicionam-se, substituem-se e as transformações que sofrem. Assim, pensando um conjunto de enunciados como formas de repartição e sistemas de dispersão que obedecem a certa regularidade, Foucault (1997) formula a noção de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e no caso em que, entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 1997, p. 43).

O que Foucault (1997) denomina como formação discursiva é, portanto, um conjunto de regras, de condições de existência permanentes e coerentes (mas também de coexistência,

de manutenção, de modificação e de desaparecimento) a que está submetido um conjunto de enunciados. Enfim, um conjunto de normas que tornaram possíveis, de maneira simultânea ou sucessiva, a coexistência e coerência de enunciados dispersos e heterogêneos. A existência de uma formação discursiva indica que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer época. Partindo desse princípio, o que interessa ao arqueólogo é determinar porque foi possível empregar entre enunciados dispersos um conjunto de relações no lugar de outro; saber o que torna possível uma escolha de enunciados e não outra; enfim, compreender quais foram as condições de existência desses enunciados.

Tais formações discursivas dizem respeito aos objetos, às modalidades de enunciação, aos conceitos e às escolhas temáticas que são encadeados num jogo complexo de relações entre enunciados. Vale salientar que esses elementos estão envoltos de aspectos sócio-históricos e culturais, isto é, relações entre instituições, processos econômicos, políticos, formas de comportamento, sistemas de normas e técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização.

É essa noção de formação discursiva estabelecida por Foucault (1997) que o permite sair de uma concepção fechada de discurso - enquanto conjunto de signos que possui totalidade autônoma, fechada em si e suscetível de formar sentido sozinha - para pensá-lo como prática, isto é, materialização do processo enunciativo que exhibe a articulação da língua com a história, conforme esclarece Gregolin (2000). Observado desse ângulo, o discurso constitui-se por um grupo finito e limitado de enunciados que tenham sido efetivamente formulados e para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; coexistência de enunciados que, em sua dispersão, se apóiam em certa regularidade entre objetos, modalidades de enunciação, conceitos e escolhas temáticas, as quais estão em absoluta relação com certos aspectos sócio-históricos, isto é, práticas não-discursivas.

Para definir as condições de existência das quais é composto um conjunto de enunciados dispersos e heterogêneos e, conseqüentemente, um discurso, Foucault (1997) investiga, a princípio, a constituição dos diferentes objetos encadeados nesse jogo complexo de relações. O arqueólogo esclarece que a unidade do discurso se define pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam. Nesse sentido, procura estabelecer uma regra a que o aparecimento desses diferentes objetos está submetido, de modo a compreender como puderam se justapor e se suceder para formar um conjunto retalhado de enunciados.

Nesse movimento, Foucault (1997) demarca as superfícies primeiras de emergência de tais objetos, ou seja, seus níveis primeiros de manifestação. Mostra onde podem ter surgido

para, em seguida, designar e analisar suas diferenças individuais. Essas superfícies possibilitam ao teórico defini-los, limitar seus domínios, de modo a reconhecer neles um estatuto que os torna nomeáveis e descritíveis.

Logo a seguir, Foucault (1997) descreve as instâncias de delimitação desses diferentes objetos, a partir das quais é possível designá-los, nomeá-los, distingui-los e falar sobre suas particularidades e peculiaridades, delineando, para cada um deles, uma determinada identidade.

Adiante, Foucault (1997) analisa grades de especificação, isto é, sistemas de particularização segundo os quais é possível observar a organização de determinados temas, que permitem que se possa separar e opor os objetos uns dos outros, bem como, associá-los e reagrupá-los.

Por meio de um levantamento das superfícies primeiras de emergência, das instâncias de delimitação e das grades de especificação, Foucault (1997) vê a possibilidade de demarcar, uns após outros, vários planos de diferenciação entre os objetos de um conjunto de enunciados. No entanto, destaca que isso não é o suficiente, pois essa série de determinações distintas, heterogêneas e sem ligações assinaláveis apresenta muitas relações complexas que permitiram a formação de todo um conjunto de objetos no jogo de relações entre enunciados. Nesse sentido, para o arqueólogo, mais importante que nomear os objetos, é saber como eles se distribuirão enquanto procedimentos históricos.

Mediante esse viés, o que importa para Foucault (1997) é analisar em um grupo de enunciados as condições de aparecimento de tais objetos, às quais possibilitam que se possa dizer algo sobre eles, assim como, para que deles várias pessoas possam dizer coisas diferentes das quais já haviam sido ditas; condições necessárias também para que os objetos se inscrevam em um domínio de parentesco com outros enunciados, sua forma e seu tipo de encadeamento, podendo estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação.

Na busca por definir como se exerce certa regularidade entre enunciados dispersos e heterogêneos, Foucault (1997) também procura localizar uma lei que rege todas as modalidades de enunciações. Isso implica no esclarecimento de algumas questões, como, por exemplo: a) quem fala e qual é o *status* desse sujeito, que tem a competência e o saber para falar sobre determinados objetos? b) quais são os lugares institucionais de onde quem fala obtém seu discurso? c) quais as posições adotadas pelo sujeito que fala?

Para Foucault (1997), o *status* dos sujeitos está estreitamente relacionado a critérios de competência e de saber - como, por exemplo, instituições, sistemas, normas pedagógicas,

condições legais que lhe dão o direito, fixando-lhes limites, à prática e à experimentação de determinados conhecimentos. Tal *status* compreende, também, um sistema de diferenciação e de relações - como, por exemplo, divisão de atribuições, subordinação hierárquica, complementaridade funcional, demanda, transmissão e troca de informações - com outros sujeitos ou grupos que têm, eles próprios, seu *status* igualmente. Diz respeito, ainda, a certo número de traços que definem seu funcionamento em relação ao conjunto da sociedade - como, por exemplo, o papel que se reconhece em um sujeito, conforme seja requisitado, mais ou menos obrigatoriamente, por um outro sujeito.

Além do *status*, Foucault (1997) destaca que é preciso descrever os lugares institucionais de onde esses sujeitos obtêm seus discursos. Esses lugares são, para nossa sociedade, espaços a partir dos quais se estabelecem certas “verdades” em relação ao ser humano; uma espécie de “biblioteca” ou campo documentário que dissemina uma massa de informações.

Foucault (1997) assinala também a necessidade de se analisar as posições de sujeito que se definem pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos. Nesse sentido, um sujeito pode ser, ao mesmo tempo, alguém que questiona, segundo certa grade de interrogações explícitas ou não; que ouve, segundo certo programa de informação; que observa, segundo um quadro de traços característicos; que anota, segundo um tipo descrito etc.

Entretanto, Foucault (1997) considera que entre tais modalidades de enunciação há feixes de relações que não estão simplesmente justapostos por uma série de contingências históricas, mas sim, estabelecidos pela especificidade de uma prática discursiva. Tais modalidades, quando situadas em campo de regularidade, permitem que o arqueólogo observe, no discurso - enquanto um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos - a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo.

Para lidar com tal dispersão, Foucault (1997) estabelece a necessidade de se encontrar uma lei que dê conta da manifestação sucessiva ou simultânea de enunciados discordantes; uma seqüência de regras conceituais capaz de explicar as formas de coexistência de tais enunciados e descrever a organização do campo em que eles aparecem e circulam.

Foucault (1997) compreende que a coexistência de enunciados dispersos envolve, inicialmente, formas de sucessão e, entre elas, as diversas disposições das séries enunciativas. Essas formas de convivência dizem respeito, também, aos múltiplos tipos de correlação dos enunciados - nem sempre idênticos ou passíveis de serem superpostos às sucessões manifestas das séries enunciativas. Tais formas envolvem, ainda, os diversos esquemas retóricos,

segundo os quais, se podem combinar grupos de enunciados, isto é, encadearem-se, umas às outras, as descrições, deduções, definições, cuja seqüência caracteriza a arquitetura de um texto.

Para Foucault (1997), essas formas de coexistência dos enunciados delimitam um campo de presença, isto é, todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso. Além desse campo de presença, o teórico descreve a existência de um campo de concomitância, que diz respeito aos enunciados que se referem aos domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados, trazidos para confirmação analógica, para servirem de premissas ou de modelos de raciocínio. Finalmente, as formas de coexistência entre os enunciados demarcam um domínio de memória, que se refere aos enunciados em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica.

A partir da delimitação de um campo de presença, um campo de concomitância e um domínio de memória, Foucault (1997) define procedimentos de intervenção que podem ser legitimamente aplicados aos conjuntos de enunciados. Esses procedimentos não são os mesmos para todas as formações discursivas e podem aparecer em elementos bastante heterogêneos, sendo que alguns constituem regras de construção formal, outros hábitos retóricos, outros definem a configuração interna de um texto e outros, os modos de relações e de interferência entre textos diferentes; alguns são característicos de uma época determinada e outros têm uma origem longínqua. No entanto, o que pertence propriamente a uma formação discursiva e permite delimitar o grupo de conceitos que lhe são específicos, embora discordantes, é a maneira como esses diferentes elementos estão relacionados uns aos outros. É esse feixe de relações que constitui o que o arqueólogo denomina de sistema de formação conceitual.

Na descrição de um sistema de formação conceitual, Foucault (1997) procura determinar segundo que esquemas - de seriação, de grupamentos simultâneos, de modificação linear ou recíproca - os enunciados podem estar ligados uns aos outros em um tipo de discurso. Após determinar tais esquemas, o teórico procura descrever como os elementos recorrentes dos enunciados podem reaparecer, se dissociar, se recompor, ganhar em extensão ou em determinação, ser retomados no interior de novas estruturas lógicas, adquirir novos conteúdos semânticos, constituir entre si organizações parciais. Esses esquemas permitem ao arqueólogo descrever a dispersão anônima dos enunciados através de textos, a qual caracteriza um tipo de discurso e que define - entre os conceitos, formas de dedução, de derivação, de

coerência, e também de incompatibilidade, de entrecruzamento, de substituição, de exclusão, de alteração recíproca, de deslocamento etc - um campo em que os conceitos podem coexistir e as regras às quais esse campo está submetido.

Foucault (1997) salienta que, em uma análise das regras de formação dos conceitos, deve ser observado o emaranhado de compatibilidades e incompatibilidades conceituais, relacionando-o com as regras que caracterizam uma prática discursiva. Destaca também que, pelo fato de ter seu lugar no próprio discurso, um conjunto de regras conceituais se impõe em um tipo de anonimato uniforme a todos os indivíduos que tentam falar em campos discursivos determinados. Enfatiza, ainda, que esses conjuntos de regras são bastante específicos para poder caracterizar uma formação discursiva singular, mas apresentam, ao mesmo tempo, analogias suficientes para que essas diversas formações constituam um grupamento discursivo mais vasto e de um nível mais elevado.

Buscamos, por meio de toda a exposição esboçada até aqui, traçar os procedimentos propostos por Foucault (1997) na busca pela definição de uma regularidade em relação aos enunciados que compõem um determinado conjunto. Como pudemos observar, o arqueólogo procura delinear metodologicamente os reagrupamentos de objetos, a organização de conceitos e os tipos de enunciação que se encontram em jogo na complexa relação entre um grupo de enunciados. No entanto, o teórico estabelece mais uma regra de formação a ser observada: tais elementos discursivos (objetos, conceitos e modalidades enunciativas) formam, segundo seu grau de coerência, de rigor e de estabilidade, temas ou teorias, chamadas convencionalmente pelo autor de estratégias que constituem uma dada formação discursiva.

Para analisar a formação dessas estratégias, Foucault (1997) propõe que se determinem pontos de decifração possíveis no discurso. Esse os pontos se caracterizam, inicialmente, como pontos de incompatibilidade entre dois objetos, dois conceitos ou dois tipos de enunciação, os quais podem aparecer em uma mesma formação discursiva sem, no entanto, entrar em uma única e mesma série de enunciados - sob pena de manifestação de contradição manifesta ou incoerência.

O arqueólogo especifica que os pontos de decifração caracterizam-se também como pontos de equivalência entre dois objetos, conceitos ou tipos de enunciação incompatíveis, conflitantes, mas que podem ser formados da mesma maneira e a partir das mesmas regras, com condições de aparecimento idênticas e situando-se em um mesmo nível; elementos discursivos inconciliáveis que, ao invés de constituírem uma pura e simples falta de coerência,

formam uma alternativa, pelo fato de não aparecerem ao mesmo tempo, não terem a mesma importância e não serem representados, de modo igual, na população dos enunciados efetivos.

De acordo com Foucault (1997), os pontos de decifração caracterizam-se ainda como pontos de ligação de uma sistematização entre dois objetos, conceitos ou tipos de enunciação ao mesmo tempo equivalentes e incompatíveis, dos quais deriva uma série coerente de objetos, formas enunciativas e conceitos, eventualmente, com novos pontos de incompatibilidade em cada série.

Para Foucault (1997), todos esses pontos de decifração (questões de incompatibilidade, de equivalência ou de sistematização) indicam que as dispersões entre um conjunto de enunciados não constituem simplesmente desvios, séries descontínuas, lacunas, mas podem chegar a formar subconjuntos discursivos - aos quais, habitualmente, se dá uma importância maior, como se fossem uma unidade imediata e a matéria-prima da qual são feitos os conjuntos discursivos mais vastos, isto é, temas ou teorias. Esses subconjuntos discursivos são compreendidos como uma unidade de distribuição, que abre um campo de opções possíveis e permite que arquiteturas diversas que se excluem apareçam lado a lado ou cada uma por sua vez.

No entanto, Foucault (1997) assinala que esses jogos entre dois objetos, dois conceitos ou dois tipos de enunciação são possibilidades, mas podem não ser efetivamente realizados; enfim, há muitos subconjuntos, compatibilidades regionais e arquiteturas coerentes que podem aparecer, mas que nem sempre se manifestam. Para se dar conta das escolhas de enunciados que foram realizadas entre todas as que o poderiam ter sido, o teórico destaca a necessidade de se descrever instâncias específicas de decisão.

Segundo Foucault (1997) define, tais instâncias de decisão dizem respeito, em primeiro lugar, à função desempenhada pelo discurso estudado em relação aos que lhe são contemporâneos e vizinhos. Para observar essa função, é preciso analisar a economia da constelação discursiva à qual o discurso pertence. Esse discurso pode desempenhar o papel de um sistema formal de que outros discursos seriam as aplicações em campos semânticos diversos; pode ser, ao contrário, um modelo concreto que é preciso levar aos outros discursos de nível de abstração mais elevado. O discurso também pode estar em uma relação de analogia, de oposição, ou de complementaridade com alguns outros discursos. Pode, finalmente, descrever entre diversos discursos relações de delimitação recíproca, cada um deles apresentando marcas distintivas de sua singularidade pela diferenciação de seu domínio de aplicação, seus métodos e seus instrumentos.

Para Foucault (1997), todo esse jogo de relações constitui um princípio de determinação que admite ou exclui, no interior de um dado discurso, certo número de enunciados: há sistematizações conceituais, encadeamentos enunciativos, grupos e organizações de objetos que teriam sido possíveis, mas que são excluídos por uma constelação discursiva de um nível mais elevado e de maior extensão. Isso significa que uma formação discursiva não ocupa todo volume possível que lhe abrem, por direito, os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; ela é essencialmente lacunar, em virtude do sistema de formação de suas escolhas estratégicas. Daí o fato de que, uma vez retomada, situada e interpretada em uma nova constelação, uma dada formação discursiva pode proporcionar o surgimento de novas possibilidades, compreendidas pelo arqueólogo como uma espécie de modificação no princípio de exclusão e de possibilidades de escolhas; enfim, modificação que é devida à inserção em uma nova constelação discursiva.

Conforme assinala Foucault (1997), a determinação das escolhas teóricas realmente efetuadas depende também de outra instância, caracterizada, de início, pela função que deve exercer o discurso estudado em um campo de práticas não-discursivas. Tal instância compreende, ainda, o regime e os processos de apropriação do discurso, pois em nossas sociedades a propriedade do discurso - isto é, o direito de falar e a competência para compreender - está reservada a um grupo determinado de sujeitos. Além disso, essa instância se caracteriza pelas posições possíveis do desejo em relação ao discurso, que pode ser o elemento de simbolização, forma do proibido, instrumento de satisfação derivada, enfim, discursos que são muito abstratos e que podem ocupar, em relação ao desejo, relações bem determinadas.

Foucault (1997) explica que a análise dessas instâncias expõe que nem a relação do discurso com o desejo, nem os processos de sua apropriação, nem seu papel entre as práticas não-discursivas são extrínsecos a sua unidade, caracterização e leis de sua formação. Nesses casos, uma formação discursiva será individualizada se for possível definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam; em outros termos, se houver possibilidade de mostrar como todas derivam de um mesmo jogo de relações.

De acordo com Foucault (1997), esse sistema só será definido caso haja possibilidade de descrever como os pontos de difração de determinado discurso derivam uns dos outros, se comandam ou se pressupõem; ainda, se for possível definir como as escolhas efetuadas dependem da constelação geral em que figura tal discurso. Também, se houver a possibilidade de se observar como essas escolhas estão ligadas à função exercida por determinado discurso na prática social. Além disso, o sistema de formação das diferentes estratégias que se

desenrolam em uma formação discursiva só poderá ser descrito se forem determinadas as regras específicas segundo as quais foram formados objetos, enunciações, conceitos, opções teóricas.

Foucault (1997) assinala que as estratégias deverão ser descritas como maneiras sistematicamente diferentes e reguladas de tratar objetos de discurso (de delimitá-los, reagrupá-los ou separá-los, encadeá-los e fazê-los derivar uns dos outros), de dispor formas de enunciações (de escolhê-las, organizá-las, constituir séries, compô-las em grandes unidades retóricas), de manipular conceitos (de lhes dar regras de utilização, fazê-los entrar em coerências regionais e constituir, assim, arquiteturas conceituais). Para o arqueólogo, essas opções são modos regulados e descritíveis de utilizar possibilidades de discursos.

Como se pode observar, a proposta de análise das formações discursivas (formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos e das estratégias) elaborada por Foucault (1997) está bem centrada na descrição do enunciado em sua especificidade, já que as dimensões próprias do enunciado são utilizadas na demarcação das formações discursivas. Ao descrever os enunciados, expor a função enunciativa de que são portadores, analisar as condições nas quais se exerce essa função, percorrer os diferentes domínios que ela pressupõe e a maneira pela qual se articulam, o arqueólogo busca revelar o que se poderá individualizar como formação discursiva. A demarcação das formações discursivas revelará o nível específico do enunciado e vice-versa, isto é, a descrição dos enunciados e a maneira pela qual se organiza o nível enunciativo conduzirá a individualização das formações discursivas. Esses dois procedimentos são justificáveis e reversíveis, pois as análises do enunciado e das formações discursivas são estabelecidas correlativamente.

Foucault (1997) ainda leva em conta, nas análises enunciativas e das formações discursivas, um efeito de raridade, pelo qual busca determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos de significantes que foram enunciados; procura estabelecer, portanto, uma lei de raridade. Dessa regra decorre a pressuposição de que nem tudo é sempre dito, o que permite ao teórico estudar os enunciados efetivamente falados ou escritos no limite que separa o não-dito, na instância que faz surgir à exclusão de outros dizeres. Ao mesmo tempo, o efeito de raridade indica que os enunciados não têm uma transparência infinita, o que remete o arqueólogo, novamente, aos mecanismos de controle do discurso, ou seja, ao fato de que nem tudo pode ser dito em qualquer lugar e por um sujeito qualquer.

Por meio do estabelecimento de uma lei de raridade, Foucault (1997) investiga o valor dos enunciados, seu lugar, sua capacidade de circulação e de troca, sua possibilidade de

transformação. Daí é proveniente a idéia de exterioridade, ou seja, do exterior de onde se repartem, em sua relativa raridade, em sua vizinhança lacunar, em seu espaço aberto, os acontecimentos enunciativos.

Para tal investigação, Foucault (1997) observa alguns postulados: a) o campo de enunciados é entendido como local de acontecimentos, regularidades, relacionamentos, de modificações determinadas, de transformações sistemáticas; b) o domínio enunciativo não toma como referência um sujeito individual, nem uma mentalidade coletiva, mas um campo anônimo cuja configuração defina o lugar possível dos sujeitos falantes; c) as séries sucessivas não obedecem à temporalidade da consciência, já que o tempo dos discursos não é a tradução, em uma cronologia visível, do tempo obscuro do pensamento.

Dados esses postulados, Foucault (1997) explicita que a abordagem da raridade e da exterioridade se situa no nível das coisas ditas, buscando relações, regularidades e transformações que podem aí ser observadas; o domínio em que certas figuras e entrecruzamentos indicam o lugar singular de um sujeito falante, que pode receber o nome de autor. Dessa forma, em tal análise não importa quem fala, mas o que um sujeito diz em determinado lugar e que não é dito em nenhum outro, devendo ser considerado, necessariamente, o jogo de uma exterioridade.

Além das idéias de raridade e exterioridade, Foucault (1997) ainda leva em conta, nas análises enunciativas e das formações discursivas, a noção de acúmulo, por meio da qual o arqueólogo encontra o fio da temporalidade. Mediante tal noção é possível levantar temas relacionados e procurar que modo de existência pode caracterizar os enunciados na espessura do tempo em que subsistem, são conservados, reativados e utilizados. Essa análise da relação entre os enunciados e a temporalidade supõe que eles sejam considerados pela sua remanência, aditividade e recorrência.

A remanência diz respeito à conservação dos textos por meio de certo número de suportes (o livro, por exemplo), instituições (as bibliotecas, entre outras) e modalidades estatutárias (texto religioso, jurídico etc), a partir das quais os jogos da memória podem se desenrolar.

A aditividade se refere aos enunciados distintos que coexistem e se relacionam com outros, de maneiras diferentes e de acordo com sua natureza - já que cada grupo de enunciados tem seu modo específico de se compor, anular, excluir, completar, formando grupos mais ou menos indissociáveis e dotados de propriedades singulares.

A recorrência diz respeito ao fato de que todo enunciado compõe um campo de elementos antecedentes, em relação aos quais ele deve se situar e atuar. Esse campo constitui

seu passado, isto é, coloca o passado enunciativo como verdade adquirida, como um acontecimento que se produziu, como uma forma que se pode modificar, como matéria a transformar etc.

Foucault (1997) estabelece que o gesto de abordar os enunciados na densidade do acúmulo em que são tomados - procurando que modo de existência pode caracterizá-los na espessura do tempo em que subsistem, são conservados, reativados e utilizados - é consequentemente, descobrir um fundamento, o que propicia ao arqueólogo definir o tipo de positividade de um discurso.

De acordo com Foucault (1997), a positividade de um discurso caracteriza-lhe a unidade através do tempo e muito além de obras individuais, dos livros e dos textos. Ela torna possível observar como os enunciados “falavam a mesma coisa”, colocando-os no “mesmo nível”, pois define um espaço limitado de comunicação. Nesse sentido, toda a massa de textos que pertencem à mesma formação discursiva se comunica pela forma de positividade de seus discursos e pelas condições de exercício da função enunciativa, que definem um campo em que, eventualmente, podem ser desenvolvidas identidades formais, continuidades temáticas, relações de conceitos, jogos polêmicos.

Tal positividade desempenha o papel que Foucault (1997) chama de *a priori* histórico, compreendido como o conjunto de regras que caracterizam uma prática discursiva, isto é, as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem.

Para Foucault (1997), o *a priori* dá conta dos enunciados em sua dispersão, em todas as falhas abertas pela não-coerência, superposição e substituição recíproca, bem como, pela simultaneidade que não pode ser unificada e em sua sucessão que não é dedutível. Dá conta também do fato de que o discurso não tem apenas um sentido e uma verdade, mas uma história enquanto uma forma de dispersão no tempo, um modo de sucessão, de estabilidade de reativação que lhe pertence particularmente, mesmo se estiver em relação com outros tipos de história.

Nessa perspectiva, o *a priori* não escapa à historicidade, pois ele se define como o conjunto de regras que caracterizam uma prática discursiva; regras estas que estão inseridas no exterior dos elementos que elas correlacionam, que modificam tais elementos e com eles se transformam em certos limiares decisivos. Desse modo, analisar positivities é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas.

Foucault (1997) chama de saber a esse conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva. Conforme especifica o arqueólogo, o saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva, ou seja, o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico. Para o teórico, um saber é também o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; é ainda, o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam. Como um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso, pode ser caracterizado como o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas não-discursivas.

Para Foucault (1997), o domínio dos enunciados articulado segundo *a priori* históricos, caracterizado por diferentes tipos de positividade e escandido por formações discursivas distintas, é um volume complexo em que se diferenciam regiões heterogêneas e desenrolam, segundo regras específicas, práticas que não se podem sobrepor; práticas discursivas nas quais são encontrados sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). O arqueólogo denomina todos esses sistemas de enunciados de arquivo.

O arquivo é definido por Foucault (1997) como jogo de regras que, numa cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal entre acontecimentos e coisas. O arquivo forma o horizonte geral a que pertencem a descrição das formações discursivas, a análise das positivities, a demarcação do campo enunciativo, ou seja, une todos os outros conceitos que abrangem o método arqueológico: enunciado, conjunto de enunciados (discurso), formações discursivas, práticas discursivas, *a priori* histórico e positividade. Através das palavras do teórico, a noção de arquivo é assim definida:

Trata-se [...] do que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios [...] tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo [...] O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares [...] é o que define o sistema da enunciabilidade do enunciado-acontecimento [...] é o sistema de seu funcionamento [...] Entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados [...] (FOUCAULT, 1997, p. 148-150).

O arquivo representa, portanto, o conjunto de enunciados efetivamente pronunciados numa época dada e que continuam a existir através da história. Segundo explica Revel (2005), fazer a arqueologia dessa massa documentária é compreender suas regras, práticas, condições e funcionamento, o que implica, antes de tudo, em um trabalho de recuperação de todos os traços discursivos susceptíveis de permitir a reconstituição do conjunto das regras que, num momento dado definem, ao mesmo tempo, os limites e as formas de dizibilidade, conservação, memória, reativação e apropriação.

É esse o caminho teórico-metodológico que nos abre a possibilidade de compreender analiticamente o processo de constituição histórico-discursiva de novas identidades femininas na revista *Veja – Edição Especial Mulher*. Eis, portanto, o percurso que procuramos traçar no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER E O DISCURSO DA CULTURA DE SI NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES FEMININAS NA PÓS-MODERNIDADE

*“Se me contemplo, tantas me vejo,
que não entendo quem sou, no tempo do
pensamento [...]*
*Múltipla, venço este tormento do mundo eterno
que em mim carrego: e, una, contemplo o jogo
inquieta em que padeço [...]”.*
Cecília Meireles

Este capítulo é erigido com base em um movimento teórico-analítico que busca compreender, em percurso de quatro seções, o complexo jogo que permeia a constituição discursiva de identidades femininas pós-modernas na revista *Veja – Edição Especial Mulher..*

Na primeira seção, voltamos o olhar para a prática jornalística dos *mass media* e, em especial, para a revista *Veja*, a fim de abordamos, de um modo geral, a importância das forças históricas, isto é, das relações de saber, poder e técnicas disciplinadoras que, como três pilares midiáticos, sustentam intercambiavelmente uma nova idéia de identidade feminina na contemporaneidade e constituem o sujeito como uma fabricação, uma construção realizada, historicamente, pelas práticas discursivas (FOUCAULT, 2001).

As seções subseqüentes são construídas com base em três trajetos temáticos (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1997), que circunscrevem: a) o trabalho, a mulher e seus múltiplos papéis; b) a beleza estética da mulher; c) o relacionamento amoroso entre homem e mulher. Por meio desse percurso, analisamos algumas seqüências enunciativas verbais retiradas de dez reportagens que compõem *Veja - Edição Especial Mulher*. Nessa trajetória analítica, fundamentamo-nos na noção de governamentalidade (FOUCAULT, 1985), nas formulações e deslocamentos da teoria do discurso (FOUCAULT, 1997), assim como, nos conceitos de identidade e pós-modernidade (HALL, 1997); diferença (SILVA, 2000), modernidade líquida (BAUMAN, 2001), memória discursiva e interdiscurso (COURTINE, 1981). Essa articulação, alicerçada no método arqueológico elaborado por Foucault (1997), abre espaço para compreendermos quais são as condições de existência a que as novas identidades femininas estão submetidas no tempo presente, ou seja, de que maneira saberes

sobre a mulher são negociados, enquanto efeitos de verdade (FOUCAULT, 1998) necessários para a construção de novas identidades femininas na revista *Veja – Edição Especial Mulher*.

Essa indagação - norteadora deste capítulo e que se estende a amplitude deste trabalho dissertativo - se desdobra em outros questionamentos específicos, já delineados em nossas considerações iniciais e sobre os quais procuramos tecer respostas, por intermédio de um movimento que se estabelece entre apontamentos teóricos, descrição e interpretação das seqüências enunciativas de *Veja - Mulher*. Com base nesse itinerário, procuramos alcançar um estado de reflexão, conscientes de que, uma vez analisado, nosso arquivo é passível de novas abordagens, não se esgotando em nosso gesto de interpretação.

3.1 Um olhar sobre a prática discursiva jornalística: a relação entre saber, poder e disciplinaridades na produção de identidades femininas contemporâneas

Atualmente, os *mass media* são considerados parte importante da estrutura social e cultural pós-moderna, representando, conforme situa Guareschi (2000), um meio fundamental de acesso à informação e o principal espaço de ocupação do tempo livre da população. Como componentes desse processo social e cultural, os meios de comunicação de massa têm sua existência fundamentada, de forma contínua e veloz, pela atualidade, isto é, pela constante ocorrência de fatos, que é transmitida à sociedade a partir de uma relação periódica ou oportuna entre organizações formais e a coletividade, mediada por diversos canais de difusão (MELO, 1994).

Dentre os vários formatos de *mass media* existentes, voltamos o olhar para o jornalismo e, para tanto, buscamos orientação nas reflexões de Navarro-Barbosa (2004), que realiza uma leitura desse formato midiático pela lente de De Certeau e de estudiosos da Teoria da Comunicação.

Conforme a classificação de De Certeau (1996), o jornalismo é uma prática produtora de informação e de cultura; informação considerada por Melo (1994) como um bem simbólico que se distribui em vários níveis no jornalismo, por meio de um projeto gráfico, de um sistema analógico ou de um sistema lingüístico; cultura traduzida por Lima (2000) como um conjunto de heranças intelectuais e práticas de vida - usos, costumes, concepções e valores - herdados de uma determinada sociedade.

De Certeau (1996) situa a existência de práticas produtoras de informação e cultura, organizadas por instituições sociais normativas, e práticas de consumo dos bens culturais, que

reúnem os sujeitos que exercem cotidianamente o papel de agentes consumidores desses bens. O jornalismo, enquadrado na categoria de sistema de produção, funda discursividades a partir de representações (WOODWARD, 2000) - escrita, imagem, som - dirigidas a um público que as consome, não de forma passiva (DE CERTEAU, 1996), mas agindo sobre o seu cotidiano a partir de um trabalho de reapropriação e utilização dessas discursividades.

Para De Certeau (1996), o que distingue as práticas produtoras de informação e cultura das práticas consumidoras são os procedimentos que elas empregam em suas atividades. Enquanto as práticas produtoras se valem de procedimentos estratégicos, por meio dos quais circunscrevem um lugar como próprio, a partir do qual intervém na sociedade, as práticas consumidoras utilizam procedimentos do tipo tático, caracterizados por uma ação determinada pela ausência de um lugar próprio.

Segundo delimita De Certeau (1996), o jornalismo se enquadra na categoria de sistema de produção de informação e cultura, porque se vale de procedimentos estratégicos, que dizem respeito a dispositivos, instrumentos e técnicas de produção jornalística (como, por exemplo, a composição de pautas e enquadramentos; a elaboração de coberturas; a coleta e checagem de informações; a edição; as regras estruturais de diagramação e de redação de textos padronizados por intermédio de citações diretas e indiretas, manchetes, legendas, olhos, entrevistas, imagens, fotos, infografias, *boxes*, gráficos, quadros e tabelas de porcentagens, análises, comentários etc) que organizam, uniformizam, alinham e controlam, seguindo normas coercitivas pré-estabelecidas, a produção das matérias.

Esses procedimentos estratégicos são empregados pelo jornalismo com a finalidade de garantir e solidificar sua credibilidade e legitimidade perante a comunidade que recebe e consome seus produtos (MELO, 1994); conquista que o permite produzir e veicular massivamente informação e cultura e que acaba por lhe conferir uma posição institucional de poder, onde as forças sócio-históricas se distribuem (DE CERTEAU, 1996).

Tal lugar de poder social é ocupado pelos mais variados formatos existentes dentro do jornalismo de ampla circulação (telejornalismo, radiojornalismo, jornais e revistas em formato impresso e *on line*, *websites*, *weblogs*, portais, assessorias de imprensa, entre outros), cujos conteúdos circunscrevem determinadas especializações e estilos (jornalismo factual, investigativo, diversional, esportivo, policial etc), destinados a públicos-alvos de diversos segmentos (divididos por classes sociais, idade, sexo, raça, cor, profissões, *hobbies*, entre outros). Esses formatos variados (ROSSI, 2000) existem porque o jornalismo, inserido numa sociedade de consumo e movido por interesses mercadológicos, procura fazer com que o

público massivo se sinta singularizado, de modo a estabelecer com ele uma relação de fidelidade quanto à aquisição de suas produções.

Dentre os meios de comunicação já citados, um merece nosso destaque: a revista diversional impressa destinada ao público feminino que, dada a sua legitimidade perante a comunidade receptora, adquire o direito de falar sobre mulher, bem como, sobre suas particularidades e peculiaridades. Em um recorte representativo desse tipo de produção jornalística - proveniente das limitações de nosso trabalho dissertativo - voltamos o olhar para *Veja - Edição Especial Mulher*, ressaltando, inicialmente, que o que torna possível o exercício institucional de poder dessa revista é o fato de que os procedimentos estratégicos por ela empregados estabelecem um espaço material concreto (reportagens, notícias, suítes, notas, capas, chamadas, artigos, crônicas, editoriais, comentários, colunas, entrevistas, perfis, entre outros) para a ocorrência de processos discursivos (DE CERTEAU, 1996).

São diversos discursos sobre os mais variados acontecimentos que, ao serem selecionados, organizados, reorganizados e postos em situação de confronto pelos jornalistas por intermédio dos procedimentos estratégicos, incidem sobre uma ordem discursiva própria da mídia. Essa ordem transmite ao público feminino a idéia de credibilidade e legitimidade, criando a imagem de que *Veja – Especial Mulher* é a detentora de discursos verdadeiros. Em decorrência, a ordem midiática contribui para que a revista conquiste uma posição institucional de poder.

A noção de ordem discursiva, formulada por Foucault (1996), diz respeito à existência de um conjunto de regras interiores e exteriores que controlam, delimitam, organizam e redistribuem os mais variados discursos na sociedade contemporânea. Tal noção abre espaço para refletirmos sobre os limites conferidos aos jornalistas de *Veja – Edição Especial Mulher* na atividade de organização dos discursos utilizados para a produção de suas matérias; normas coercitivas que esses profissionais devem observar para que a sua enunciação seja considerada e aceita pelas leitoras e pela própria instituição midiática.

O conjunto de regras exteriores situado por Foucault (1996) concerne os processos de interdição, oposição do verdadeiro e do falso e a separação/rejeição. A interdição está relacionada à noção de posição de sujeito formulada por Foucault (1997) e diz respeito ao fato de que, em nossa sociedade, os sujeitos não têm o direito de dizer tudo o que desejam, de falar sobre qualquer assunto em qualquer circunstância, de sustentar qualquer discurso, pois há determinadas regras que circunscrevem o lugar institucional de onde esses sujeitos falam, as posições que ocupam na esfera social e o que isso implica para a enunciação de “seus” discursos.

No espaço de produção de textos de *Especial Mulher*, o processo de interdição impõe que os autores das matérias jornalísticas ocupem uma considerável posição de saber no estrato social para que possam proferir discursos sobre determinados temas. Nesse sentido, a interdição estabelece que os jornalistas não são livres para escrever e opinar sobre qualquer assunto, isto é, para formular qualquer discurso aleatoriamente, a não ser que isso seja possibilitado pelo sistema de relações que regula as práticas discursivas midiáticas, como, por exemplo, os padrões e normas de redação jornalística existentes nos manuais que norteiam o trabalho desses profissionais.

Decorrente do processo de interdição, os jornalistas de *Veja – Edição Especial* lançam mão, para a organização de seus textos, de procedimentos estratégicos (DE CERTEAU, 1996) como, por exemplo, a citação direta e indireta de enunciados efetivamente ditos por detentores de saber, especialistas e responsáveis de diversas ordens discursivas (economistas, advogados, estatísticos, cirurgiões plásticos, esteticistas, sexólogos, estilistas, psicólogos etc), criando, como produto final para suas matérias, um efeito de verdade (FOUCAULT, 1998). A criação desse efeito é motivada por razões econômicas, considerando-se que, no mercado competidor dos meios de comunicação de massa, a revista de maior sucesso em vendas será aquela que conquistar maior repercussão e credibilidade entre o público feminino, a partir da legitimidade dos discursos que veicula.

O efeito de verdade está relacionado à segunda forma de processo exterior de controle, delimitação, organização e redistribuição de discursos que anunciamos: a oposição do verdadeiro e do falso, ou seja, a vontade de verdade (FOUCAULT, 1996), que representa a busca do sujeito pelo discurso verdadeiro, capaz de impor à sociedade determinados saberes e poderes. Para Foucault, a vontade de verdade funciona como um sistema de exclusão (aquilo que pode e o que não pode ser dito) que se apóia nos suportes institucionais, de modo a aplicar, valorizar e distribuir o discurso “verdadeiro” no interior da sociedade, ou seja, um discurso que, ilusoriamente, se estabelece como um lugar de completude dos sentidos.

Em *Veja – Edição Especial Mulher*, essa vontade de verdade se traduz em discursos totalizantes (DE CERTEAU, 1996) que possibilitam às leitoras compreensões que podem ir desde o relato de um simples fato até a reflexão sobre os aspectos definidores dos mais variados tipos de identidade e, em especial, da identidade feminina, dada a especificidade do público-alvo dessa revista impressa. Tais compreensões só são possíveis porque a informação da atualidade - que pode ser traduzida pelos fatos que estão acontecendo (MELO, 1994) - determina e regula o estabelecimento dos mais diversos discursos totalizantes em *Especial Mulher*. Além disso, essas compreensões tomam existência porque os enunciados

heterogêneos e dispersos, ditos por especialistas e detentores de saber, carregam resquícios culturais (LIMA, 2000), envoltos por formas pré-determinadas de moradia, decoração, trabalho, consumo, alimentação, vestuário, dizeres, relacionamentos etc, tidos como verdadeiros para o período pós-moderno, e que asseguram e disseminam, entre as consumidoras da revista, certos valores, atitudes, hábitos, desejos e necessidades.

Mesmo nomeando, recortando, descrevendo e articulando outros domínios (jurídico, médico, econômico, religioso etc) e campos discursivos que não se referem ao objeto mulher (moda, psicologia, nutrição, sexualidade, estética, entre outros), esses enunciados, quando apresentados recorrentemente, constantemente comentados, ressignificados e/ou deslocados na regularidade discursiva de *Veja* (FOUCAULT, 1996) acabam por enfatizar, alimentar e legitimar determinados saberes sobre os sujeitos femininos, provenientes das novas configurações de comportamento existentes na modernidade líquida.

Esses saberes exercem um determinado poder de coerção sobre os discursos que circulam no cotidiano das leitoras de *Edição Especial*, de tal modo que essas mulheres passam a buscar apoio e legitimidade no discurso “verdadeiro” veiculado pela revista, como uma forma de fundamentar e justificar seus próprios dizeres e habituais práticas sociais. Dada essa característica, podemos afirmar que, em *Veja*, os sujeitos enunciativos são, ao mesmo tempo, aqueles que podem dizer a verdade sobre os fatos, procedente do saber que detém sobre eles, bem como, aqueles que podem produzir acontecimentos, pelo poder que exercem na sociedade. Especificamos melhor essa afirmativa, esclarecendo que, com base em enunciados que carregam saberes legitimados por determinados especialistas, *Veja* constrói discursivamente uma nova idéia de identidade feminina indissociável de imagens modelares, que passam a ser absorvidas como verdades universais pelas consumidoras da revista. São saberes, práticas e usos culturais empregados e fixados pelas leitoras em suas vivências diárias como aspectos definidores para uma identidade feminina determinada; protótipos que as atravessam e constituem percepções subjetivas da realidade, ressignificando “ser mulher” no tempo presente.

Tais absorções ocorrem a partir de um processo de identificação (WOODWARD, 2000) das consumidoras de *Veja* com esses modelares. Essa identificação convoca as leitoras à reapropriação e utilização dos discursos totalizantes organizados e veiculados pela revista e, conseqüentemente, a assumirem para si determinadas práticas e formas de comportamento, por meio das quais elas “se constroem” como mulheres, ainda que temporariamente. Em razão dessa propriedade, *Edição Especial* ocupa um lugar central de poder no desempenho e na

experiência individual e coletiva dos sujeitos femininos, intervindo na forma como suas leitoras interpretam o passado, percebem o presente e concebem o futuro.

No entanto, as absorções desses modelares de mulher em verdades universais são realizadas de maneira não passiva (DE CERTEAU, 1996) pelas leitoras de *Edição Especial Mulher*. O processo de diferença (SILVA, 2000) também ocorre, levando-as a não aceitarem alguns dos protótipos e papéis sociais veiculados na revista. Esse processo de diferença se estabelece a partir do momento em que as consumidoras de *Veja* classificam e excluem certos modelares femininos, por considerá-los opostos, nulos e diferentes de si. Ocorrido o processo de diferença, surge por parte das leitoras à separação/rejeição (FOUCAULT, 1996) de determinados discursos totalizantes organizados por *Veja*, que não são acolhidos, mas recusados, considerados negativos ou sem importância, falsos e inadequados para essas mulheres, conforme aquilo que lhes cabe na posição de sujeito (FOUCAULT, 1997) que ocupam na sociedade.

É importante observar que essas identificações e diferenças não são completas ou definitivas, pois as posições de sujeito que as leitoras ocupam socialmente não são estáticas; a rede de lugares em que as consumidoras da revista se situam está sempre se rompendo, aqui e ali, por meio de resistências cotidianas (FOUCAULT, 1998), de modo que o ponto que cada uma dessas mulheres ocupa está continuamente subordinado a variações dependentes do momento dado e da relação firmada entre os mais diversos sujeitos.

As resistências cotidianas deixam entrever a luta das mulheres na sociedade pela busca da identidade e, mais ainda, a luta contra certas formas de poder, que classificam os sujeitos em categorias e os ligam a pretensas identidades, impondo-lhes uma lei de “verdade” “necessária” para que eles se reconheçam e para que os outros sujeitos também os reconheçam da mesma maneira. Nessa perspectiva, os sujeitos femininos vivem oscilando entre a aceitação do poder e a luta contra ele, o que nos permite compreender que o poder de *Veja - Edição Especial* não é absoluto, mas transitório, constantemente reelaborado e organizado, para melhor se adequar as suas leitoras.

Cabe abriremos um espaço para destacarmos que esse poder midiático - que auxilia na construção de identidades ao produzir significações e impor saberes e “verdades” que oferecem uma “direção” às consumidoras da revista *Veja* - é, sobretudo, manifesto sob a forma de tecnologias disciplinadoras (FOUCAULT, 1984), isto é, técnicas aparentemente inofensivas e ingênuas que, ao serem utilizadas por *Edição Especial Mulher*, constroem padronizações de sujeito feminino. Consideradas para Foucault (1998), como um olhar

invisível, as técnicas disciplinares são incorporadas pelas consumidoras da revista, que passam por um processo de dupla vigília: de si e dos outros.

Dentre as modalidades contínuas de técnicas disciplinadoras, nos interessam dois grandes grupos estabelecidos por Foucault (1985), os quais, como mecanismos heterogêneos de vigilância e autocontrole elaborados pela sociedade, atingem as leitoras de *Veja*, determinam suas condutas, as edificam, transformam e redefinem identidades femininas no tempo presente. São eles: a) técnicas de poder, que ao serem utilizadas em *Especial Mulher*, carregam elementos capazes de construir imagens modelares, de determinar a conduta de suas leitoras, submetendo-as a certos fins e dominação e, conseqüentemente, objetivando-as em sujeitos femininos; b) técnicas de si, que permitem que as consumidoras de *Veja* se subjetivem, isto é, voltem o olhar para elas mesmas, para seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser, a fim de organizarem uma consciência de si - de suas particularidades, características e desejos; técnicas que propiciam que tais mulheres estabeleçam determinadas operações sobre seus corpos e almas e se apropriem de uma relação individual, a fim de compreenderem aquilo que são e encontrarem para si uma identidade, constituindo-se em sujeitos femininos de suas próprias existências.

Essas técnicas disciplinares mantêm uma negociação constante em *Veja - Especial Mulher*, o que torna possível um tipo de gestão dos indivíduos, denominada por Foucault (1985) de governamentalidade, ou seja, o encontro entre as técnicas de dominação e objetivação exercidas sobre os outros e as técnicas de subjetivação feitas pelos próprios indivíduos para se instituírem como sujeitos de si.

A governamentalidade adota em *Veja - Mulher* a forma de dois conselhos técnicos dirigidos às leitoras: “tome conta de si mesma” e “conheça a si mesma”. Esses dois conselhos são normas que Foucault (1985) nomeia de “cultura de si”, ou seja, um princípio individualista que se fundamenta na aplicação do sujeito feminino em cuidar de si, ocupar-se consigo e conhecer-se interiormente. Para o teórico, as duas determinações estão sempre associadas e a segunda subordina a primeira, isto é, a partir dos enunciados agrupados por *Edição Especial*, o processo de objetivação que constrói protótipos femininos alimenta o processo de subjetivação das leitoras da revista, levando-as a voltarem o olhar para si e encontrarem uma identidade.

Em *Veja*, a objetivação das leitoras em sujeitos femininos ocorre a partir do momento em que o jornalista organiza, por meio dos mais diversos procedimentos estratégicos, enunciados dispersos e heterogêneos - provenientes de diferentes campos discursivos e efetivamente ditos por detentores de saber de diversas ordens - envoltos de determinadas

normas e preceitos, próprios de uma cultura pós-moderna. São enunciados apresentados sob a forma de dicas, conselhos, receitas e estatísticas referentes a aspectos como: moda, saúde, estética, sexualidade, relacionamentos afetivos, mercado de trabalho etc, que disseminam entre as consumidoras da revista determinados valores, atitudes, hábitos, desejos e necessidades e acabam por estabelecer, na regularidade discursiva de *Edição Especial*, protótipos de mulher.

Tais normas estão envoltas de uma mesma recomendação: “tome conta de si mesma” - isto é, cuide de seus hábitos, preocupe-se com o seu corpo, preste atenção em suas emoções, atente para seus relacionamentos, cuide de sua vida espiritual, vigie sua maneira de falar, tome cuidado com sua saúde, preocupe-se com sua maneira de se vestir, governe seu modo de se alimentar, administre bem suas finanças, conduza sua vida profissional, invista em momentos de lazer etc.

Esses modos de objetivação do sujeito feminino, organizados por *Veja* por meio de técnicas disciplinares e programações de conduta, nos possibilitam perceber a revista como um aparelho institucional de controle que constrói, a partir dos saberes e novas configurações do comportamento feminino que circulam socialmente na modernidade líquida (BAUMAN, 2001), “verdades” sobre a mulher pós-moderna; uma revista que guia comportamentos, idéias e condutas por meio de sua discursividade, servindo como uma espécie de mentor que exerce certa autoridade e controle sobre os papéis sociais de suas leitoras.

Como parte desse cuidado de si, está o exercício que cada leitora - representada em nossas análises, a partir de um gesto de delimitação, pelas mulheres entrevistadas pela revista, cujos depoimentos tomam a forma de citações diretas e indiretas organizadas no texto pelo jornalista - realiza, quando colocada diante de tais recomendações e padronizações femininas. É um exercício individual de exame e avaliação de conduta, numa atenção meticulosa com a aplicação dos detalhes de tais práticas, a fim de corrigi-las ou mantê-las.

Nas reportagens de *Veja*, o espaço dado às entrevistadas para que elas falem sobre o seu modo de ser - o cuidado que mantêm com seu corpo, emoções, relacionamentos, vida espiritual, saúde, alimentação, sexualidade etc - permite sua subjetivação, isto é, que voltem o olhar para si, examinem em que estágio de normas disciplinares elas se encontram e obtenham, conseqüentemente, um conhecimento de si, ou seja, uma reflexão sobre suas particularidades, características e desejos, numa apreciação individual.

Esses modos de subjetivação emergentes nas citações organizadas no decorrer das reportagens nos permitem considerar *Veja* como um espaço possível para que as entrevistadas “colem” em cada página sua cotidianidade e façam da revista uma extensão de si, vivendo

nela suas próprias práticas, técnicas, comportamentos, particularidades, características, desejos, programações de conduta e disciplinas.

Nesse sentido, *Especial Mulher* apresenta às leitoras o cuidado e o exame de si como dois fundamentos que permitem um autoconhecimento. Em torno de enunciados repletos dos conselhos “tome conta de si mesma” e “conheça a si mesma”, a revista impressa transmite e determina para o sujeito feminino certas atitudes e regras de conduta na vida social e pessoal, que possibilitam às leitoras um encontro de si, bem como, de uma identidade feminina que as permita reconhecerem-se como mulheres do tempo presente.

Conforme especifica Foucault (1985), o cuidado e o exame de si são alicerces para a construção identitária, justamente porque o zelo esmiuçado com os detalhes da vida cotidiana leva o sujeito a ser um administrador permanente de si mesmo. Ele renuncia constantemente determinadas práticas, supervisiona e reavalia sua conduta, de modo a eliminar seus erros e descobrir uma “verdade” sobre si, ou seja, sobre como deveria ser para encontrar a tão almejada unicidade, homogeneidade e centralização identitária.

É em razão das propriedades especificadas que observamos o espaço jornalístico como uma superfície primeira de emergência (FOUCAULT, 1997) onde as identidades femininas pós-modernas podem aparecer e serem constituídas; um plano de amostra inicial dessas identidades, isto é, um primeiro nível de suas manifestações, a partir do qual elas podem ser limitadas, nomeadas e descritas. Ainda mais, consideramos a esfera jornalística como um lugar possível para que essas identidades se definam e sejam continuamente transformadas.

Em uma instância de delimitação (FOUCAULT, 1997), voltamos o olhar para *Veja - Edição Especial Mulher*, porque, ao falar sobre a mulher, sobre suas particularidades e peculiaridades, essa revista diversional traz consigo, por meio de uma rede de enunciados dispersos e heterogêneos, aspectos definidores e técnicas disciplinares utilizadas como alicerces para uma construção identitária feminina, tornando-se a revista, desse modo, um complexo, poderoso e sofisticado dispositivo de produção desse tipo de identidade.

Levando em conta as reflexões realizadas até aqui, debruçamo-nos nas próximas seções sobre dez reportagens que compõem nosso arquivo de análise, procurando diagnosticar, em suas práticas discursivas e não-discursivas (FOUCAULT, 1997), a algumas individualidades comuns e fragmentadas, bem como, identidades padronizadas e coletivas; mulheres que se encontram em um jogo de lutas identitárias, conflitos e decisões que as inscrevem em seu tempo e seu espaço social.

Esse arquivo é composto pelas seguintes reportagens:

- *Veja - Edição Especial Mulher*, agosto, 2002
 - 1) “*Já fez o dever de casa?*”;
 - 2) “*Adoro ser solteira*”;

- *Veja - Edição Especial Mulher*, agosto, 2003
 - 3) *Tal filha, tal mãe*;
 - 4) *Xiita, sim, mas funcional!*;
 - 5) *Elas preferem os loiros*;

- *Veja - Edição Especial Mulher*, maio, 2006
 - 6) *Esta mulher tem 50 anos!*;
 - 7) *Os odiosos 2 quilos a mais*;
 - 8) *A ordem é simplificar*;

- *Veja - Edição Especial Mulher*, junho, 2008
 - 9) *Competência não tem gênero*;
 - 10) *Adiar nem pensar*.

Procuramos organizar metodologicamente esse material de análise, visando facilitar nosso movimento investigativo. Para tanto, recorreremos a grades de especificação, isto é, sistemas de particularização (FOUCAULT, 1997) a partir dos quais é possível observar, nos enunciados heterogêneos e dispersos que compõem nosso arquivo, a disposição de determinados temas, isto é, assuntos relacionados ao universo social feminino. Conforme esclarecem Guilhaumou e Maldidier (1997), a noção de tema elaborada por Foucault supõe a distinção entre o conjunto de possibilidades atestadas em uma situação histórica dada e o acontecimento discursivo que realiza uma dessas possibilidades, sendo que o acontecimento discursivo é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado. Nesse sentido, dentre o vasto número de temas existentes nas quatro edições de *Edição Especial* que elegemos e que fazem menção ao universo da mulher pós-moderna, as dez reportagens recortadas como materiais de análise manifestam, por meio dos enunciados que organizam, três objetos discursivos. São eles: a) o trabalho; b) a estética; c) o relacionamento amoroso.

Ao observarmos esses objetos nos enunciados dispersos e heterogêneos organizados pela revista, vemos a possibilidade de demarcá-los em três planos de diferenciação

(FOUCAULT, 1997) que compreendem: a) a inserção da mulher no mercado de trabalho e os múltiplos papéis sociais que ela exerce simultaneamente; b) a beleza estética da mulher; c) a conquista de desejos subjetivos e do amor próprio adquiridos pela mulher por intermédio dos relacionamentos amorosos.

Como poderemos observar nas próximas seções, entre os enunciados que compõem esses três planos de diferenciação estabelecem-se relações de semelhança, de proximidade, de afastamento, de diferença, de transformação, num domínio de parentesco (FOUCAULT, 1997), significando que, nas práticas discursivas de *Veja – Edição Especial*, não se pode falar de qualquer coisa sobre o objeto discursivo mulher, mas somente o que, dentro da condição da pós-modernidade, se é aceito e considerado como “verdade” para essa época histórica.

Tais objetos discursivos constroem três trajetos temáticos (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1997), isto é, um conjunto de configurações textuais, ocorrências e enunciados que, de um tema a outro, associam as práticas cotidianas que envolvem a mulher pós-moderna e constituem uma espécie de matriz das novas identidades femininas. É possível apreender, por meio dos trajetos temáticos, feixes de sentido de enunciados agrupados a partir da organização de diferentes objetos discursivos. Esses três caminhos também nos permitem alcançar efeitos de sentidos em torno do percurso de posições de sujeito e da formação de conceitos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2002) que compõem nosso arquivo. Nossos trajetos temáticos são nomeados como:

a) o trabalho, a mulher e seus múltiplos papéis. Este trajeto circunscreve as seguintes reportagens: “*Já fez o dever de casa?*” (*Veja*, agosto de 2002); *A ordem é simplificar* (*Veja*, maio de 2006); *Competência não tem gênero; Adiar nem pensar* (*Veja*, junho, 2008).

b) a beleza estética da mulher. Este trajeto compreende as reportagens: *Tal filha, tal mãe; Xiita, sim, mas funciona!* (*Veja*, agosto, 2003); *Esta mulher tem 50 anos!; Os odiosos 2 quilos a mais* (*Veja*, maio, 2006).

c) o relacionamento amoroso entre homem e mulher. Este trajeto circunscreve as seguintes reportagens: *Elas preferem os loiros* (*Veja*, agosto, 2003); “*Adoro ser solteira*” (*Veja*, agosto, 2002).

É a articulação metodológica da noção de trajeto temático com a de enunciado que nos oferece elementos para investigar quais são os modelos para os quais apontam as novas

identidades da mulher no tempo presente, bem como, os saberes que as envolvem. Esses modelos e saberes resultam do exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1997) na produção discursiva por nós analisada. Desse modo, toda nossa reflexão analítica incide sobre a descrição do exercício da função enunciativa de que os enunciados em torno das novas identidades femininas em *Edição Especial Mulher* são portadores.

A obtenção de feixes de sentido em relação aos modelos femininos no tempo presente também é alcançada pela gestão da governamentalidade (FOUCAULT, 1985) no sujeito feminino, por nós diagnosticada em seqüências enunciativas de nosso arquivo. Além disso, tais feixes são adquiridos pelas noções de mulher-elástico (FERNANDES, 2006), flutuação (BAUMAN, 2004) e fragmentação (ROSÁRIO, 2002), que nos permitem observar o conjunto de papéis sociais atribuídos às mulheres contemporâneas.

Já as redes de memórias evocadas em certos enunciados por intermédio das noções de memória discursiva e interdiscurso (COURTINE, 1981), são possibilidades para que observemos a maneira como são edificados, transformados, redefinidos e mantidos os saberes sobre a mulher contemporânea, os quais, enquanto “verdades” próprias de uma determinada época, envolvem determinados modelares femininos.

A regularidade discursiva presente na dispersão dos enunciados em torno dos objetos discursivos trabalho, estética e relacionamento amoroso, assim como os saberes, efeitos de “verdade” e disciplinaridades que deles emergem, afloram nas práticas discursivas e não-discursivas das dez reportagens que constituem nosso arquivo de análise. Essa regularidade, saberes, efeitos e técnicas disciplinares podem ser vislumbrados por meio do movimento teórico-metodológico que acabamos de delinear. É sobre esse percurso analítico de enunciados que nos fundamentamos, conforme exposto nas seções seguintes.

3.2 “Mas é preciso ter força, é preciso ter raça”: o trabalho, a mulher e seus múltiplos papéis

Conforme Osório (2004), no período histórico da modernidade líquida, a participação da mulher no mercado de trabalho tem sido cada vez mais progressiva e se tornado uma possibilidade para a conquista da independência econômica, aprimoramento intelectual e, conseqüentemente, para a realização pessoal feminina.

Para a autora, essas aquisições tornam o espaço público um valor e uma aspiração de grande parte das mulheres. A fim de conquistá-lo, atitudes, hábitos, ideais e formas de sociabilidade são empregadas, denotando a busca dos sujeitos femininos por um sentido para

suas vidas pessoais e por uma identidade coerente com as novas configurações femininas expressas na contemporaneidade.

São configurações que rejeitam a participação exclusiva das mulheres no espaço doméstico e que as têm levado ao rompimento das aspirações do casamento e da maternidade enquanto únicos elementos formadores da identidade feminina. Nesses termos, podemos afirmar que a modernidade líquida tem retirado das mulheres saberes que lhes foram tradicionais em outros períodos históricos e que contribuíam para o estabelecimento de modelares femininos baseados nos papéis de dona de casa, esposa e mãe (BAUMAN, 2001).

Entretanto, Fernandes (2006) salienta que, na modernidade líquida, o ideal tradicional da boa esposa, dona de casa e mãe dedicada não desaparece como modelo feminino, mas se estende a uma nova condição da mulher: a tripla jornada de trabalho, que compreende a esfera pública remunerada, o âmbito doméstico e o cuidado com os filhos e o marido.

Apesar da existência desses múltiplos papéis femininos na pós-modernidade, Fernandes (2006) destaca que as funções do espaço doméstico são, de certo modo, desqualificadas, quando comparadas com a cultura do trabalho e os elementos que dela emanam - independência econômica, formação profissional, aprimoramento intelectual - característicos do universo feminino pós-moderno e tidos pelas mulheres como indicadores de pertencimento e inclusão social.

Veja - Edição Especial Mulher produz discursivamente sentidos em relação a essa tripla jornada de trabalho e os múltiplos papéis que caracterizam a mulher contemporânea, nas reportagens “*Já fez o dever de casa?*” (*Veja*, agosto de 2002), *Competência não tem gênero*, *Adiar nem pensar* (*Veja*, junho de 2008) e *A ordem é simplificar* (*Veja*, maio de 2006). Nelas, observamos algumas sequências de enunciados que produzem uma unidade e uma série enunciativa sobre as novas identidades femininas na contemporaneidade, por intermédio da relação estabelecida entre diferentes objetos discursivos, materialidades enunciativas, posições de sujeito e um domínio associado de enunciados.

A análise dessa série nos possibilita visualizar, nas práticas discursivas de *Especial Mulher*, sentidos historicamente estabelecidos, ou seja, relações de saber e efeitos de verdade, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistemas de normas e disciplinas que, como práticas não-discursivas e discursivas, delineiam protótipos femininos contemporâneos, os quais incidem diretamente sobre a constituição identitária das leitoras da revista impressa.

Respaldados por esse caminho teórico-metodológico, damos início às nossas análises a partir de seqüências enunciativas retiradas da reportagem *Competência não tem gênero*¹⁴, que circulou na *Edição Especial Mulher* em junho de 2008. Por meio dessas seqüências de dizeres, os sujeitos enunciadores da reportagem empregam a cultura do investimento profissional, que domina o perfil da mulher pós-moderna e propõem às leitoras determinados saberes, estilos de vida e programações de conduta, para que elas alcancem a realização pessoal e se tornem sujeitos femininos de suas próprias existências.

Em *Competência não tem gênero*, o diálogo estabelecido entre as diferentes modalidades de enunciados toma como ponto principal o objeto discursivo trabalho e convida as consumidoras da revista impressa a conhecerem a história de mulheres que investiram na carreira profissional, galgaram cargos de chefia e gozam de excelente posição financeira, desempenho intelectual e realização pessoal.

São estas as seqüências enunciativas por nós recortadas:

a) o título *Competência não tem gênero*;

b) os enunciados dispostos no quadro de porcentagens, localizado na página 31:

As mulheres são maioria entre os empreendedores brasileiros; As mulheres são donas de 52% dos negócios brasileiros; Há sete anos, elas eram apenas 29% desse contingente; Além do Brasil, só Japão e Porto Rico têm mais mulheres empreendedoras do que homens; O lado menos róseo desse número: 63% das empreendedoras brasileiras começam um negócio próprio por pura necessidade, como a única forma de ganhar algum dinheiro; A razão: em janeiro deste ano, de cada 10 pessoas desempregadas no país, 6 eram mulheres (COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008).

c) os dizeres organizados no segundo parágrafo da segunda coluna, disposta na página 31:

[...] À exceção de Nara, que começou a carreira após os 40 anos, e de Rose, que resolveu trabalhar depois de ter os três filhos, as outras nunca usufruíram licença-maternidade. Nenhuma delas sabe o que é tirar férias de um mês [...] (COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008).

¹⁴A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo A).

d) os enunciados distribuídos no primeiro e segundo parágrafo do *box* construído na página 34:

[...] Bia Aydar tem uma vantagem sobre a maioria dos mortais: com quatro horas de sono, está nova em folha. [...] De sua sala, Bia avista o Parque do Ibirapuera de um lado e a equipe do outro. “Se pego alguém brincando, dou bronca mesmo”. Ali ela tem também réplicas de seu banheiro particular (todo branco, com espelho de camarim) e de seu closet (com muito Manolo Blahnik, Gucci, Prada, Valentino e Chanel), mais uma cama forrada com algodão egípcio. Ou seja, dormir no trabalho ou já sair dele para uma festa não é problema [...] Bia conta para tudo com a ajuda da irmã, Fernanda Nigro. “Vivo da mesada que ela me dá. Não sei administrar meu dinheiro”, diz (COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008).

e) os dizeres dispostos no decorrer do primeiro parágrafo do *box* situado na página 33:

[...] ao receber uma proposta de compra, Rose colocou o pé no freio. “Não estava feliz. Tinha virado escrava do trabalho”. Resultado: mandou trinta funcionários embora e mudou tudo para um local mais simples [...] e à Rose, ainda sobra tempo para cuidar dos três filhos, do marido e até para cozinhar (COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008).

Alguns desses enunciados apresentam técnicas e programações de conduta que incentivam as leitoras de *Veja* a fazerem parte de um grupo de mulheres que se preocupa com sua inserção no espaço público e que necessita dos saberes que envolvem a conquista do universo do trabalho para participar dessa esfera. Outras seqüências enunciativas congregam olhares variados de entrevistadas de *Veja*, que, por meio de seus depoimentos, apreciam seus próprios hábitos e observam se estão obedecendo às normas disciplinares necessárias para o alcance do sucesso profissional apregoado pela reportagem.

Desse modo, o tema trabalho, enquanto uma prática discursiva constituída historicamente fora da revista, agencia o encontro de técnicas de objetivação exercidas sobre as leitoras de *Edição Especial* e técnicas de subjetivação praticadas pelas próprias leitoras e entrevistadas para se instituírem como sujeitos femininos pós-modernos. Essa negociação constante, denominada por Foucault (1985) de governamentalidade, propõe às consumidoras da revista, a partir de processos de objetivação, uma imagem de identidade feminina atrelada à inserção da mulher no campo profissional. O tema também proporciona às leitoras o exame de si, por meio de processos de subjetivação. Nessa apreciação interior, elas podem observar se estão moldadas a um padrão feminino, para que possam ser definidas e se definirem como

mulheres contemporâneas, assim como, encontrar em si e para si uma identidade “própria”, ligada às suas individualidades comuns.

Um dos modos de objetivação capaz de construir imagens modelares e determinar a conduta das leitoras de *Veja* ocorre por intermédio de um procedimento estratégico bastante recursivo no jornalismo, pelo fato de proporcionar a compreensão imediata do assunto abordado: o quadro de porcentagem. A seqüência enunciativa organizada no quadro intitulado *Elas mandam aqui* explica porque as mulheres superam os homens no empreendedorismo nacional:

As mulheres são maioria entre os empreendedores brasileiros; As mulheres são donas de 52% dos negócios brasileiros; Há sete anos, elas eram apenas 29% desse contingente; Além do Brasil, só Japão e Porto Rico têm mais mulheres empreendedoras do que homens; O lado menos róseo desse número: 63% das empreendedoras brasileiras começam um negócio próprio por pura necessidade, como a única forma de ganhar algum dinheiro; A razão: em janeiro deste ano, de cada 10 pessoas desempregadas no país, 6 eram mulheres (COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008, p. 31).

Essa seqüência enunciativa chama a atenção das leitoras para o fato de que, atualmente, a maioria dos negócios nacionais é comandada por mulheres, as quais iniciaram a carreira de empreendedoras devido à escassez de empregos no mercado de trabalho e à necessidade de adquirir renda financeira. Tais enunciados também anunciam que esse número de mulheres cresceu demasiadamente desde 2001, quando a participação feminina no comando de negócios se resumia em números bem menores. Por intermédio dessa seqüência enunciativa repleta de números e porcentagens *Veja* proclama uma imagem padronizada de mulher pós-moderna trabalhadora, dotada de iniciativa, forte, determinada mesmo em meio às circunstâncias desfavoráveis, motivada a adquirir independência financeira, como poderemos observar no decorrer das análises.

Ao voltarmos o olhar para os enunciados organizados no quadro de porcentagem, manifestamos o interesse por conhecer e avaliar a espessura material que anuncia esse arquétipo de mulher contemporânea. Investigar a materialidade desses enunciados, segundo orienta o método arqueológico foucaultiano, diz respeito a demarcar a superfície que registrou os signos lingüísticos, o lugar e a data. Portanto, perguntamos: a) quem fala e qual é o *status* desse sujeito enunciatador que tem competência e saber para falar sobre o objeto discursivo trabalho e, por conseguinte, motivar as leitoras de *Edição Especial* para que tenham um comportamento difundido por imagens pós-modernas padronizadas? b) quais são os lugares

institucionais de onde esse sujeito enunciatador obtém os discursos sobre o objeto trabalho? c) quais as posições adotadas por tal sujeito enunciatador?

Buscando responder a esses questionamentos, notamos primeiramente que a seqüência enunciativa que compõe o quadro de porcentagens de *Especial Mulher* é efetivamente dita por sujeitos reconhecidos pela sociedade como especialistas do campo discursivo da estatística. Mais especificamente, pesquisadores do Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), instituição que analisa, anualmente, o comportamento da iniciativa privada em quarenta e dois países do mundo e que integra a Organização Mundial de Monitoramento Global de Empreendedorismo.

Percebemos que o IBQP é reconhecido internacionalmente e tem condições legais que dão aos seus profissionais o *status* de peritos atualizados sobre as tendências mundiais do mercado de trabalho contemporâneo; indivíduos que, numa posição de sujeito de pesquisador estatístico, têm um conjunto de requisitos, competência e autoridade para falar sobre o objeto discursivo trabalho. Nessa perspectiva, compreendemos que esse lugar institucional é um espaço social a partir do qual os profissionais da ordem discursiva da estatística podem estabelecer certas “verdades” em relação ao universo do trabalho, e mais, sobre a inserção da mulher na iniciativa privada e em altos cargos de chefia; uma instituição que, como um campo documentário, dissemina uma massa de informações sobre os sujeitos femininos.

É aos enunciados efetivamente ditos por esses estudiosos que o jornalista de *Especial Mulher* 2008 recorre, quando impedido - pelo processo de interdição da ordem discursiva midiática (FOUCAULT, 1996) - de proferir discursos sobre o mercado de negócios e profissões. Para produzir o quadro de porcentagens, o jornalista ocupa uma posição de sujeito que retoma e desloca enunciados pronunciados por outros sujeitos, em outros lugares institucionais e em outras épocas.

Tais enunciados carregam três normas de conduta que objetivam as mulheres em sujeitos femininos pós-modernos: *trabalhe, seja empreendedora, lute em meio às adversidades*. A soma dessas regras disciplinares e a materialidade dos enunciados constroem no quadro de porcentagem um efeito de verdade sobre a participação das mulheres no espaço público, incentivando-as à conquista de posições de liderança e à aquisição de negócios próprios; efeito que acaba por produzir para suas leitoras um protótipo de mulher contemporânea ativa, laboriosa, batalhadora e motivada à conquista do sucesso profissional e financeiro, mesmo em meio aos infortúnios cotidianos.

Esses saberes sobre a mulher pós-moderna são reforçados na mesma reportagem, mediante outra seqüência, que é estrategicamente organizada pelo jornalista sob o formato de

título, preenche o espaço superior das páginas 30 e 31 e traz, sinteticamente e com o verbo na terceira pessoa singular do tempo presente, os seguintes dizeres: *Competência não tem gênero*.

Embora esse enunciado esteja desprovido de elementos lingüísticos que expressem a identidade de seu autor-organizador, isso não indica neutralidade, pois sua espessura material define uma posição discursiva. O enunciado é efetivamente dito por um jornalista que fala a partir do campo da política e, numa posição de sujeito partidária, exerce a função de condutor de um discurso histórico, pertencente ao movimento feminista: o discurso da igualdade de gêneros.

Alicerçado nessa instituição política, o jornalista adquire um *status* de competência e saber para falar do objeto trabalho e sobre a inserção da mulher contemporânea na iniciativa privada e em altos cargos de chefia, já que o feminismo é reconhecido socialmente como um campo de idéias políticas, filosóficas e sociais que vem estabelecendo certas “verdades” em relação à mulher, durante o decorrer dos séculos XX e XXI.

Dadas essas características, não podemos observar o enunciado *Competência não tem gênero* como um elemento livre, neutro e independente, já que ele tem suas margens povoadas por outros enunciados, os quais promovem os direitos e interesses das mulheres na sociedade civil e apregoam que a divisão hierárquica entre os sexos não parte de uma questão biológica, mas cultural e histórica. Desse modo, o enunciado em análise se liga, num espaço historicamente delimitado, a um domínio associado, isto é, um campo em que coexistem diferentes enunciados, dispersos e heterogêneos.

Esses enunciados distintos que convivem em um campo associado são, conforme Courtine (1981) especifica, formulações já-ditas em outras épocas, em outros momentos da história e provenientes de diferentes lugares sociais; dizeres distintos, apagados e silenciados no tempo pela descontinuidade e na história, aos quais o teórico denomina como interdiscursos.

É a esses interdiscursos feministas que o título *Competência não tem gênero* se refere explicitamente, adaptando-os à conjuntura da reportagem. São conjuntos de enunciados relativos aos seguintes quesitos: inserção dos sujeitos femininos no mercado de trabalho, crescimento das oportunidades profissionais para as mulheres, igualdade de salários para ambos os sexos no exercício da mesma função, participação das mulheres em profissões e cargos ocupados em momentos históricos anteriores somente por homens etc.

Essa referência explícita que o enunciado *Competência não tem gênero* faz aos interdiscursos feministas aponta para o fato de que “[...] todo enunciado liga-se a uma

memória e, assim, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 1997, p. 113). Nessa perspectiva, conforme evidencia Gregolin (2004b), o domínio associado ao qual o título *Competência não tem gênero* está ligado permite que esse enunciado apresente relações possíveis com um retorno de temas e figuras do passado, que se colocam insistentemente na atualidade. Tal regresso é possível por intermédio de certos tipos de memória, que trarão à tona um conjunto de interdiscursos feministas, que se inter-relacionam e emolduram efeitos de sentidos acerca das novas identidades femininas na contemporaneidade.

Para localizarmos esses feixes de sentido em torno do enunciado *Competência não tem gênero*, remeter-nos-emos à noção de memória discursiva, formulada por Courtine (1981) e que é compreendida, não como uma memória psicológica, individual, mas como uma memória que diz respeito a um saber social, histórico, mítico e coletivo, inscrito em práticas discursivas e compartilhado por um grupo de sujeitos. Essa memória permite a possibilidade de um sujeito recuperar feixes de sentidos a partir de interdiscursos, isto é, por intermédio de uma multiplicidade de dizeres existentes em outros lugares e em outras épocas.

A referência explícita aos interdiscursos de igualdade entre os sexos no enunciado *Competência não tem gênero* produz feixes de sentido, alcançados por meio das memórias social e histórica. A memória social diz respeito ao que ainda está vivo na consciência de um grupo (DAVALLON, 1999) sobre o movimento feminista, a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social. Esses dados e noções são saberes sobre o movimento, os quais obtiveram maior destaque nas práticas da sociedade nacional, isto é, são idéias, crenças e valores que saíram da indiferença, que deixaram o domínio da insignificância, conservando uma força que os levaram à atemporalidade, no decorrer da história. São eles: o ideal de crescimento das oportunidades de trabalho para os sujeitos femininos, inserção da mulher no mercado de trabalho, igualdade de salários para ambos os sexos no exercício da mesma função, participação das mulheres em profissões e cargos ocupados em momentos históricos anteriores somente por homens etc, como já havíamos citado anteriormente.

É em decorrência desses saberes que o movimento feminista pode ser considerado um “acontecimento memorizado” (DAVALLON, 1999), que entrou para a história como um “acontecimento histórico” e se tornou, indissociavelmente, um monumento de recordação. Seu discurso de igualdade entre os gêneros, em equivalência, transformou-se em um elemento vivo na memória social e na memória histórica. Segundo apresenta Halbwachs (*apud* NAVARRO-BARBOSA, 2004), a memória histórica é construída pelos historiadores e

resgata características peculiares das mulheres do período moderno e pós-moderno. Ela fornece um quadro de acontecimentos, com possibilidades universais, e constitui-se numa construção subjetiva e seletiva do passado.

A discursividade de igualdade de gêneros, resgatada a partir das memórias social e histórica, defende, basicamente, a crença de que as mulheres também possuem, tanto quanto os homens, características positivamente valorizadas e supostamente importantes no mercado de trabalho, como, por exemplo, a racionalidade, a perspicácia intelectual, o pensamento lógico, as quais, em períodos históricos passados e ainda no presente, são atribuídas como constitutivas da identidade masculina.

O discurso de igualdade de sexos está em oposição à crença de que as mulheres são dotadas, exclusivamente, de características supostamente fundamentais para o bom andamento do espaço doméstico, como, por exemplo, a intuição, a fragilidade, a abnegação, a docilidade, a sensibilidade, as quais, no passado e ainda hoje são tomadas como definidoras da identidade feminina.

Para o movimento feminista, a atribuição exclusiva dessas características à natureza feminina contribui para uma maciça discriminação das mulheres, uma vez que, a partir dessa concepção de identidade feminina frágil, abnegada, dócil e sensível, lhes foram negadas socialmente todas as capacidades valorizadas na esfera pública e que, até o período moderno (século XV até meados do século XX), garantiram a prioridade dos homens no mercado de trabalho.

O enunciado *Competência não tem gênero* resgata, a partir de um domínio de memória, esses saberes em torno do discurso de igualdade de sexos. Seu dizer sintético, imperativo e com o verbo no tempo presente nega a discursividade de superioridade do homem em relação à mulher, traz à tona o discurso igualitário e dirige às leitoras uma mesma afirmação: você tem as habilidades necessárias para ingressar no espaço público e, simultaneamente, um mesmo conselho: “tome conta de si mesma”, ou seja, “conquiste um lugar no mercado de trabalho, cuide de sua vida profissional e usufrua de independência financeira, crescimento intelectual e realização pessoal que a inserção no espaço público pode lhe propiciar”.

Por meio de um conjunto de enunciados efetivamente pronunciados no decorrer do século XX e que emergem a partir de uma memória social e histórica, *Edição Especial* produz uma imagem modelar de mulher pós-moderna intelectualmente capaz, racional, forte, prática e inflexível, que deixa de lado características como a fragilidade, abnegação, docilidade, sensibilidade e, respectivamente, uma identidade feminina ligada ao espaço doméstico, para

crescer profissionalmente e conquistar o mercado de trabalho. Tal padronização de mulher contemporânea objetiva as consumidoras da revista impressa em sujeitos femininos do tempo presente e também produz nelas modos de subjetivação, ou seja, relações de exame e de domínio individual, como poderemos observar em outra seqüência enunciativa, também retirada da reportagem *Competência não tem gênero*, expressa abaixo.

Esses enunciados estão situados no segundo parágrafo da segunda coluna, disposta na página 31. São formulações efetivamente ditas por seis entrevistadas de *Veja* - nomeadamente, Nara Fauth Pereira, Bia Aydar, Liliana Aufiero, Claudia de Carvalho Alvez, Carmem Campos Pereira e Rose Koraicho: executivas experientes, ocupantes do cargo máximo na empresa que representam. Cabe salientar que esses enunciados estão organizados pelo jornalista com base em um procedimento estratégico bem recursivo na mídia: as citações indiretas da fala de outrem, que permitem ao autor-organizador do texto ocupar a função de sujeito que retoma e interpreta esses dizeres, moldando um protótipo de mulher contemporânea.

Abaixo, a seqüência enunciativa selecionada para análise:

[...] À exceção de Nara, que começou a carreira após os 40 anos, e de Rose, que resolveu trabalhar depois de ter os três filhos, as outras nunca usufruíram licença-maternidade. Nenhuma delas sabe o que é tirar férias de um mês [...] (COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008, p. 31).

Olhando analiticamente para esses dizeres, observamos que, por meio deles, as entrevistadas subjetivam-se, isto é, examinam suas condutas e produzem uma reflexão sobre si, quando se deparam com os saberes que circulam sócio-historicamente e com o protótipo de mulher pós-moderna que está sendo focalizado pela revista (a mulher ativa, trabalhadora, dotada de iniciativa, forte, racional, prática, inflexível e determinada; mulher contemporânea que deixa de lado a fragilidade, o sentimentalismo e a abnegação, a fim de conquistar o sucesso profissional e financeiro, mesmo em meio às circunstâncias cotidianas desfavoráveis). O espaço dado às entrevistadas para que elas falem sobre o seu modo de ser permite que essas mulheres examinem em que estágio de regras disciplinares se encontram para que possam se enquadrar nesse arquétipo feminino pós-moderno.

Esse exame de si é realizado por meio de enunciados que também possuem sua existência material própria. Neles, as entrevistadas ocupam duas posições de sujeito concomitantemente: mãe e trabalhadora remunerada. Prioritariamente, nessa última posição de sujeito, retomam saberes próprios do campo discursivo jurídico e fazem uma alusão às leis

trabalhistas relativas à licença maternidade e às férias de trinta dias, reconhecidas judicialmente como direitos elementares de todo trabalhador brasileiro. Os enunciados *À exceção de Nara, que começou a carreira após os 40 anos, e de Rose, que resolveu trabalhar depois de ter os três filhos, as outras nunca usufruíram licença-maternidade [...] Nenhuma delas sabe o que é tirar férias de um mês [...]* apresentam reflexões de mulheres que, mesmo amparadas pelo direito trabalhista, se submeteram a deixar de lado o tempo usufruído com os primeiros cuidados maternos e com o descanso anual para trabalhar, a fim de adquirir sucesso na carreira profissional e financeira.

Ao enumerarem quais foram as restrições e disciplinas pelas quais passaram para conquistar o mercado de trabalho, as entrevistadas têm a oportunidade de ponderar sobre suas particularidades, características e desejos, numa apreciação interior. Nesse processo, elas descartam a fragilidade, o sentimentalismo e a abnegação como características que compõem sua identidade feminina; enfatizam a força, a racionalidade e a determinação enquanto qualidades que as capacitam para um bom desempenho profissional, mesmo em meio aos momentos desfavoráveis do dia-a-dia.

No entanto, essa identidade feminina coletiva com a qual as entrevistadas mostraram-se encaixadas cede espaço, em outras páginas da reportagem *Competência não tem gênero*, às individualidades comuns e fragmentadas, descentralizadas, que mostram a contradição identitária pela qual passam essas mulheres. Essa fragmentação pode ser observada nos enunciados efetivamente ditos por Bia Aydar, os quais se encontram distribuídos no primeiro e segundo parágrafo do *box* construído na página 34.

Tais formulações compõem uma seqüência enunciativa estrategicamente organizada pelo jornalista a partir da função de sujeito que narra o estilo de vida da executiva, mediante o uso de citações diretas e indiretas dos dizeres de Bia. Nesses enunciados, ao falar do tema trabalho, Aydar se coloca, primeiramente, em uma posição de administradora e, a partir desse campo discursivo, se subjetiva, realizando um exame de si e apresentando algumas das suas características, que a conduziram para a conquista do arquétipo de mulher contemporânea laboriosa:

De sua sala, Bia avista o Parque do Ibirapuera de um lado e a equipe do outro. “Se pego alguém brincando, dou bronca mesmo”. Ali ela tem também réplicas de seu banheiro particular (todo branco, com espelho de camarim) e de seu closet (com muito Manolo Blahnik, Gucci, Prada, Valentino e Chanel), mais uma cama forrada com algodão egípcio. Ou seja, dormir no trabalho ou já sair dele para uma festa não é problema. [...] Bia Aydar tem uma vantagem sobre a maioria dos mortais: com quatro horas de

sono, está nova em folha (COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008, p. 34).

O que podemos perceber no enunciado *De sua sala, Bia avista o Parque do Ibirapuera de um lado e a equipe do outro. “Se pego alguém brincando, dou bronca mesmo”*, é que a entrevistada volta o olhar para si e analisa sua atitude como gerenciadora, apresentando-se como uma mulher enérgica, forte, controladora, decidida e racional, diante de seus subordinados; características sustentadas e recomendadas pelo campo discursivo da administração para aqueles que ocupam cargos de gerência e almejam a conquista de sucesso no mercado de trabalho.

Podemos ainda observar em outra seqüência enunciativa, a recorrência de determinadas maneiras de cuidados de si, tomadas por Bia Aydar como um dos elementos centrais para assegurar uma identidade feminina pós-moderna. São condutas restritivas e disciplinadoras, que a entrevistada constrói para si a fim de alcançar sucesso na vida profissional. Essas regras, ao serem revistas por Aydar no depoimento que fornece à revista impressa, permitem com que ela produza uma reflexão interior e se reconheça como uma mulher contemporânea que luta incansavelmente e faz tudo o que pode para obter êxito em sua carreira:

[...] Ali ela tem também réplicas de seu banheiro particular (todo branco, com espelho de camarim) e de seu closet (com muito Manolo Blahnik, Gucci, Prada, Valentino e Chanel), mais uma cama forrada com algodão egípcio. Ou seja, dormir no trabalho ou já sair dele para uma festa não é problema. [...] Bia Aydar tem uma vantagem sobre a maioria dos mortais: com quatro horas de sono, está nova em folha¹⁵ (COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008, p. 34).

Nos enunciados acima, grifamos determinados comportamentos limitativos construídos pela própria entrevistada: *dormir em seu próprio local de trabalho; repousar apenas quatro horas por noite; ter no ambiente de trabalho uma réplica de sua cama e de seu banheiro residencial, com um closet repleto de roupas, sapatos e acessórios, para não precisar voltar para a casa a fim de se aprontar para um novo dia de tarefas ou para eventuais festas*. Ao observarmos essas disciplinaridades, percebemos que Bia Aydar nega a si, em prol da carreira profissional, o aconchego e a privacidade que seu lar pode lhe propiciar, o convívio diário com a família e as sete ou oito horas de sono necessárias para o bem estar de sua saúde. Notamos também que essas restrições, impostas pela própria

¹⁵Grifos nossos.

entrevistada, produzem uma idéia de completude, de homogeneidade identitária; possibilitam que Bia descubra uma “verdade” sobre quem ela é, de modo a construir, ainda que temporariamente, uma identidade feminina nos moldes contemporâneos.

Entretanto, logo adiante, no segundo parágrafo do mesmo *box*, esse protótipo feminino pós-moderno e a idéia de completude e homogeneidade logo se desfazem. A entrevistada confessa possuir características não aceitas no campo discursivo da administração, como, por exemplo, a incapacidade de gerenciar suas rendas financeiras com economia. Para tanto, ocupa uma posição de sujeito *shopaholic*¹⁶ e manifesta a fragilidade e a desorganização de seu dinheiro como uma de suas características: [...] *Bia conta para tudo com a ajuda da irmã, Fernanda Nigro. “Vivo da mesada que ela me dá. Não sei administrar meu dinheiro”, diz.*¹⁷

Ao compararmos esse último enunciado – marcado pelo uso da citação direta - com as seqüências enunciativas distribuídas no primeiro parágrafo da reportagem, percebemos as múltiplas construções que coexistem simultaneamente em uma mesma mulher, o que descarta qualquer possibilidade de acabamento e unicidade identitária. Em determinado momento, deparamo-nos com um sujeito que procura se encaixar nas novas configurações de padrões femininos expressos na modernidade líquida, e, em outro momento, esse modelo se desmancha, face às características de Aydar não aceitas em uma executiva, como, por exemplo, a desorganização relativa à gerência financeira.

Outra individualidade comum e fragmentada que mostra a contradição identitária pela qual passam as mulheres entrevistadas por *Veja*, pode ser observada por meio dos enunciados efetivamente ditos pela executiva Rose Koraicho, distribuídos no decorrer do primeiro parágrafo do *box* situado na página 33. Nessa seqüência enunciativa, estrategicamente organizada por intermédio de citações diretas e indiretas, o jornalista ocupa a função de sujeito que retoma os enunciados da administradora. Nas páginas da revista, Rose sai da posição de sujeito executiva que a encaixou no modelo de mulher pós-moderna laboriosa, para expor algumas de suas características, consideradas durante o período moderno como tipicamente femininas:

[...] ao receber uma proposta de compra, Rose colocou o pé no freio. “Não estava feliz. Tinha virado escrava do trabalho”. Resultado: mandou trinta funcionários embora e mudou tudo para um local mais simples [...] e a Rose, ainda sobra tempo para cuidar dos três filhos e do marido e até para

¹⁶Termo convencionado nos Estados Unidos da América (EUA) para designar pessoas que sofrem de Oneomania, um transtorno compulsivo para as compras (GUERRA, 2008).

¹⁷Grifo nosso.

cozinhar (COMPETÊNCIA NÃO TEM GÊNERO, VEJA -EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008, p.33).

Como podemos observar, nos enunciados [...] *ao receber uma proposta de compra, Rose colocou o pé no freio. Não estava feliz. Tinha virado escrava do trabalho; [...] ainda sobra tempo para cuidar dos três filhos e do marido e até para cozinhar*, Rose Koraicho deixa a posição de sujeito executiva e a identidade feminina contemporânea, passando a ocupar, na prática discursiva da revista, outros três lugares e papéis sociais: a posição de dona de casa, de boa mãe e esposa dedicada.

Essas diferentes posições nos permitem notar, na individualidade comum da entrevistada, a dispersão do sujeito, bem como, a fragmentação e coexistência simultânea de múltiplas identidades femininas, umas mais e outras menos valorizadas em períodos históricos diferenciados: trabalhadora em ascensão (pós-modernidade), dona de casa, mãe sensível e esposa virtuosa (modernidade). São diferentes identidades em um mesmo sujeito feminino, que ora podem conviver de maneira harmoniosa, ora conflitante.

As considerações realizadas por Foucault (1997) sobre o movimento temporal heterogêneo e descontínuo da história nos possibilitam compreender um dos motivos pelos quais as identidades femininas são, essencialmente, heterogêneas. Entendemos que esse andamento ininterrupto da história propicia aos sujeitos pós-modernos viverem, concomitantemente, múltiplas temporalidades sociais, isto é, apresentarem na contemporaneidade traços de comportamentos regulamentados em outras épocas históricas, conforme seja a relação que esses sujeitos mantêm com os saberes instituídos e tidos como verdadeiros socialmente. Nessa perspectiva, afirmamos que a heterogeneidade temporal e a descontinuidade da história são acontecimentos que caracterizam as mulheres contemporâneas enquanto sujeitos femininos heterogêneos e fragmentados entre os novos e antigos papéis sociais.

Hall (2000), fundamentado na noção foucaultiana de posição de sujeito (1997), articula que as identidades são heterogêneas pelo fato de serem compostas com base nos lugares sociais que cada pessoa ocupa, dos diferentes papéis que exerce e de acordo com as formas de comportamento tidas como “verdadeiras” socialmente. Desse modo, as diferentes situações, expectativas, restrições e espaços sociais em que um sujeito convive fazem com que ele se posicione de um modo e não de outro nos diversos momentos e lugares em que seus distintos papéis são praticados.

Hall (2000) também assinala que essas várias e distintas identidades em um mesmo sujeito são resultantes do contexto de complexas mudanças sócio-históricas, econômicas e institucionais existentes na pós-modernidade, e, dentre elas, cita como exemplos, o neoliberalismo, a globalização e a sociedade de consumo, os quais têm imposto às mulheres uma tripla jornada de trabalho: no âmbito doméstico, na esfera remunerada e no cuidado com os filhos.

Fernandes (2006) destaca que um dos motores propulsores dessa tríplice condição de trabalho é o fato de que a aspiração feminina por uma independência financeira, formação profissional, aprimoramento intelectual e valorização pessoal, convive com o enraizamento cultural de papéis masculinos e femininos cristalizados nos países mais patriarcalistas, o que torna dificultoso o estabelecimento de uma relação de igualdade entre os gêneros, no que diz respeito à divisão das tarefas do lar. A autora ainda salienta que a tríade trabalho remunerado, casa e cuidados maternos também decorre da diminuição salarial do homem, aliada ao crescimento de consumo de bens e serviços, que retira as mulheres do exclusivo cuidado com o âmbito doméstico e a maternidade, para requerer delas a contribuição financeira na provisão do lar. Em outros casos, a ausência do cônjuge ou figura masculina responsável pela manutenção e sustento da casa também tem obrigado grande parte das mulheres contemporâneas a assumirem a tripla jornada de trabalho e, em especial, o papel de únicas provedoras do lar. Para Fernandes (2006), essas condições sócio-históricas e econômicas, dentre outras, estimulam os sujeitos femininos a adotar, ao mesmo tempo, múltiplos papéis sociais - ainda que eles coexistam em oposição e tensão - e acabam por transformar tais sujeitos em “mulheres-elásticas”.

A reportagem “*Já fez o dever de casa?*”¹⁸, que circulou com data de agosto de 2002, emprega a cultura da tripla jornada de tarefas que domina o perfil da mulher contemporânea, a partir de diferentes modos de enunciados, que tomam como objeto discursivo o trabalho, correlacionados ao tema maternidade. Esses enunciados apresentam mulheres metaforicamente elásticas por ocuparem, concomitantemente, diferentes posições de sujeito e, conseqüentemente, diferentes identidades: mãe e trabalhadora remunerada.

Por meio de processos de objetivação que se estabelecem nas diferentes seqüências de enunciados organizados na reportagem, *Edição Especial* apresenta às leitoras determinados comportamentos e regras disciplinares, os quais constroem certos saberes e efeitos de verdade

¹⁸A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo B).

relativos à capacidade que “todas” as mulheres possuem para lidar com o cotidiano de múltiplas tarefas e para exercer, acima de tudo, a maternidade de forma qualitativa.

Esses dispositivos, uma vez organizados pelo discurso da mídia, produzem modos de subjetivação nas leitoras e entrevistadas de *Veja*. São exames de si que acabam por manifestar tensões entre diferentes posições de sujeito, ou seja, o conflito que, conforme especifica Woodward (2000), cada pessoa experimenta em sua vida pessoal, quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as cobranças de outra. O que as seqüências enunciativas analisadas a seguir mostram são mulheres sôfregas, quando as demandas da identidade de profissional interferem nas ações sócio-historicamente construídas para uma identidade materna. Esses enunciados apresentam, acima de tudo, a busca dessas mulheres por se encaixarem nos protótipos de trabalhadora em ascensão e boa mãe, deixando entrever, em uma mulher-elástica, o sujeito fragmentado e incompleto, face a esses padrões.

Tal governamentalidade, capaz de construir nas leitoras saberes, efeitos de verdade e imagens padronizadas, levando-as a uma apreciação individual, é por nós analisada nas seguintes formulações, descritas abaixo:

a) a seqüência enunciativa existente no último parágrafo da página 71:

Estudos americanos informam que a convivência entre mãe e filho resume-se a duas horas diárias [...] Dizer que os filhos de mulheres que trabalham fora são mais ou menos bem educados é discussão das mais tolas. [...] Uma criança pode ser muito bem criada pela mãe (ou pelo pai) que trabalha em casa, ou simplesmente não trabalha. E pode ser igualmente bem criada por pais workaholic. Tudo depende da qualidade do tempo que o casal dedica aos filhos (“JÁ FEZ O DEVER DE CASA?”, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2002).

b) o enunciado distribuído no primeiro parágrafo da página 70: “*Uma amiga minha diz que ser mãe é ter culpa. Às vezes, é isso o que sinto por passar pouco tempo com meu filho. É um eterno conflito*”, afirma a atriz Claudia Raia, mãe de Enzo, de 5 anos.

c) os dizeres organizados no primeiro parágrafo da página 71:

A diretora de marketing da *Duloren*, Denise Areal, de 42 anos, vive o drama desde o nascimento de Rodrigo, de 11. Apesar de ter uma rotina extenuante, que inclui viagens freqüentes ao exterior e reuniões diárias que podem varar a madrugada, ela procura acompanhar ao máximo o cotidiano do filho - mesmo que na maioria das vezes o contato seja mesmo por telefone. “Eu ligo umas dez vezes por dia para saber se ele já almoçou, se já

fez o dever de casa, se já está pronto para dormir. É uma situação horrível. Eu sempre acho que estou perdendo a melhor parte da vida dele", conta ("JÁ FEZ O DEVER DE CASA?", VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2002).

Iniciamos a análise a partir da primeira seqüência descrita acima, localizando nela um processo de objetivação das leitoras de *Veja* em sujeitos femininos pós-modernos. Esse procedimento ocorre por intermédio das citações diretas e indiretas de detentores de saber, os quais explicam como uma mãe que trabalha fora pode educar bem seus filhos:

Estudos americanos informam que a convivência entre mãe e filho resume-se a duas horas diárias [...] Dizer que os filhos de mulheres que trabalham fora são mais ou menos bem educados é discussão das mais tolas. [...] Uma criança pode ser muito bem criada pela mãe (ou pelo pai) que trabalha em casa, ou simplesmente não trabalha. E pode ser igualmente bem criada por pais workaholic. Tudo depende da qualidade do tempo que o casal dedica aos filhos ("JÁ FEZ O DEVER DE CASA?", VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2002, p. 71).

Tais enunciados, em sua espessura material, chamam a atenção para o fato de que uma boa ou má educação infanto-juvenil e o equilíbrio emocional dos filhos independem do fato de a mãe trabalhar fora ou não, mas da qualidade de tempo dedicada à criança e ao adolescente. Esses dizeres são organizados pela jornalista Valéria Rossi, ocupante de uma função de sujeito que retoma e desloca enunciados pronunciados nos primeiros anos do século XXI por pesquisadores americanos, os quais falam a partir do campo discursivo da psicologia e, em específico, da terapia familiar, também conhecida como terapia sistêmica.

Alicerçada nesse campo de saber científico que estuda os processos mentais e o comportamento humano, a jornalista adquire um *status* de competência para falar sobre a relação que se estabelece entre os objetos maternidade e trabalho, pois a terapia familiar é uma especialidade da ordem da psicologia reconhecida socialmente e que vem estabelecendo certos saberes e "verdades" sobre a relação emocional entre mãe e filhos.

Conforme esclarece Cavalcante (2000), o discurso da terapia sistêmica defende, basicamente, que o relacionamento familiar é um fator determinante para a saúde mental e emocional dos indivíduos e que os padrões negativos de interação que se estabelecem em família podem gerar certos problemas ou patologias. Do mesmo modo, a terapia sistêmica acredita que a inversão desses padrões negativos pode amenizar ou aniquilar dificuldades e

enfermidades. No caso de nossos enunciados, esse discurso difunde a idéia de que o tempo cronológico que a mãe dedica aos filhos deve ser um tempo de qualidade, ainda que seja limitado, em conseqüência da série de atividades e compromissos que cercam a vida profissional das mulheres contemporâneas.

Segundo Cavalcante (2000), o discurso do tempo de qualidade destinado aos filhos opõe-se ao discurso difundido pelo senso comum, que defende a quantidade de tempo dedicado às crianças como fator determinante para sua boa educação e equilíbrio emocional.

A seqüência de enunciados em análise nega tal discursividade não-científica como uma base para a criação dos filhos e, a partir do campo discursivo da terapia sistêmica, dirige às leitoras uma mesma afirmação: “você tem as habilidades necessárias para seguir uma carreira profissional e, ao mesmo tempo, educar e amparar emocionalmente seus filhos”. Essa declaração, em outros termos, adota o tom de dois conselhos técnicos, que transmitem para o sujeito feminino dicas de atitudes pós-modernas: “tome conta da sua vida profissional e, de igual modo e com a mesma propriedade, tome conta de seus filhos”.

Cabe ressaltarmos que essa não é uma sugestão qualquer, vinda de um mero sujeito, mas um conselho da ordem da psicoterapia, dado como um receituário para a conquista de um bom viver familiar. A fórmula contida na receita é o tempo de qualidade com os filhos, compreendida, por nosso olhar analítico, como uma norma disciplinar, uma técnica passível de aliar positivamente a maternidade e a carreira profissional. Essa regra de conduta é oferecida às leitoras de *Veja* por meio dos seguintes dizeres: *Dizer que os filhos de mulheres que trabalham fora são mais ou menos bem educados é discussão das mais tolas [...] Tudo depende da qualidade do tempo que o casal dedica aos filhos.*

Tal disciplinaridade encoraja as consumidoras da revista impressa a tomarem para si as múltiplas posições de trabalhadora e mãe, além de construir um modelar feminino e ressignificar os papéis sociais da mulher no tempo presente. Diante desse estilo de vida padronizado pela revista, as leitoras quase não encontram meios para refutar os múltiplos papéis; se a ordem da psicologia, centenas de pesquisas de terapeutas americanos e a jornalista de *Edição Especial* afirmam que não há qualquer relação entre a atividade profissional da mãe e o equilíbrio emocional dos filhos, o que impedirá uma mulher de trabalhar fora e, ao mesmo tempo, ter filhos? Possivelmente o desgaste emocional, intelectual e físico causado pela rotina extenuante que pode cruzar madrugadas afora, bem como, a angústia e a culpa provenientes da distância entre mãe e filhos, como podemos vislumbrar abaixo, por meio das subjetivações existentes nas seqüências enunciativas da página 70, que foram efetivamente ditas por Cláudia Raia e Denise Areal, em depoimento à revista.

No enunciado “*Uma amiga minha diz que ser mãe é ter culpa. Às vezes, é isso o que sinto por passar pouco tempo com meu filho. É um eterno conflito*” Cláudia Raia é apresentada pela jornalista Valéria Rossi como sendo atriz e mãe de Enzo, de 5 anos. São duas identidades, ou seja, duas posições de sujeito que a entrevistada recebe e ocupa, ao falar de seu cotidiano. Nesse enunciado, Cláudia Raia se subjetiva, face à imagem padronizada construída nas práticas discursivas de *Especial Mulher* por meio de forças históricas, relações de saber e efeitos de verdade, processos sociais e econômicos, formas de comportamento e sistemas de normas e disciplinas. De certo modo, mostra-se pouco adequada à imagem de mulher contemporânea que consegue cuidar da sua vida profissional e, de igual modo e com a mesma propriedade, tomar conta de seus filhos. Podemos perceber essa inadequação quando Cláudia confessa que sente culpa e vive em conflito por passar pouco tempo com o filho, em decorrência de suas atividades profissionais. Ao mesmo tempo, o mal estar que a entrevistada admite possuir, em decorrência do pouco tempo vivenciado com o filho é, de algum modo, sua concordância com o discurso de qualidade de tempo expresso pela reportagem, tido como uma possível solução para o “desencaixe” da figura de mulher-elástico bem sucedida no trabalho e com os filhos, que ela sofregamente vivencia no seu cotidiano.

Os enunciados distribuídos no primeiro parágrafo da página 71, efetivamente ditos por outra entrevistada, também nos permitem observar uma tentativa de adequação aos padrões femininos construídos por meio das práticas discursivas e não-discursivas existentes na reportagem “*Já fez o dever de casa?*”. Ao se subjetivar, Denise Areal, diretora de marketing da *Duloren*, examina quais normas disciplinares relativas ao tempo de qualidade está obedecendo para que a criação do filho Rodrigo, de onze anos, seja bem sucedida e para que ela possa seguir, sem culpa, sua carreira profissional:

A diretora de marketing da Duloren, Denise Areal, de 42 anos, vive o drama desde o nascimento de Rodrigo, de 11. Apesar de ter uma rotina extenuante, que inclui viagens freqüentes ao exterior e reuniões diárias que podem varar a madrugada, ela procura acompanhar ao máximo o cotidiano do filho - mesmo que na maioria das vezes o contato seja mesmo por telefone. "Eu ligo umas dez vezes por dia para saber se ele já almoçou, se já fez o dever de casa, se já está pronto para dormir. É uma situação horrível. Eu sempre acho que estou perdendo a melhor parte da vida dele", conta (“JÁ FEZ O DEVER DE CASA?”, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2002, p. 71).

Tais regras de conduta, ligadas ao sucesso profissional, são assim nomeadas pela entrevistada: *vivenciar uma rotina extenuante, fazer viagens freqüentes ao exterior, ter reuniões diárias que podem atravessar a madrugada*. Ao confessar suas disciplinas, Denise

Areal volta o olhar para si e realiza um auto-exame, numa atenção meticulosa com a aplicação de tais práticas. Com base nesse exame de conduta, Denise encaixa-se no padrão de mulher pós-moderna, ávida por sucesso profissional.

Já as regras de conduta ligadas ao discurso de tempo de qualidade e ao sucesso maternal são assim nomeadas pela entrevistada: *telefonar para o filho cerca de dez vezes por dia, verificar se Rodrigo já almoçou, constatar se ele já fez o dever de casa, examinar se o adolescente já está pronto para dormir*. Entretanto, mesmo em meio a tantas regras utilizadas para o bom andamento da educação do filho, Denise Areal se declara não adequada ao modelo de boa mãe, como podemos notar neste enunciado: *“É uma situação horrível. Eu sempre acho que estou perdendo a melhor parte da vida dele”*.

Essa confissão deixa entrever o conflito existente entre as múltiplas identidades femininas que constituem Denise: mãe dedicada e profissional competente. Tal conflito advém dos diversos dizeres que se formulam na sociedade: para ser uma “boa” mãe, a mulher deve estar disponível para seus filhos e satisfazer suas necessidades; para ser uma profissional em ascensão, a mulher doar-se com total comprometimento para o trabalho (WOODWARD, 2000).

São esses e outros percalços, causados pelo exercício dos múltiplos papéis, que levam algumas leitoras a não se identificarem com a padronização feminina contemporânea expressa nas duas reportagens analisadas até aqui. Quando convocadas por práticas discursivas e não-discursivas da revista a assumirem determinadas posições sociais, essas mulheres entram no “jogo” da diferença (SILVA, 2000), excluindo determinados papéis e funções, por considerá-los opostos e diferentes de si. De acordo com Silva (2000), tal exclusão se dá por meio de sistemas classificatórios, ou seja, mediante oposições binárias em relação a outras identidades, como, por exemplo, casada/solteira, mãe/filha, espaço público/espaço doméstico.

Silva (2000) explica que essas oposições não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas, já que um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. Tais oposições expressam posições de sujeito e, conseqüentemente, pontos de identificação e apego, por intermédio dos quais as identidades são construídas. É com base em certas posições de sujeito e pontos de apego que algumas mulheres excluem de suas vidas o exercício dos múltiplos papéis, deixando-os de fora, como algo abjeto. Dada a dificuldade de conciliar as atividades que envolvem a tripla jornada de trabalho, essas mulheres assumem exclusivamente os papéis de mãe e dona de casa em tempo integral, ou, em outra posição, dedicam-se unicamente à carreira e à formação profissional, para ter filhos após galgarem altos cargos.

A esse último grupo de mulheres, relutantes em se encaixarem no modelo feminino da tripla jornada, *Veja – Edição Especial* também se direciona, instigando-as a se ajustarem em um modelar de mulher contemporânea. Isso ocorre em várias seqüências de enunciados organizados na reportagem *Adiar, nem pensar*¹⁹, que circulou na *Especial Mulher* em junho de 2008. Nessas modalidades enunciativas, o jornalista, numa função de sujeito que retoma e desloca enunciados efetivamente ditos por detentores de saber da ordem discursiva da medicina, toma como objeto discursivo o trabalho, correlacionado aos temas maternidade e fertilidade, e dirige às suas leitoras, dois conselhos: “tome conta de sua vida profissional” e “engravidar antes dos 35 anos de idade”.

Observemos uma dessas seqüências enunciativas, selecionada da página 55 e retirada do primeiro parágrafo da primeira e quarta colunas:

Adiar o primeiro filho é uma tendência mundial, estimulada pelas aspirações profissionais e propiciada pela medicina, que hoje dá a mulheres transbordando os 40 anos a oportunidade de se tornar mães [...] Nem tudo o que é possível, porém, é desejável ou ideal. [...] Há que lidar ainda com um fantasma: o risco de o bebê apresentar alterações cromossômicas como a síndrome de Down. Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), quando a mãe tem 20 anos, apenas um bebê em cada 1.500 tem probabilidade de nascer com Down. Em filhos de mães de 35 anos, a ocorrência é seis vezes maior: uma criança a cada 250 nascimentos. Aos 45 anos, a taxa salta para até 4%, ou um bebê a cada 25 nascimentos (ADIAR, NEM PENSAR. VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008).

No primeiro enunciado de nosso recorte, *Adiar o primeiro filho é uma tendência mundial, estimulada pelas aspirações profissionais e propiciada pela medicina, que hoje dá a mulheres transbordando os 40 anos a oportunidade de se tornar mães [...]* o jornalista, em uma função de sujeito que narra à realidade social, coloca-se em uma posição discursiva supostamente neutra e relata a conduta que constitui a vida de muitas mulheres inseridas no mercado de trabalho.

Contudo, a posição discursiva partidária do jornalista começa a emergir no enunciado subsequente, possibilitando-nos observar a objetivação que a reportagem promove em suas leitoras, quando apregoa a tripla jornada de trabalho pós-moderna como um padrão para o sujeito feminino. Essa objetivação se faz presente nos dizeres [...] *Nem tudo o que é possível, porém, é desejável ou ideal.*

¹⁹A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo C).

Esse enunciado se liga a um domínio associado, ou seja, tem suas margens povoadas por outro enunciado: o dito popular *nem tudo o que reluz é ouro*. O resgate desse interdiscurso a partir de uma memória discursiva e, mais especificamente, de uma memória social, nos dá a possibilidade de efetuarmos interpretações. Feixes de sentido emanam, atribuindo negatividade ao desejo que muitas mulheres da atualidade expressam: *Adiar o primeiro filho é uma tendência mundial, estimulada pelas aspirações profissionais e propiciada pela medicina, que hoje dá a mulheres transbordando os 40 anos a oportunidade de se tornar mães [...]*.

Como um alerta, a expressão popular *nem tudo o que reluz é ouro* leva-nos a regatar, a partir de um gesto interpretativo, saberes e discursos médicos sobre a gestão “tardia”, os quais foram proclamados como verdadeiros nas décadas passadas: “há sempre risco de vida para a mãe e para o bebê”, “a criança nascerá imperfeita” etc. Esses discursos, anunciados em outros momentos históricos, ainda circulam socialmente e, a nosso ver, produzem o seguinte efeito de sentido: adiar a maternidade parece ser uma escolha segura, a princípio - resultante dos avanços na área da medicina reprodutiva e pré-natal - mas dificuldades sérias e irreversíveis podem surgir na vida de mães e futuros filhos, em consequência dessa decisão.

Logo a seguir, o jornalista ocupa uma posição de sujeito que retoma e desloca enunciados pronunciados por profissionais e detentores de saber do campo discursivo da medicina, e em específico, do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), e alardeia:

[...] Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), quando a mãe tem 20 anos, apenas um bebê em cada 1 500 tem probabilidade de nascer com Down. Em filhos de mães de 35 anos, a ocorrência é seis vezes maior: uma criança a cada 250 nascimentos. Aos 45 anos, a taxa salta para até 4%, ou um bebê a cada 25 nascimentos (ADIAR, NEM PENSAR. VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 06/2008, p. 55).

Por meio dessa seqüência de enunciados ditos por peritos americanos, atualizados aos mais avançados tratamentos médicos do mundo - os quais têm um conjunto de requisitos, competência e autoridade para falar sobre o objetivo discursivo fertilidade - o jornalista atinge o ponto fraco da maioria das mães: a saúde do bebê. Recorrendo aos números e porcentagens, enquanto um procedimento estratégico midiático, o jornalista dá o “veredicto final” sobre o assunto e cria um efeito de verdade, que acaba por incentivar as leitoras de *Especial Mulher* a exercerem a maternidade concomitante às atividades profissionais, por mais árduo que isso possa ser para elas. Nessa perspectiva, esse efeito de verdade, produzido a partir de práticas

discursivas e não-discursivas da revista, constrói para as leitoras de *Veja* um protótipo de mulher contemporânea, que, ao mesmo tempo, é uma profissional competente, realizada e economicamente independente, sem deixar de corresponder aos ideais de mãe dedicada e bem disposta, mesmo que em meio às adversidades cotidianas.

Modelares como esses circulam massivamente na sociedade e, para Fernandes (2006), impulsionam o sujeito feminino ao desempenho dos múltiplos papéis, em uma busca constante pela sensação de pertencimento e inclusão social. Motivadas a obter essa sensação de pertencimento, as mulheres procuram galgar altos cargos e um bom salário, assim como, capacitação profissional mediante os estudos. Concomitantemente, se casam, não demorando a ter filhos, uma vez que o tempo corre contra seu organismo, sob o perigo de envelhecimento dos óvulos e o assombro da impossibilidade de alcançarem a maternidade. Transformam-se, conseqüentemente, em mulheres-elásticas, que “abraçam o mundo”, conseguem realizar os mais variados afazeres e “firmemente” resistem às pressões diárias.

Em meio aos múltiplos papéis da mulher pós-moderna, está ainda a administração do lar e os afazeres domésticos, aos quais *Edição Especial* dá destaque na reportagem *A ordem é simplificar*²⁰, veiculada em maio de 2006. Dela, recortamos para análise, enunciados dirigidos às mulheres atarefadas e divididas entre as atividades provenientes do trabalho remunerado e do âmbito doméstico. Nessas formulações, o jornalista oferece às leitoras algumas dicas para simplificar o dia-a-dia e afirma que, ao serem empregadas, as recomendações se transformarão em hábitos capazes de levar tais mulheres a ganhar tempo e qualidade de vida, diante do exercício dos múltiplos papéis cotidianos.

São estes os enunciados por nós recortados:

a) as dicas do 2º, 3º, 4º e 6º itens, dispostos no *box* da página 38:

- *Desentulhe sua vida [...] Mantenha apenas o que você usa de fato no dia-a-dia;*
- *Opte por uma casa menor;*
- *Faça uma limpa em seu guarda-roupa a cada três meses;*
- *Otimize o uso de seu e-mail.*

b) as dicas do 2º, 4º, 5º e 6º itens, dispostos no *box* da página 39:

- *Coloque suas contas em débito automático;*

²⁰A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo D).

- *Faça listas de tudo: Prepare com antecedência a lista do supermercado, a dos pagamentos, a de tarefas cotidianas, a do serviço da empregada;*
- *Vá ao supermercado apenas uma vez por semana e sozinho;*
- *Procrastinação, não! Não adie tarefas necessárias.*

Esses enunciados correlacionam os objetos discursivos trabalho e administração doméstica. Neles, o jornalista exerce a função de sujeito que retoma as formulações efetivamente ditas pela escritora americana Linda Breen Pierce, autora de *best-sellers* sobre organização e praticidade e uma das principais porta-vozes do movimento mundial Simplicidade Voluntária - uma instituição não-governamental nascida nos anos oitenta nos Estados Unidos e em voga atualmente, que proclama a simplicidade como estilo de vida adaptável às realidades individuais.

Com base em dicas fornecidas por essa detentora de saber, que está vinculada a uma instituição conhecida e legitimada mundialmente, o autor-organizador dos enunciados de *A ordem é simplificar* dá às leitoras, basicamente, dois conselhos: “tome conta de seu lar” e “tome conta de você”. Segundo esclarece a reportagem, essas sugestões são destinadas ao equilíbrio do tempo gasto com o trabalho e com os cuidados domésticos, o que, em decorrência, promete diminuir o estresse das mulheres. São enunciados formulados em tom imperativo de ordem e que estão repletos de técnicas, disciplinas e modos de governo e autocontrole, os quais determinam condutas femininas a partir de uma cultura de si, baseada em um princípio individualista que se fundamenta na aplicação do sujeito em cuidar de si, ocupar-se consigo e conhecer-se interiormente (FOUCAULT, 1985).

Na seqüência de enunciados abaixo identificamos uma discursividade repleta de modos de vigilância, controle de comportamentos e atitudes, cuja finalidade é a constituição de uma mulher útil e ágil para as diversas atividades do cotidiano:

Desentulhe sua vida [...] Mantenha apenas o que você usa de fato no dia-a-dia; Opte por uma casa menor; Faça uma limpeza em seu guarda-roupa a cada três meses; Otimize o uso de seu e-mail; Coloque suas contas em débito automático; Faça listas de tudo: Prepare com antecedência a lista do supermercado, a dos pagamentos, a de tarefas cotidianas, a do serviço da empregada; Vá ao supermercado apenas uma vez por semana e sozinho; Procrastinação, não! Não adie tarefas necessárias (A ORDEM É SIMPLIFICAR. VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 05/2006, p. 38-9).

Nesses dizeres, o ideal tradicional de “dona de casa” não desaparece, pois o discurso do sacrifício que o acompanha encontra-se mascarado por normas que acentuam a individualidade. O que tais enunciados apresentam são regras baseadas em um cuidado de si, ou seja, preceitos dirigidos às leitoras, para que elas guiem e administrem seus bens e comportamentos particulares (*casa, guarda-roupa, caixa de e-mails, contas, compras do supermercado* etc). Esse conjunto de normas acaba por propagar uma mulher idealizada e, em específico, uma padronização feminina contemporânea.

O que conduz as leitoras de *Veja* a empregarem tais preceitos é, além da sensação de pertencimento e inclusão social, o que Bauman (1998, p. 14) conceitua como “o sonho da pureza”, isto é, um ideal de perfeição, que se baseia, acima de tudo, na busca pela ordem, pelo desejo de que cada coisa se ache em seu devido lugar e em nenhum outro. Para o autor, “o estabelecimento da ordem implica na tarefa de classificar, definir, generalizar e separar as coisas e atividades em categorias e em lugares convenientes, que não se ajustariam “naturalmente”, mas, somente, por meio de nossos atos”.

Nessa perspectiva, as ações especificadas na reportagem - como, por exemplo, *desentulhar coisas, limpar o guarda-roupa, residir em uma casa menor, utilizar todos os recursos de comando da caixa de e-mails, colocar as contas em débito automático, fazer listas de tarefas diárias, ir às compras somente uma vez na semana, jamais adiar as tarefas necessárias* etc - são, para as leitoras, meios regulares e estáveis utilizados para que seus atos cotidianos não sejam distribuídos ao acaso, mas estritamente controlados, de modo que certos acontecimentos sejam altamente prováveis, outros menos prováveis e alguns, menos desejados, sejam potencialmente impossíveis.

No processo de emprego dessas ordens, as ações contrárias - como, por exemplo, *manter coisas entulhadas em casa, ter o guarda-roupa abarrotado, morar em uma casa ampla, executar manualmente comandos da caixa de e-mails, pagar as contas pessoalmente, realizar as tarefas diárias ao acaso, ir às compras várias vezes na semana, adiar as tarefas necessárias* entre outras - são caracterizadas pelas leitoras como sendo o oposto da pureza: “o sujo, o imundo, os “agentes poluidores” - as coisas “fora do lugar” [...] que aderirá ao sujeito, como algo que grudar-se-á, enquanto um elemento do qual não há como fugir”, como considera Bauman (1998, p. 14). Conforme ordena o conjunto de enunciados de *Edição Especial*, essas ações devem ser completamente descartadas, a fim de que as consumidoras evitem certos acontecimentos não desejados, por serem considerados como “sujos” e, dessa maneira, alcancem o ideal da pureza, materializado no arquétipo feminino pós-moderno apregoadado pela reportagem.

Contudo, para que as leitoras de *Especial Mulher* decidam quais ações são “puras” ou “sujas”, um jogo das oposições binárias acontece, tanto nos enunciados da revista quanto na posição subjetiva que cada uma dessas mulheres ocupa, isto é, na maneira como elas se vêem e se compreendem. Esse jogo pode ser encontrado em *A ordem é simplificar* a partir do estabelecimento de oposições binárias como, por exemplo, limpar/sujar, desentulhar/entulhar, organizar/desorganizar, efetivar/adiar etc.

Essas oposições caracterizam, em *Veja*, as mulheres em vários grupos duplos: organizadas/desorganizadas, competentes/incompetentes, “limpas/sujas” etc, criando, dessa maneira, distinções e demarcações de fronteiras, pautadas em um processo de normalização (SILVA, 2000). Tal processo é aplicado aos enunciados da reportagem, pois as ordens ali distribuídas atribuem à determinadas formas de comportamento todas as características positivas possíveis, em relação às quais outras formas de comportamento são avaliadas de forma negativa. As formas de comportamento positivas são transmitidas em *A ordem é simplificar* como sendo ações “normais” e, respectivamente, naturais, desejáveis, únicas, em detrimento de outras formas de comportamento, tidas como negativas e “anormais”, abjetas, rejeitáveis, antinaturais e, por conseguinte, excluídas das relações sociais.

Na revista, o que propicia a identificação de um sujeito feminino com as formas de comportamento “normais” é o fato delas nem sequer serem vistas como uma entre as muitas formas de comportamento, mas simplesmente como a única forma de comportamento possível e aceitável, conforme afirma Silva (2000). A nosso ver, a busca persistente por essa forma de comportamento, expressa na discursividade da revista como “normal e pura”, pode trazer para as leitoras conseqüências sobre suas dinâmicas psíquicas, ou seja, causar cotidianamente certos hábitos metódicos, sensação de obrigação e a ação compulsiva de auto-controle, o que acarreta em uma perda de liberdade. Já outras condutas contrárias, outrora freqüentes no cotidiano dessas mulheres, mas expressas na discursividade de *Veja* como “anormais e sujas”, podem passar a ser rejeitadas por essas leitoras, como atividades que causam incômodo, angústia ou pudores; sensações negativas que podem influenciar o comportamento das leitoras, mesmo quando elas estiverem sozinhas.

Essas e outras seqüências de enunciados, analisadas no decorrer desta seção, nos trouxeram diferentes exemplos de como *Veja - Edição Especial Mulher* pode fixar determinados saberes, isto é, “verdades” em relação à mulher contemporânea. Detectamos tais saberes por intermédio de enunciados dispersos e heterogêneos, efetivamente ditos por especialistas de distintas ordens (jornalistas, pesquisadores, psicólogos, administradores, atores, médicos, escritores etc) que falam a partir de diferentes campos discursivos (mídia,

psicologia, medicina, estatística, política, direito, administração de negócios, entre outros) e que tratam dos mais variados objetos discursivos (trabalho, maternidade, fertilidade, administração doméstica). São diversos enunciadores ocupando diferentes posições de sujeito e constituindo distintas modalidades enunciativas, além de fazerem uso de um domínio associado de enunciados.

A heterogeneidade desses enunciados permitiu que, no decorrer das análises, voltássemos nosso olhar para a sua singularidade e repetição, bem como, para a sua capacidade de reinscrição no campo discursivo midiático. Nessa reinscrição, pudemos observar a presença de práticas discursivas (seleção de estruturas lingüísticas, procedimentos estratégicos, conceitos, valores, crenças) e não-discursivas (aspectos sócio-históricos e culturais, isto é, relações entre instituições, processos econômicos, políticos, formas de comportamento, sistemas de normas e disciplinas).

Ao analisarmos cada um desses enunciados singulares, detectamos, entre eles, o estabelecimento de um jogo de relações, coexistências e encadeamentos. Nesse jogo, os diferentes objetos, modalidades enunciativas, posições de sujeito e um domínio associado produziram uma regularidade, ou seja, uma unidade em torno de feixes de sentido sobre a mulher contemporânea, que, conseqüentemente, estabeleceram uma série, isto é, uma linha enunciativa sobre a mulher, o trabalho e os múltiplos papéis que ela desempenha socialmente.

Essa linha contém um determinado conjunto de saberes referentes à mulher pós-moderna, que podemos condensar desta maneira: a) a mulher da modernidade líquida é trabalhadora, dotada de iniciativa, prática, forte, inflexível e determinada, mesmo em meio aos infortúnios cotidianos; b) entre suas principais metas está a construção de uma carreira profissional, a conquista de cargos elevados, a independência financeira e um bom desempenho intelectual, os quais são elementos fundamentais para sua realização pessoal; c) ela é dotada, assim como os homens, de características positivamente valorizadas no mercado de trabalho, como, por exemplo, a racionalidade, a perspicácia intelectual e o pensamento lógico; d) para conquistar o espaço público, ela deixa de lado a fragilidade, a abnegação, a docilidade e a sensibilidade; e) em meio a sua carreira profissional, a mulher pós-moderna tem a capacidade de administrar outras tantas atividades, como o cuidado com os filhos e a administração do espaço doméstico. Portanto, não há nada que a impeça de exercer essas múltiplas funções; f) a mulher contemporânea é uma mãe sensível, que proporciona aos filhos um tempo de qualidade, educando-os e amparando-os emocionalmente com sucesso; g) na administração doméstica, ela consegue ser ágil, organizada e competente, pois, em meio ao

exercício de suas múltiplas atividades, possui maneiras práticas para equilibrar o tempo, de modo a atingir qualidade de vida e atenuação do estresse.

Nesta seção, analisamos também modalidades contínuas de técnicas de objetivação, que disseminam entre as consumidoras da revista os saberes sobre a mulher contemporânea. Por intermédio de enunciados envoltos de um cuidado de si, esses saberes são apregoados por *Veja - Edição Especial*, construindo certos modelares de mulher pós-moderna que acabam por despertar nas leitoras da revista determinados valores, desejos, necessidades e atitudes. Tais padronizações objetivam essas mulheres em sujeitos femininos, submetendo-as a certos fins e dominação.

Investigamos, ainda, processos de subjetivação existentes nos depoimentos das entrevistadas à revista, quando voltaram o olhar para si e observaram suas práticas, disciplinas, comportamentos, particularidades, características e desejos. Esse exame de si possibilitou à essas mulheres encontrarem para si uma identidade feminina que ora corresponde, ora se distancia das padronizações contemporâneas expressas pela revista; foram identidades femininas contraditórias e incompletas, face aos diversos papéis sociais que se encontram espalhados em meio a um movimento temporal heterogêneo e descontínuo da história.

A partir do exercício da governamentalidade, o que encontramos em *Edição Especial Mulher* foram identidades comuns e fragmentadas em uma multiplicidade de papéis sociais, além de várias padronizações de identidade coletiva, todas reescritas historicamente em meio às relações de saber, aos efeitos de verdade, aos processos econômicos e sociais. Constatamos que as práticas discursivas e não-discursivas modificaram a relação do sujeito feminino com ele mesmo, fazendo dessas várias identidades, antes de tudo, uma fabricação, um efeito, enfim, uma construção, como afirma Foucault (1997).

Contudo, ressaltamos que a construção múltipla e fragmentada do sujeito feminino pós-moderno, vislumbrada por meio das práticas discursivas e não-discursivas que afloram em *Veja - Edição Especial Mulher*, não circunscreve somente os objetos trabalho, maternidade e administração doméstica. Por intermédio de outras seqüências enunciativas, retiradas de mais reportagens da revista impressa, poderemos observar nas seções subsequentes o enfoque do tema beleza estética, que propicia o aflorar de outros tantos saberes, efeitos de verdade e configurações contemporâneas em torno de uma mulher contemporânea “elástica”. Essas configurações são apregoadas pela sociedade como um elemento fundamental para que a mulher obtenha inserção no espaço público, alcance a

realização pessoal e se constitua como sujeito feminino do tempo presente. É à análise dessas seqüências de enunciados que nos remetemos na próxima seção.

3.3 “As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”: a estética da mulher pós-moderna

De acordo com Rosário (2002), na cultura pós-moderna e, sobretudo, nas sociedades ocidentais, a saúde e a estética são extremamente valorizadas, pois o corpo precisa ser saudável para produzir economicamente, além de adaptar-se aos padrões de beleza para consumir bens e serviços.

Um modelar dominante na contemporaneidade - considerado como ideal de beleza, particularmente para os sujeitos femininos - é o corpo magro, alto, rijo e com formas menos arredondadas. Aliado a esse modelar, outros padrões também são considerados como sinônimos de beleza na modernidade líquida. Eles dizem respeito aos cabelos lisos, flexíveis, sem volume, fortes e sedosos; sobrancelhas medianas, arqueadas e delineadas; seios e glúteos volumosos; pele minimamente bronzeada, lisa, sem manchas, macia e perfumada; pêlos ausentes; cílios grandes e espessos; olhos arredondados e claros; lábios vultosos; dentes alvos e alinhados; unhas resistentes, compridas e coloridas etc. Bauman (2001) destaca que esse ideal é apresentado às mulheres não somente como molde de beleza estética, mas também como sinal de perfeição moral e passaporte para a inserção pública, sucesso, poder, dinheiro, conquista afetiva e sexual, bem como, realização pessoal.

Para adquirir esse construto supervalorizado pela sociedade, a maioria das mulheres pós-modernas se esforça ao máximo, com excessiva preocupação, disciplina e firmeza. Motivados por esse contexto, alguns segmentos do comércio têm no físico o seu maior consumidor, o que abre espaço para uma verdadeira “indústria do corpo”, que oferece aos sujeitos femininos a ilusão de fazê-los sempre belos e saudáveis. A “indústria” inclui academias, clínicas estéticas, cirurgias plásticas, salões de beleza, lojas de cosméticos e perfumaria, estilistas, costureiros, butiques etc, ou seja, empresas e profissionais especializados em tratamentos estéticos, ginásticas, regimes alimentares, consumo da moda e de bens, em torno do corpo feminino idealizado, conforme explica Rosário (2002).

Veja - Edição Especial Mulher produz discursivamente sentidos em relação a esse padrão de beleza, que incide diretamente sobre a constituição identitária da mulher contemporânea, nas reportagens *Tal filha, tal mãe* (*Veja*, agosto, 2003); *Xiita, sim, mas funciona!* (*Veja*, agosto, 2003); *Esta mulher tem 50 anos!* (*Veja*, maio, 2006) e *Os odiosos 2*

quilos a mais (Veja, maio, 2006). Nessas reportagens, elegemos para análise sequências de enunciados dispersos e heterogêneos, que empregam a cultura da beleza estética e constituem uma linha enunciativa sobre as identidades femininas pós-modernas.

Navarro-Barbosa (2008), pautado pelo método arqueológico (FOUCAULT, 1997), nos orienta a localizar essa série enunciativa por meio da apreensão de regularidades discursivas existentes: a) nas relações que as diferentes modalidades de enunciados estabelecem entre si; b) nas relações entre grupos de enunciados - relações de conformidade ou de confrontos entre enunciados que formam uma rede de discursos; c) nas relações que se constituem entre enunciados, grupos de enunciados e acontecimentos de ordem social, cultural, política, econômica e histórica. Tais relações são detectadas com base nos diferentes objetos discursivos, materialidades enunciativas, posições de sujeito e a partir de um domínio associado de enunciados, o que nos possibilitará identificar a função enunciativa nas seqüências eleitas para análise.

Com base nesse movimento teórico-metodológico, investigamos, inicialmente, seqüências enunciativas retiradas da reportagem *Xiita, sim, mas funciona!*²¹, que ocupa a página 85 da revista *Veja - Edição Especial Mulher* de agosto de 2003. Com uma dose de humor, a jornalista Lizia Bydlowski se dirige às leitoras de *Veja*, apresentando-as um guia austero de dez regras para um regime emagrecedor de sucesso.

São esses os enunciados selecionados para análise:

- a) o título: *Xiita, sim. Mas funciona;*
- b) o subtítulo: *Você faz uma dieta flexível? Come de tudo um pouco? Esqueça: só emagrece quem tem disciplina férrea;*
- c) os dizeres retirados do primeiro parágrafo: *A seguir, os dez mandamentos: [...] Seguindo-os, chega-se, com a obrigatória dose de sofrimento, ao paraíso dos quilos perdidos. Descumprindo-os, a condenação é continuar se retorcendo no infame tamanho G;*
- d) os enunciados que acompanham as enumerações 2, 3, 5 e 6:

²¹A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo E).

- 2. *Fixe uma data para começar e uma para acabar o regime. Não determine seu objetivo em quilos, porque, quando chegar na metade, considerará meio caminho andado e cairá em pecado;*
- 3. *Se comer o que não pode por algum motivo, em algum momento, não arranje desculpa para o deslize. Pelo contrário: dê-se uma bela bronca, reconheça e dê razão à consciência pesada;*
- 5. [...] *Passe quatro ou cinco dias em um spa, inscrita no programa de 800 calorias/dia. Em um deles, extrapole: passe o dia a líquidos [...];*
- 6. *Todo regime requer um número fixo de refeições, em geral café-da-manhã, lanche, almoço, lanche e jantar. Siga fidelissimamente, sem desvios. Nos intervalos, não vale nem uma cenourinha baby.*

Ao olharmos para a espessura material dessas seqüências de enunciados, como nos direciona Foucault (1997), notamos que a jornalista Lizia Bydlowski enuncia sobre o objeto discursivo estética corporal correlacionando-o ao tema magreza e, para tanto, se coloca em três posições de sujeito: o sujeito que retoma, agencia e julga enunciados produzidos por especialistas do campo discursivo da nutrição e alimentação. Embasada pelo conhecimento e *status* desses detentores de saber científico, Bydlowski distribui e estrutura ordenadamente os enunciados da reportagem sob o formato de um receituário – gênero discursivo utilizado pelos nutricionistas para a prescrição de dietas alimentares.

Esses enunciados trazem modos de objetivação que propõem às consumidoras de *Edição Especial* uma imagem de identidade feminina atrelada aos moldes de beleza do corpo esguio. São, mais especificamente, técnicas, normas disciplinares, que incentivam as leitoras da revista a fazerem parte de um grupo de mulheres que se preocupa com o corpo e, acima de tudo, com o peso “correto”, apregoado pelo padrão de magreza existente na sociedade contemporânea.

Os modos de objetivação também proporcionam que essas leitoras se subjetivem, isto é, façam um exame de si, apropriem-se de uma relação consigo e observem se estão obedecendo, em sua cotidianidade, às programações de conduta necessárias para uma adequação ao protótipo de beleza pós-moderno.

Nosso gesto analítico se volta, em um primeiro momento, para as técnicas disciplinares existentes nos enunciados do subtítulo e das numerações 2, 5 e 6:

[...] só emagrece quem tem disciplina férrea; 2. Fixe uma data para começar e uma para acabar o regime; 5. Passe quatro ou cinco dias em um spa, inscrita no programa de 800 calorias/dia [...] passe o dia a líquidos; 6. Todo regime requer um número fixo de refeições, em geral café-da-manhã, lanche, almoço, lanche e jantar [...] ²² (XIITA SIM. MAS FUNCIONA. VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2003, p. 85).

Grifamos na seqüência acima seis modos de vigilância, ou seja, atitudes de controle comportamental envoltas de um mesmo conselho: “tome conta de seu corpo”, isto é, “tome conta de você”. São eles: *tenha disciplina férrea, fixe datas para o início e o fim do regime, consuma 800 calorias/dia, freqüente um spa durante 4 ou 5 dias, escolha um dia para tomar somente líquidos, faça somente 5 refeições diárias*. Essas regras de governo e autocontrole, formuladas pelo sujeito enunciador em tom imperativo de ordem, acentuam ações individualistas que propõem às leitoras da reportagem uma “re-engenharia do corpo”, para nos valer da expressão usada por Gregolin (2004a). São normas governamentais que exercem a função de um dispositivo de etiquetagem e disciplinaridade, rumo à constituição de uma forma corporal magra, que é idealizada na contemporaneidade como única forma natural e desejável para os sujeitos femininos.

Nessa perspectiva, consideramos que os seis modos de vigilância desempenham a função de diretrizes, as quais orientam a criação de uma identidade feminina nos moldes pós-modernos. Para Gregolin (2004a), todas as diretrizes que acentuam o individualismo fazem parecer que a identidade é essencialmente resultado de uma construção do próprio eu, ou seja, um projeto de cada indivíduo, desenvolvido a partir de suas escolhas. Nesses termos, recomendações como *ter uma disciplina férrea, fixar datas para o início e o fim de um regime, consumir 800 calorias/dia, freqüentar um spa durante 4 ou 5 dias, escolher um dia para tomar somente líquidos, fazer somente 5 refeições diárias*, são, na realidade, dispositivos que trazem às leitoras de *Veja* uma possibilidade para que elas descubram, por si, uma “verdade” pessoal, isto é, algo sobre como deveriam ser para encontrar a “sua” identidade feminina.

A soma dessas regras disciplinares e os enunciados retirados do título, subtítulo, primeiro parágrafo e numerações 2 e 5, respectivamente descritos abaixo, constroem na reportagem *Xiita sim. Mas funciona* efeitos de sentido em relação aos temas estética corporal e magreza, e, concomitantemente, em relação à mulher pós-moderna:

²²Grifos nossos.

Xiita, sim. Mas funciona; Você faz uma dieta flexível? Come de tudo um pouco? Esqueça: só emagrece quem tem disciplina férrea; A seguir, os dez mandamentos: [...] Seguindo-os, chega-se, com a obrigatória dose de sofrimento, ao paraíso dos quilos perdidos. Descumprindo-os, a condenação é continuar se retorcendo no infame tamanho G; 2. Não determine seu objetivo em quilos, porque, quando chegar na metade, considerará meio caminho andado e cairá em pecado; 5. [...] passe o dia a líquidos [...] (XIITA SIM. MAS FUNCIONA. VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2003, p. 85).

Buscamos localizar nessa seqüência de enunciados os efeitos de sentido produzidos e, para tanto, analisamos, primeiramente, os dizeres que constituem o título e o subtítulo da reportagem de Lizia Bydlowski. O título *Xiita, sim. Mas funciona* é composto de frases breves e sintéticas. Nele, a jornalista ocupa uma posição de sujeito que julga as dicas alimentares contidas no receituário, dando a ele uma avaliação positiva, que é marcada pelo emprego da conjunção *mas* e do verbo na terceira pessoa do singular *funciona*. Já no subtítulo *Você faz uma dieta flexível? Come de tudo um pouco? Esqueça: só emagrece quem tem disciplina férrea*, Bydlowski ocupa, novamente, uma posição de sujeito julgadora das possíveis ações alimentares das leitoras da revista impressa e, numa avaliação negativa - apontada pelo uso do verbo da terceira pessoa do singular *esqueça* e do objeto direto *disciplina férrea* - impõe uma só condição para o emagrecimento: a obediência dessas mulheres ao receituário que a reportagem apresenta.

No entanto, nos enunciados que constituem o título e o subtítulo da reportagem, a jornalista ainda ocupa uma segunda posição: a de sujeito que agencia outros discursos. Como não existe enunciado que não suponha outros enunciados, conforme considera Foucault (1997), os dizeres analisados se ligam, num espaço historicamente delimitado, a um domínio associado, em que coexiste uma série de outros diferentes enunciados, dispersos e heterogêneos. Os dizeres do título *Xiita, sim. Mas funciona* e do subtítulo *Você faz uma dieta flexível? Come de tudo um pouco? Esqueça: só emagrece quem tem disciplina férrea* mantêm aliança com um campo conexo de outros enunciados, provenientes do campo discursivo religioso. Essa união se dá porque as formulações do título e do subtítulo fazem referência explícita aos xiitas e à sua discursividade.

Os xiitas são classificados como a segunda maior ramificação de muçulmanos do Islão, conhecida massivamente pelo uso de práticas radicais e, entre elas, a auto-flagelação, segundo informa Arnt (1997). Os enunciados que compõem o título e o subtítulo nos remetem a interdiscursos milenares da religiosidade muçulmana; formulações já-ditas em outros lugares, outras épocas e momentos da história, que fazem referência a uma vida de devoção à

Allah, aos ensinamentos espirituais do profeta Maomé e a obediência às leis do Alcorão como escritura sagrada.

Notamos a existência de interdiscursos islâmicos nos enunciados de *Veja - Mulher* por intermédio de uma memória discursiva e, mais especificamente, por meio de um saber mítico, compartilhado por um grupo de sujeitos. Essa memória mítica, ou “mito fundador”, como conceitua Chauí (2000), diz respeito a um saber que mantém vínculo com a origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente e que, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal. Chauí (2000, p. 10) afirma que tal memória mítica nos liga a um momento passado imaginário, “tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo [...] além do tempo, fora da história [...] que aparece como emanando da sociedade e, simultaneamente, como engendrando essa própria sociedade da qual ela emana”.

Por intermédio dessa memória mítica, voltamos o olhar para o enunciado *Você faz uma dieta flexível? Come de tudo um pouco? Esqueça: só emagrece quem tem disciplina férrea*. A partir do objeto direito *disciplina férrea*, resgatamos um interdiscurso islâmico milenar, que se refere ao estilo de vida disciplinar de um xiita devoto, pautado na veneração completa à *Allah* e na disciplina baseada em rigorosos códigos morais e éticos do Alcorão, rumo à conquista da vida eterna em um paraíso espiritual.

Efeitos de sentido emanam desse diálogo interdiscursivo e nos levam ao seguinte gesto interpretativo: o enunciado *Você faz uma dieta flexível? Come de tudo um pouco? Esqueça: só emagrece quem tem disciplina férrea* recomenda às leitoras da revista um corpo magro, adaptado aos padrões de beleza contemporâneos. No entanto, a formulação destaca para conseguir o ideal do corpo “perfeito” faz-se necessário ter *disciplina austera*, ou seja, ações que devem ser equiparadas aos atos disciplinares de um xiita. Primeiramente, é imprescindível que as mulheres manifestem devoção com o seu corpo (o seu “deus”) e, em segundo lugar, obediência e disciplina ao receituário proposto pela revista (a sua “lei”), de modo a restringir seus hábitos alimentares com o radicalismo necessário para a conquista da magreza (o “paraíso”).

Por fazer referência explícita aos xiitas, o enunciado *Xiita sim. Mas funciona* resgata os mesmos interdiscursos relativos à disciplina e à obediência do povo muçulmano às rígidas leis do Alcorão, como requisitos para alcançar, como herança condicional, a vida eterna em um paraíso espiritual. A partir desse diálogo interdiscursivo, os seguintes feixes de sentido se estabelecem: a *disciplina* e a abstenção de alimentos propostas pelo receituário de *Veja - Especial* podem parecer radicalismo e auto-flagelação, assim como são consideradas pelo

senso comum as práticas *xiitas*. No entanto, elas *funcionam*, mas somente por meio da submissão e disciplina às regras da reportagem. Ao obedecê-las, todas as leitoras alcançarão a beleza estética (a “herança”) e a magreza desejada (o “paraíso”), apregoada na contemporaneidade.

Os enunciados retirados do primeiro parágrafo e das numerações 2 e 5 da reportagem *Xiita sim. Mas funciona* também estabelecem diálogos interdiscursivos e constroem feixes de sentido em relação a temas sobre a estética corporal e magreza da mulher pós-moderna. Analisemos o enunciado retirado do primeiro parágrafo: *A seguir, os dez mandamentos*.

Nessa formulação, a jornalista Lizia Bydlowski continua a ocupar uma posição de sujeito que agencia discursos do campo religioso. No entanto, não são somente discursos islâmicos, como outrora localizamos acima, mas, também, discursos judaicos, que se inter-relacionam, numa espécie de “sincretismo” religioso interdiscursivo, emoldurando sentidos acerca da mulher contemporânea. A referência que o enunciado *A seguir, os dez mandamentos* faz ao conjunto de formulações judaicas é explícita, pela alusão às leis dessa religião monoteísta, o que nos remete a interdiscursos milenares desse segmento religioso; formulações já-ditas em outros lugares, outras épocas e momentos da história, as quais também são resgatadas por intermédio de uma memória mítica, que nos possibilita um regresso aos temas e figuras de um passado sem origem, que não cessam “[...] de encontrar novos meios para exprimirem-se, novas linguagens, novos valores e idéias”, como articula Chauí (2000, p. 9).

Os judeus são membros do grupo étnico e religioso originado nas tribos de Israel, ou seja, os hebreus do Antigo Oriente, conforme apresenta Sacks (1993). A religião tradicional da nação judia - o judaísmo - é composta de crenças monoteístas, considera Moisés como principal profeta, tem a *Tanach* como livro sagrado e a *Torá* – com seus seiscentos e treze *mitzvots*²³, incluídos os dez mandamentos - como código de conduta. O enunciado *A seguir, os dez mandamentos* faz referência explícita a essa discursividade judaica, que apregoa, como uma das mais elementares formas de obediência do povo judeu, o cumprimento dos dez mandamentos, escritos nas tábuas de pedra pelo dedo de Deus e dados a Moisés no monte Sinai.

Após localizarmos essa discursividade judaica no enunciado *Os dez mandamentos*, voltamos o olhar para a seguinte seqüência enunciativa: [...] *Seguindo-os, chega-se, com a obrigatória dose de sofrimento, ao paraíso dos quilos perdidos. Descumprindo-os, a*

²³Preceitos da *Torá*.

*condenação é continuar se retorcendo no infame tamanho G*²⁴. Nesses dois enunciados, os elementos grifados inter-relacionam discursos judaicos e islâmicos sobre o inferno e o paraíso, pois ambas as religiões apregoam a crença no inferno como um lugar de fogo e tormento, bem como, a fé no paraíso como um lugar de paz²⁵.

Efeitos de sentido emanam desse diálogo interdiscursivo e nos levam ao seguinte gesto de interpretação: a disciplina e a abstenção de alimentos que os *dez mandamentos* de *Veja - Especial* indicam são, assim como as leis religiosas, uma difícil, mas, necessária lei para que as leitoras da revista alcancem, por suas próprias forças, a promessa do “paraíso”, que é a beleza estética e “herdem” a magreza almejada. A desobediência aos *dez mandamentos* da reportagem acarretará, para essas mulheres, em um ingresso ao “inferno” que é a fealdade estética, recebendo, como “herança”, o “tormento e a dor” que é o excesso de peso.

Os elementos grifados no enunciado *Não determine seu objetivo em quilos, porque, quando chegar na metade, considerará meio caminho andado e cairá em pecado*²⁶, retirado do mandamento número 2 que compõe a reportagem *Xiita sim. Mas funciona*, também resgatam interdiscursos islâmicos e judaicos. Esses interdiscursos fazem referência à correção pessoal e o autodomínio que os dois grupos religiosos devem ter durante sua peregrinação sob a terra: santidade no trilhar diário, ao se depararem com tentações, isto é, com atos e pensamentos considerados errôneos, impuros e profanos. Esse caminho de pureza é necessário para que os devotos possam evitar, como castigo, que sua eternidade seja vivenciada no inferno.

Com base nesse diálogo interdiscursivo, o seguinte gesto de interpretação aflora: na *caminhada* rumo à perda de quilos, as consumidoras da revista devem manter o autodomínio, frente ao desejo (a “tentação”) que os diversificados alimentos podem causar. Quando acharem que alcançaram alguns quilos a menos (a “santidade”), e que estão trilhando uma rigorosa alimentação (o “caminho do bem”), não devem ceder ao desejo de provar determinados quitutes (“o pecado”). Essa ação, por certo, trará graves consequências (o “inferno”) ou seja, o excesso de peso.

²⁴Grifos nossos.

²⁵Os muçulmanos xiitas, ao contrário dos judeus, consideram o paraíso como um lugar de prazer, propiciado por uma dúzia de *houris* para cada homem salvo após uma vida de obediência à *Allah* e, especialmente aos mortos como mártires. As *houris* são mulheres virgens, destinadas a satisfazer sexualmente os homens. Essas mulheres permanecem virgens pela eternidade, sem que as relações sexuais afetem esse seu estado físico; são belas, não ultrapassam os trinta e três anos de idade, têm olhos grandes, negros e a pele branca, suave e macia (CARROLL, 2002).

²⁶Grifo nosso.

Já o enunciado [...] *passa o dia a líquidos* [...], retirado do mandamento número 5 que compõe a reportagem *Xiita sim. Mas funciona*, também resgata interdiscursos islâmicos e judaicos, os quais se referem aos jejuns rituais no *Ramadan*²⁷ e em *Yom Kipur*²⁸.

Desse diálogo interdiscursivo emanam alguns efeitos de sentido, que nos levam ao seguinte gesto de interpretação: passar o dia alimentando-se somente de *líquidos* (o “jejum ritual”) possibilitará que as leitoras da revista eliminem (a “purificação”) do corpo as gorduras excedentes (a “mácula”), causadas por uma “má” alimentação (o “pecado”). Por meio dessa prática disciplinar, essas mulheres alcançarão o emagrecimento (o “paraíso”) e estarão adaptadas ao padrão de beleza estética contemporâneo.

A partir dos feixes de sentido resgatados no conjunto de enunciados analisados até aqui, foi possível observar nas práticas discursivas da reportagem a existência de determinados saberes que, enquanto “verdades” construídas sócio-historicamente, circulam na modernidade líquida e compõem, em *Xiita sim. Mas funciona*, um protótipo de sujeito feminino. São esses os saberes por nós localizados: a mulher pós-moderna é vaidosa, se preocupa com o seu corpo e, acima de tudo, com seu peso; ela abomina o excesso de quilos e, de modo algum, permite a demasia de gorduras em seu corpo; além disso, é decidida, inflexível, resistente e determinada, a fim de conquistar um corpo esguio, magro e “belo”.

Tais saberes sobre a mulher contemporânea, ao serem negociados na reportagem *Xiita sim. Mas funciona* objetivam as consumidoras da revista impressa em sujeitos femininos do tempo presente, sem que, para isso, sejam levadas em conta particularidades como, por exemplo, a idade, saúde ou capacidade física, como frisa Rosário (2002) em seus estudos sobre a supervalorização do corpo na contemporaneidade. Essa objetivação também produz, nas leitoras de *Veja - Especial* modos de subjetivação, isto é, relações de exame e de domínio individual, que se estabelecem a partir do momento em que tais mulheres voltam o olhar para suas práticas alimentares, comportamentos, particularidades, características, desejos e disciplinas, a fim de corrigi-los ou mantê-los.

²⁷O *Ramadan* é, para os muçulmanos, um mês sagrado, no qual se pratica um jejum ritual, tido como o quarto dos cinco pilares do Islã. Durante o período de trinta dias, do alvorecer ao pôr-do-sol, os islâmicos se abstêm de comer, beber, fumar ou ter relações sexuais. Procuram, neste período, exercer de maneira mais intensa, os valores considerados como sagrados pela religião, como, por exemplo, a prática da caridade, a vivência profunda da fraternidade e dos valores da vida familiar, a leitura mais assídua do Alcorão, a frequência à mesquita, a correção pessoal e o autodomínio (WIKIPÉDIA, 2008a).

²⁸*Yom Kipur* é o dia da expiação, ou seja, dia de arrependimento para a comunidade judaica. Em *Yom Kipur*, todos os judeus são obrigados a confessar seus erros a Deus, para que, deste modo, a alma dos devotos seja purificada das máculas causadas pelo pecado. De um pôr-do-sol ao outro é proibido aos judeus comer, beber, lavar-se, passar cremes, óleo ou maquiagem, calçar sapatos de couro e ter relações sexuais (BEIT CHABAD, 2008).

A cultura do corpo idealizado na magreza é também o tema da reportagem *Os odiosos dois quilos a mais*²⁹, que circulou na *Edição Especial Mulher*, em maio de 2006. Na matéria, a jornalista Rachel Campello enfatiza que o emagrecimento é uma meta a ser atingida por todas as mulheres, inclusive por aquelas que possuem um peso adequado à sua estatura, de acordo com as tabelas médicas³⁰. Esse sujeito enunciador enfoca que o fato de uma mulher ter peso compatível com a altura não a isenta do desejo ou da “necessidade” de perder dois quilos ou, ao menos, algumas gramas. Isso porque os mínimos quilos - ainda que não sejam avaliados como perigosos para a saúde - podem ser extremamente “danosos” para a estética corporal, agindo como um empecilho para o uso de roupas mais justas, cavadas ou curtas, por exemplo.

No entanto, na reportagem Rachel Campello considera que o ato de emagrecer dois quilos ou algumas gramas é um desafio. Para defender essa consideração, a jornalista ocupa duas posições de sujeito: a que retoma e a que agencia enunciados efetivamente ditos pelo endocrinologista Alfredo Halpern, chefe do Grupo de Obesidade e Doenças Metabólicas do Serviço de Endocrinologia do Hospital das Clínicas, de São Paulo, assim como, enunciados proferidos pela nutricionista Tânia Rodrigues, da RGNutri Consultoria Nutricional, em São Paulo. Com base nesses detentores de saber, provenientes de lugares institucionais reconhecidos socialmente, Rachel Campello classifica o emagrecimento de poucos quilos como algo metabolicamente complicado, argumentando que ao atingir patamares baixos de gordura, o organismo desacelera o metabolismo e armazena até as ínfimas calorias.

Diante desse desafio, a jornalista apresenta uma possibilidade não agressiva para a eliminação dos poucos quilos ou gramas “maléficos” à beleza estética: uma dieta que não restringe de maneira radical a ingestão de alimentos muito calóricos e gordurosos, nem aumenta a intensidade de atividades físicas – como fazem as dietas para perda excessiva de peso que alteram de maneira rápida e drástica o metabolismo das pessoas. Para tanto, Rachel Campello ocupa uma posição de sujeito que retoma enunciados efetivamente ditos pelo psicólogo inglês Ben Fletcher em seu livro *The No Diet Diet*, da editora *BestSeller*.

Nessa obra, Fletcher defende a mudança de hábitos cotidianos - mesmo os não relacionados à comida, diretamente - como possibilidade para as pessoas perderem, lentamente, poucos quilos ou gramas, em quatro etapas que não alteram o metabolismo. Segundo o psicólogo, a incorporação de novas atitudes e hábitos corriqueiros emagrece, sem que, para isso, seja necessário o uso de restrições alimentares. Ben Fletcher defende que a

²⁹ A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo F).

³⁰ A tabela médica de peso/altura encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo G).

quebra da rotina diária acaba produzindo uma nova organização mental, que se reflete no consumo moderado ou mais correto de alimentos.

Analisamos a seguir os enunciados retirados do livro de Ben Fletcher, que estão estrategicamente organizados em *Os odiosos dois quilos a mais* por meio de citações indiretas, e se distribuem em quatro blocos semelhantes. São enunciados capazes de modificar a conduta das leitoras de *Edição Especial*, pois carregam um jogo de objetivações e subjetivações que se alicerçam, essencialmente, na gestão de um governo de si.

Levamos em conta, ainda, o fato de que, para testar a dieta de Fletcher, *Veja - Edição Especial* convidou Marcelle Freitas (27 anos, engenheira e arquiteta), que durante vinte e oito dias, seguiu o programa de quatro fases desenvolvido pelo psicólogo; ao final, com dois quilos a menos, ela deu seu depoimento à jornalista Rachel Campello. Investigamos também os enunciados existentes no relato da entrevistada, a partir dos quais podemos observar, no exercício da governamentalidade, as subjetivações que se estabelecem a partir do momento em que Marcelle, disciplina suas ações, examina suas práticas e toma consciência de suas particularidades, características e desejos, frente às objetivações da revista.

Abaixo, apresentamos as seqüências enunciativas selecionadas para a análise:

a) a proposta de Fletcher e o depoimento de Marcelle, organizados no bloco da fase 1, na página 80:

- *A proposta de Fletcher: fazer uma terapia de choque para acabar com velhos hábitos e introduzir novos;*
- *O que fez Marcelle: Em outra tentativa de fazer coisas inéditas, listei meus objetivos de vida; Também passei um dia sem consumir minha bebida preferida.*

b) a dica de Fletcher e o relato de Marcelle, dispostos no bloco da fase 2, na página 80:

- *A proposta: alterar padrões de comportamento ou mesmo de personalidade para se sentir capaz de mudar;*
- *O que fez Marcelle: Durante um churrasco, como sou superextrovertida, tentei me controlar e ficar na minha [...] Em outro dia, fiquei em casa sem fazer nada, algo diferente para alguém agitada como eu; Falei tudo o que pensava de uma amiga para ela.*

c) o conselho de Fletcher e a exposição de Marcelle, situados no bloco da fase 3, na página 80:

- *A proposta: mudar a forma de agir. Um teste define o que deve ser feito. Marcelle deveria fazer coisas diferentes por três dias e, nos outros quatro, alterar o comportamento;*
- *O que fez Marcelle: [...] Tenho mania de não deixar que as pessoas terminem o que estão falando, concentrei-me em ouvir; Quando acordo desmotivada a malhar pesado, costumo faltar à academia. Fui mesmo sem vontade, fiz uma aula de pilates e adorei não ter me acabado como sempre faço na academia; Resolvi conhecer uma pessoa com quem convivia, mas não ia com a cara. Gostei dela.*

d) a proposta de Fletcher e o depoimento de Marcelle, organizados no bloco da fase 4, na página 81:

- *A proposta: fazer mudanças radicais, que a princípio sejam desagradáveis, mas que sirvam para toda a vida. O objetivo é ampliar seus limites;*
- *O que fez Marcelle: Pedi a alguém que me falasse de um comportamento que costumo ter. Parei para pensar e medir todas as minhas atitudes; Decidi impedir que meu trabalho tome a maior parte do meu tempo; Às vezes adio decisões por medo de enfrentar as conseqüências [...] Montei uma planilha com as despesas fixas para gastar o restante em algo consistente; Vou tentar julgar menos e passar a interromper alguém que esteja criticando outra pessoa.*

e) o depoimento de Marcelle, organizado no box da página 81:

- *Perdi 2 quilos nos 28 dias.*

Ao voltarmos o olhar para os dizeres de Ben Fletcher, organizados pela jornalista por meio de citações indiretas que se distribuem nos blocos das fases 1, 2, 3 e 4, podemos depreender e avaliar a espessura material desses enunciados, como orienta o método arqueológico foucaultiano. Para tanto, observamos qual é o *status* desse sujeito enunciadador, que tem a competência e o saber para falar sobre o objeto discursivo estética corporal, correlacionado ao tema magreza. Procuramos também localizar qual é o lugar institucional de onde esse sujeito enunciadador fala e quais são as posições de sujeito produzidas nos referidos enunciados.

Nesse movimento analítico, notamos primeiramente que os enunciados em análise são efetivamente ditos por Ben Fletcher a partir do campo discursivo da psicologia comportamental. Ocupando três posições de sujeito - terapeuta, professor e pesquisador da Universidade de *Hertfordshire*, na Inglaterra - Fletcher divulga em seu livro *The No Diet Diet*, os resultados de sua pesquisa sobre os comportamentos cotidianos que se refletem no consumo moderado ou mais correto de alimentos.

Após essas primeiras localizações, observamos o lugar institucional de onde Fletcher enuncia: a universidade inglesa de *Hertfordshire*, isto é, um estabelecimento de educação superior mundialmente reconhecido pela qualidade de seu ensino e pesquisa científica, o que dá aos seus professores o *status* de cientistas academicamente atualizados sobre as mais recentes descobertas para o progresso da humanidade. Vinculado a essa universidade inglesa, Ben Fletcher, na função de professor, terapeuta comportamental e pesquisador científico, tem um conjunto de requisitos, competência e autoridade para falar sobre o objeto discursivo emagrecimento, já que suas pesquisas tematizam a relação que se estabelece entre comportamentos-problema, processos de organização mental e a saúde física dos seres humanos.

Nos enunciados efetivamente ditos por Fletcher, o discurso da cultura de si constitui-se um princípio fundamental. Essa cultura dissemina um “cuidado de si” que implica, ao mesmo tempo, uma nova “experiência de si” e um novo “conhecimento de si”, como situa Foucault (1985).

Vejamos como ocorre esse processo:

Fase 1 - A proposta: fazer uma terapia de choque para acabar com velhos hábitos e introduzir novos; Fase 2 - [...] alterar padrões de comportamento ou mesmo de personalidade para se sentir capaz de mudar; Fase 3 - Mudar a forma de agir. Um teste define o que deve ser feito. Marcelle deveria fazer coisas diferentes por três dias e, nos outros quatro, alterar o comportamento; Fase 4 - [...] fazer mudanças radicais, que a princípio sejam desagradáveis, mas que sirvam para toda a vida. O objetivo é ampliar seus limites (OS ODIOSOS DOIS QUILOS A MAIS. VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 05/2006, p. 80-1).

O cuidado de si pode ser localizado nessa seqüência de enunciados por meio de regras de conduta, que são propostas às leitoras da revista como uma possibilidade para o emagrecimento. São essas as disciplinaridades encontradas nos enunciados acima: *acabar com velhos hábitos e introduzir novos, alterar padrões de comportamento ou mesmo de personalidade, fazer coisas diferentes por três dias, fazer mudanças radicais que sirvam para*

toda vida. Ao nos depararmos com essas normas, observamos que elas não dizem respeito a hábitos que circunscrevem o universo alimentar – usos que, nas dietas tradicionais, devem ser metodicamente restringidos para o alcance da perda de peso - mas ações de outra natureza, bem como, padrões de comportamento e até de personalidade.

Frente a essas técnicas disciplinares, questionamos: quais seriam esses hábitos, padrões de comportamento e de personalidade a serem alterados rumo ao emagrecimento? Notamos que eles não estão especificados nos enunciados da reportagem, ou seja, os cuidados propostos por Fletcher devem sondar e atingir desde as ações de variadas naturezas, que são manifestas abertamente a qualquer pessoa, até os atos mais particulares e reservados de cada leitora; atividades, por vezes, inescrutáveis que, guardadas secretamente, compõem a individualidade e a personalidade de cada mulher.

Essas técnicas disciplinares, apregoadas nos enunciados que *Veja* organiza, são as mesmas localizadas por Foucault (1985) em seus estudos sobre as regras, os deveres e as proibições da sexualidade na filosofia greco-romana dos dois primeiros séculos do Império Romano. Elas abarcam o princípio délfico “conhece-te a ti mesmo”, que está sempre associado a um outro princípio grego: “tome conta de si mesmo”. O filósofo salienta que a necessidade de tomar conta de si é o que torna possível a aplicação da máxima délfica, isto é, a segunda determinação está sempre subordinada à primeira.

A necessidade de “tomar conta de si mesma”, ou seja, o ato de ter cuidado e disciplina com atitudes próprias e costumes corriqueiros - *acabar com velhos hábitos e introduzir novos; mudar a forma de agir; fazer coisas diferentes por três dias e, nos outros quatro, alterar o comportamento; fazer mudanças radicais, que a princípio sejam desagradáveis, mas que sirvam para toda a vida* - se refere à inquietação do sujeito com ações materiais das mais diversas, relativas ao trabalho, aos estudos, aos exercícios físicos, à administração financeira, aos cuidados domésticos, à higiene pessoal etc.

Após sugerir a disciplinaridade de ações materiais, que, *a princípio, pode ser algo desagradável*, como adverte Fletcher, os enunciados organizados por *Edição Especial* também propõem às leitoras outra espécie de cuidado de si: *alterar padrões de comportamento ou mesmo de personalidade para se sentir capaz de mudar; o objetivo é ampliar seus limites*. As programações se dirigem, nessa etapa, à personalidade do sujeito feminino, ou seja, aos traços peculiares da alma de cada mulher. Nesses termos, é preciso inquietar-se e cuidar dos sentimentos, pensamentos e desejos declarados, ignorados ou escondidos, travestidos sob formas ilusórias.

Se no regime apresentado às consumidoras de *Edição Especial Mulher* a alma tem um papel importante a desempenhar, essa mesma atenção com os sentimentos, pensamentos e desejos é localizada por Foucault (1985) em seus estudos sobre a sexualidade nas práticas greco-romanas dos dois primeiros séculos. Para o autor, a alma incessantemente leva o corpo além de sua mecânica própria e de suas necessidades elementares. Por isso é preciso dela cuidar, discipliná-la, já que é ela quem incita o corpo a agir impulsivamente, em momentos não apropriados, a perder a sua ordem, a atuar em circunstâncias suspeitas. Esse cuidado com os sentimentos, pensamentos e desejos é algo necessário, pois se os sujeitos necessitam de tantas disciplinas meticulosas e radicais com o organismo, é porque eles tendem, incessantemente, a delas se afastar, motivados pelas suas imaginações, anseios e emoções, como explica o filósofo:

A alma racional tem, portanto, um duplo papel a desempenhar: ela terá que fixar para o corpo um regime que seja efetivamente determinado pela natureza do corpo, suas tensões, o estado e as circunstâncias em que se encontra; mas ela só poderá fixá-lo corretamente com a condição de ter operado sobre si mesma todo um trabalho: ter eliminado os erros, reduzido as imaginações, dominado os desejos que lhe fazem desconhecer a sóbria lei do corpo [...] não se trata, portanto, nesse regime, de instaurar uma luta da alma contra o corpo; nem mesmo de estabelecer meios pelos quais ela poderia se defender face a ele; trata-se, para a alma, antes de mais nada, de corrigir-se para poder conduzir o corpo [...] (FOUCAULT, 1985, p. 137).

Os enunciados organizados por *Veja Mulher* enfatizam o cuidado com as ações materiais e a alma como algo que possibilitará às leitoras uma experiência de si, ou seja, a *mudança*, a *ampliação de limites*: a eliminação de erros, a dominação dos desejos, o descobrimento de novas aspirações, gostos e características. A *mudança* e a *ampliação de limites* dizem respeito ao encontro de novos rumos, fronteiras, sonhos, planos, isto é, a descoberta de uma parte de si adormecida, oculta, mas que pode aflorar com a disciplinaridade de alguns padrões de comportamento, personalidade e temperamento.

Vale salientar que nos enunciados efetivamente ditos por Fletcher, sondar e disciplinar as ações, emoções, pensamentos e aspirações, de modo a *fazer mudanças radicais*, não é algo simplesmente apresentado como uma obrigação da qual se incumbem às mulheres preocupadas com o emagrecimento de seu corpo. Essas disciplinaridades relativas às ações espontâneas e à alma são uma maneira de viver, da qual cada leitora deve incumbir-se constantemente, instituindo essa tarefa em um dever permanente *para toda uma vida*.

Essas programações de conduta material e de alma acabam por constituir as leitoras da revista enquanto sujeito, afetando, em cada uma delas, a própria individualidade e

construindo, respectivamente, a sua identidade - não só uma identidade feminina nos moldes de magreza apregoados na contemporaneidade, mas uma identidade sua, própria, que compõe cada pessoa, dando-lhe a ilusão de ser singular.

Nesses termos, o que compreendemos, em um gesto analítico, é que o cuidado de si e a experiência de si propostos na reportagem, implicam, respectivamente, em um conhecimento de si. A *mudança* de hábitos, comportamentos, emoções e até padrões de personalidade permitem que as consumidoras da revista vivenciem novos rumos, experiências, ou seja, *ampliem seus limites*, o que leva essas mulheres a elaborarem um novo saber sobre elas mesmas. Por intermédio de um cuidado de si e de uma experiência de si, é possível a essas mulheres a descoberta de uma “verdade” pessoal, algo escondido, esquecido, perdido, mas que precisa ser ressuscitado, rumo ao encontro de uma identidade completa, singular; uma identidade “pura”, como define Bauman (1998), ou seja, um ideal de perfeição, que não se encontraria “naturalmente”, mas, somente, por meio de cada ato, sentimento, comportamento e padrão de personalidade metodicamente refletido e “adestrado”.

Esse jogo de objetivações e subjetivações possibilitado nas práticas discursivas da reportagem *Os odiosos dois quilos a mais* atinge à entrevistada Marcelle Freitas. De posse das propostas elaboradas por Fletcher, durante vinte e oito dias Marcelle testa a dieta emagrecedora, disciplinando suas ações, examinando suas práticas e tomando consciência de suas particularidades, características e aspirações.

Vejam como se dá esse processo:

Fase 1 - O que fez Marcelle: [...] Em outra tentativa de fazer coisas inéditas, listei meus objetivos de vida; Também passei um dia sem consumir minha bebida preferida. Fase 2 - O que fez Marcelle: Durante um churrasco, como sou superextrovertida, tentei me controlar e ficar na minha [...] Em outro dia, fiquei em casa sem fazer nada, algo diferente para alguém agitada como eu; Falei tudo o que pensava de uma amiga para ela. Fase 3 - O que fez Marcelle: [...] Tenho mania de não deixar que as pessoas terminem o que estão falando, concentrei-me em ouvir; Quando acordo desmotivada a malhar pesado, costumo faltar à academia. Fui mesmo sem vontade, fiz uma aula de pilates e adorei não ter me acabado como sempre faço na academia; Resolvi conhecer uma pessoa com quem convivia, mas não ia com a cara. Gostei dela. Fase 4 - O que fez Marcelle: Pedi a alguém que me falasse de um comportamento que costumo ter. Parei para pensar e medir todas as minhas atitudes; Decidi impedir que meu trabalho tome a maior parte do meu tempo; Às vezes adio decisões por medo de enfrentar as conseqüências [...] Montei uma planilha com as despesas fixas para gastar o restante em algo consistente; Vou tentar julgar menos e passar a interromper alguém que esteja criticando outra pessoa. Conclusão - Perdi 2 quilos nos 28 dias (OS ODIOSOS DOIS QUILOS A MAIS. VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 05/2006, p. 80-1).

Nos enunciados de Marcelle Freitas, todos os elementos propulsores de um cuidado de si, experiência de si e conhecimento de si estão presentes: as práticas da entrevistada no âmbito das ações e da alma, a maneira como ela pensa, como vivenciou suas disciplinas, a experiência de novos rumos e fronteiras e, acima de tudo, a compreensão que ela faz de si; não só de uma identidade feminina pós-moderna padronizada, mas da sua própria individualidade comum.

Observemos os seguintes cuidados de si, exercitados por Marcelle no domínio das ações e da alma: *passei um dia sem consumir minha bebida preferida; durante um churrasco, tentei me controlar e ficar na minha; fiquei em casa sem fazer nada; quando acordo desmotivada a malhar pesado, costumo faltar à academia. Fui mesmo sem vontade; listei meus objetivos de vida; falei tudo o que pensava de uma amiga para ela; pedi a alguém que me falasse de um comportamento que costumo ter; parei para pesar e medir todas as minhas atitudes.*

Notamos por intermédio dessas disciplinas, que o tempo gasto por Marcelle rumo ao emagrecimento não é um tempo “vazio”, utilizado somente com restrições de alimentos e exercícios físicos, mas povoado por atividades diversas. Existem os cuidados com o corpo (*ir à academia, descansar em casa*); a restrição, sem excesso, de alimentos (*não consumir a bebida preferida*); as meditações (*pesar e medir as atitudes*); a escrita de um planejamento que mais tarde será relido (*listar os objetivos de vida*). Existem também as conversas com um confidente, com amigos, para lhes solicitar conselhos (*ouvir de outrem sobre o comportamento que se costuma ter*) ou para lhes fornecer sugestões (*falar a outrem tudo o que pensa sobre ele*).

A disciplinaridade de alguns padrões de comportamento e de personalidade permitiu à Marcelle uma nova experiência de si, a partir da qual ela pôde vivenciar novas experiências (*não extrapolar seus limites físicos em exercícios, conversar com uma pessoa que considera antipática e mudar sua opinião sobre ela*); novos rumos (*impedir que o trabalho domine sua vida*); novas fronteiras (*não adiar decisões, enfrentar as conseqüências de seus atos, não julgar as pessoas*); novos planos e desejos (*economizar o dinheiro para gastar com coisas consistentes*).

A prática de um cuidado de si e de uma nova experiência de si também propiciou à entrevistada a lembrança de “verdades” que ela já sabia sobre si, ou seja, o encontro de uma parte de si adormecida, oculta, mas que “precisava” ser ressuscitada, rumo ao encontro de uma identidade completa, singular. Eis o encontro de Marcelle com ela mesma:

Sou superextrovertida → *Durante um churrasco, como sou superextrovertida, tentei me controlar e ficar na minha;*

Sou agitada → *Em outro dia, fiquei em casa sem fazer nada, algo diferente para alguém agitada como eu;*

Sou ansiosa e egocêntrica → *Tenho mania de não deixar que as pessoas terminem o que estão falando;*

Meu organismo é enérgico → *Quando acordo desmotivada a malhar pesado, costumo faltar à academia;*

Faço pré-julgamentos → *Resolvi conhecer uma pessoa com quem convivia, mas não ia com a cara. Gostei dela;*

Tenho forças para resistir aos pré-julgamentos e para não participar de fofocas → *Vou tentar julgar menos e passar a interromper alguém que esteja criticando outra pessoa;*

Descobri que sou ponderada → *Parei para pesar e medir todas as minhas atitudes;*

Sou sincera → *Falei tudo o que pensava de uma amiga para ela;*

Sou trabalhadora → *Decidi impedir que meu trabalho tome a maior parte do meu tempo;*

Sou receosa → *Às vezes adio decisões por medo de enfrentar as conseqüências;*

Consigo ser econômica → *Montei uma planilha com as despesas fixas para gastar o restante em algo consistente;*

Sou magra → *Perdi 2 quilos nos 28 dias.*

A partir da última constatação de Marcelle, observamos que o cuidado de si proposto nos enunciados de Ben Fletcher propiciou que a entrevistada se encaixasse em uma identidade feminina padronizada pela magreza. No entanto, em todos os outros depoimentos de Marcelle, notamos que esse mesmo cuidado também permitiu à entrevistada decifrar quem ela é. A entrevistada efetuou por vezes sozinha e, em diversos momentos, com a ajuda de outras pessoas, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, isto é, sobre seus hábitos, condutas, pensamentos, sentimentos e temperamento.

Desse modo, o cuidado de si proposto na revista impressa levou Marcelle Freitas a organizar uma consciência de si, de suas particularidades, características e desejos, muitas vezes, desconhecidos, ignorados ou ocultos. Foram diversos tipos particulares de exame, governo e autocontrole, que propiciaram à entrevistada a elaboração de um saber sobre ela mesma, sobre quem ela é, encontrando, desse modo, uma identidade para si e constituindo-se

em sujeito de sua própria existência. Nesses termos, ao exercer o cuidado de si, foi possível à Marcelle vivenciar novas experiências, que a levaram ao conhecimento de si.

O que localizamos, por meio dos enunciados da entrevistada, foi a busca de uma mulher por uma singularidade e por um acabamento identitário. No entanto, esses mesmos enunciados também revelaram a identidade de Marcelle como uma construção mutável, instável e, portanto, inacabada. Nas páginas da revista impressa, a entrevistada “colou” sua cotidianidade e, de certo modo, tornou *Veja - Mulher* uma extensão de si, a partir do momento em que “viveu” nessa mídia suas próprias práticas, técnicas, comportamentos, particularidades, características, desejos, programações de conduta e disciplinas.

O arquétipo de magreza que compõe *Os odiosos dois quilos a mais* é também apresentado às mulheres como molde de beleza estética em outra reportagem de *Veja - Edição Especial* intitulada *Esta mulher tem 50 anos!*³¹. Esta reportagem está situada nas páginas 94 a 98 da edição que circulou em maio de 2006. O objeto discursivo focado é a magreza, correlacionado a outros dois temas: saúde e massa muscular.

Os enunciados que compõem *Esta mulher tem 50 anos!* propagam a prática de exercícios físicos como solução para o acúmulo de gorduras e flacidez muscular, que se acentua nas mulheres com o avançar da idade. Mesmo salientando que o envelhecimento é algo irreversível, a jornalista Fernanda Arduini recomenda, nos enunciados de *Esta mulher tem 50 anos!*, a prática de exercícios físicos como uma solução para combater, retardar, ou, ao menos, minimizar esses “danos” estéticos causados pela idade, que, além de serem “nocivos” à aparência física da mulher, podem ser extremamente “maléficos” à auto-estima e, respectivamente, à produtividade e capacidade de trabalho.

Para defender a prática de exercícios como um meio para a eliminação de gorduras e musculatura flácida, Fernanda Arduini constrói, estrategicamente, tabelas repletas de números e porcentagens, as quais contêm informações sobre as mudanças corporais que ocorrem em cada fase da vida de uma mulher. Arelada a essas informações, está à recomendação de determinados tipos de exercícios físicos, específicos para cada faixa etária, os quais podem transformar gorduras extras e músculos flácidos em belas “obras de arte”.

Por intermédio do uso estratégico de tabelas, a jornalista apresenta às leitoras algumas mulheres de diferentes idades – 25, 35, 45, 55 e 65 anos – que compartilham, a partir de seus depoimentos, quais são as atividades físicas e cuidados com o corpo que empregam para se manterem em forma, ou seja, alcançarem a magreza e a musculatura enrijecida. Essas

³¹A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo H).

entrevistadas dão conselhos às consumidoras da revista que pretendem se inserir no universo do cuidado estético.

Abaixo, apresentamos as seqüências enunciativas selecionadas para a análise:

a) os enunciados dispostos na tabela intitulada *Aos 35 anos*, localizada na página 96:

O que acontece com o corpo

A partir dos 30 anos, começa-se a perder entre 140 e 170 gramas de massa muscular por ano. Sem praticar atividade de força até os 39 anos, a mulher terá perdido quase 2 quilos de músculo, que serão substituídos por gordura. O excesso de gordura retarda o metabolismo. Tem início a queda hormonal.

Exercícios recomendados

Aqueles que exigem força muscular e um pouco de aeróbica.

Ana Paula Alaluna, 36 anos, estudante de psicologia

Altura: 1,67 metro

Peso: 60 quilos

Atividade física: caminhada e ginástica localizada, cinco vezes por semana

Tempo de prática: dezoito anos

(ESTA MULHER TEM 50 ANOS! VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 05/2006).

b) os dizeres que constituem a tabela intitulada *Aos 65 anos*, localizada na página 98:

O que acontece com o corpo

A capacidade respiratória diminui 40% e a massa muscular, 25%.

Exercícios recomendados

Aqueles que trabalhem a flexibilidade, a postura, a estabilidade e a proteção contra quedas. Uma boa atividade é o tai chi chuan.

Anna Saraiva, 65 anos, pintora e ex-psicanalista

Altura: 1,55 metro

Peso: 66 quilos

Atividade física: tai chi chuan, cinco vezes por semana

Tempo de prática: vinte anos

Conselho para quem vai começar: "Não fique só olhando, comece a fazer.

Olhando parece bem mais difícil do que é na prática." (ESTA MULHER TEM 50 ANOS! VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 05/2006).

Em um primeiro olhar sobre as seqüências enunciativas das duas tabelas, podemos notar que os diagnósticos fisiológicos, exercícios recomendados, perfis de entrevistadas e conselho distribuído, são espaços possíveis para o estabelecimento de certos saberes e “verdades” sobre as mulheres contemporâneas, os quais são capazes de motivar às leitoras de *Veja* a terem um determinado comportamento com seu corpo.

Para descobrirmos quais são esses saberes sobre a mulher pós-moderna e de que maneira eles são negociados nos enunciados enquanto efeitos de verdade para a construção de uma identidade feminina no tempo presente procuramos, a princípio, conhecer e avaliar a espessura material dos dizeres que se distribuem em duas seções da tabela, intituladas *O que acontece com o corpo* e *Exercícios recomendados*.

Investigar a espessura material desses enunciados, conforme nos orienta Foucault (1997), implica observar quem fala e qual é o *status* desse sujeito, que tem a competência e o saber para falar sobre o objeto saúde, correlacionado aos temas massa muscular e magreza. Diz respeito, também, a localizar os lugares institucionais de onde tal sujeito enuncia, bem como a encontrar quais são as posições adotadas por esse sujeito ao pronunciar saberes sobre esses diferentes, mas inter-relacionados, objetos discursivos.

Nesse movimento analítico, notamos que as seqüências de enunciados distribuídas nas duas seções são formuladas por um sujeito reconhecido socialmente como especialista do campo discursivo da medicina esportiva. Mais especificamente, a médica Sandra Matsudo, diretora-geral do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafiscs), instituição que promove pesquisas e projetos sobre a relação estabelecida entre envelhecimento e atividade física.

O Celafiscs tem condições legais para dar à Médica Sandra Matsudo o *status* de pesquisadora atualizada na área da medicina esportiva. Matsudo, nessas duas posições de sujeito, tem um conjunto de requisitos, competência e autoridade para falar sobre o objeto discursivo saúde, correlacionado aos temas massa muscular e magreza.

É aos enunciados formulados por tal detentora de saber que a jornalista Fernanda Arduini recorre para produzir as tabelas de números e porcentagens, nas seções *O que acontece com o corpo* e *Exercícios recomendados*. Arduini ocupa uma posição de sujeito que retoma, a partir de citações indiretas, enunciados pronunciados pela médica, os quais, enquanto dados científicos, constroem um efeito de verdade sobre a saúde da mulher e a sua participação no universo dos exercícios corporais; efeito que acaba por incentivar às leitoras da revista a investirem nessa espécie de cuidado de si.

Vejamus como ocorre esse processo:

Aos 35 anos

O que acontece com o corpo

A partir dos 30 anos, começa-se a perder entre 140 e 170 gramas de massa muscular por ano. Sem praticar atividade de força até os 39 anos, a mulher terá perdido quase 2 quilos de músculo, que serão substituídos por gordura.

O excesso de gordura retarda o metabolismo. Tem início a queda hormonal.

Exercícios recomendados

Aqueles que exigem força muscular e um pouco de aeróbica
(ESTA MULHER TEM 50 ANOS! VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL
MULHER, 05/2006, p. 96).

Aos 65 anos

O que acontece com o corpo

A capacidade respiratória diminui 40% e a massa muscular, 25%.

Exercícios recomendados

Aqueles que trabalhem a flexibilidade, a postura, a estabilidade e a proteção
contra quedas. Uma boa atividade é o tai chi chuan (ESTA MULHER TEM
50 ANOS! VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 05/2006, p. 98).

As seqüências enunciativas acima negociam constantemente a governamentalidade.
Vejam como essa gestão ocorre:

Por meio de modos de objetivação, os enunciados organizados na seção *O que acontece com o corpo* incentivam às leitoras de *Veja - Edição Especial* a fazerem parte de um grupo de mulheres preocupadas com sua saúde física, com seu peso e massa muscular, e que necessita dos saberes que envolvem a conquista de um corpo saudável e esculpido.

No entanto, podemos observar que esse incentivo não é dado a partir da apresentação de um padrão feminino de beleza pós-moderno, como diagnosticamos nos enunciados existentes em outras reportagens deste capítulo, analisadas anteriormente. Ao contrário, os dizeres do campo discursivo da medicina esportiva, que estão organizados nas páginas da reportagem a partir de números e porcentagens, constituem-se em uma previsão negativa para o estado físico das mulheres na faixa etária dos trinta e cinco aos sessenta e cinco anos. É o modelar de mulher erigido sob o que a cultura contemporânea considera como fealdade (músculos flácidos e gordura). Esse protótipo feminino, rejeitado pela sociedade pós-moderna, constitui-se na reportagem em um alarde para as mulheres que procuram a sensação de inserção e pertencimento social por intermédio da aparência física, como podemos observar, nos dizeres grifados abaixo:

A partir dos 30 anos, começa-se a perder entre 140 e 170 gramas de massa muscular por ano. Sem praticar atividade de força até os 39 anos, a mulher terá perdido quase 2 quilos de músculo, que serão substituídos por gordura. O excesso de gordura retarda o metabolismo. Tem início a queda hormonal [...] Aos 65 anos [...] A capacidade respiratória diminui 40% e a massa

muscular, 25%³² (ESTA MULHER TEM 50 ANOS! VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 05/2006, p. 96).

Entretanto, nessa mesma seqüência enunciativa, surge uma “esperança” para que as leitoras da revista se livrem desse modelar feminino flácido e untuoso, e se insiram no padrão magro e rijo apregoado pela sociedade pós-moderna: a “boa notícia” é que a “fealdade” das gorduras e flacidez é condicional à falta de exercícios físicos, como afirma o enunciado *Sem praticar atividade de força até os 39 anos*,³³ *a mulher terá perdido quase 2 quilos de músculo, que serão substituídos por gordura.*

A preposição *até* diz respeito às mulheres que não atingiram os trinta e nove anos de idade; são sujeitos femininos que, em sua grande maioria, estão economicamente ativos e inseridos no mercado de trabalho, podendo consumir, em “indústrias do corpo” como a academia – para nos valermos da expressão usada por Rosário (2002) – “produtos” como a musculação, ginástica localizada, aeróbica, alongamento postural, *aero jump*, *yoga*, *sk spinning*, *tai chi chuan*, entre outras modalidades: atividades [...] *que exigem força muscular e um pouco de aeróbica*, ou [...] *que trabalhem a flexibilidade, a postura, a estabilidade e a proteção contra quedas.*

Esses exercícios são disciplinas, técnicas corporais, que permitem às consumidoras da revista o alcance do padrão de beleza feminino apregoado na modernidade líquida. Seguidos de maneira regrada, em uma cuidadosa programação de conduta, tais atividades possibilitarão às leitoras de *Veja* o alcance da magreza e da musculatura enrijecida. Nessa perspectiva, a somatória da preposição *até* e os enunciados da seção *Exercícios recomendados* objetiva que, para as mulheres com idade inferior aos trinta e nove anos, ainda há solução. É a esse público-alvo que a reportagem se dirige, organizando enunciados envoltos de uma mesma recomendação: “tome conta de si mesma”, isto é, “tome conta de seu corpo, de sua saúde”, “invista em você”.

Os processos de objetivação contidos nos enunciados em análise promovem nas leitoras de *Veja* determinados modos de subjetivação, a partir do momento em que proporcionam que essas mulheres examinem individualmente sua própria condição física, seu corpo e os cuidados que mantêm com ele. Especificando melhor, esse exame de si permite que as leitoras realizem uma reflexão sobre seu peso e o estado muscular de cada membro do corpo – seios, abdômen, braços, coxas, nádegas etc. Tal exame resulta, para cada mulher, em

³²Grifos nossos.

³³Grifo nosso.

uma avaliação particular de si. Feito o julgamento, surgem constatações sobre seu físico - quer sejam positivas ou negativas - que influenciam as consumidoras da revista a corrigirem suas disciplinas ou mantê-las, podendo, desse modo, definirem-se como mulheres magras e rijas, ou seja, mulheres pós-modernas.

Para essas leitoras, os enunciados que compõem os perfis das entrevistadas Ana Paula Alaluna e Anna Saraiva são um incentivo. Neles, objetivações vindas de mulheres “comuns” (36 anos, estudante; 65 anos, ex-psicanalista e pintora) constroem um protótipo feminino pós-moderno:

Ana Paula Alaluna, 36 anos, estudante de psicologia
 Altura: 1,67 metro
 Peso: 60 quilos
 Atividade física: caminhada e ginástica localizada, cinco vezes por semana
 Tempo de prática: dezoito anos
 Conselho para quem vai começar: "O importante é ter persistência. Depois de um tempinho, a atividade física vira uma rotina, um hábito como comer e dormir. Hoje não vivo sem caminhar nem ir à ginástica." (ESTA MULHER TEM 50 ANOS! VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 05/2006, p. 96).

Anna Saraiva, 65 anos, pintora e ex-psicanalista
 Altura: 1,55 metro
 Peso: 66 quilos
 Atividade física: tai chi chuan, cinco vezes por semana
 Tempo de prática: vinte anos
 Conselho para quem vai começar: "Não fique só olhando, comece a fazer. Olhando parece bem mais difícil do que é na prática." (ESTA MULHER TEM 50 ANOS! VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 05/2006, p. 98).

Se olharmos mais atentamente para o perfil dessas mulheres “comuns”, perceberemos que elas são minorias, entre milhares de mulheres. Consideramo-nas minoria porque, na representação das duas entrevistadas - ambas com idades maduras - os dados de altura e peso já às inserem em um modelar de mulher pós-moderna magra (*Altura: 1,67 metro, Peso: 60 quilos; Altura: 1,55 metro, Peso: 66 quilos*). Notamos que essas medidas se encaixam na tabela médica de peso/altura utilizada como padronização para o corpo feminino³⁴, apesar de não serem essas as medidas corporais dos milhares de mulheres “comuns”, entre trinta e sessenta e cinco anos de idade, que participam de todas as esferas sociais. Essa constatação nos leva a avaliar que, na reportagem *Esta mulher tem 50 anos!* a revista *Veja* seleciona as mulheres que deseja citar; sujeitos femininos que se encaixam no padrão de estética corporal

³⁴Ver a tabela médica de peso/altura, localizada ao final deste trabalho (Anexo G).

da sociedade contemporânea e que, por esse motivo, podem ser colocados como modelo para às leitoras.

A idade “avançada” de Anna Saraiva (65 anos), que, em princípio a insere em um rol de mulheres “comuns”, não sustenta por muito tempo essa classificação. O tempo de prática de seus exercícios físicos (20 anos) a coloca em um patamar de mulheres economicamente estabilizadas, que, como poucas que pertencem a sua geração, tiveram a oportunidade de sustentar uma atividade extra e, de certo modo, consideravelmente custosa, durante vinte anos ininterruptos.

A idade de Anna Saraiva (65 anos), ao contrário do que se pode imaginar a princípio, não é um incentivo para que mulheres dessa faixa etária tomem para si, enquanto técnicas disciplinares, os exercícios físicos, quaisquer que sejam eles, rumo a um padrão de mulher contemporânea magra e rija. O tempo de prática dos exercícios da entrevistada (20 anos) denuncia e objetiva: é preciso que uma mulher comece a se exercitar até, no máximo, quarenta anos de idade, para que possa estar, ainda aos sessenta e cinco anos, com o corpo esbelto e enrijecido. Já o tempo de prática dos exercícios de Ana Paula Alaluna (18 anos) evidencia: com dezessete anos de idade, as mulheres já devem inserir-se no universo dos exercícios físicos.

Para as mulheres entre dezessete e quarenta anos de idade – economicamente ativas, participantes no mercado de trabalho e capazes de consumir na “indústria do corpo” - a própria Ana dá um conselho: *“Não fique só olhando, comece a fazer. Olhando parece bem mais difícil do que é na prática”*. Esses são os últimos enunciados da reportagem; um “convite” que, como em todos os outros enunciados analisados em *Esta mulher tem cinquenta anos!*, convoca as leitoras de *Veja - Edição Especial* a cuidarem de sua forma física, ou seja, a se tornarem magras e terem musculatura enrijecida, alcançando um protótipo de mulher pós-moderna.

Contudo, o cuidado estético, proclamado socialmente como uma “verdade” para a mulher contemporânea, não se reduz à vigilância do peso e ao combate à flacidez muscular. Aliado a essas ações está ainda o zelo com os cabelos, sobrancelhas, pele, pêlos, unhas etc, que também requerem uma constante disciplinaridade das mulheres desejosas por se adequarem nos moldes de beleza do tempo presente. A reportagem *Tal filha, tal mãe*³⁵, que circulou na *Edição Especial Mulher* em agosto de 2003, emprega como tema esse aspecto da cultura estética que compõe o ideal da mulher pós-moderna. Para tanto, convida suas leitoras

³⁵A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo I).

a conhecerem quais são os cuidados de beleza de algumas mulheres famosas, que compartilham com suas mães os mesmos hábitos relacionados ao corpo.

As entrevistadas são Joana e Mercedes Prado, Isabel e Sônia Fillardis, Suzana e Lúcia Alves, Sandy e Noeli; celebridades e mulheres desconhecidas, que encontram nas páginas da revista um espaço para falarem de suas práticas e cuidados de beleza, rumo ao encontro de uma identidade. Traçando um perfil dessas entrevistadas, *Veja* propõe às leitoras determinados saberes, comportamentos, programações de conduta e constrói uma padronização feminina contemporânea.

Essa governamentalidade é por nós analisada nas seguintes seqüências enunciativas:

a) Os dizeres de Joana Mercedes Prado, situados nas seções *Elas não vivem sem* e *Na clínica de estética*, da página 44:

- *Elas não vivem sem descolorante. Joana e Mercedes freqüentam o mesmo salão e cuidam do corte e da cor com o mesmo profissional há três anos. O tom é praticamente o mesmo. A quase invisível diferença está nas mechas - em Joana, são mais fininhas;*

- *Para prevenir a celulite, Joana faz sessões semanais de drenagem linfática. Mercedes foi experimentar o tratamento na mesma clínica, mas desistiu.*

b) Os enunciados de Isabel e Sônia Fillardis, encontrados nas seções *Elas não vivem sem* e *De mãe para filha*, da página 46:

- *Elas não vivem sem cuidados de beleza em casa. A cada duas semanas, uma cabeleireira vai até o apartamento de Sônia para aparar as pontas e fazer hidratação no cabelo de ambas. A manicure também vai atendê-las em casa. Elas só usam esmaltes em tons terra;*

- *"Não sou nada vaidosa", conta Sônia. "Nunca fui de passar creme. Então não ensinei nada dessas coisas a minhas filhas".*

c) O enunciado de Suzana e Lúcia Alves, localizado na seção *No nécessaire das duas tem de ter*, da página 47:

- *No nécessaire das duas tem de ter hidratante para o corpo Victoria's Secret com perfume de morango com champanhe [...].*

d) O enunciado de Sandy e Noeli, situado na seção *No nécessaire das duas tem de ter*, da página 48:

- *No nécessaire das duas tem de ter maquiagem, principalmente no de Sandy [...] a filha, que adora rímel, sombra e batom, maquia a mãe.*

Nas seqüências enunciativas acima, o tema cuidados de beleza, enquanto uma prática discursiva constituída historicamente fora da revista, agencia o encontro de técnicas de objetivação, capazes de construir imagens modelares e de determinar a conduta das leitoras de *Veja*. Essa objetivação também produz, nas leitoras e entrevistadas de *Tal filha, tal mãe* modos de subjetivação, isto é, relações de exame e de domínio individual, que se estabelecem a partir do momento em que tais mulheres voltam o olhar para suas práticas e disciplinas, a fim de corrigi-las ou mantê-las.

Diante desses enunciados, interessamo-nos em investigar sua espessura material, como indica Foucault (1997). Nesse movimento, notamos que as formulações estão organizadas na reportagem por intermédio de um procedimento estratégico bastante recursivo no jornalismo: as citações direitas e indiretas da fala de outrem. Ao organizar as citações em *Tal filha, tal mãe*, a jornalista ocupa duas posições de sujeito: a que retoma os enunciados efetivamente ditos pelas entrevistadas e a que agencia esses enunciados para narrar às práticas cotidianas de tais mulheres.

São enunciados provenientes do campo discursivo da estética, proferidos por atrizes, dançarinas e cantoras (Joana Prado, Suzana Alves, Isabel Fillardis e Sandy) contratadas pela Rede Globo³⁶ na época em que a reportagem foi produzida. Assistido por cerca de oitenta milhões de pessoas diariamente, esse *mass media* tem legitimidade para dar à essas mulheres o *status* de símbolo de beleza.

Esses sujeitos femininos, na posição de beldade e perfeição, têm os requisitos necessários para falar sobre o tema cuidados de beleza. Na mesma perspectiva, as mães dessas celebridades globais, ainda que não conhecidas pelo público do *mass media* (Mercedes Prado, Lúcia Alves, Sônia Fillardis e Noeli), também têm um conjunto de requisitos para falar sobre o mesmo objeto discursivo, pois, como participantes do cotidiano das filhas, têm contato com esse “mundo de glamour global”, o que permite a elas adquirir para si algumas das técnicas disciplinares das “estrelas”, isto é, cuidados em relação ao corpo.

³⁶A Rede Globo é uma das maiores emissoras de TV de toda a América Latina e a quarta no contexto mundial, de acordo com o *site* Wikipédia (2008b).

Os enunciados dessas mulheres famosas e desconhecidas, ao serem organizados na reportagem, fornecem às consumidoras da revista um mesmo conselho: “tome conta de você”, ou seja, “preocupe-se com sua aparência física, cuide de seus cabelos, zele por sua pele, unhas etc”. São enunciados repletos de regras de conduta, modos de governo e autocontrole; disciplinaridades que, juntas, consolidam-se em um zelo esmiuçado com os detalhes cotidianos do corpo.

Nos enunciados de Joana e Mercedes Prado podemos destacar algumas dessas programações de conduta: *cuidar do corte dos cabelos, usar descolorante e tinturas*.

Na seqüência enunciativa de Isabel e Sônia Fillardis estão enfatizados outros cuidados com as madeixas, bem como em relação às unhas: *aparar as pontas dos cabelos e hidratá-los a cada duas semanas; fazer as unhas e pintá-las com esmaltes em tons terra*.

Já nos dizeres de Suzana e Lúcia Alves, a disciplinaridade diz respeito aos cuidados com a pele, por meio do *hidratante para o corpo Victoria's Secret, com perfume de morango e champanhe*.

O enunciado de Sandy e Noeli traz como regra o uso da *maquiagem* e, acima de tudo, o *rímel, sombra e batom*.

Ao organizar a reportagem agenciando os enunciados em torno dessas técnicas e disciplinas, a jornalista de *Tal filha, tal mãe* acaba por transformar o corpo feminino em uma “matéria fragmentada” (ROSÁRIO, 2002). Esse estado fragmentário se dá a partir do momento em que cada parte da mulher é enfocada separadamente - decomposta em cabelos, unhas, pele, rosto etc – ou seja, é arquitetada particularmente, sem que outras partes do físico sejam mencionadas.

Ao dar ênfase a elementos isolados do corpo, cada parte é transformada em um grande gerador de sentidos, ou seja, em um signo estimulador para o consumo. O corpo feminino fragmentado que a reportagem institui incita as leitoras ao desejo da beleza e abre espaço para o consumo de descolorantes, hidratantes, esmaltes, tinturas e cosméticos, enquanto recursos que oferecem a essas mulheres a ilusão de fazê-las constantemente belas.

Numa referência explícita, o enunciado de Suzana e Lúcia Alves propaga os produtos da marca *Victoria's Secret*. Além disso, tendências da moda são ressaltadas, tais como: *merengues de morango com champanhe* e *esmaltes em tons terra*, como enfatizam Isabel e Sônia Fillardis, sem esquecer-se das *mechas loiras e marrons* nos cabelos de Joana e Mercedes Prado. Dadas as referidas características, podemos constatar que os enunciados em análise não revelam somente programações de conduta, mas também práticas econômicas.

Todas as técnicas e disciplinas com o corpo localizadas na prática discursiva da reportagem estão baseadas em um princípio egocêntrico e, por esse motivo, atingem a individualidade das leitoras da revista. Como um mentor, tais programações de conduta acabam por guiar comportamentos e idéias, exercendo certa autoridade sobre essas mulheres e levando-as a serem administradoras permanentes de si, a fim de conquistarem uma identidade feminina pós-moderna, caracterizada pelo zelo e vaidade. Em torno de enunciados repletos do conselho “tome conta de si mesma”, *Veja - Especial* incita as leitoras a uma forma de atitude; uma grande regra de conduta pessoal que possibilita que elas observem suas atitudes e comportamentos, de modo a encontrarem para si uma identidade feminina e se reconhecerem como mulheres do tempo presente.

Tais regras disciplinares, como, por exemplo, *cuidar do corte dos cabelos, usar descolorante e tinturas, aparar as pontas dos cabelos e hidratá-los a cada duas semanas, fazer as unhas e pintá-las com esmaltes em tons terra, fazer uso de hidratantes para a pele e maquiagens para o rosto* etc, são absorvidas pelas consumidoras da revista a partir de um processo de identificação. De acordo com Woodward (2000), a identificação convoca essas leitoras a tomarem para si os discursos totalizantes organizados e veiculados pela reportagem e, conseqüentemente, assumirem essas práticas e formas de comportamento como parâmetros, motivadas pelo desejo de ali encontrarem-se, isto é, de participarem do “mundo de sonhos e de beleza” das celebridades globais, de onde elas podem “se construir” como mulheres belas, ainda que temporariamente.

Contudo, as absorções dessas práticas disciplinares não são realizadas de maneira passiva pelas consumidoras de *Edição Especial Mulher*. O processo de diferença, teorizado por Silva (2000), também ocorre, levando-as a não aceitarem algumas disciplinaridades, assim como, a homogeneização dos traços individuais e o respectivo papel de mulher pós-moderna bem cuidada, zelosa e vaidosa que circula sócio-historicamente e que é veiculado nas práticas discursivas da revista como efeito de verdade. Esse processo de diferença também por ser observado em *Tal filha, tal mãe*, nas seções *Na clínica de estética* e *De mãe para filha*, por intermédio dos enunciados de Mercedes Prado e Sônia Fillardis, mães das “estrelas” Joana e Isabel.

Os destaques na seqüência enunciativa “Não sou nada vaidosa” [...] “Nunca fui de passar creme. Então não ensinei nada dessas coisas a minhas filhas” e *Para prevenir a celulite, Joana faz sessões semanais de drenagem linfática. Mercedes foi experimentar o*

*tratamento na mesma clínica, mas desistiu*³⁷, evidenciam a não-identificação de Sônia Fillardis e Mercedes Prado com algumas programações disciplinares da mulher contemporânea. Essas entrevistadas consideram o ato de *passar cremes* no corpo e no rosto, bem como realizar *sessões semanais de drenagem linfática*, como algo oposto e diferente de suas práticas e gostos pessoais. Portanto, ocupando uma posição social de desapego e modéstia, esses sujeitos femininos recusam e consideram nulos, sem importância, determinados discursos totalizantes sobre os cuidados de beleza que uma mulher deve ter, os quais estão organizados na reportagem e constroem um modelar feminino.

Essa posição de sujeito modesto e desapegado às vaidades físicas demonstra a resistência cotidiana de Mercedes Prado e Sônia Fillardis. Tal resistência deixa entrever a luta das mulheres na sociedade pela busca de uma identidade própria e, mais ainda, a luta contra certas formas de poder. Segundo Foucault (1998), esses poderes classificam os sujeitos em categorias e os ligam a pretensas identidades, impondo-lhes uma lei de “verdade” necessária para que eles se reconheçam e para que os outros sujeitos também os reconheçam da mesma maneira.

As não-identificações e oposições existentes nos enunciados de Mercedes e Sônia nos permitem observar que a autoridade que *Edição Especial* exerce sobre suas consumidoras não é absoluta. Ainda que, ao disseminar técnicas e regras de conduta, a revista desempenhe o papel de um mentor com certa autoridade sobre as mulheres, o poder de *Veja* não é total, mas transitório, o que implica que os discursos dessa mídia sejam constantemente reelaborados e organizados, para melhor se adequarem as suas leitoras.

São discursos normativos e totalizantes que, de acordo com De Certeau (1996), produzem identificações e práticas, a partir do momento em que ganham confiabilidade dos sujeitos pelo fato de ditar a “própria realidade”, isto é, aquilo que supõe ser o real em uma sociedade. Os discursos sobre os corpos, encontrados nas reportagens analisadas nesta seção, regulam, refazem e cultivam o físico de tantas leitoras porque ditaram o “real” e falaram em seu nome. É pela autoridade desses discursos que os corpos das leitoras e entrevistadas de *Veja* são maquinados e se movem, impulsionados por técnicas disciplinares que podem transformar corpos individuais em um corpo modelar, ou como partilha o teórico, em um corpo social.

Tais conjuntos de enunciados, repletos de técnicas, regras e programações de condutas - *emagrecer por meio de dietas, eliminar gorduras e flacidez muscular a partir de exercícios*

³⁷Grifos nossos.

físicos, extinguir celulites por intermédio de drenagens linfáticas, cuidar do corte dos cabelos, aplicar neles descolorante e tinturas, fazer as unhas e pintá-las com esmaltes, usar hidratante para o corpo e maquiagens como o rímel, sombra e batom - mantêm os corpos submetidos a uma norma. Essas disciplinaridades regulam, refazem e cultivam os corpos femininos como em manobras militares, impõem-lhes uma forma e um tônus que têm o valor de uma “carteira de identidade”, conforme expressa De Certeau (1996).

Nessa perspectiva, os discursos que analisamos são canais que levam tantas mulheres a se transformarem em uma unidade de sentido, em uma identidade; são a possibilidade para que, “desta carne opaca e dispersa, desta vida exorbitante e confusa” as mulheres se reconheçam, na limpidez de uma palavra, em um nome legível: mulher pós-moderna. Nesse jogo, notamos nas práticas discursivas de *Edição Especial* as disciplinaridades “clamando”: “dá-me o teu corpo e eu te darei sentido, dou-te um nome e te faço uma palavra do meu discurso” (DE CERTEAU, 1996, p. 242).

Nas práticas discursivas das quatro reportagens analisadas nesta seção, observamos a dispersão e heterogeneidade dos enunciados, o que demarcou a singularidade própria de cada um deles. Na individualidade de cada dizer, notamos a presença de uma diversidade de sujeitos enunciadorees (jornalistas, endocrinologistas, nutricionistas, psicólogos, médicos, engenheiros, arquitetos, estudantes, psicanalistas, pintores, cantoras, atrizes e dançarinas etc) que falam a partir de diversos campos discursivos (nutrição, psicologia comportamental, medicina esportiva, religião, estética entre outros) e que tratam de variados objetos (estética, saúde, magreza, massa muscular e cuidados de beleza).

Esses sujeitos enunciadorees ocuparam diferentes posições de sujeito e constituíram distintas modalidades enunciativas, além de fazerem uso de um domínio associado de enunciados, o que lançou nosso olhar a outros inúmeros enunciados efetivamente ditos em outros momentos, em outras épocas, tensionando a memória e nos ligando ao passado, ao presente e ao futuro.

Em tais enunciados, tão dispersos e heterogêneos, notamos ainda a presença de práticas não-discursivas, isto é, relações entre instituições, processos econômicos, políticos, além das formas de comportamento, sistemas de normas e disciplinas. Apesar da dispersão e da heterogeneidade, todos esses enunciados – ao serem agrupados na revista impressa em torno de diferentes objetos, modalidades enunciativas, posições de sujeito e um domínio associado – estabeleceram entre si jogos de relações, correlações e encadeamentos.

Nesses jogos, as condições permanentes e coerentes de existência, coexistência e manutenção dos enunciados permitiram que eles estabelecessem, entre si, uma regularidade,

isto é, uma unidade discursiva em torno de feixes de sentidos que se referem à mulher pós-moderna.

Essa regularidade constituiu uma linha enunciativa, que trouxe à tona determinados saberes em relação à mulher contemporânea. São esses os saberes por nós localizados na série enunciativa existente entre as quatro reportagens analisadas: a) a mulher pós-moderna é vaidosa, se preocupa com o seu corpo e, acima de tudo, com seu peso; b) ela tem um corpo esguio, magro, com músculos enrijecidos; c) o horror de sua vida é a demasia de gorduras em seu corpo e a musculatura flácida em seus seios, abdômen, braços, coxas, nádegas etc; d) para impedi-los ou eliminá-los, ela é decidida, inflexível, resistente e determinada; e) ainda que a mulher contemporânea tenha um peso compatível com a sua altura, isso não a isenta do desejo e da necessidade de se perder dois quilos ou, ao menos, algumas gramas, pois eles agem como um empecilho para o uso de roupas mais justas, cavadas ou curtas; f) para se manter magra e enrijecida, a mulher pós-moderna faz uso de dietas de todos os tipos, desde as mais agressivas até as menos restritivas; g) também pratica exercícios como musculação, ginástica localizada, alongamento postural, *aero jump*, *Yoga*, *SK spinning*, *tai chi chuan*, entre outras modalidades, tanto as aeróbicas e as que exigem força muscular, bem como, as que trabalham a flexibilidade, a postura e a estabilidade; h) esses exercícios começam fazer parte de sua vida desde a mocidade (por volta dos dezessete anos) e sua prática atravessa as décadas, para que ela possa estar, ainda na idade madura (sessenta e cinco anos), em plena forma; i) além da musculatura e do peso, a mulher pós-moderna também zela por seus cabelos e unhas, sem deixar de lado os cuidados com pele de seu corpo e rosto; j) para tanto, ela faz uso de descolorantes, tinturas, hidratantes, maquiagens, esmaltes, etc.

Esses saberes sócio-históricos foram negociados nas práticas discursivas de *Veja - Edição Especial Mulher*, o que estabeleceu um efeito de verdade, por meio do qual a revista construiu modelares femininos, ou se assim pudermos nomear, simulações do feminino. No entanto, em meio a esses saberes e protótipos, individualidades comuns também foram encontradas, mostrando a busca do sujeito por uma identidade completa, acabada, singular; contudo, essas individualidades comuns revelaram-se fragmentadas, maleáveis e inconstantes, dispersas, pelos muitos dizeres que se formulam na sociedade.

Como se pôde observar no decorrer das análises desta seção, todas as identidades investigadas – múltiplas individualidades comuns e identidades coletivas – mostraram-se moldadas e remoldadas pela intersecção de uma variedade de práticas discursivas e não-discursivas e, portanto, marcadas pela história.

O ideal feminino pautado pela beleza estética evidenciado no decorrer desta seção é apregoado como pré-requisito para a inserção da mulher na esfera pública, nas relações sociais e, acima de tudo, no âmbito dos relacionamentos afetivos. O corpo tornou-se um dos fortes parâmetros, principalmente, para o estabelecimento de relações amorosas na contemporaneidade, justamente pela acentuação da individualidade e procura por satisfação pessoal - características cada vez mais predominantes nos sujeitos pós-modernos. Voltamos o olhar analítico, especificamente, para os relacionamentos afetivos entre homem e mulher, que atingem com densidade a constituição identitária dos sujeitos femininos na contemporaneidade, passando a discutir esse aspecto na próxima seção.

3.4 “Você precisa de um homem pra chamar de seu?”: o relacionamento amoroso entre homem e mulher

Segundo Bauman (2004), o período histórico da modernidade líquida trouxe uma mudança de disposição nas relações afetivas entre homens e mulheres, as quais passam por um constante processo de liquidez. A acentuação da individualidade e a procura por satisfação pessoal trouxeram novos rumos para os relacionamentos amorosos, o que se reflete em uma constante reavaliação e modificação das uniões afetivas. Esses novos rumos dizem respeito ao abalo do casamento sólido, que cede, cada vez mais, espaço às novas formas de convívio, como, por exemplo, a união estável, relações abertas e aventuras sem fixação de compromisso.

De acordo com o Bauman (2004), um número crescente de homens e mulheres contemporâneos têm abandonado o modelo típico de casamento para buscar experiências ainda não apreciadas. Como decorrência, as convivências afetivas têm sido em grande parte das vezes substituídas por encontros episódicos, nos quais os casais preferem “ficar” junto a estabelecerem fortes laços, numa série de jogos estreitos e breves, marcados pela recusa a “fixar-se” de uma forma ou de outra.

Ao observar essa mudança na disposição dos relacionamentos afetivos, Bauman (2003) localiza no sujeito contemporâneo um estado conflitante, ou seja, o desejo de estar afetivamente junto a alguém e, ao mesmo tempo, não estabelecer relações duradouras. São contradições causadas pela necessidade de amor e companheirismo, que é própria de cada ser humano, bem como, pelo medo de um envolvimento em relacionamentos mais profundos, que imobilizem o sujeito e o impeçam de vivenciar um mundo em permanente movimento.

Veja - Edição Especial Mulher produz discursivamente sentidos em relação a esse constante processo de liquidez nos relacionamentos amorosos - que atinge com densidade a constituição identitária das mulheres contemporâneas - nas reportagens *Elas preferem os loiros* (*Veja*, agosto de 2003) e “*Adoro ser solteira*” (*Veja*, agosto de 2002). Nelas, observamos algumas sequências de enunciados dispersos e heterogeneos, mas que, ao tratarem da conquista de desejos subjetivos e do amor próprio adquiridos pela mulher por intermédio dos relacionamentos amorosos, produzem uma regularidade e uma série enunciativa sobre as novas identidades femininas na pós-modernidade.

Essa regularidade é detectada por meio dos elementos que identificam a função enunciativa, nos possibilitando visualizar, nas práticas discursivas e não-discursivas de *Edição Especial*, a constituição de saberes sobre a mulher contemporânea que, ao serem negociados pela revista, transformam-se em efeitos de verdade que incidem sobre a constituição identitária das leitoras.

Para observarmos como se dá esse processo, voltamos o olhar, inicialmente, para as seqüências enunciativas retiradas da reportagem *Elas preferem os loiros*³⁸, que circulou na *Edição Especial Mulher* em agosto de 2003. Nessa matéria, a jornalista Mariana Sgarioni toma como objeto discursivo a atração feminina pelo sexo oposto e, a partir de formulações ditas por sujeitos enunciadorees de diferentes ordens discursivas - biologia, psicologia, sexologia - classifica, com base em pesquisas científicas, quais são os critérios utilizados pelas mulheres na escolha de um homem. Beleza e dinheiro estão em primeiro lugar e são ressaltados pela reportagem por meio de enunciados dispersos e heterogêneos, convidando as consumidoras da revista impressa a entenderem como essas preferências podem ser justificadas cientificamente.

São estas as seqüências enunciativas selecionadas para a análise:

a) o título *Elas preferem os loiros*;

b) os enunciados organizados no primeiro parágrafo da primeira coluna, na página 58:

Fêmeas de todas as espécies, afirmam os pesquisadores e comprova o bom senso mais elementar, foram programadas para buscar no macho um provedor e reprodutor de qualidade [...] (ELAS PREFEREM OS LOIROS, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2003).

³⁸A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo J).

c) os dizeres distribuídos no primeiro parágrafo da segunda coluna, na página 58:

Homens ricos, dizem especialistas, atraem as mulheres basicamente porque essa condição favorece as estratégias reprodutivas – ou seja, é mais desejável ter filhos com quem dispõe, por exemplo, de uma casa e recursos para mantê-la (ELAS PREFEREM OS LOIROS, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2003).

d) os enunciados situados no primeiro e segundo parágrafo das segunda e terceira colunas, respectivamente, na página 58:

A beleza entra como o outro fator que aumenta as chances de atrair boas parceiras porque, tanto quanto proteger sua cria, as fêmeas da espécie querem mantê-la saudável [...] (ELAS PREFEREM OS LOIROS, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2003).

Os enunciados acima congregam a opinião de pesquisadores do campo da biologia evolutiva/genética e apresentam algumas programações de conduta, comprovadas cientificamente como parâmetros utilizados pelas mulheres na escolha de um parceiro afetivo. Essas programações incentivam as consumidoras da revista a tomarem para si esses mesmos critérios em seleções amorosas. Tais regras de comportamento ainda propiciam às leitoras de *Veja - Especial* um exame de si, que as leva a uma apreciação de suas preferências, gostos e desejos em relação aos homens. Esse exame consiste, para cada leitora, em observar se os seus critérios pessoais estão encaixados às normas disciplinares necessárias para o alcance do “sucesso” nas escolhas amorosas, conforme é apregoado na reportagem.

Desse modo, o tema atração feminina pelo sexo oposto, enquanto uma prática discursiva constituída historicamente fora da revista agencia a governamentalidade, isto é, o encontro de técnicas de objetivação - exercidas sobre as leitoras de *Edição Especial* a partir do momento em que a revista proclama uma imagem de identidade feminina atrelada aos homens belos e ricos - e técnicas de subjetivação, que são praticadas por essas próprias mulheres para se instituírem sujeitos femininos pós-modernos.

Analizamos nos enunciados de *Elas preferem os loiros*, especificamente, os modos de objetivação estabelecidos, os quais são capazes de construir imagens modelares e de determinar o comportamento das leitoras da revista impressa. A objetivação nesses enunciados ocorre por intermédio de um procedimento estratégico bastante recursivo no jornalismo: as citações indiretas da fala de outrem. Um exemplo do emprego desse recurso é

localizado na seqüência enunciativa abaixo, que explica porque as mulheres preferem os homens com poderio de beleza e dinheiro:

Fêmeas de todas as espécies, afirmam os pesquisadores e comprova o bom senso mais elementar, foram programadas para buscar no macho um provedor e reprodutor de qualidade [...] Homens ricos, dizem especialistas, atraem as mulheres basicamente porque essa condição favorece as estratégias reprodutivas – ou seja, é mais desejável ter filhos com quem dispõe, por exemplo, de uma casa e recursos para mantê-la [...] A beleza entra como o outro fator que aumenta as chances de atrair boas parceiras porque, tanto quanto proteger sua cria, as fêmeas da espécie querem mantê-la saudável [...] (ELAS PREFEREM OS LOIROS, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2003, p. 58).

Essa seqüência chama a atenção das leitoras para o fato de que a busca das mulheres por homens bonitos e ricos justifica-se biologicamente. Conforme a reportagem, a beleza masculina é instituída como parâmetro pelas mulheres porque elas anseiam a reprodução de filhos “de qualidade”, caracterizados por *Edição Especial* como bonitos e saudáveis. Já a riqueza é tida como o elemento capaz de dar o sustento e a garantia de boas condições materiais para essa prole.

Por intermédio desses enunciados legitimados por detentores de saber, especificamente, pelos cientistas americanos Terry Burnham e Jay Phelan, *Edição Especial* negocia saberes e proclama uma imagem padronizada de mulher pós-moderna: aquela que busca homens bonitos e endinheirados. Na reportagem, esses saberes são justificados cientificamente, o que possibilita à jornalista Mariana Sgarioni descartar a opinião do senso comum, que julga essas preferências femininas como sinal de decadência de valores ou falta de caráter.

Ao verificarmos o *status* desses sujeitos enunciadoreis, observamos que os cientistas Terry Burnham e Jay Phelan são escritores do livro “A culpa é da genética”, lançado pela editora Sextante. Ambos possuem o título de PhD pela universidade de Harvard, uma das instituições educacionais mais prestigiadas do mundo. Conforme o *site* Sextante (2008), Terry Burnham é co-fundador da Progenics, uma empresa americana de biotecnologia líder em pesquisas e tratamentos promissores para doenças. Já Jay Phelan é professor renomado de biologia na Universidade da Califórnia em Los Angeles - UCLA - instituição de educação superior reconhecida internacionalmente pela qualidade de ensino e pesquisa, além do grande número de professores laureados com o premio Nobel.

Todas essas instituições - Harvard, Progenics e UCLA - têm condições legais que dão à Burnham e Phelan o *status* de peritos atualizados sobre os avanços da biologia genética;

indivíduos que, na posição de sujeito de pesquisador científico, têm um conjunto de requisitos, competência e autoridade para falar sobre a influência da biologia na atração entre os sexos. Nessa perspectiva, compreendemos que esse lugar institucional é um espaço social a partir do qual esses pesquisadores da biologia evolutiva podem estabelecer certas “verdades” sobre a atração feminina pelo sexo masculino; uma instituição que, como um campo documentário, dissemina uma massa de informações sobre a mulher.

É aos enunciados efetivamente ditos por esses estudiosos que a jornalista Mariana Sgarioni recorre, ocupando, para tanto, uma posição de sujeito que retoma e desloca as formulações dos autores de “A culpa é da genética”. Tais enunciados estão envoltos de um mesmo conselho, dado às consumidoras da revista: “tome conta de você”, isto é, “tome conta de seus relacionamentos, de sua satisfação pessoal e de seu futuro”. Essa recomendação carrega duas normas de conduta, que prometem levar as mulheres a um contento pessoal e um destino promissor. São elas: *escolha um homem bonito e dê preferência aos homens ricos*.

Tais regras exercem um poder disciplinar sobre as atitudes das leitoras da revista e, somadas à materialidade dos enunciados, constroem na reportagem um efeito de verdade sobre o comportamento feminino, sem levar em conta tantos outros aspectos que são determinantes para as mulheres na escolha de um parceiro. Esse efeito permite às consumidoras de *Veja - Especial* crer em uma unidade identitária feminina, isto é, na indivisibilidade da mulher contemporânea.

Tais feixes de verdade também se estabelecem por intermédio de um domínio associado, isto é, por meio de um conjunto de formulações a que os enunciados em análise se referem, ainda que implicitamente. São já-ditos em outros lugares, em outras épocas, ou seja, interdiscursos que afloram a partir de uma memória discursiva e, em específico, de uma memória mítica.

Essa memória resgata determinados dizeres estereotipados sobre o comportamento da mulher; conjuntos de enunciados que não têm uma origem temporal definida, ou seja, são provenientes de um passado longínquo que é constantemente renovado, como uma solução imaginária para tensões, conflitos e contradições, que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade, segundo especifica Chauí (2000).

Tais interdiscursos estereotipados, que atravessam os tempos, no decorrer da história, fazem referência a uma crença generalizada de que a mulher é: a) ambiciosa; b) só deseja satisfação própria; c) gosta demasiadamente de dinheiro; d) se preocupa excessivamente com a beleza estética. Esses dizeres, constantemente repetidos, criam, de acordo com Chauí (2000), um bloqueio à percepção da realidade e impedem os sujeitos de lidar com ela. Ao

serem resgatados pelas leitoras de *Veja*, tais saberes acabam por moldar um protótipo feminino estigmatizado: a mulher ambiciosa e vazia. Efeitos de verdade como esses, aos serem construídos pela revista impressa, classificam as mulheres em categorias e as ligam a pretensas identidades, impondo-lhes uma lei necessária para que elas se reconheçam e para que os outros também as reconheçam da mesma maneira (FOUCAULT, 1998).

Ainda que a possibilidade de filhos saudáveis e bonitos, sustentados sem nenhuma privação material, seja algo atrativo e desejável para a grande maioria das pessoas, acreditamos que esses elementos não são os únicos fatores determinantes para as mulheres na escolha de um companheiro, como a reportagem evidencia. A nosso ver, a matéria *Elas preferem os loiros* está organizada em torno desses elementos porque, ao agenciar os enunciados efetivamente ditos por Terry Burnham e Jay Phelan, a jornalista Mariana Sgarioni ocupa uma posição de sujeito em relação ao tema atração entre os sexos. Essa posição está subordinada a variações dependentes do momento dado e da relação que a própria jornalista firma entre os mais diversos sujeitos que compõem a sua realidade, cotidiano e práticas sociais (FOUCAULT, 1997). Portanto, ao enunciar, Mariana Sgarioni ocupa um determinado lugar social, a partir do qual vivencia diferentes situações, expectativas, valores e necessidades, que não a impulsionam a levar em conta a existência de tantos outros fatores determinantes para a atração feminina em relação ao sexo oposto.

Nesses termos, os fatores econômicos e a beleza estética não são elementos categóricos para os sujeitos femininos em suas escolhas amorosas, como a jornalista proclama. É preciso que se leve em conta a existência de estudos científicos das mais diferentes ordens, os quais estabelecem como elementos causadores da atração feminina, outros valores de ordem social e sexual, como, por exemplo, a linguagem verbal e corporal de um homem, a personalidade, inteligência, sensibilidade, comportamento, valores morais e éticos etc.

Esses valores são deixados de lado na reportagem e os efeitos de sentido sobre a beleza e a riqueza masculina, enquanto atributos necessários para a atração feminina, são ainda mais enfatizados, como poderemos observar por intermédio do título *Elas preferem os loiros*. A partir de um domínio de memória, esse enunciado reforça a beleza e o dinheiro como propulsores para a manifestação do interesse feminino.

Esse efeito de verdade ocorre por intermédio de interdiscursos milenares, que emergem a partir de uma memória mítica. No enunciado *Elas preferem os loiros*, um gesto de interpretação, motivado pelo uso que o sujeito enunciadador faz do adjetivo *loiros*, traz à tona, sob nova roupagem, um mito, que pode repetir-se indefinidamente através dos tempos: o

príncipe dos contos de fadas. Essa lenda envolve, em um tipo de magia e encantamento, interdiscursos sobre a figura de um jovem príncipe, louro, alvo, alto, forte e dono de lindos olhos azuis, herdeiro de um reino distante e que surge em um cavalo branco, rumo ao encontro de uma princesa. Para tomá-la para si, o príncipe luta contra monstros, homens cruéis, até que à resgata, desposando-a para, enfim, viverem felizes para sempre.

Os interdiscursos sobre a figura dos príncipes encantados povoam a imaginação e os sonhos de milhares de mulheres, desde a mais tenra infância. Eles em nada se parecem com os inúmeros homens comuns, sem extrema beleza ou dinheiro, que circulam socialmente; as lendas dos príncipes encantados levam gerações inteiras de mulheres a assimilarem padrões de comportamento, sistemas de valores, pois, a partir dos contos, esses sujeitos femininos formam uma imagem de homem ideal.

Por intermédio desses interdiscursos milenares, voltamos o olhar para o enunciado *Elas preferem os loiros* e os seguintes efeitos de sentido emanam: é preciso que a princesa (a leitora da revista) fuja dos terríveis homens maus (os homens comuns) e vá ao encontro de um príncipe louro, alto, forte, dono de brilhantes olhos azuis (o sinônimo de beleza) que, montado em um grande cavalo branco (sinal de poderio), surge como herdeiro de um reino distante (a riqueza), a fim de desposá-la.

É justamente por estar inserido nesse diálogo interdiscursivo que o enunciado *Elas preferem os loiros* não é transparente, legível, mas atravessado por falas que vêm do seu exterior, isto é, clivado de pegadas de outros discursos, como indica Gregolin (2000). O agenciamento desses interdiscursos, mais as programações de conduta no conjunto de enunciados analisados até aqui é o que torna possível, nas práticas discursivas da reportagem, a existência de determinados saberes que, enquanto “verdades” construídas sócio-historicamente, circulam na pós-modernidade e compõem na revista um protótipo de sujeito feminino.

São esses os saberes por nós localizados na discursividade da reportagem *Elas preferem os loiros*: a) a mulher pós-moderna escolhe seus parceiros utilizando, como critérios, a beleza e a capacidade financeira que ele possui; b) essas características são determinantes para que ela se relacione afetivamente e estão acima de outros elementos, como, por exemplo, a linguagem verbal e corporal masculina, personalidade, inteligência, sensibilidade, comportamento, valores morais e éticos etc.

Tais saberes sobre a mulher contemporânea, ao serem negociados na reportagem *Elas preferem os loiros*, constroem um modelar feminino estereotipado e são capazes de influenciar a conduta de algumas de suas leitoras, transformando-as em sujeitos femininos do

tempo presente. Esse processo se dá a partir do momento em que as consumidoras da revista voltam o olhar para suas preferências, gostos e desejos em relação aos homens, a fim de observarem se os seus critérios pessoais estão encaixados às normas disciplinares necessárias para o alcance de satisfação pessoal, geração de filhos bonitos e saudáveis e garantia de boas condições materiais para sua prole no futuro, conforme proclama a reportagem.

Os critérios utilizados pelas mulheres para o estabelecimento de um relacionamento com o sexo oposto também estão presentes na reportagem *Adoro ser solteira*³⁹, veiculada na *Edição Especial Mulher* em agosto de 2002. Nela, o jornalista Mario Grangeia toma como objeto discursivo o estado civil, correlacionado ao tema mulher solteira e apresenta às leitoras da revista depoimentos de entrevistadas que falam a partir do campo discursivo dos relacionamentos afetivos. Na faixa etária dos trinta anos, essas mulheres não se casaram, são seletivas em suas escolhas e asseguram que a felicidade não depende de uma companhia masculina.

O jornalista Mario Grangeia atribui esse tipo de comportamento feminino à ascensão da mulher no mercado de trabalho e à sua independência financeira. Para tanto, ocupa uma posição de sujeito que retoma e agencia enunciados de mulheres que dividem seu tempo entre a profissão e a diversão com as amigas, afirmando que preferem ficar sozinhas a se envolverem em uma relação amorosa “pouco consistente”.

Mas o que é essa relação “pouco consistente” de que falam as entrevistadas? Quais são os critérios utilizados por essas mulheres para a escolha de um parceiro afetivo? Qual é o comportamento delas diante da falta de um companheiro? Ao revelarem á Grangeia esses critérios e comportamentos, um conjunto de regras, programações de conduta e saberes afloram nos enunciados que o jornalista organiza, os quais constroem um efeito de verdade sobre o comportamento da mulher contemporânea e acabam por objetivar as leitoras de *Edição Especial* em sujeitos femininos do tempo presente. Os mesmos depoimentos também permitem que as leitoras e depoentes da revista efetivem modos de subjetivação, os quais são processados a partir do momento em que elas absorvem tais efeitos de verdade, voltam o olhar para suas próprias técnicas disciplinares e realizam um exame de si, que lhes possibilita um encontro pessoal e uma consciência de suas particularidades, sentimentos e desejos.

Nas seqüências enunciativas de “*Adoro ser solteira*”, analisamos, em específico, os processos de objetivação que se estabelecem a partir dos enunciados ditos pelas próprias entrevistadas, os quais, ao serem organizados por Mario Grangeia, constroem imagens

³⁹A reportagem encontra-se anexa ao final deste trabalho (Anexo K).

modelares capazes de determinar o comportamento das leitoras da revista impressa. Para observarmos como ocorre esse procedimento, selecionamos algumas seqüências enunciativas, apresentadas a seguir:

a) os enunciados de Andréa Nicácio, dispostos no segundo parágrafo da primeira coluna, na página 56: *“Meu critério para escolher um namorado é rigoroso. Não vou me envolver com o primeiro que aparecer apenas para não ficar sozinha. Prefiro badalar com minhas amigas”*.

b) os dizeres distribuídos no primeiro parágrafo da segunda coluna, na página 56:

Ir desacompanhada a um local da moda, pedir uma taça de vinho e ficar olhando em volta é um programa que não choca mais. "Eu adoro sair sozinha. Só troco um cinema por uma saída com um homem se o sujeito for realmente muito especial", diz a carioca Joana Aguinaga, de 30 anos, gerente de um empório de vinhos (*“ADORO SER SOLTEIRA”*, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2002).

c) os enunciados organizados no segundo parágrafo da segunda coluna, na página 56:

É o caso da analista comercial da Vale do Rio Doce Renata Abissamara Costa, de 27 anos. Sozinha há um ano e meio, ela diz estar completamente satisfeita com sua alucinante rotina, que inclui natação, ginástica, aulas de francês, de dança do ventre, sessões de massagem, fora as noitadas com amigos em boates e restaurantes. "Se eu namorasse, não faria metade das coisas", diz (*“ADORO SER SOLTEIRA”*, VEJA - EDIÇÃO ESPECIAL MULHER, 08/2002).

d) as formulações do jornalista Mario Grangeia, dispostas no quarto parágrafo da segunda coluna, na página 56: *De fato, as solteiras parecem administrar bem a vida privada. Relacionamentos descompromissados e sexo casual são uma constante em suas rotinas.*

e) o enunciado de Andréa Nicácio, disposto na foto-legenda da página 57: *“Divirtome sozinha. Não quero um zé-ninguém”*.

Ao voltarmos o olhar para esses dizeres, manifestamos o interesse por conhecer e avaliar sua materialidade, que constrói uma padronização de mulher pós-moderna. Investigar tal espessura material diz respeito a demarcar quem são essas entrevistadas e qual é o *status* que elas possuem socialmente - o que lhes confere competência e saber para falar sobre o

tema mulher solteira. Implica também observar de que lugar institucional elas obtêm os discursos sobre o objeto e quais as posições de sujeito que adotam ao enunciarem.

Andréa Nicácio (34 anos, designer), Joana Aguinaga (30 anos, gerente) e Renata Abissamara Costa (27 anos, analista comercial) são apresentadas para as leitoras da revista como mulheres solteiras, na faixa dos trinta anos de idade, bem-sucedidas profissionalmente, que viajam constantemente, freqüentam bons restaurantes, consomem roupas de grife e se divertem com muitas amigas. Por não serem casadas, essas entrevistadas têm autoridade e conhecimento para falar sobre o tema mulher solteira, bem como, sobre as vantagens e desvantagens de pertencer a esse estado civil.

Conforme a reportagem assinala, na Europa, essas mulheres formam uma espécie de “tribo”, conhecida como *SARAHs* - *Single and Rich and Happy*, uma sigla que em inglês significa "Solteira, Rica e Feliz". Cada vez mais crescente no Brasil - em decorrência de um superávit de mulheres em relação aos homens e pela ascensão feminina no âmbito profissional - essa “tribo” pode ser considerada um movimento social do século XXI e, portanto, um lugar “institucional” de onde se obtêm determinados discursos, que estabelecem certas “verdades” em relação às mulheres solteiras.

Os enunciados de Andréa Nicácio, Joana Aguinaga e Renata Costa, ao serem organizados pelo jornalista Mario Grangeia, fornecem às leitoras de *Veja* um mesmo conselho: “tome conta de você”, ou seja, “preocupe-se com seus relacionamentos afetivos, suas emoções, sua satisfação pessoal e seu futuro”. Esse conselho está organizado sob a forma de normas, programações de conduta, que são capazes de construir um modelo de mulher pós-moderna, motivar certos comportamentos nas leitoras de *Edição Especial* e objetivá-las em sujeitos femininos.

Um desses modos de objetivação ocorre a partir do momento em que o jornalista de “*Adoro ser solteira*” organiza estrategicamente os dizeres das entrevistadas por intermédio de citações diretas e indiretas. Os enunciados a seguir, recortados das formulações de Andréa Nicácio e Joana Aguinaga, explicam quais são as exigências empregadas por essas mulheres ao escolherem um parceiro afetivo: *Meu critério para escolher um namorado é rigoroso. Não vou me envolver com o primeiro que aparecer apenas para não ficar sozinha [...] Não quero um zé-ninguém [...] Só troco um cinema por uma saída com um homem se o sujeito for realmente muito especial.*

Nessa seqüência enunciativa, Andréa Nicácio ocupa a posição de mulher solteira e classifica os critérios que utiliza para a escolha de um companheiro como *rigorosos*. Dentre as condições estipuladas pela entrevistada, está a exigência de que seu parceiro amoroso não seja

um *zé-ninguém*. O uso que Andréa faz do objeto direto *zé-ninguém* faz referência explícita ao substantivo próprio José, nome corriqueiro a tantos homens e que sugere, como efeito de sentido, a caracterização de um homem comum, igual a muitos outros, sem nenhum predicado que o destaque dos demais.

Mas quais seriam, especificamente, os atributos procurados por Andréa? O uso do objeto direto *zé-ninguém* está condicionado à subjetividade, que, de acordo com Woodward (2000), envolve pensamentos, sentimentos e emoções conscientes e inconscientes, próprias de cada ser humano. Levando em conta a subjetividade da enunciadora, o objeto indireto *zé-ninguém* pode indicar muitas características, dentre as quais, um homem sem formação profissional e sucesso financeiro, desprovido de conhecimentos culturais e de uma personalidade forte, por exemplo. No entanto, como o uso do objeto direto *zé-ninguém* está relacionado à subjetividade, isso indica que os critérios de Andréa Nicácio estão sujeitos à possibilidade de instabilidades e contradições.

A exigência da entrevistada, que é marcada pela não-aceitação de um homem comum, está ligada a um jogo de oposições binárias – rico/pobre, culto/inculto, forte/fraco – que faz parte de um processo de exclusão social, capaz de demarcar fronteiras, isto é, de transformar o outro em igual ou diferente, em pertencente ou abjeto (SILVA, 2000).

A entrevistada Joana Aguinaga também estipula a sua condição para a escolha de um parceiro: *Só troco um cinema por uma saída com um homem se o sujeito for realmente muito especial*. Novamente, o critério está ligado à subjetividade, mas pode ser vislumbrado, se levarmos em conta quem é o sujeito que enuncia - o que foi anteriormente localizado por meio da espessura material dos enunciados em análise. Joana, na faixa de trinta anos de idade, é bem-sucedida profissionalmente, viaja constantemente, frequenta bons restaurantes, consome roupas de grife e se diverte com muitas amigas. Se considerarmos a influência do narcisismo⁴⁰ nos relacionamentos afetivos, que é manifesta, sobretudo, pela busca incessante do sujeito em encontrar, no outro, a sua própria imagem restaurada, podemos conceber, como efeito de sentido, que a entrevistada procura criteriosamente um homem provido das mesmas características que ela possui: ascensão profissional, sucesso financeiro e os bens que daí podem advir.

⁴⁰A noção de narcisismo, criada por Freud em 1914, define que o “eu” do sujeito é uma instância psíquica passível de receber um investimento libidinal. Em outras palavras, todo sujeito pode erotizar o próprio “eu” (ZUANELLA, 2006).

Os enunciados de Andréa Nicácio e Joana Aguinaga propiciam-nos observar, na prática discursiva de “*Adoro ser solteira*”, a existência de determinadas programações de conduta, utilizadas por elas como regras para a seleção de parceiros amorosos. Tais normas distribuem saberes sobre a mulher contemporânea e constroem um efeito de verdade sobre o comportamento feminino. São elas: *não escolha um homem comum, que não tenha nenhum predicado que o destaque dos demais homens. Procure homens com ascensão profissional, sucesso financeiro e os bens que dele podem advir, como, por exemplo, festas, jantares, roupas, viagens etc.*

Em um gesto de interpretação percebemos que, para as entrevistadas, a ausência desses predicados é o que transforma uma relação amorosa em “pouco consistente”, como elas afirmam no decorrer da reportagem. Face a um relacionamento dessa categoria, essas mulheres preferem ficar sozinhas e dividir seu tempo entre a profissão e a diversão com as amigas, já que elas próprias possuem uma independência financeira capaz de lhes assegurar a “felicidade”, que, nesse caso, não depende de uma companhia masculina, mas de bens materiais.

Essa discursividade deixa entrever a constante reavaliação e modificação pela qual passam as relações afetivas, que derivam, entre outros fatores, da individualização dos sujeitos e da procura por satisfação pessoal, intensamente vivenciada na modernidade líquida, conforme partilha Bauman (2004). Compreendemos que essas discursividades apresentam um tipo de mecanismo de defesa que, de acordo com o autor, é empregado pelos sujeitos femininos como estratégia de proteção, diante do risco representado pela decisão de ingressar em relações amorosas que refletem uma ordem social pautada pela instabilidade.

Essa estratégia de proteção é classificada por Bauman (2004) como flutuação: um comportamento típico de sujeitos egocêntricos, que pautam seus relacionamentos afetivos em princípios de custo-benefício e constroem com o parceiro frágeis laços, que têm a possibilidade de serem desfeitos, frente ao desagrado de quaisquer das partes envolvidas. São relacionamentos volúveis e fluídos, marcados pela valorização do momento em detrimento do futuro, bem como pelo descompromisso que, muitas vezes, é associado à liberdade individual.

Esse comportamento “flutuante” e as técnicas disciplinares que o caracterizam e que foram proclamadas por *Edição Especial* como efeito de verdade, influenciam, por muitas vezes, idéias e ações de leitoras da revista impressa que estejam desejosas por se ajustarem a uma padronização de mulher contemporânea.

Tais regras de conduta – *não escolher um homem comum, que não tenha nenhum predicado que o destaque dos demais homens; procurar homens com ascensão profissional,*

sucesso financeiro e os bens que dele podem advir, como, por exemplo, festas, jantares, roupas, viagens etc – incentivam as consumidoras de *Especial - Mulher* a realizarem um exame de si, de suas ações, particularidades, características e desejos, a fim de observarem se estão obedecendo ou não, em suas buscas por relacionamentos afetivos, esses procedimentos disciplinares.

No entanto, vale ressaltar que essas mesmas regras e procedimentos de conduta também criam, ao olhar dos sujeitos que pouco se inserem na temporalidade pós-moderna, uma estigmatização depreciativa e generalizada em relação à mulher, prejudgada como ambiciosa e egoísta.

Apesar de todas as regras disciplinares que Andréa Nicácio e Joana Aguinaga adotam para si no âmbito dos relacionamentos afetivos, convém frisar que ambas não são bem sucedidas em suas procuras e permanecem solteiras, haja vista o nível de suas exigências. No entanto, o comportamento das entrevistadas diante da falta de um companheiro não é aparentemente lastimoso.

As seqüências enunciativas descritas a seguir, recortadas das formulações de Andréa Nicácio, Joana Aguinaga, Renata Costa e do jornalista Mario Grangeia, mostram como as entrevistadas encaram a solteirice e quais são os procedimentos estratégicos que utilizam para fugir da solidão e da carência afetiva:

a) [...] *"Eu adoro sair sozinha"* [...] (Joana Aguinaga);

b) [...] *"Não vou me envolver com o primeiro que aparecer apenas para não ficar sozinha. Prefiro badalar com minhas amigas"*. [...] *"Divirto-me sozinha"* (Andréa Nicácio);

c) [...] *Sozinha há um ano e meio, ela diz estar completamente satisfeita com sua alucinante rotina, que inclui natação, ginástica, aulas de francês, de dança do ventre, sessões de massagem, fora as noitadas com amigos em boates e restaurantes* [...] (Renata Costa);

d) *Ir desacompanhada a um local da moda, pedir uma taça de vinho e ficar olhando em volta é um programa que não choca mais* [...] *De fato, as solteiras parecem administrar bem a vida privada. Relacionamentos descompromissados e sexo casual são uma constante em suas rotinas*⁴¹ (Mario Grangeia).

⁴¹Grifos nossos.

Nos enunciados da reportagem, destacamos determinados comportamentos, como, por exemplo, *ter uma alucinante rotina - natação, ginástica, aulas de francês, dança do ventre, sessões de massagem; ir desacompanhada a um local da moda, pedir uma taça de vinho, ficar olhando em volta; sair e divertir-se noite afora com amigos boates e restaurantes; ter uma rotina de relacionamentos descompromissados e sexo casual*, os quais são utilizados pelas entrevistadas como uma maneira de serem felizes sem que dependam de companhia masculina.

Esses procedimentos podem ser classificados como regras, isto é, disciplinas baseadas em um princípio individualista e que remetem os sujeitos femininos a uma nova realidade: a das mulheres auto-centradas, dotadas de um “eu” próprio engrandecido, movidas pelo desejo de liberdade e emancipação individual. Tais normas estão envoltas de um mesmo conselho: “tome conta de si mesma”, e incitam as leitoras de *Edição Especial* a uma espécie de ordem, de prescrição; é preciso preocupar-se consigo, com seus planos (*natação, ginástica, aulas de francês, dança do ventre, sessões de massagem*), seus próprios desejos e sensações (*relacionamentos descompromissados e sexo casual*), com sua emancipação individual (*ir desacompanhada a um local da moda, pedir uma taça de vinho, ficar olhando em volta, sair e divertir-se noite afora com amigos boates e restaurantes*), rumo aos bons momentos e à realização pessoal, o que “anula” a necessidade de que um homem propicie a elas a vivência dessas experiências.

Essas normas, programações de conduta, agem como um “nutriente” para a condição individualista que tem sido despertada nas mulheres pós-modernas. Dessa condição decorre cada vez mais a incitação do que o impedimento, a excitação do que a inibição, a grande e intensa abertura para a manifestação dos desejos subjetivos, para a realização pessoal e para a conquista do amor próprio em detrimento das relações estáveis, conforme esclarece Bauman (2004).

No entanto, há que se levar em conta que esse novo estilo de vida e de convicções da mulher contemporânea - “mascarado” por promessas de felicidade e realização pessoal - exerce a função de uma “fortaleza” de proteção. Para Zuanella (2006), esse estilo de vida e convicções deixa entrever a fuga das mulheres diante das dificuldades que são intrínsecas aos relacionamentos com o sexo oposto, as dores que as relações afetivas acarretam. Vislumbra, também, o medo da formação de vínculos, da vivência de relacionamentos intensos, em um mundo pautado pela instabilidade, o que é próprio da pós-modernidade.

Por estarem baseadas em um princípio egocêntrico, as técnicas disciplinares utilizadas pelas entrevistadas diante da falta de um companheiro atingem a individualidade das leitoras da revista. Tais programações negociam saberes sobre as mulheres contemporâneas que, nas práticas discursivas de *Veja*, transformam-se em efeitos de verdade, incidindo sobre a constituição identitária feminina.

São esses os saberes por nós localizados na discursividade da reportagem “*Adoro ser solteira*”: a) a mulher pós-moderna não depende de homens para ser feliz; b) ela procura divertir-se sozinha ou com as amigas, ao sair com um homem que não preencha seus requisitos; c) a mulher contemporânea prefere investir em si, ao invés de investir em um relacionamento afetivo que não lhe seja promissor; d) ela não se envolve emocionalmente com os homens e os utiliza como objetos.

Tais saberes, somados aos que foram localizados na reportagem *Elas preferem os loiros*, estabelecem um protótipo de mulher pós-moderna que incita às leitoras da revista a uma forma de atitude. Transmitidos pela revista como uma grande regra de conduta pessoal, esses saberes possibilitam que as mulheres observem suas ações e comportamentos, de modo a corrigi-los ou mantê-los, a fim de encontrarem uma identidade feminina que às permitam reconhecerem-se como mulheres do tempo presente.

Tais saberes foram localizados nas práticas discursivas de “*Adoro ser solteira*” e *Elas preferem os loiros* a partir da análise da dispersão e heterogeneidade enunciativa, o que demarcou a singularidade própria de cada um dos enunciados. Na individualidade de cada dizer, notamos a presença de sujeitos enunciadores, que recebem da sociedade o *status* de detentores de saber (cientistas, mulheres solteiras), falam a partir de diferentes campos discursivos (biologia evolutiva/genética, relacionamentos afetivos) e tratam dos mais variados objetos discursivos (a atração feminina pelo sexo oposto, estado civil), ocupando, para tanto, as mais diversas posições de sujeito e constituindo distintas modalidades enunciativas, além de se utilizarem de um domínio associado de enunciados.

A individualidade de cada enunciado propiciou que voltássemos nosso olhar para a sua capacidade de reinscrição no campo discursivo midiático. Nessa reinscrição, pudemos observar a presença de práticas discursivas (seleção de estruturas lingüísticas, procedimentos estratégicos, conceitos, valores, crenças) e não-discursivas (aspectos sócio-históricos e culturais - relações entre instituições, processos econômicos, formas de comportamento, sistemas de normas e disciplinas).

Ao analisarmos cada um desses enunciados singulares, detectamos, entre eles, o estabelecimento de um jogo de relações, coexistências e encadeamentos. Nesse jogo, os

diferentes objetos, modalidades enunciativas, posições de sujeito e um domínio associado produziram uma regularidade, ou seja, uma unidade em torno de feixes de sentido que, conseqüentemente, estabeleceram uma série, isto é, uma linha enunciativa sobre a mulher e seu relacionamento com o sexo oposto.

Essa linha contém um determinado conjunto de saberes referentes à mulher pós-moderna, já apontados no decorrer das reportagens, mas que podemos, para efeito final desta seção, condensar da seguinte maneira: a) a mulher pós-moderna escolhe seus parceiros utilizando, como critérios, a beleza e a capacidade financeira que ele possui; b) essas características são determinantes para que ela se relacione afetivamente e estão acima de outros elementos, como, por exemplo, a linguagem verbal e corporal masculina, personalidade, inteligência, sensibilidade, comportamento, valores morais e éticos etc; c) as mulheres pós-modernas são independentes e não precisam de homens para serem felizes; d) elas procuram diversão e adoram sair com as amigas; e) investem em si ao invés de investirem em um relacionamento; f) as mulheres contemporâneas não se envolvem emocionalmente com os homens e os utilizam como objetos.

Em meio a esses saberes, os enunciados de “*Adoro ser solteira*” e *Elas preferem os loiros* apresentaram modalidades contínuas de técnicas de objetivação, envoltas de um cuidado de si, que podem despertar nas leitoras da revista determinados valores, desejos, necessidades e atitudes. Efeitos de verdade daí emergiram, construindo um modelo de mulher pós-moderna, ou seja, uma padronização, capaz de transformar essas mulheres em sujeitos femininos pós-modernos, ao submetê-las a certos fins e dominação.

Essas objetivações também permitiram às leitoras da revista modos de subjetivação, que são processados a partir do momento em que esses sujeitos femininos absorvem tais efeitos de verdade, voltam seus olhares para as técnicas disciplinares apresentadas pela revista e, com base nelas, realizam um exame de si, que lhes possibilitam um encontro com elas mesmas, ainda que temporariamente.

Dizemos temporariamente por serem as identidades, antes de tudo, uma fabricação, um efeito, enfim, uma construção realizada, historicamente, por práticas discursivas e não-discursivas; mutáveis, instáveis, descentralizadas, heterogêneas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas pelos muitos dizeres que se formulam na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] compreendo melhor porque eu sentia tanta dificuldade em começar, há pouco. Sei bem, agora, qual era a voz que eu gostaria que me precedesse, me carregasse, me convidasse a falar e habitasse meu próprio corpo”.
Michel Foucault

Nesta pesquisa, nossa proposta foi a de voltar o olhar para os processos de constituição identitária do sujeito feminino nas práticas discursivas de *mass media* contemporâneos, com a finalidade de investigar o modo como os saberes sobre a mulher pós-moderna são construídos, enquanto “verdades” necessárias para que novas identidades femininas sejam firmadas.

Tomamos essas novas identidades como objeto de análise por considerá-las um acontecimento histórico e discursivo da/na sociedade contemporânea. A partir daí, demarcamos o jornalismo como uma superfície primeira de emergência onde tal objeto apareceu e, em uma instância de delimitação, voltamos o olhar para as revistas impressas destinadas exclusivamente ao público feminino, tomando como material de análise dez reportagens produzidas por *Veja - Edição Especial Mulher* durante um período descontínuo da história pós-moderna (primeiros anos do século XXI).

Guiados por grades de especificação, notamos nesse material a regularidade de determinados temas relacionados ao universo social feminino, e os dividimos em três grandes grupos: a) a inserção da mulher no mercado de trabalho e os múltiplos papéis sociais que ela exerce simultaneamente; b) a beleza estética da mulher; c) a conquista de desejos subjetivos e do amor próprio adquirido pela mulher por intermédio dos relacionamentos amorosos.

Esse levantamento de temas nos levou a organizar metodologicamente a análise das reportagens por meio de três trajetos temáticos, ou seja, um percurso de três objetos discursivos (trabalho, estética, relacionamento amoroso). Por intermédio deles, formamos um pequeno arquivo, representativo do conjunto heterogêneo e disperso de enunciados efetivamente pronunciados na contemporaneidade sobre a mulher e que continuam a existir através da história.

De posse desse arquivo, debruçamo-nos, em cada trajeto temático, sobre algumas seqüências de enunciados verbais, que foram organizados pelos jornalistas de *Edição Especial Mulher* por intermédio de diversos procedimentos estratégicos (citações diretas e indiretas, legendas, *boxes*, quadros de números e porcentagens, títulos, subtítulos, tabelas, estatísticas e blocos).

Esses dizeres foram efetivamente ditos pelos mais variados sujeitos enunciadore, que recebem da sociedade o *status* de detentores de saber (jornalistas, cientistas, psicólogos, administradores, atores, médicos, professores, escritores, cantoras, estatísticos, nutricionistas, psicólogos, dançarinas etc).

Tais sujeitos enunciaram a partir de diversos campos discursivos (mídia, nutrição, psicologia comportamental, medicina esportiva, estética, estatística, política, direito, administração de negócios, relacionamentos afetivos) e trataram dos mais variados objetos discursivos (estética, trabalho, saúde, magreza, estado civil, maternidade, massa muscular, fertilidade, cuidados de beleza, administração doméstica, atração feminina).

Para tanto, ocuparam diferentes posições de sujeito (sujeito que retoma, desloca, agencia, julga, narra, interpreta e é partidário de outros enunciados e discursos; funções de pesquisador estatístico, cientista, dona de casa, administradora, gastadora compulsiva, mãe, terapeuta, beldade, professor, esposa, mulher solteira, entre outras).

Ao tomarem posição nesses diferentes lugares sociais e enunciarem sobre variados objetos, a partir dos mais diversos campos discursivos, tais enunciadore constituíram distintas modalidades enunciativas e fizeram uso de um domínio associado de enunciados, o que lançou nosso olhar a interdiscursos, isto é, ditos em outros momentos, em outras épocas e que tencionaram a memória, ligando-nos ao passado, ao presente e ao futuro.

Esse estado heterogêneo do sujeito enunciadore marcou a sua própria dispersão e a dispersão dos enunciados em nosso arquivo. A heterogeneidade desses enunciados propiciou que voltássemos nosso olhar para a sua singularidade e repetição, bem como, para a sua capacidade de reinscrição no campo discursivo midiático. Nessa reinscrição, pudemos observar a presença de práticas discursivas (seleção de estruturas lingüísticas, procedimentos estratégicos, conceitos, valores, crenças) e não-discursivas (aspectos sócio-históricos e culturais - relações entre instituições, processos econômicos, políticos, formas de comportamento, sistemas de normas e disciplinas).

Ao analisarmos cada um desses enunciados singulares, detectamos, entre eles, o estabelecimento de jogos de relações, coexistências e encadeamentos. Em outras palavras, o que localizamos foram: a) relações que os diferentes enunciados estabeleceram entre si; b)

relações entre grupos de enunciados; c) relações entre enunciados, grupos de enunciados e acontecimentos de ordem social, cultural, política, econômica e histórica.

Esses jogos de relação, coexistência e encadeamentos entre os enunciados dispersos e heterogêneos acabaram por constituir, em cada trajeto temático, uma regularidade, ou seja, laços familiares e insistentes que produziram feixes de sentido e, conseqüentemente, estabeleceram uma série, isto é, uma linha enunciativa contendo um determinado conjunto de saberes referentes à mulher pós-moderna; afirmativa que responde à questão norteadora por nós realizada nas considerações iniciais deste trabalho dissertativo⁴².

Essa unidade aflorou da relação estabelecida entre as regras de formação - objetos discursivos, modalidades enunciativas, posições de sujeito e domínio associado de enunciados - que regeram a maneira como um enunciado se apoiou em outros, como se correlacionaram, posicionaram-se, substituíram-se e as transformações que sofreram. Tal regularidade indicou que não se pode falar de qualquer coisa sobre os sujeitos femininos, em qualquer lugar e em qualquer época.

Em nosso capítulo introdutório, consideramos a existência da descontinuidade histórica e da dispersão dos dizeres selecionados para análise e questionamos: por que determinado enunciado apareceu nas páginas de *Especial Mulher* e não outro em seu lugar? Nosso interesse era saber é o que tornou possível uma escolha e não outra de enunciados; observar quais foram as relações que caracterizaram a construção de saberes sobre as mulheres pós-modernas; determinar porque foi possível empregar um conjunto de relações entre práticas discursivas e não-discursivas no lugar de outras relações.

Com base na localização de regularidades entre os dizeres dispersos e heterogêneos que analisamos, compreendemos que são as condições sócio-históricas que legitimaram aqueles enunciados, naquele lugar, podendo-se dizer, nos exemplares de *Veja* dos primeiros anos do século XXI, coisas diferentes das quais já haviam ali sido ditas há tantos outros anos atrás.

Em cada trajeto temático que abordamos uma unidade discursiva e uma linha enunciativa foi estabelecida, o que resultou em três séries sobre o objeto mulher contemporânea, as quais fazem referência ao trabalho e múltiplos papéis que ela desempenha, à estética feminina e ao relacionamento amoroso entre homem e mulher.

⁴²Quais são as condições de existência a que essas novas identidades estão submetidas, ou seja, de que maneira saberes sobre a mulher são negociados, enquanto efeitos de verdade necessários para a construção de novas identidades femininas na revista *Veja* – Edição *Especial Mulher*?

Essas três linhas enunciativas também estabeleceram entre si jogos de correlação, de encadeamento, de correspondência e de dominância. Nelas, encontramos espaços de dispersão, mas também de regularidade, a partir da qual nascem sentidos historicamente estabelecidos. Podemos afirmar que essa grande regularidade de sentidos entre as três linhas enunciativas (o trabalho e múltiplos papéis que a mulher desempenha, a estética feminina e o relacionamento amoroso entre homem e mulher) constituiu uma série de séries, o que possibilitou o estabelecimento de um determinado conjunto de saberes referentes ao sujeito feminino contemporâneo. Tais saberes dão “corpo” ao discurso e constroem, em *Veja - Edição Especial*, o “verdadeiro” de uma época no que diz respeito às mulheres pós-modernas.

Essa série de séries transforma nosso arquivo - que ao início da pesquisa apresentou-se como documento histórico - em um monumento, isto é, um “quadro” da mulher pós-moderna. Nesse monumento, é possível visualizar quem é a nova mulher da/na pós-modernidade, quem ela diz ser e quem os *mass media* (representado limitadamente pela revista *Veja - Edição Especial Mulher*) dizem que ela é.

Eis abaixo, o “quadro” da mulher pós-moderna que obtivemos por meio de nosso referencial teórico e da análise de seqüências enunciativas de nosso arquivo:

Conforme nosso referencial teórico, a nova mulher da/na pós-modernidade: a) tem acesso ao mercado de trabalho, à independência financeira, ao aprimoramento profissional e à formação universitária; b) não se isenta dos afazeres domésticos e do cuidado com os filhos, envolvendo-se em uma tripla jornada de trabalho, o que implica, conseqüentemente, no exercício de múltiplos papéis sociais: mãe, dona de casa, esposa, amante, companheira e profissional; c) contribui financeiramente na provisão do lar e, por muitas vezes, assume o papel de única provedora; d) busca usufruir variadas formas de lazer e *hobbies*; e) procura manter-se culta; f) luta pelo alcance de realização pessoal; g) deseja obter plena satisfação sexual; h) dedica-se de maneira exímia para conseguir uma forma física nos padrões de estética contemporâneos.

Já a revista *Veja - Edição Especial Mulher* caracteriza a mulher pós-moderna como: a) trabalhadora, dotada de iniciativa, prática, forte, inflexível e determinada, mesmo em meio aos infortúnios cotidianos; b) suas principais metas são a construção de uma carreira profissional, a conquista de cargos elevados, a independência financeira e um bom desempenho intelectual, os quais são elementos fundamentais para sua realização pessoal; c) ela é dotada, assim como os homens, de características positivamente valorizadas no mercado de trabalho, tais como a racionalidade, a perspicácia intelectual e o pensamento lógico; d) para conquistar o mercado de trabalho, a mulher pós-moderna deixa de lado a fragilidade, a

abnegação, a docilidade e a sensibilidade; e) em meio a sua carreira profissional, ela tem a capacidade de administrar bem outras tantas atividades, como o cuidado com os filhos e a administração do espaço doméstico. Portanto, não há nada que a impeça de exercer essas múltiplas funções; f) como mãe sensível, a mulher contemporânea proporciona aos filhos um tempo de qualidade, educando-os e amparando-os emocionalmente com sucesso; g) na administração doméstica, consegue ser ágil, organizada e competente, pois, em meio ao exercício de suas múltiplas atividades, possui maneiras práticas para equilibrar o tempo, de modo a atingir qualidade de vida e atenuação do estresse; h) a mulher pós-moderna também é vaidosa, se preocupa com o seu corpo e, acima de tudo, com seu peso; i) tem um corpo esguio, magro, com músculos enrijecidos; j) o horror de sua vida é a demasia de gorduras em seu corpo e a musculatura flácida em seus seios, abdômen, braços, coxas, nádegas etc; k) para impedi-los ou eliminá-los, ela é decidida, inflexível, resistente e determinada; l) ainda que a mulher contemporânea tenha um peso compatível com a sua altura, isso não a isenta do desejo e da necessidade de se perder dois quilos ou, ao menos, algumas gramas, pois eles agem como um empecilho para o uso de roupas mais justas, cavadas ou curtas; m) para se manter magra e enrijecida, ela faz uso de dietas de todos os tipos, desde as mais agressivas até as menos restritivas; n) também pratica exercícios como musculação, ginástica localizada, alongamento postural, *aero jump*, *yoga*, *sk spinning*, *tai chi chuan*, entre outras modalidades, tanto as aeróbicas, as que exigem força muscular, bem como, as que trabalham a flexibilidade, a postura e a estabilidade; o) esses exercícios começam fazer parte da vida da mulher pós-moderna desde sua mocidade (por volta dos dezessete anos), sendo que essa prática atravessa as décadas, para que ela possa estar ainda na idade madura (sessenta e cinco anos) em plena forma; p) além da musculatura e do peso, a mulher contemporânea também zela com afinco de seus cabelos e unhas, sem deixar de lado os cuidados com pele de seu corpo e rosto; q) para tanto, ela faz uso de descolorantes, tinturas, hidratantes, maquiagens, esmaltes, etc; r) a mulher contemporânea escolhe seus parceiros utilizando, como critérios, a beleza e a capacidade financeira; s) tais características são determinantes para que ela se relacione afetivamente e estão acima de quaisquer outros elementos, como, por exemplo, a linguagem verbal e corporal masculina, personalidade, inteligência, sensibilidade, comportamento, valores morais e éticos etc; t) a mulher pós-moderna não depende de homens para ser feliz; u) ela procura divertir-se sozinha ou com as amigas, à sair com um homem que não preencha seus requisitos; v) prefere investir em si, ao invés de investir em um relacionamento afetivo que não lhe seja promissor; x) a mulher pós-moderna não se envolve emocionalmente com os homens e os utiliza como objetos.

Em meio a todas essas caracterizações, a própria mulher pós-moderna, representada pelas entrevistadas de *Veja – Edição Especial* se diz ser: a) enérgica, forte, controladora, decidida, dedicada e racional rumo ao sucesso profissional, em detrimento ao lar e os filhos; b) dona de casa, boa mãe e esposa dedicada, dando preferência a essas atividades, em detrimento do trabalho na esfera pública; c) mãe que se sente culpada e acha que não educa corretamente os filhos em decorrência de suas atividades profissionais; d) mulher frágil, desorganizada com as finanças; e) magra; f) gorda; g) vaidosa, fazendo uso de descolorantes, hidratantes, esmaltes, tinturas e cosméticos; h) não vaidosa, pois não gosta de fazer uso de produtos de beleza.

As três questões delineadas anteriormente e suas respectivas respostas, condensadas acima, esboçam a existência não de uma, mas de várias identidades femininas pós-modernas. Algumas são próprias da modernidade líquida: múltiplas identidades, em meio aos diversos papéis sociais que a mulher desempenha socialmente. Já outras, são modelares apregoados pela mídia como um efeito de verdade. No entanto, em meio a todas essas identidades, estão mulheres com suas individualidades comuns em busca de uma unicidade e completude; contudo, individualidades mutáveis, instáveis, descentralizadas, fragmentadas, inacabadas, contraditórias e heterogêneas enquanto processo dos múltiplos dizeres que se formulam na sociedade. A força histórica, via linguagem, é que modifica a relação desses sujeitos femininos com eles mesmos, fazendo das identidades analisadas neste trabalho dissertativo um efeito, uma construção realizada historicamente por práticas discursivas e não-discursivas.

Tais identidades femininas foram localizadas por intermédio de um conceito basilar em nossa pesquisa: a governamentalidade, ou seja, o encontro de modos de objetivação e subjetivação. Observamos, por meio das modalidades contínuas de técnicas disciplinares, a recomendação de um cuidado de si, que é capaz de determinar condutas, objetivar as leitoras em sujeito e submetê-las a certos fins e dominação. Notamos que essas mesmas regras e programações de conduta também possibilitaram às leitoras e entrevistadas de *Veja - Especial* a subjetivação, isto é, um exame de si, o que as permitiu apropriarem-se de uma relação consigo, rumo a um conhecimento interior. Esse conhecimento de si permitiu à essas mulheres o encontro de uma identidade feminina nos padrões pós-modernos e, também, o encontro de uma identidade “sua”, “própria”, que compõe cada mulher, dando-lhe a ilusão de ser singular.

Ao olhar para a gestão da governamentalidade existente em nosso arquivo, confirmamos a hipótese levantada ao início de nossa pesquisa. Compreendemos que *Veja - Edição Especial Mulher* não é somente um aparelho institucional de controle que guia

comportamentos, idéias, condutas, servindo como uma espécie de mentor que exerce certa autoridade e controle sobre os papéis sociais de suas leitoras. Essa revista diversional é, principalmente, espaço para que as mulheres entrevistadas “colem” em cada página sua cotidianidade; tornem *Veja* uma extensão de si, vivendo nela suas práticas, comportamentos, particularidades, características, desejos, programações de conduta e disciplinas. Nesse sentido, concluímos que ora a mulher se submete à *Edição Especial Mulher*, ora dela se libera, construindo-se como sujeito feminino e tomando consciência de si.

O alcance dessas respostas nos permite vislumbrar o ponto final de nosso trabalho. Nesse momento, encontramos a palavra que desejávamos, ao início de nossa pesquisa, “que nos envolvesse e nos levasse bem além de todo começo possível” e a inquietação que nos invadia se esvai.

No entanto, novas vozes já ecoam... Percebemos que por trás de cada resposta, delineada por um “acabamento bem sucedido”, surgem novas questões; muito mais pode ser explorado e compreendido. Antes mesmo que este manuscrito fosse impresso, ficou claro para nós que o que nos parecia, quase há pouco, como “o fim”, é, de fato, apenas o começo de uma seqüência desconhecida, mas tremendamente necessária para nossas “individualidades comuns” e para nossas pesquisas científicas sobre os modos de existência do sujeito discursivo feminino em *mass media* contemporâneos. Como enamorados que somos pelo decifrar dos discursos, temos consciência de que “as perguntas mais intrigantes e provocantes emergem, via de regra, após as respostas” (BAUMAN, 1998).

REFERÊNCIAS

A ordem é simplificar. *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 39, maio, 2006, p. 38-9, Edição Especial Mulher.

Adiar nem pensar. *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 41, junho, 2008, p. 54-6, Edição Especial Mulher.

“Adoro ser solteira”. *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 35, agosto, 2002, p. 56-7, Edição Especial Mulher.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)*. Trad. Walter Evangelista [et al.]. 2. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARNT, R. Explosão islâmica. *Revista Superinteressante*, São Paulo, Editora Abril, ano 11, maio, 1997. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/1997/conteudo_47420.shtml>. Acesso em 28/07/2008.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. A sociedade líquida. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 out. 2003. Caderno mais, p. 4-9.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BEIT Chabad: sua referência judaica na internet. *Significado de Yom Kipur*. Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/datas/yomkipur/index.html>>. Acesso em 18/07/2008.

BELTRÃO, L.; QUIRINO, N. de O. *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*. 3. ed., São Paulo: Summus, 1986.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CARROLL, R. T. *Houris*. In: Dicionário do céptico. Seção H, ano 2002. Disponível em: <<http://brazil.skeptdic.com/houris.html>>. Acesso em 18/07/2008.

CAVALCANTE, A. M. *Quando a família vai à terapia*. In: Psychiatry on line Brazil. Seção arquivo, ano 2000, vol. 5, abril, n. 4. Disponível em <<http://www.polbr.med.br>>. Acesso em 16/07/2008.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

CHAUÍ, M. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

Competência não tem gênero. *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 41, junho, 2008, p. 30-7, Edição Especial Mulher.

COURTINE, J-J. O discurso inatingível: marxismo e lingüística. In: CONRADO, V. L. A. (Org.). *Cadernos de tradução*, n. 6. Trad. Heloisa M. Rosário. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, abr/jun, 1999, p. 5-18.

_____. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques em analyse du discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, n. 62. Vol. 15, Paris: Didier, Larousse, 1981, p. 9-128.

DAVALLON, J. A Imagem, uma Arte de Memória? In: ACHARD, P. [et al.]. *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 23-37.

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. 2. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alvez. Petrópolis: Vozes, 1996.

DIMBLEY, R.; BURTON, G. *Mais do que palavras: uma introdução à teoria da comunicação*. 2 ed., São Paulo: Summus, 1990.

DOSSE, F. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

EAGLETON, T. *As ilusões do Pós-Modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Elas preferem os loiros. *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 36, agosto, 2003, p. 58-60, Edição Especial Mulher.

Esta mulher tem 50 anos! *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 39, maio, 2006, p. 94-8, Edição Especial Mulher.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERNANDES, M. H. *A mulher-elástico*. In: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, 2006. Seção Congressos de Psicopatologia Fundamental, Anais 2006. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/>>. Acesso em 26/08/07.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria T. da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. 6. ed. Trad. Maria T. da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *A Ordem do Discurso*. 3. ed., São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *A arqueologia do saber*. 5. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Microfísica do poder*. 13. ed., Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 9. ed., Trad. Maria T. da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

GREGOLIN, M. do R. V. Recitações de mitos: a história na lente da mídia. In: _____. (Org.). *Filigramas do discurso: as vozes da história*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000, p. 19-34.

_____. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. dos. (Orgs.). *Teorias lingüísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 21-34.

_____. *Discurso, história e a produção de identidades na mídia*. In: IXI ENANPOLL: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística. 2004a. Seção de debates. Disponível em: <http://www.us.geocities.com/gt_ad/verbalnaoverbal.html>. Acesso em 25/08/2007.

_____. Michel Foucault: o discurso nas tramas da História. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J. B. C. (Orgs.). *Análise do discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: Entremeios, 2004b. p. 19-42.

_____. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Orgs.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004c, p. 23-44.

_____. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. 2. ed., São Carlos: Claraluz, 2006a.

_____. AD: descrever-interpretar acontecimentos que fundem linguagem e história. In: NAVARRO-BARBOSA, P. L. (Org.). *Estudos do Texto e do Discurso: Mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006b, p. 19-34.

GUARESCHI, P. A. *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GUERRA, M. *Oneomania: gastadores compulsivos - uma doença cada vez mais freqüente*. Disponível em: <<http://www.saudealternativa.org/2007/05/oneomania-gastadores-compulsivos-uma-doenca-cada-vez-mais-frequente/>> . Acesso em 15/07/2008.

GUILHAUMOU, J.; D. MALDIDIER. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 163-183.

HALL, S. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-133.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani. [et al.]. 2.ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 13-38.

“Já fez o dever de casa?” *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 35, agosto, 2002, p. 70-1, Edição Especial Mulher.

LIMA, L. C. *Teoria da cultura de massa*. 5. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MALDIDIER, D. [et al.]. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 67-102.

_____. (Org.). *A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MELO, J. M. de. *A opinião do jornalismo brasileiro*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

NAVARRO-BARBOSA, P. L. *Navegar foi preciso? O discurso do jornalismo impresso sobre os 500 anos do Brasil*. 347 f, Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Letras e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, São Paulo, 2004.

_____. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, I. E. V. de S. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória*. São Carlos, Claraluz, 2008.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999a.

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, P. [et al.]. *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999b, p. 59- 67.

_____. *Discurso e Leitura*. 5. ed., Campinas: Cortez, 1999c.

Os odiosos 2 quilos a mais. *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 39, maio, 2006, p. 78-81, Edição Especial Mulher.

OSÓRIO, A. *Bruxas Modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de wicca*. In: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2004. Seção Artigos. Disponível em: <<http://www.calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewFile/1625/1367>>. Acesso em 26/08/2007.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões e deslocamentos. In: GERALDI, J. W.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). *O discurso e suas análises* - Caderno de Estudos Linguísticos n. 19. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Editora da Unicamp, jul-dez, 1990, p. 7-24.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani. [et al.]. 2.ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1993a, p. 61-162.

_____. A Análise Automática do Discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani. [et al.]. 2.ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1993b, p. 311-319.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. [et al.]. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Trad. Maria das Graças L. M. do Amaral. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 55-66.

_____. *O discurso: Estrutura ou Acontecimento*. 2. ed., Campinas: Pontes, 1997a.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.

_____. *Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso*. Escritos, n. 4., LABEURB/NUDECRI-UNICAMP, 1999a, p. 7-16.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. [et al.]. *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999b, p. 49-57.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani. [et al.]. 2. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 163-252.

PIGNATARI, D. *Informação, linguagem, comunicação*. 12. ed., São Paulo: Cultrix, 1999.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Maria do Rosário Gregolin. [et al.]. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROJAS, A. C. A. *Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch à Michel Foucault*. Maringá: Eduem, 2000.

ROSÁRIO, N. M. do. *Corpo em tempos de pós-modernidade: semiose ilimitada*. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2002. Seção COMPÓS 2002, GT - Comunicação e Cultura. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_122.PDF>. Acesso em 26/08/2007.

ROSSI, C. *O que é jornalismo?* 10. ed., São Paulo: Brasiliense, 2000.

SACKS, J. *O segredo da continuidade judaica*. In: Beit Chabad: sua referência judaica na internet, 1993. Seção Ser judeu. Disponível em: <<http://www.chabad.org.br>>. Acesso em 18/07/2008.

SARGENTINI, V. M. O. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V. M. O.; NAVARRO-BARBOSA, P. L. (Orgs.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: ClaraLuz, 2004, p. 77-96.

SAÚDE e vida on line. *Tabela de peso/altura para mulheres*. Disponível em: <<http://www.saudevidaonline.com.br/tabela.htm>>. Acesso em 04/08/2008.

SEXTANTE. *Terry Burnham e Jay Phelan*. Seção autores/informações. Disponível em: <<http://www.esextante.com.br/>>. Acesso em 12/08/2008.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.73-103.

SIQUEIRA, H. S. G. *Cultura de consumo pós-moderna*. 2005. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/>>. Acesso em 25/ 08/ 2007.

Tal filha, tal mãe. *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 36, agosto, 2003, p. 44-8, Edição Especial Mulher.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

Xiita, sim, mas funciona! *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 36, agosto, 2003, p. 85, Edição Especial Mulher.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Ramadan*. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Ramad%C3%A3o>>. Acesso em 18/07/2008a.

_____. *Rede Globo*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Globo>. Acesso em 31/07/2008b.

_____. *Xiismo*. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Xiitas>>. Acesso em 18/07/2008c.

ZUANELLA, A. B. *Amor e vínculo: para além das fronteiras da feminilidade*. In: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, 2006. Seção Congressos de Psicopatologia Fundamental, Anais 2006. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/>>. Acesso em 26/08/2007.

ANEXOS

Anexos do trajeto temático: O trabalho, a mulher e seus múltiplos papéis

Anexo A – Competência não tem gênero. Revista *Veja – Edição Especial Mulher*, junho, 2008.

Anexo B – “Já fez o dever de casa?” Revista *Veja - Edição Especial Mulher*, agosto, 2002.

Anexo C – Adiar nem pensar. Revista *Veja - Edição Especial Mulher*, junho, 2008.

Anexo D – A ordem é simplificar. Revista *Veja - Edição Especial Mulher*, maio, 2006.

Anexos do trajeto temático: A beleza estética da mulher

Anexo E – Xiita, sim, mas funciona! Revista *Veja - Edição Especial Mulher*, agosto, 2003.

Anexo F – Os odiosos dois quilos a mais. Revista *Veja - Edição Especial Mulher*, maio, 2006.

Anexo G – Tabela médica de peso/altura para mulheres. *Saúde e vida on line*. 2008.

Anexo H – Esta mulher tem 50 anos! Revista *Veja - Edição Especial Mulher*, maio, 2006.

Anexo I – Tal filha, tal mãe. Revista *Veja - Edição Especial Mulher*, agosto, 2003.

Anexos do trajeto temático: O relacionamento amoroso entre homem e mulher

Anexo J – Elas preferem os loiros. Revista *Veja - Edição Especial Mulher*, agosto, 2003.

Anexo K – “Adoro ser solteira”. Revista *Veja - Edição Especial Mulher*, agosto, 2002.

ANEXO A

Trabalho

Competência não

A partir da esquerda, Nara Fauth Pereira, Bia Aydar, Líliliana Aufiero, Cláudia de Carvalho Alves, Carmem Campos Pereira e Rose Koraicho: algum sacrifício e muita tenacidade



tem gênero

Seis histórias de mulheres de muito sucesso comprovam a tendência: ser dona do próprio nariz é o melhor negócio



LAUSON SANTOS

Ver mulheres em posição de liderança já deixou de ser motivo de espanto. Elas disputam (e levam) cargos executivos; até há pouco tempo, uma mulher ocupava a presidência do Supremo Tribunal Federal; e, no plenário da Câmara e do Senado, o timbre feminino sobressai em discussões relevantes. Uma pesquisa divulgada no início do ano, porém, revela um dado surpreendente: as mulheres já compõem a maioria entre os empreendedores nacionais. Segundo o estudo do Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), 52% dos negócios nacionais — sejam eles recentes, estabelecidos ou informais — são comandados por mulheres. Em 2001, quando a pesquisa foi realizada pela primeira vez no Brasil, essa participação se resumia a 29%. O levantamento integra o Monitoramento Global de Empreendedorismo, análise anual do comportamento da iniciativa privada realizada em 42 países. O lado menos auspicioso desse número é a razão para tamanha iniciativa feminina. Conforme apontam os dados do IBQP, 54% dos homens empreendem por uma questão de oportunidade — ou seja, encontram circunstâncias favoráveis para começar um negócio. Por sua vez, 63% das mulheres o fazem por pura necessidade: abrir um negócio é a

única — às vezes, a última — opção possível para ganhar algum dinheiro.

Nas páginas seguintes, apresentamos a história de seis mulheres que estão na vanguarda dessa tendência apontada pela pesquisa. Todas são executivas experientes e ocupam o cargo máximo da empresa que representam. Rose Koraicho é dona e presidente da Korma, incorporadora paulistana de imóveis de luxo; Bia Aydar comanda a MPM, a agência de publicidade que mais cresceu no ano passado; Líliliana Aufiero rege a gigante têxtil Lupo, criada por seu avô; Cláudia de Carvalho Alves, que tem três irmãos mais velhos, foi a escolhida para suceder ao pai na presidência da Enterpa, uma das maiores empresas de engenharia do país; Carmem Campos Pereira é a presidente do Grupo Rede Energia, onde, há mais de vinte anos, entrou como estagiária; e Nara Fauth Pereira é uma bem-sucedida produtora rural do Rio Grande do Sul.

Nas entrevistas, elas foram unânimes em afirmar que, para chegar ao topo, tiveram de tomar decisões difíceis no âmbito da vida pessoal. As seis são mães. A exceção de Nara, que começou a carreira após os 40 anos, e de Rose, que resolveu trabalhar depois de ter os três filhos, as outras nunca usufruíram licença-maternidade. Nenhuma delas sabe o que é tirar férias de um mês. Muitas vezes, viram-se na contingência de ser as únicas mulheres em

ELAS MANDAM AQUI

As mulheres são maioria entre os empreendedores brasileiros

As mulheres são donas de **52%** dos negócios brasileiros

Há sete anos, elas eram apenas **29%** desse contingente

Além do Brasil, só **Japão e Porto Rico**

têm mais mulheres empreendedoras do que homens

O lado menos róseo desse número:

63% das empreendedoras brasileiras começam um negócio próprio por pura necessidade, como a única forma de ganhar algum dinheiro

A razão: em janeiro deste ano, de cada 10 pessoas desempregadas no país,

6 eram mulheres

mesas dominadas por homens. Para quem está começando, a boa-nova é que todas consideram o momento atual propício à mulher. Características tipicamente femininas, como a capacidade de manejar vários problemas de forma simultânea, o saber ouvir e a curiosidade, estão em voga nas grandes corporações. Todas são, mais uma vez, unânimes: com jeitinho e perseverança, tudo é possível.

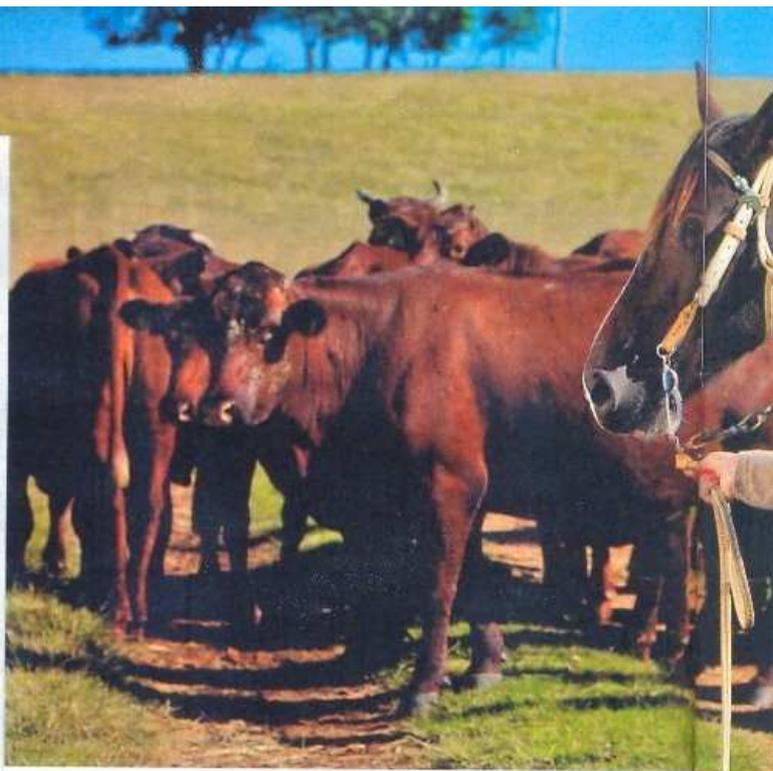
Nara Fauth Pereira,

produtora rural

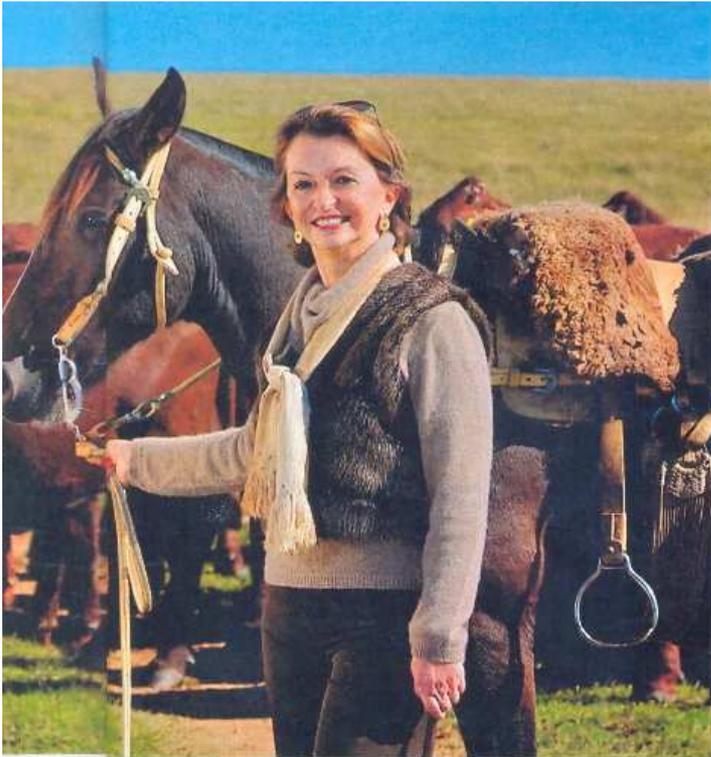
Aos 65 anos, Nara Fauth Pereira está longe de ser uma tradicional avó gaúcha: não faz ambrosia nem arroz-de-leite para os cinco netos e muitas vezes não está em casa quando eles vão visitá-la. Boa parte de seu dia é dedicada a administrar a Estância Boa Vista da Quinta Ltda., que agrega cinco fazendas e 10 600 hectares de terra. Além de cuidar do negócio, Nara acompanha de perto a rotina das três fazendas de Rio Pardo, a 150 quilômetros de Porto Alegre. As outras duas, mais distantes, são comandadas por um veterinário, que presta contas a ela. Nara planta arroz e soja e trabalha com o ciclo pecuário completo — insemina, cria, engorda e abate bois para a venda de carne.

O gosto de Nara pela terra vem de família, mas ela demorou a abraçá-lo. Quando se casou, pôs na gaveta o diploma de letras para ter os três filhos e cuidar deles, até a caçula fazer 6 anos. Então se formou em psicologia e atuou por alguns anos na área. Um dia, resolveu virar produtora rural. "No começo, as fazendas serviam para os meus filhos terem o contato com a terra que eu havia tido em pequena. Mas fui me empolgando." Em 1985, já enfronhada na agropecuária, Nara perdeu a filha caçula num acidente de carro. Quando conseguiu se aprumar de novo, assumiu o negócio de vez: na separação do primeiro marido, nem se discutiu com quem ficariam as terras. "Eram minhas por direito."

Hoje Nara tem números respeitáveis entre os gaúchos — 200 quilos de carne e 8 toneladas de arroz anuais por hectare — e se ligou à Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, por uma questão de filosofia. "No Brasil, o produtor rural é considerado um engordador de boi e nada mais. Quero que nos dêem o devido respeito", diz. Nos fins de semana, sempre passados no campo, ela se dá ao luxo de brincar de casinha, dividindo a preparação das refeições com o segundo marido, o médico e presidente do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Sérgio Pinto Machado. "Nesses dias, os netos são superbem-vindos."



LARISSA SANTOS



Rose Koraicho, *fundadora da incorporadora Koema*

A incorporadora Koema, de Rose Koraicho, não foi a que mais metros quadrados construiu em 2007 nem a que mais faturou. Porque Rose não quer. Há dois anos, quando construtoras e incorporadoras começaram a unir forças para criar grandes negócios, a Koema somava quarenta funcionários, ocupava um escritório luxuoso e acumulava quatro prêmios Master, o Oscar do ramo, por empreendimentos como o Credicard Hall. Rose era ainda, pelo segundo ano consecutivo, diretora do Sindicato da Habitação de São Paulo. Detalhe: foi a primeira mulher a ocupar o cargo. Sua incorporadora era também a única de São Paulo comandada por uma mulher, e um sucesso absoluto. Mas, ao receber uma proposta de compra, Rose colocou o pé no freio. "Não estava feliz. Tinha virado escrava do trabalho." Resultado: mandou trinta funcionários embora e mudou tudo para um local mais simples. Hoje a Koema ocupa um nicho: é uma incorporadora-butique, procurada para executar projetos audaciosos e meticulosos. E a Rose ainda sobra tempo para cuidar dos três filhos e do marido e até para cozinhar.

Para entender a decisão de Rose, é preciso retroceder até 1988. Aos 28 anos e com a caçula de 10 meses nos braços, ela cansou de seguir o roteiro traçado por seu pai, um dos pioneiros do comércio na Rua 25 de Março — costurar, cozinhar e passar camisas com primor. Tirou o pó do diploma de desenho industrial e pediu emprego ao pai, que então alugava 500 imóveis pela cidade. Ganhou trabalho de secretária. Um dia, quando percebeu que a renegociação de um contrato ia mal, pegou o telefone do parceiro de negócios e, com jeito, acertou os ponteiros. Quando seu pai morreu, em 1996, Rose conversou com o irmão, vendeu tudo e abriu a Koema — tupi-guarani para "renascer". Nunca, porém, deixou de ser muito família. É casada pela terceira vez, se dá bem com as namoradas dos filhos, organiza churrascos. "Por isso, quando a minha empresa começou a crescer demais, resolvi mudar. E acho que acertei."



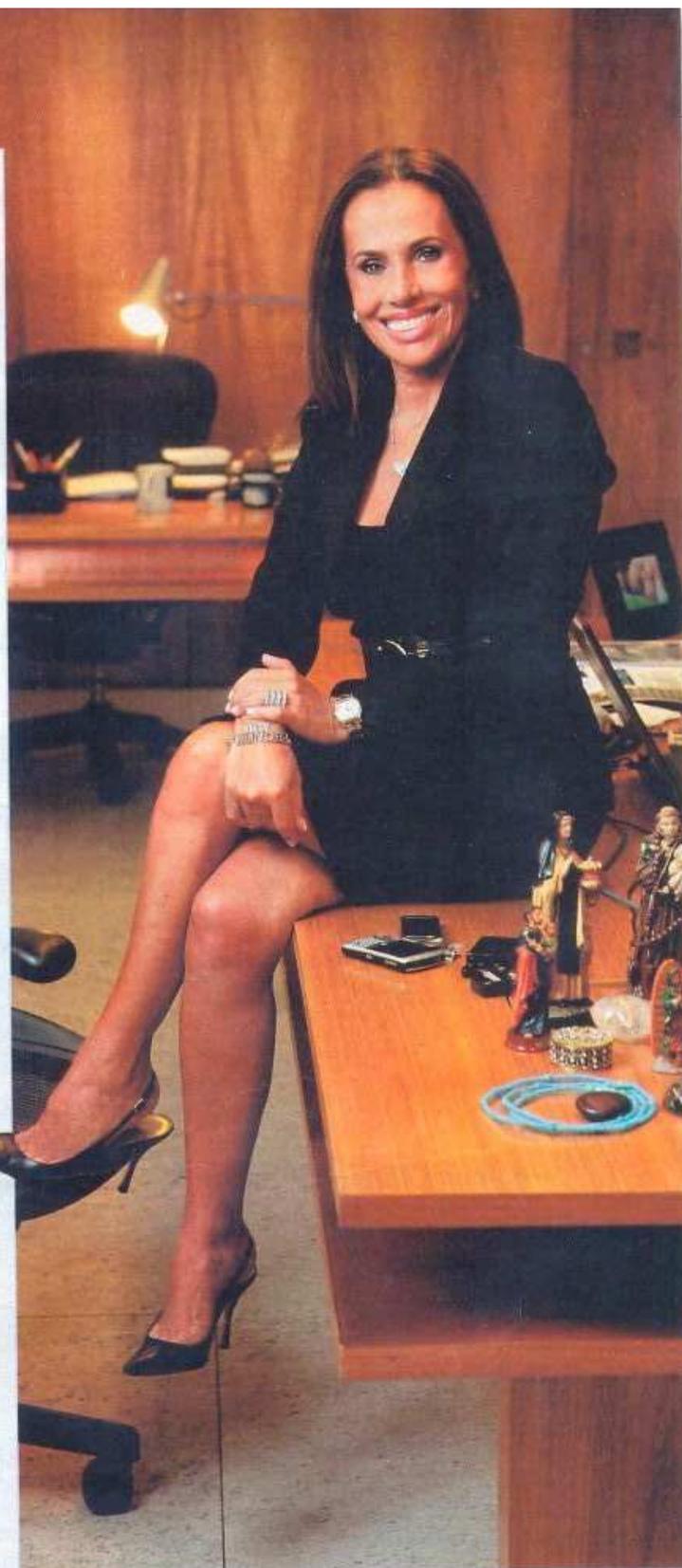
Bia Aydar,

presidente
da agência MPM

Bia Aydar tem uma vantagem sobre a maioria dos mortais: com quatro horas de sono, está nova em folha. E outra sobre a concorrência: vive para trabalhar. Aos 52 anos, com os filhos criados (Eduardo, 34, e a cantora Mariana, 28), quase tudo o que faz é ou será revertido em benefício da MPM — a agência do grupo comandado por Nizan Guanaes que ela preside. Ela não está nem aí quando dizem que é testa-de-ferro do publicitário baiano. Sabe que não é — e seus 200 funcionários também. De sua sala, Bia avista o Parque do Ibirapuera de um lado e a equipe do outro. “Se pego alguém brincando, dou bronca mesmo.” Ali ela tem também réplicas de seu banheiro particular (todo branco, com espelho de camarim) e de seu closet (com muito Manolo Blahnik, Gucci, Prada, Valentino e Chanel), mais uma cama forrada com algodão egípcio. Ou seja, dormir no trabalho ou já sair dele para uma festa não é problema.

Na agenda dos seus três celulares, essa paulistana de 1,56 metro tem o número pessoal do alto tucanato, de ministros e celebridades — e dos dirigentes das empresas a que sua agência atende. Segundo o Ibope, em 2007 o faturamento da MPM bateu em 425 milhões de reais. O preço: Bia dorme com o BlackBerry debaixo do travesseiro, foge das férias e conta para tudo com a ajuda da irmã, Fernanda Nigro. “Vivo da mesada que ela me dá. Não sei administrar meu dinheiro”, diz.

A competência de Bia começou a fazer fama nos anos 80, quando ela empresariava o grupo Premeditando o Breque (no qual tocava Mario Manga, seu ex-marido). Bia agenciou também Lulu Santos, Ney Matogrosso e Marina Lima. Depois abriu a empresa Face, que produziu os primeiros camarotes badalados do Carnaval carioca e comandou os eventos da campanha presidencial de Fernando Henrique Cardoso. E achava que já havia chegado aonde queria. Por isso, quando Nizan Guanaes a convidou para tocar a MPM, em 2003, ela não pensou duas vezes — pensou várias. “Dormi no trabalho o primeiro mês inteiro. Agora peguei o jeito, e é só crescer.”





Claudia de Carvalho Alves,

presidente da Enterpa

Ao saber que estava grávida do primeiro filho, Claudia de Carvalho Alves, atual presidente da Enterpa, tomou duas atitudes: comemorou com a família a chegada do rebento e se inscreveu num curso sobre congelamento de leite materno. Naquela época, ela era uma das sócias da AD5 Associados, empresa de arquitetura que abriu em 1991, no 3º ano do curso de arquitetura da Universidade Católica de Santos, e não queria ficar longe do trabalho.

Com o tempo, Claudia percebeu que, além de desenhar projetos, podia executá-los. Depois, concluiu que a incorporação seria um passo

lógico. Aí seu destino se cruzou definitivamente com o da Enterpa. Apesar de ser

a filha única de Conrado de Carvalho Alves, fundador e principal acionista da Enterpa, ela sempre seguiu seu próprio rumo. Gostava de surfar, pegava ônibus para chegar cedo à praia e abria sem a ajuda do pai o primeiro negócio. Em

2001, quando a Enterpa decidiu entrar no segmento de incorporação residencial, optou por fundir-se a alguma empresa já existente — e Claudia ofereceu a sua. Tanto se envolveu nas operações do grupo que, em 2005, foi convidada a assumir a vice-presidência, ao lado do pai. No ano passado, ela subiu um novo degrau: deixando os três irmãos para trás, foi escolhida por Conrado para suceder-lhe na presidência.

Hoje Claudia controla cerca de 1 500 funcionários e, com menos de um ano no cargo, já tem os números a seu favor: sob sua gestão, a Enterpa cresceu 20%. Uma mulher que atue em áreas como dragagem marítima e fluvial, saneamento e concessões rodoviárias é uma raridade, e Claudia diz que, somada à sua pouca idade — 41 anos —, a novidade já lhe causou constrangimentos. “Mas não me deixo intimidar”, garante. Nem sair do eixo: casada há catorze anos com o administrador Eduardo Urioste e mãe de Victor, de 13 anos, e Mateus, de 9, ela jura que o fim de semana é sagrado. “No sábado e no domingo, estamos todos surfando juntos no litoral.”

FOTOS: LARSON SANTOS

Carmem Campos Pereira,

presidente da Rede Energia

Desde pequena, Carmem Campos Pereira sabia que ia ser executiva: colocava suas bonecas em fileira e, com uma bolsa no ombro, entrava na sala para dar ordens. Em 1987, quando cursava administração na Universidade São Judas Tadeu, viu no quadro de avisos um anúncio que oferecia estágio na holding Denerge, administradora de pequenos negócios na região de Bragança Paulista, interior de São Paulo. "Fui e negocie para trabalhar mais, mas com cargo e salário." Graças à obstinação, em um ano Carmem ganhou a primeira promoção — e o apelido de "Mônica", em alusão à menina briguenta dos quadrinhos. Por anos, recebeu coelhos (a "arma" favorita de Mônica) de presente de seus funcionários. "Nunca tive licença-maternidade. Mal meu filho, João Victor, nasceu, me chamaram de volta ao trabalho — e eu fui." Quando passou ao grupo Caiuá (depois Rede) de distribuição de energia, Carmem galgou rapidamente os cargos executivos. Um de seus grandes feitos foi captar 1 bilhão de reais para a construção da hidrelétrica de Lajeado, no Tocantins.

Em 2003, a Rede já fornecia energia a 30% do país. Como vice-presidente, cabia a Carmem comandar a reestruturação financeira do grupo. Sua atuação foi tão brilhante que ofuscou os boatos de que fora promovida por namorar o presidente, Evandro Coura — que viria a ser seu segundo marido. Em 2007, Coura deixou a presidência da empresa, e ele e Carmem se separaram. À espera de um novo chefe, foi informada de que seria a nova presidente do grupo. "Fiquei alegre, por ter chegado aonde queria, e triste, por ocupar a cadeira de alguém muito querido." Logo ela arregaçou as mangas e imprimiu seu jeito de mandar. Mudou o nome do grupo para Rede Energia e instaurou programas de assistência nas áreas carentes em que ele atua. Pelo menos uma vez por semana toma o jatinho da empresa e vai ver se a casa está em ordem. "Conheço todas as estações", afirma. A sua casa, com certeza, está: Carmem e Coura fizeram uma segunda festa de casamento e estão juntos de novo.





FOTO DE LAELSON SANTOS

Liliana Aufiero, *presidente da Lupo*

Quando Liliana Aufiero se tornou a primeira mulher a ser aceita no curso de engenharia da USP de São Carlos, em 1963, ninguém estranhou: sua inteligência e ótimas notas eram célebres em família. Achou-se normal também que, em vez de se casar e ter filhos, como quase todas as suas amigas de Araraquara, no interior paulista, ela quisesse viver na capital. Liliana fez pós-graduação na Fundação Getúlio Vargas, mestrado na USP e teve bem-sucedida carreira como engenheira civil de grandes obras. Em 1986, ela empreendeu uma volta

inesperada a Araraquara: o cargo de diretora comercial da empresa de seu avô — a gigante Lupo — ficou vago, e ela pleiteou o posto. Aí fez o que não fizera antes — casou-se e teve um filho (seu marido já tinha cinco de casamentos anteriores). E seguiu a carreira.

Em Araraquara, o relógio da fábrica da Lupo tem fama de nunca atrasar. A vida de Liliana segue a mesma batida. Exceto pela morte trágica do marido em um acidente de carro, de que ela não fala, o resto seguiu um ritmo constante de ascensão. Em 1993, quando a família foi afastada do comando da empresa, ela permaneceu — “e na linha de frente”, orgulha-se. Como presidente, é ela quem administra os 3.340 funcionários do grupo, que fatura perto de 350 milhões de reais ao ano. Estão sob seu

comando também o Shopping Lupo e o hotel-fazenda instalado na antiga sede da propriedade de seu avô.

Liliana fez a Lupo mudar e crescer — muito, em ambos os casos. Centralizou a operação da empresa em um único endereço, atualizou o maquinário, abriu as primeiras lojas de varejo (140, na maioria franquias) e começou a investir em cuecas. Impulsionada pelo sucesso no ramo masculino, passou a fabricar lingerie sem costura. Outro gol. O último lance decisivo de sua administração foi a descoberta do universo teen e infantil. No grupo, ela é conhecida como “Doutora”. “O apelido pegou logo que cheguei de São Paulo, acho que porque sou engenheira”, diz. Mas pode ser também por causa do pulso firme e das ordens simples e indiscutíveis.

ANEXO B

F A M Í L I A

Denise Areal:
angústia provocada
pela ausência

"Já fez o c

*Não há como escapar:
a maternidade deixa
culpadas as que trabalham
fora e as que ficam em casa*

VALERIA ROSSI

Converse sobre a vida com uma mãe que trabalha fora. É praticamente certo que uma de suas principais fontes de angústia seja deixar o filho em casa quando sai para o escritório. Tente o mesmo com uma mulher que abriu mão da carreira para cuidar das crianças. Decerto ela vai lamentar a monotonia de seu cotidiano, a ausência de uma vida "só sua". Parece não haver escolha plenamente satisfatória. Em qualquer um dos casos, a mulher convive com uma culpa aparentemente incontornável que acompanha a maternidade. "Uma amiga minha diz que ser mãe é ter culpa. Às vezes, é isso o que sinto por passar pouco tempo com meu filho. É um eterno conflito", afirma a atriz Cláudia Raia, mãe de Enzo, de 5 anos. A mesma sensação atinge quem fez a opção contrária. "Larguei minha vida profissional para cuidar das crianças. Muitas vezes, acordo me sentindo um pouco inútil. É um alto preço que se paga", diz a empresária Isabel Staub, de 32 anos, herdeira da Gradiente, mãe de duas crianças. Tanto Cláudia quanto Isabel são mulheres bem-sucedidas e que podem contar com o apoio de babá, enfermeira e empregados que lhes garantam conforto e pouca dor de cabeça. Se para elas a sensação beira o incômodo, imagine o que significa para uma mulher de classe média que, em geral, conta apenas com o apoio dos parentes quando precisa de ajuda para cuidar dos filhos.

É muito difícil para a mulher conseguir administrar os papéis que são exigidos dela: provedora, junto com o homem, na parte econômica, alicerce emocional da família e profissional bem-sucedida. "Elas sentem que vão fracassar em algum desses compromissos", afirma a terapeuta de família Gladis Brum, autora do livro *Pais, Filhos & Cia. Ilimitada* (Record). "E o maior temor é fracassar como mãe", diz a terapeuta. No tempo de nossas avós, a mãe exemplar era a que criava

MATERNIDADE

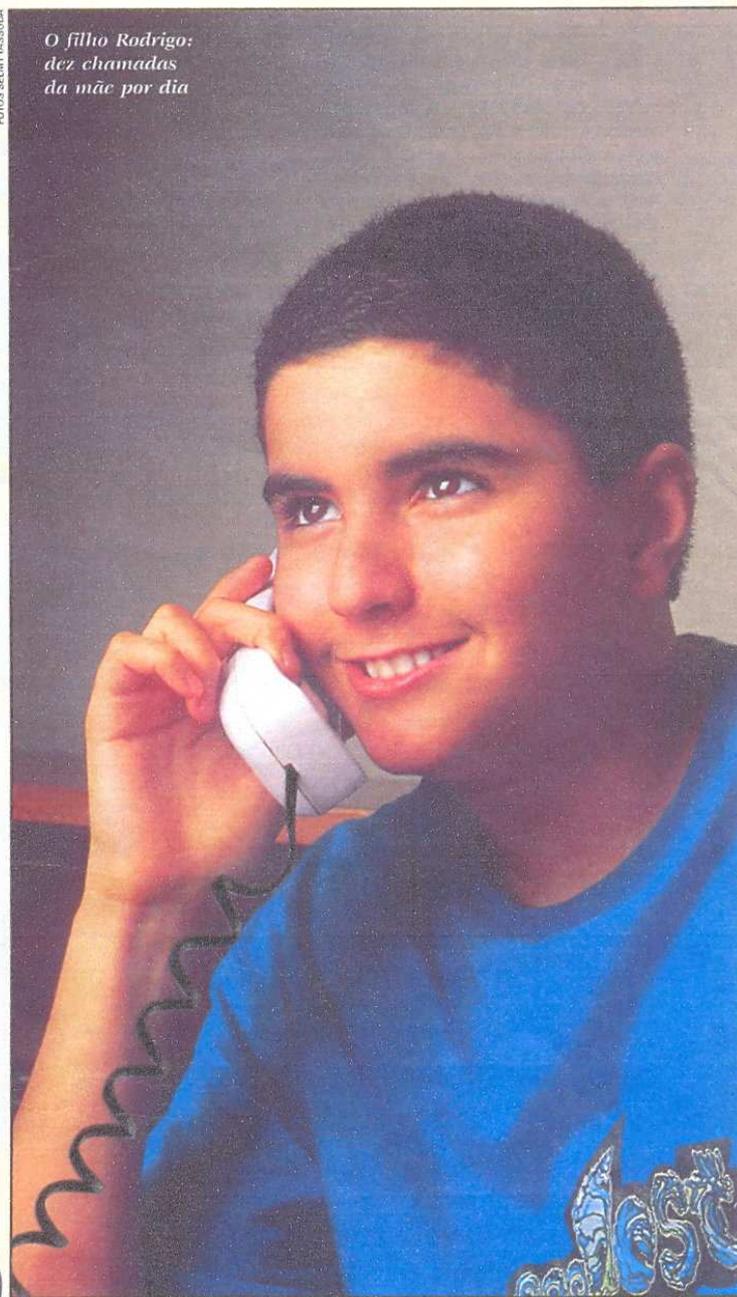
dever de casa?"

os filhos homens para o trabalho, longe de doenças e vícios. As filhas eram treinadas para repetir esse papel. Hoje, ser "boa mãe" é tarefa mais exaustiva. Ela precisa ser professora, psicóloga, enfermeira, cozinheira, motorista, conselheira e ainda trabalhar fora. A diretora de marketing da Duloren, Denise Areal, de 42 anos, vive o drama desde o nascimento de Rodrigo, de 11. Apesar de ter uma rotina extenuante, que inclui viagens frequentes ao exterior e reuniões diárias que podem varar a madrugada, ela procura acompanhar ao máximo o cotidiano do filho — mesmo que na maioria das vezes o contato seja mesmo por telefone. "Eu ligo umas dez vezes por dia para saber se ele já almoçou, se já fez o dever de casa, se já está pronto para dormir. É uma situação horrível. Eu sempre acho que estou perdendo a melhor parte da vida dele", conta.

Assumir a responsabilidade irrestrita pelos filhos é uma questão indiscutível para a maioria das mulheres. Nas últimas décadas, elas obtiveram conquistas notáveis no campo profissional, como a ascensão irreversível no mercado de trabalho. No entanto, no âmbito individual, a maioria ainda se mostra confusa para lidar com a multiplicidade de papéis. É preciso ter em mente que, se não houver uma colaboração masculina — do pai, do marido —, o dilema jamais será solucionado. "Eu não tinha escolha. O que iria fazer? Deixar minha filha morando com o pai enquanto eu investia alucinadamente na minha carreira? Poucas mães concordam com algo assim", diz a ex-ministra da Administração Federal Cláudia Costin, que se separou do primeiro marido quando a filha tinha 1 ano e meio.

Estudos americanos informam que a convivência entre mãe e filho resume-se a duas horas diárias. No passado, o período de convívio era cinco vezes maior. Dizer que os filhos de mulheres que trabalham fora são mais ou menos bem educados é discussão das mais tolas. Há centenas de pesquisas sobre o assunto. As mais sérias desqualificam qualquer relação entre a atividade da mãe e o equilíbrio emocional dos filhos. Uma criança pode ser muito bem criada pela mãe (ou pelo pai) que trabalha em casa, ou simplesmente não trabalha. E pode ser igualmente bem criada por pais workaholic. Tudo depende da qualidade do tempo que o casal dedica aos filhos. ■

O filho Rodrigo: dez chamadas da mãe por dia



Fertilidade

*A medicina da reprodução
avança a passos largos,
mas os especialistas
são unânimes:
é melhor
engravidar
antes dos 35*

Primeiro, está-se no momento de pensar no estágio, e então no emprego. Depois, vêm a academia, uma hora aqui e ali para namorar, mais a promoção (aquela que você tanto fez por merecer no trabalho e a do namorado a, quem sabe, marido). Segue-se a resolução de parar de pagar aluguel e comprar um apartamento — e lá vem mais trabalho. Com tanto em que pensar, sempre tem alguma coisa que fica de fora da agenda. E o que era mesmo essa coisa?, perguntam-se as mulheres em todos os países em que elas trabalham (muito, cada vez mais, e bem, cada vez melhor). Ops, elas lembram, quase sempre quando o ponteiro do relógio bio-

Adiar, nem pensar

lógico já vai lá pela 25ª hora — faltou engravidar.

Adiar o primeiro filho é uma tendência mundial, estimulada pelas aspirações profissionais e propiciada pela medicina, que hoje dá a mulheres transbordando os 40 anos a oportunidade de se tornar mães. Entre as americanas, estima-se que duas em cada dez deixam para ter o primeiro filho depois dos 35 anos. No Brasil, onde não há estatísticas oficiais, uma pesquisa feita com 800 mulheres pela psicóloga Cecília Russo Troiano, autora de *Vida de Equilibrada — Dores e Delícias da Mãe que Trabalha* (editora Cultrix), mostrou que um terço delas adiou repetidas vezes o plano de engravidar. Na confluência entre as mudanças culturais e o progresso científico, já se redefiniu até o que é uma primigesta idosa — expressão que de bonita não tem nada, mas exprime uma noção fundamental: a faixa a partir da qual uma gestação inspira cuidados especiais pela simples idade da gestante. Três décadas atrás, uma mulher caía nessa categoria já aos 28 anos. Hoje, ela abrange as grávidas a partir dos 35 anos.

E ninguém há de dizer que esses sete anos de lucro não compõem um considerável espaço de manobra.

Nem tudo o que é possível, porém, é desejável ou ideal. Por mais dramáticos que sejam os avanços na área da medicina reprodutiva e pré-natal, e por mais reconfortante que seja a sensação de segurança que esses progressos criam nos casais que esqueceram de abrir espaço para o primeiro filho na agenda, as dificuldades que uma aspirante a mãe enfrenta a partir dos 35 anos são reais. As vezes, penosamente reais. A fertilidade feminina pode ser descrita como uma curva, que começa a cair suavemente após os 25 anos — e agressivamente depois dos 35. “Um casal jovem tem 80% de chance ao ano de engravidar se tiver vida sexual ativa”, diz o ginecologista Pedro Augusto Monteleone, especializado em reprodução humana. Mais tarde, a história muda, e o próprio ato de conceber se

torna um problema potencial, como sabe qualquer um que conheça (e, hoje em dia, quem não conhece?) um casal que tenha atravessado essa experiência freqüentemente crivada de dúvida e angústia. Complicação adicional: a concepção é mais difícil não só pelo ótimo método natural, como também pela não raro sofrida (e cara) fertilização in vitro. “Aos 40 anos, uma mulher tem uma fração das chances de engravidar que tinha até os 30”, explica Emerson Barchi Cordts, coordenador clínico do departamento de reprodução humana da Faculdade de Medicina do ABC. Isso acontece porque a mulher já nasce com todos os óvulos que vai usar para gerar filhos. Com o passar dos anos, esses óvulos envelhecem e perdem qualidade, o que dificulta a formação de embriões.

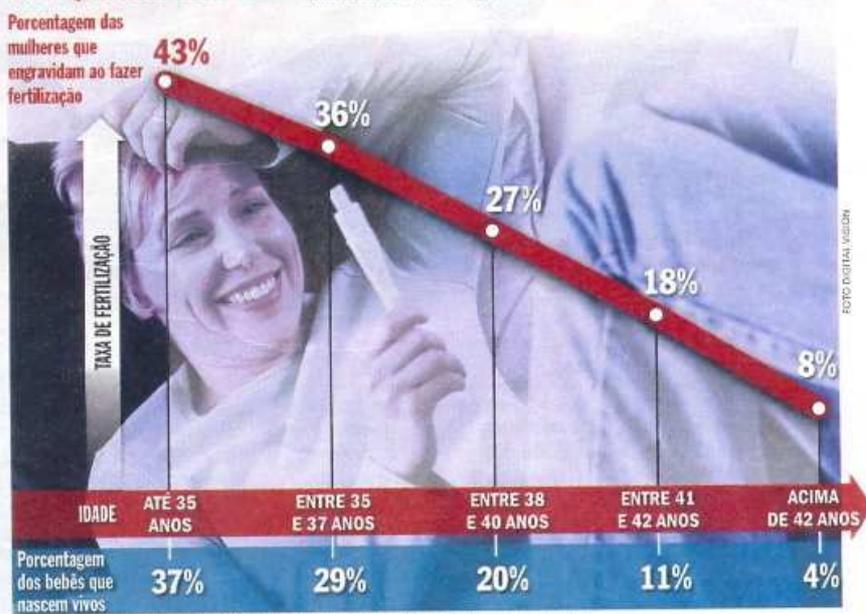
Ou seja: ainda que com persistência e boa assistência as chances de sucesso de uma fertilização sejam muito ra-

zoáveis (frise-se: não garantidas), é preciso contabilizar o custo emocional acarretado pela montanha-russa de visitas a consultórios, pelas tentativas que falham até dar certo, pelo stress sobre o dia-a-dia e sobre a vida sexual dos parceiros e pelos abortos espontâneos, aos quais as mulheres mais velhas estão especialmente sujeitas. Há que lidar ainda com um fantasma: o risco de o bebê apresentar alterações cromossômicas como a síndrome de Down. Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), quando a mãe tem 20 anos, apenas um bebê em cada 1.500 tem probabilidade de nascer com Down. Em filhos de mães de 35 anos, a ocorrência é seis vezes maior: uma criança a cada 250 nascimentos. Aos 45 anos, a taxa salta para até 4%, ou um bebê a cada 25 nascimentos.

Outros obstáculos, menos vultosos mas ainda assim delicados, assomam no horizon-

POR QUE NÃO ESPERAR

Para mulheres acima de 38 anos, o êxito dos tratamentos para engravidar é muito menor



Fonte: dados de 2005 do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC)

te das mães tardias. Qualquer mulher que já tenha passado dos 30 sabe que aquele quilo extra que se perdia com tanta facilidade de repente finca o pé e se recusa a ir embora. Com a gravidez, a briga com a balança se agrava. “É preciso ter muita disciplina: começar a gravidez já mais leve, manter atividade física antes, durante e depois do parto e seguir uma dieta rica em proteínas, fibras e vegetais e pobre em açúcares e carboidratos”, ensina o ginecologista e

obstetra Alberto D’Auria, diretor clínico da Maternidade São Luiz. Não se trata de frivolidade: se os centímetros indesejáveis parecem irrelevantes diante do sonho de ter um bebê, depois eles quase certamente constituirão um aborrecimento profundo. Para a maioria das mulheres, o sobrepeso abate a auto-imagem, o prazer com o sexo, a energia para cuidar de uma criança pequena — e assim contribui para que a mãe alimente o sentimento negativo de que

não chegou lá apenas tarde, mas tarde demais.

Esse é um sentimento que pode facilmente se desdobrar também na esfera do convívio social — do descompasso com as amigas que já têm filhos há tempos, ou não os têm, ao pavor de ser confundida com a avó da criança na porta da escolinha. A antropóloga Cynthia Sarti, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), acredita que o segredo para evitar essas armadilhas está na responsabilidade com que a mãe tardia encara a

concepção. “Diante de todas as possibilidades que a medicina nos oferece, a decisão de ter um filho passa a ser ética. A futura mãe tem de ter condições de criar, educar e amar aquela criança. E, para tanto, a escolha do momento é hoje fundamental”, diz. A mulher que se sente pressionada a conceber estará vulnerável aos dilemas que atingem as mães tardias; aquela que está segura da decisão de gerar um filho será bem-aceita, seja qual for sua idade. Só um conselho, reforçam os especialistas: que essa idade não passe demais dos 35...

ATÉ QUANDO ESPERAR?

Problemas e soluções para a mãe que espera até depois dos 35 anos para ter o primeiro filho

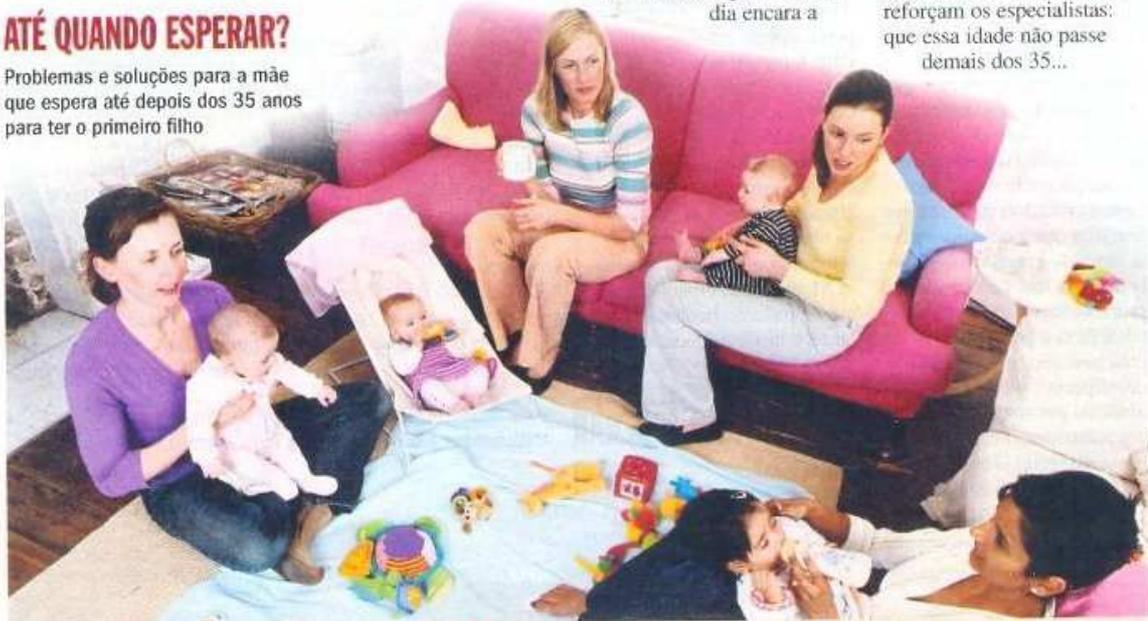


FOTO: DUCAL, VISHNUKALITY IMAGES-SP

	REPRODUÇÃO	IMAGEM FÍSICA	CHOQUE DE GERAÇÕES	VIDA SOCIAL
O PROBLEMA	A mulher já nasce com todos os óvulos. Aos 35 anos, eles já sofreram desgaste e têm qualidade inferior. Pode haver, por isso, dificuldade para obter a fecundação e maior risco de gerar bebês com problemas genéticos	Ao contrário das mulheres de 20, as de 30 têm mais dificuldade em perder peso — um problema que é agravado com a gravidez	Grande diferença de idade (e de valores) entre pais e filhos e dificuldade em acompanhar o ritmo cheio de energia das crianças pequenas	O risco de depressão pós-parto é maior em mulheres acima dos 35 anos que já tenham apresentado propensão para o problema. Refazer a relação com amigas que têm filhos mais velhos — ou que não têm filhos — também pode ser difícil
A SOLUÇÃO	Se decidir esperar até os 35 anos para engravidar, tente os métodos naturais por seis meses. Se não conseguir, procure a ajuda de um especialista. Ele ainda terá uma boa gama de recursos para auxiliá-la	Comece a gestação mais leve. Faça dieta rica em proteínas, fibras e vegetais e pobre em açúcares e carboidratos e mantenha atividade física antes, durante e depois do parto	Cultive hábitos saudáveis, para ter boa saúde, e aposte que a idade também traz maturidade, serenidade e paciência — armas fundamentais para conciliar diferenças	Informe-se sobre a depressão pós-parto e avise o médico sobre qualquer possível sintoma: esse é um problema que tem tratamento. Em relação às amigas, a dica é esforçar-se para, depois do nascimento dos filhos, continuar a dividir com elas aquilo que era prazeroso antes da chegada deles

Cotidiano

A ordem é simplificar

Mais atarefadas do que nunca, as mulheres buscam estratégias para ganhar tempo e qualidade de vida. A boa notícia é que é possível resolver o problema

Se você é do tipo que acorda cedo, enfrenta engarrafamento, várias reuniões ao longo do dia, almoça o que dá, passa horas ao telefone e em frente ao computador respondendo a e-mails, depois volta para casa com a impressão de que precisava de mais horas para fazer tudo o que gostaria, e ainda tem muito mais a fazer em casa, saiba que não está sozinha. Você é uma típica mulher moderna — e tem motivos para reclamar. Os números estão a seu lado. Uma brasileira dedica seis vezes mais tempo aos afazeres domésticos, nos dias de semana, do que o companheiro — quatro horas e 28 minutos, contra 47 minutos dele. Aos sábados e domingos, a jornada feminina, que inclui trabalhos fora e dentro de casa, é de cinco horas e 26 minutos, enquanto a masculina não passa de três horas e 21 minutos, menos de dois terços da delas. O segredo para ter mais tempo, propalam os estudiosos, é simplificar a vida — uma frase fácil de entender mas não tanto de praticar. Isso não tem nada a ver com largar tudo para abrir uma pousada no Nordeste ou viver sem TV. Simplificar é, antes de tudo, equilibrar o tempo gasto com o trabalho e a vida pessoal. A ordem é gastar menos, querer menos, ganhar menos até. Mas ainda assim estar muito feliz. “É recuperar o controle do próprio tempo. É preciso estar disposto a abrir mão de coisas e valores para viver com o que realmente importa em sua opinião”, disse a VEJA a escritora americana Linda Breen Pierce, autora de best-sellers sobre o assunto. ❖

Menos é mais

Uma série de estudos lista atitudes capazes de simplificar a vida cotidiana. São dezenas de idéias adaptáveis a diversos estilos de vida que, uma vez postas em prática, podem ser realmente eficazes. Confira as principais e veja o que melhor se encaixa para você

- **Compre menos:** pergunte-se antes de qualquer compra: “Eu realmente preciso disso?”. Dê uma volta ou espere um dia antes de fechar o negócio.
- **Desentulhe sua vida:** acumular objetos, roupas, sapatos, maquiagem, livros e CDs sufoca. Mantenha apenas o que você usa de fato no dia-a-dia.
- **Opte por uma casa menor:** transforme pelo menos um dos ambientes em um local muito confortável para sua família. É mais prazeroso do que viver num ambiente pouco aconchegante mas imenso.
- **Faça uma limpa em seu guarda-roupa a cada três meses:** se você não usa alguma peça há mais de um ano, livre-se dela.
- **Inverta as prioridades:** pare de gastar tempo para poupar dinheiro, gaste dinheiro para poupar tempo. Nada compensa atravessar a cidade para comprar um conjunto de copos com um desconto pífio.
- **Otimize o uso de seu e-mail:** a tecnologia está a seu favor. Além de poder filtrar e-mails indesejáveis (correntes, remetentes desconhecidos, spams), é possível direcionar as mensagens em pastas específicas: urgentes de trabalho, pessoais, de familiares e de lazer.

ATÔMICA STUDIO

ar

■ **Vá para a cama às 9 da noite pelo menos uma vez por semana:** é uma decisão simples que, a longo prazo, pode ser muito profícua. Levantar mais cedo dá mais disposição para enfrentar o dia.

■ **Coloque suas contas em débito automático:** não há nada mais complicado e chato do que ter de se lembrar de todos os vencimentos de débitos.

■ **Tenha apenas um cartão de crédito:** estudos revelam que o acúmulo de débitos provoca um stress incontrolável. Se fizer dívidas, controle-as de perto. Viva aquém de suas possibilidades.

■ **Faça listas de tudo:** não fique desprevenido. Prepare com antecedência a lista do supermercado, a dos pagamentos, a de tarefas cotidianas, a do serviço da empregada.

■ **Vá ao supermercado apenas uma vez por semana e sozinho:** uma pesquisa americana mostra que uma pessoa gasta 20% a mais de tempo e 30% a mais de dinheiro se faz compras acompanhado.

■ **Admita sua impossibilidade de resolver tudo:** o paletó manchado, o vaso quebrado, o ferro que queimou, coisas que dão problema há dois anos e você nunca as levou para o conserto? Jogue fora. A chance de resolver essas pendências depois de tanto tempo é mínima.

■ **Não tenha medo das compras on-line:** hoje os sites oferecem serviços seguros de compras. Poupa-se tempo, muitas vezes dinheiro, e ainda se tem o conforto da entrega em domicílio.

■ **Procrastinação, não!** não adie tarefas necessárias. A dose de stress é imensa, já que se dorme e se acorda com o compromisso na cabeça por vários dias. Reconheça que adiar tarefas é um hábito. Você pode mudá-lo.

DIETA

Xiita, sim. Mas funciona

POR LIZIA BYDLOWSKI

*Você faz uma dieta flexível? Come de tudo um pouco?
Esqueça: só emagrece quem tem disciplina férrea*

Tem mulher que faz regime e emagrece. Tem outras que fazem, fazem, fazem e estão sempre acima do peso. A diferença não está no metabolismo, nem na idade, nem na dieta fantástica que cada uma segue. Está: isso sim, em dez regras simples — mandamentos, praticamente. Seguindo-os, chega-se, com a obrigatória dose de sofrimento, ao paraíso dos quilos perdidos. Descumprindo-os, a condenação é continuar se retorcendo no infame tamanho G.

A SEGUIR, OS DEZ MANDAMENTOS:

- 1** Não saia nunca, jamais, do regime que você se impôs. Nem raspando o restinho que seu filho deixou no prato. Nem para provar o patê novo no supermercado. Nem para experimentar "só um pedacinho" do pão do couvert. A primeira concessão abre caminho para o relaxamento e, este, à comilança escancarada.
- 2** Fixe uma data para começar e uma para acabar o regime. Não determine seu objetivo em quilos, porque, quando chegar na metade, considerará meio caminho andado e cairá em pecado.
- 3** Se comer o que não pode por algum motivo, em algum momento, não arranje desculpa para o deslize. Pelo contrário: dê-se uma bela bronca, reconheça e dê razão à consciência pesada.
- 4** Não caia no engodo da troca: hoje eu como um pedaço de bolo, amanhã passo a salada sem tempero. Não funciona, solapa suas boas intenções e ainda a deixará fraca de fome (quer motivo melhor para um pão de queijo urgente?).
- 5** Não agüenta mais? Precisa viajar e espaiar? Passe quatro ou cinco dias em um spa, inscrita no programa de 800 calorias/dia. Em um deles, extrapole: passe o dia a líquidos. Já que está pagando para sofrer, pelo menos os quilos têm de desaparecer mais depressa.
- 6** Todo regime requer um número fixo de refeições, em geral café-da-manhã, lanche, almoço, lanche e jantar. Siga fidelissimamente, sem desvios. Nos intervalos, não vale nem uma cenourinha baby.
- 7** Coquetel ou happy hour é fácil: apóie-se num copo de refrigerante diet e passe o tempo batendo papo. Mas, se tiver de ir a um jantar de negócios, ou de família, arme-se de intransponível determinação. Coma só o permitido, indiferente aos olhares em volta. Dispense a sobremesa — chegando em casa, recompense-se com uma gelatina diet. Até duas, se precisar.
- 8** Se tiver balança em casa, jogue-a fora. Pese-se no máximo uma vez por semana.
- 9** Faça exercícios físicos regularmente. Além de ajudar o regime, é ótimo olhar naquele espelho enorme da academia e ver que você está cada vez mais em forma.
- 10** Alguém dirá "Deus me livre! Que graça tem uma vida com tantas restrições?". Nem precisa responder. A graça, claro, está no resultado final: xiita sim, mas xiita magra.



85

Dieta

Os odiosos 2 quilos a mais

Um best-seller inglês propõe a “dieta sem dieta”. A convite de VEJA, a mineira Marcelle Freitas seguiu o plano e emagreceu o que queria sem fechar a boca, tomar remédio nem se matar na academia

Rachel Campello

Perder 10, 15 ou 20 quilos pode não ser a tarefa mais fácil do mundo, muito menos a mais prazerosa, mas pelo menos tem receita certa e segura: restringir de maneira radical a ingestão de alimentos muito calóricos e gordurosos e aumentar a atividade física. O grande problema é quando esses sacrifícios precisam ser encarados para eliminar aqueles 2 últimos quilinhos que há anos persistem em sobrar depois de cada dieta. Eles só têm importância estética, pouco ou nada afetam a saúde. Justamente por isso, são tão irritantemente renitentes. “O desafio é maior quando a batalha é apenas entre ter um lindo corpinho e o desejo de comer”, afirma o endocrinologista Alfredo Halpern, chefe do Grupo de Obesidade e Doenças Metabólicas do Serviço de Endocrinologia do Hospital das Clínicas, de São Paulo. “Quando se corre o risco de adoecer, a pressão é maior. Tendo de perder pouco peso, a pessoa acha que é fácil e acaba se permitindo alguns prazeres.”

Além da motivação, a questão é metabolicamente complicada. Quando o organismo atinge patamares de gordura baixos, ele desacele-



Marcelle:
para ela,
2 quilos
pareciam
vinte

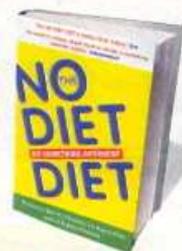
MONTAGEM: ANDREW LUTZ/STUDIO GARDNER

ra o metabolismo para se proteger e recebe ordens para armazenar até aquele mísero bombom distraidamente consumido no fim de semana. "Eliminar 2 quilos passa a ser mais difícil do que perder 10", afirma a nutricionista Tânia Rodrigues, da RGNutri Consultoria Nutricional, em São Paulo. "O corpo faz de tudo para não ficar sem reservas."

Foi pensando nesses quilinhos teimosos que o psicólogo inglês Ben Fletcher inventou uma estranha dieta que se tornou um grande sucesso. O professor da Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra, expôs sua teoria no livro *The No Diet Diet* (A Dieta da Não-Dieta, ainda sem título em português mas com o lançamento no Brasil já marcado para abril de 2007, pela editora BestSeller). Resumidamente, Fletcher afirma que o que leva uma pessoa a ter dificuldade em se desvencilhar dos quilos — ou gramas — a mais é o fato de não conseguir mudar seus hábitos de vida. Um exemplo corriqueiro: associar televisão com pacote de biscoito. Segundo Fletcher, ao deixar de assistir à televisão, naquele mesmo horário, naquele mesmo sofá, o biscoito sai de cena naturalmente. Do mesmo modo, diversos outros hábitos que nem mesmo estão relacionados a comida diretamente,

ao ser alterados, acabam produzindo uma nova organização mental, que se reflete no consumo moderado ou mais correto de alimentos.

O psicólogo defende que, ao fazer algo novo, a pessoa inconscientemente incorpora uma dieta mais saudável e passa a se movimentar mais. Para desmanchar velhos hábitos, ele sugere que se criem novos, como tomar uma bebida diferente da preferida, ir ao cinema sozinho, desenhar, comprar uma revista que nunca leu. "A minha proposta leva a pessoa a ouvir suas necessidades naturais sem a intromissão de fatores externos", explicou Fletcher a VEJA. "Ela aprende a dosar a quantidade e a qualidade da comida que coloca no prato." Fletcher condena os regimes restritivos por confundirem o organismo, abalarem a auto-estima, aumentarem o risco de depressão, desequilibrarem o sistema imunológico e afetarem o funcionamento do coração, fígado e rins. Seu best-seller promete a perda de 1 quilo por semana. VEJA convidou uma mulher para testar essa proposta. Nessa "cobaia", o plano funcionou. Desde os 17 anos, quando passou uma temporada nos Estados Unidos, a engenheira e arquiteta Marcelle Freitas, 27 anos, lutava para eliminar 2 dos seus 59 quilos da silhueta. O arsenal utilizado em uma década é extenso: laxantes, inibidores de apetite, remédios de manipulação com fórmulas desconhecidas, recomendações de nutricionistas. Nenhum resultado se manteve por tempo suficiente. A pedido da revista, ela seguiu o programa *The No Diet Diet* durante 28 dias. Sem fazer regime, sem contar calorias e sem o auxílio de medicação, perdeu 2 quilos. Nas páginas a seguir, seu relato.



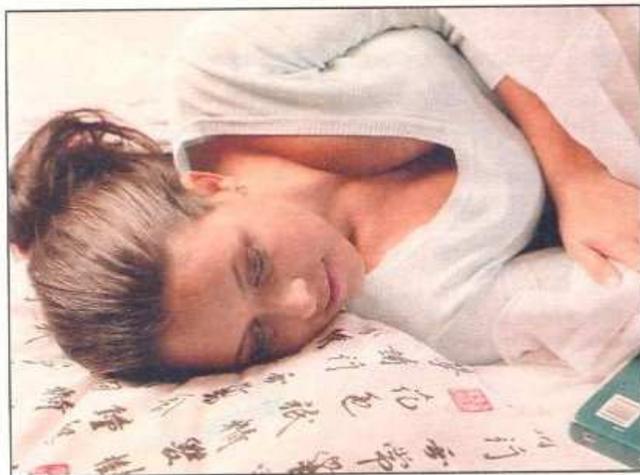
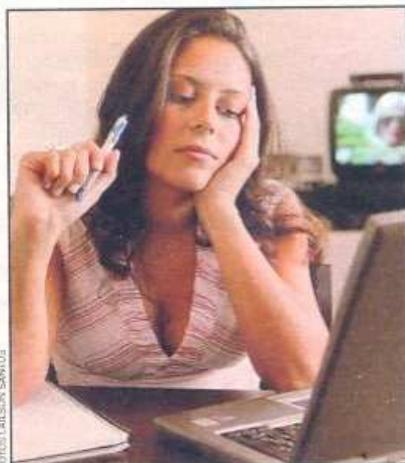
O que é a **dieta**

Em seu livro *The No Diet Diet*, o psicólogo inglês Ben Fletcher defende que uma vasta mudança nos velhos hábitos e a incorporação de novas atitudes emagrecem. Segundo ele, ao se quebrar a rotina, o emagrecimento acontece naturalmente. O programa, que dura um mês, tem como objetivo tirar as pessoas do piloto automático e introduzir hábitos mais positivos em suas vidas. A meta é prepará-las para ter uma vida com mais queima de caloria e menos ingestão de gordura. E garante que sua dieta 'sem dieta' elimina 1 quilo por semana. Contar calorias, evitar alimentos gordurosos ou doces e se matricular numa academia de ginástica não fazem parte do plano. Não resolve para pessoas que querem perder muito peso num curto período de tempo. Essa dieta tem o objetivo de tornar as decisões em relação à comida mais conscientes. Portanto, pode demorar a apresentar resultados significativos.

FASE 1

A proposta de Fletcher: fazer uma terapia de choque para acabar com velhos hábitos e introduzir novos

O que fez Marcelle: "No primeiro dia, não vi TV. Fui dormir mais cedo por falta de opção. Em outro, **escrevi um e-mail** sem destinatário. Foi ótimo e engraçado, como uma terapia. Também passei um dia sem consumir minha bebida preferida. Andei quinze minutos e achei um pouco chato. No dia em que acordei mais cedo, como recomenda a 'dieta', pensei em ir à academia, mas fui trabalhar antes. Em outra tentativa de fazer coisas inéditas, listei meus objetivos de vida. Para fazer uma 'caridade', como sugerido, ajudei uma amiga que trabalha num banco a atingir suas metas e abri uma conta com ela."



FASE 2

A proposta: alterar padrões de comportamento ou mesmo de personalidade para se sentir capaz de mudar

O que fez Marcelle: "Resolvi abordar as questões da maneira como eu as percebia e até dei conselhos a meu chefe. Me senti melhor. Durante um churrasco, como sou superextrovertida, tentei me controlar e ficar na minha. Deslocada, fui embora mais cedo. Em outro dia, **fiquei em casa sem fazer nada**, algo diferente para alguém agitada como eu. Falei tudo o que pensava de uma amiga para ela. Organizei meu local de trabalho. O dia que me pareceu mais longo foi aquele em que resolvi não procurar nenhuma amiga."



FASE 3

A proposta: mudar a forma de agir. Um teste define o que deve ser feito. Marcelle deveria fazer coisas diferentes por três dias e, nos outros quatro, alterar o comportamento

O que fez Marcelle: "Acordei em horário diferente e **desliguei o celular** por um dia. Tenho mania de não deixar que as pessoas terminem o que estão falando, concentrei-me em ouvir. Resolvi conhecer uma pessoa com quem convivia mas não ia com a cara. Gostei dela. Quando acordo desmotivada a malhar pesado, costumo faltar à academia. Fui mesmo sem vontade, fiz uma aula de pilates e adorei não ter me acabado como sempre faço na academia. Com o objetivo de 'descobrir', como diz Fletcher, fui a uma feira de carros antigos com meu namorado. Para exercer a criatividade, comprei uma revista que ensina a montar scrapbook e montei meu álbum de fotos personalizado."

FASE 4

A proposta: fazer mudanças radicais, que a princípio sejam desagradáveis, mas que sirvam para toda a vida. O objetivo é ampliar seus limites

O que fez Marcelle: "Pedi a alguém que me falasse de um comportamento que costumo ter. Parei para pesar e medir todas as minhas atitudes. Decidi impedir que meu trabalho tome a maior parte do meu tempo. Às vezes adio decisões por medo de enfrentar as consequências. Tenho até medo de conferir meu extrato bancário e perceber quanto gastei com bobeiras. **Montei uma planilha** com as despesas fixas para gastar o restante em algo consistente. Vou tentar julgar menos e passar a interromper alguém que esteja criticando outra pessoa. No dia em que eu não podia agir 'sob impulso emocional', não ataquei chocolate ao ficar chateada. Tratei meu superior como uma pessoa igual a mim."



CONCLUSÃO

"Perdi 2 quilos nos 28 dias. Percebi como faço diversas coisas pela força do hábito, como abrir a geladeira várias vezes ao dia e tomar muito refrigerante light. Parei completamente de agir no automático. O programa me deixou mais organizada e isso se refletiu na minha alimentação. Não como a primeira coisa que está na frente, penso antes de todas as refeições e me planejo. E estabeleci prioridades. A academia subiu nessa lista. Acho que a última fase requer um tempo maior, porque são mudanças consideráveis e algumas não podem ser feitas do dia para a noite. Entendi que atitude pensada é igual a objetivos atingidos."

Prateleira de dietas

A cada estação, uma nova dieta promete milagres. Veja o que pregam as principais delas

Dr. Atkins

Libera o consumo de proteínas gordas, como a do bacon e a das carnes. Proíbe a ingestão de carboidratos, como pães, massas e arroz. O emagrecimento ocorreria porque se queimam mais calorias para metabolizar as proteínas do que para metabolizar as moléculas de carboidrato. É uma dieta difícil de manter por um período longo. Causa irritação, mau humor e fadiga. Pode afetar o colesterol e os triglicérides



Vigilantes do Peso

Todos os alimentos têm um valor em pontos. Nada é proibido, mas há um limite de pontos por dia. Palestras semanais em grupo ensinam a reeducação alimentar e estimulam a dieta. É recomendada para quem deseja perder muito peso. A perda costuma ser demorada, mas o resultado, duradouro

Dos pontos

Também prega a reeducação alimentar e não exclui nada do prato. Os alimentos são pontuados e há uma cota diária. Vale o bom senso de escolher a comida saudável que não estoure os pontos. Escolhas erradas podem provocar deficiência nutricional

South Beach

Também prega o consumo de proteínas, mas recomenda carnes magras, azeite e peixes. Nada de torresmo, picanha nem bacon. O carboidrato só é proibido nas primeiras duas semanas. Não serve para pessoas com tendência à hipoglicemia, pois agrava os sintomas



Do tipo sanguíneo

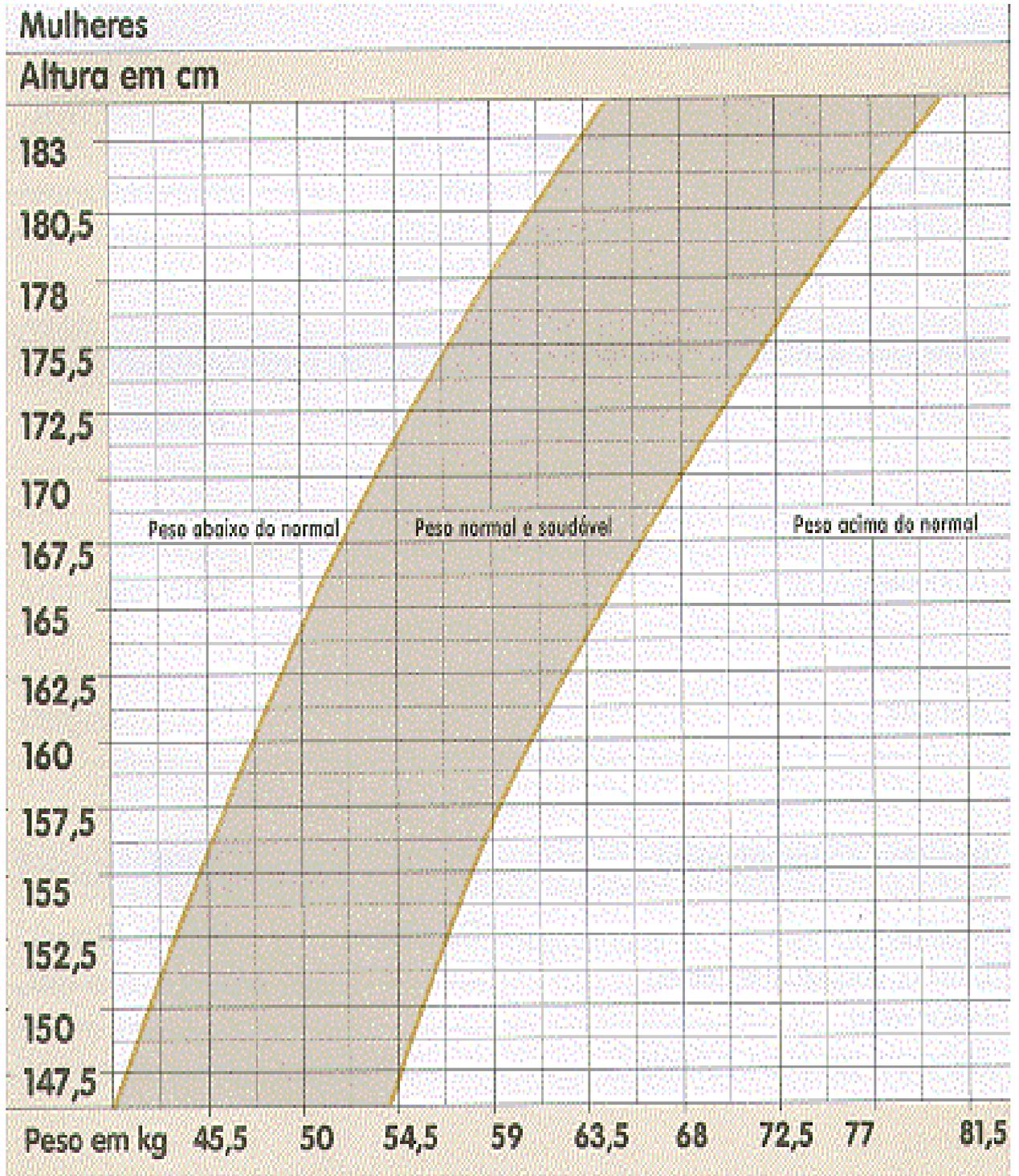
Alimentos são permitidos ou proibidos de acordo com o grupo sanguíneo de cada um. O médico americano Peter D'Adamo, criador da técnica, acredita que as necessidades nutricionais são determinadas a partir dos quatro tipos de sangue. Só que a dieta não promove a perda de peso



Fontes: Tânia Rodrigues e RGNutri Consultoria Nutricional, de São Paulo

ANEXO G

TABELA DE PESO/ALTURA PARA MULHERES⁴³



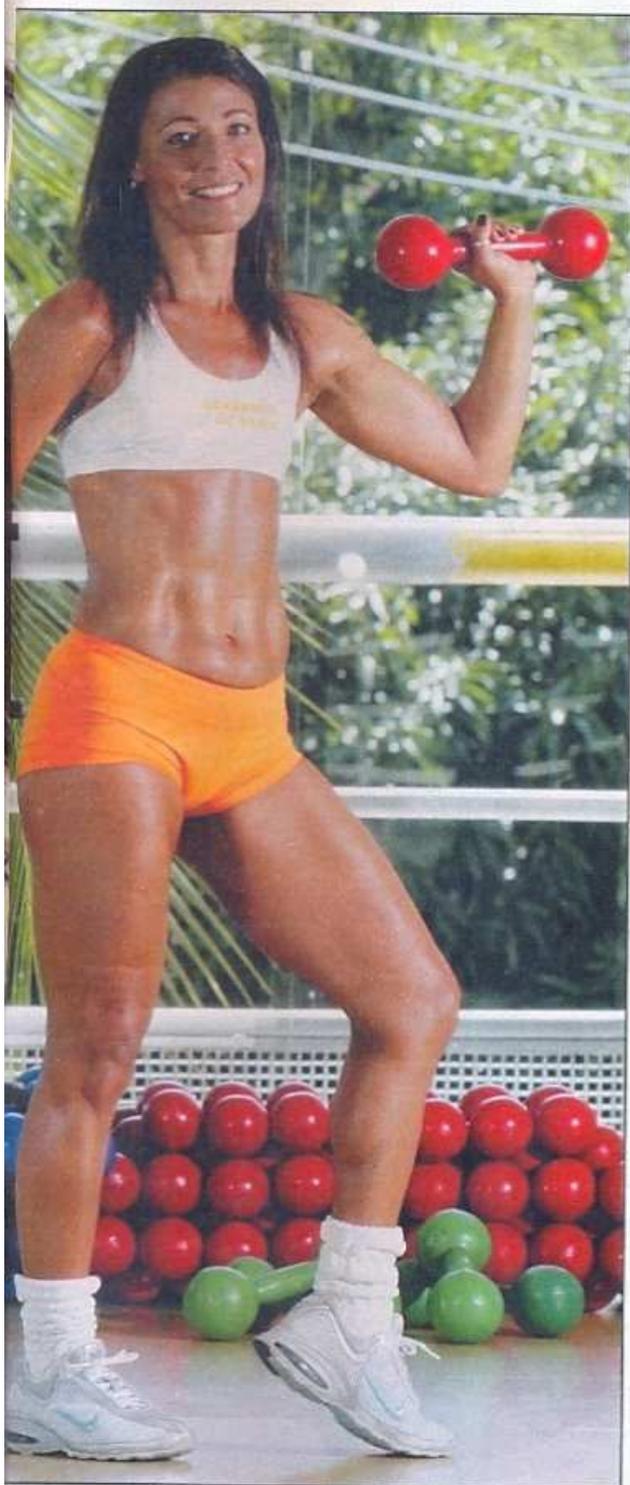
⁴³Tabela de peso/altura para mulheres (SAÚDE E VIDA *ON LINE*, 2008).

Boa forma



Que disposição! a carioca Solange Andrade malha cinco vezes por semana há 25 anos

CÉSAR CABRAL



E chegou até aqui com este corpo e esta disposição porque começou a se cuidar na hora certa. Mas nunca é tarde para iniciar

Fernanda Arduini

Há quem diga que manter uma boa forma é como pagar um consórcio de carro. Faz-se um grande investimento antes para usufruir o benefício tempos depois. Essa é uma das razões pelas quais a ginástica, à primeira vista, pode parecer desestimulante a muita gente. Dá preguiça, os resultados demoram a aparecer e é preciso tempo livre. Quem hoje tem duas horas disponíveis para gastar em uma academia? Mas não há dúvidas de que qualquer esforço compensa. E muito. Infelizmente, as perdas de músculo, osso, força e até de altura se acentuam com a idade. A regressão dos números se inicia aos 25 anos, quando a mulher começa a ter sua capacidade aeróbica reduzida de 1% a 2% a cada ano. A ladeira tem sentido único, para baixo. Aos 35 anos, a mulher começa a perder de 140 a 170 gramas de massa muscular por ano. Aos 45, na pré-menopausa, as alterações para pior se aceleram. Até a estatura se reduz (entre 0,3 e 0,4 centímetro ao ano). Aos 55 anos, com a menopausa, é o ápice. Tudo muda. A perda óssea anual já é de até 2%. O fato é que, por mais que se pratique atividade física e se cultivem bons hábitos alimentares, o envelhecimento é irreversível. Certamente, a medicina e a dermatologia estética evoluíram muito e conseguiram reverter parte do processo de envelhecimento. Porém, tanto o exercício regular quanto a boa alimentação podem minimizar ou mesmo retardar o aparecimento dessas perdas. E não se trata só de cultivar um corpo malhado para poder desfilas de biquíni de lacinho em companhia da filha adolescente. É muito mais do que isso. Ao estimular sua estética corporal e a resistência física, a mulher melhora a auto-estima, sua produtividade e capacidade de trabalho. Quem se exercita costuma esbanjar disposição — e é aí onde se vê a diferença. O exercício físico regular também aprimora o desempenho sexual e aumenta a expectativa de vida. O segredo é descobrir do que se gosta e, sobretudo, saber do que o corpo precisa em cada etapa da vida. “Independente da idade, nunca é tarde para começar a se exercitar. Não há prejuízos, só ganhos, em fazer da atividade física um hábito diário prazeroso”, afirma a médica Sandra Matsudo, especialista em medicina esportiva, diretora-geral do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafis). As necessidades do corpo variam conforme a idade. Nas páginas seguintes, VEJA elaborou uma tabela com as perdas que o corpo sofre com o passar dos anos e quais os melhores exercícios para combater esse impacto tremendo na aparência e nas condições de saúde.

Boa forma

Aos 25 anos

O QUE ACONTECE COM O CORPO

A capacidade aeróbica começa a diminuir de 1% a 2% ao ano.

EXERCÍCIOS RECOMENDADOS

Atividades aeróbicas, como corrida, natação e bicicleta, para melhorar o condicionamento cardiovascular.

■ JANAÍNA VENTURA,

28 anos, empresária

Altura: 1,68 metro

Peso: 57 quilos

Atividade física: musculação e ginástica localizada cinco vezes por semana. Corrida e spinning, duas vezes

Tempo de prática: doze anos

Hobby: jiu-jitsu

Dieta: não faz

O que muda com os

exercícios: "Sempre fui muito magra. Com a malhação, moldei meu corpo. Adquiri músculos e uma silhueta bem torneada."



Conselho para quem vai

começar: "Sobretudo no início, o acompanhamento de um professor ou personal trainer é fundamental. Faça qualquer coisa, nem que seja uma caminhada, só não fique parado."

Aos 35 anos

O QUE ACONTECE COM O CORPO

A partir dos 30 anos, começa-se a perder entre 140 e 170 gramas de massa muscular por ano. Sem praticar atividade de força até os 39 anos, a mulher terá perdido quase 2 quilos de músculo, que serão substituídos por gordura. O excesso de gordura retarda o metabolismo. Tem início a queda hormonal.

EXERCÍCIOS RECOMENDADOS

Aqueles que exigem força muscular e um pouco de aeróbica.

■ ANA PAULA ALALUNA,

36 anos, estudante de psicologia

Altura: 1,67 metro

Peso: 60 quilos

Atividade física: caminhada e ginástica localizada, cinco vezes por semana

Tempo de prática: dezoito anos

Hobby: caminhar na praia

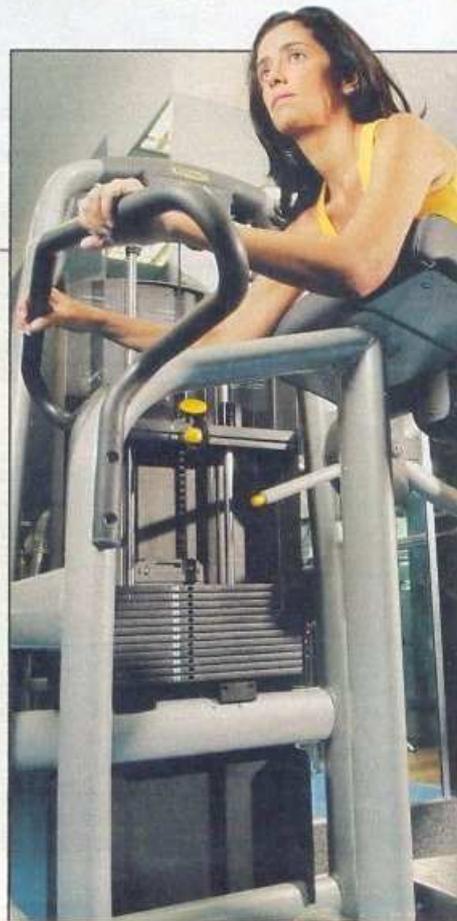
Dieta: evita frituras, gorduras e doces

O que muda com os

exercícios: "Fico aliviada do stress e da ansiedade, perdi o peso que ganhei na gravidez e estou mais bem disposta para as tarefas diárias."

Conselho para quem vai

começar: "O importante é ter persistência. Depois de um tempinho, a atividade física vira uma rotina, um hábito como comer e dormir. Hoje não vivo sem caminhar nem ir à ginástica."





FOTOS: OSCAR CABRAL

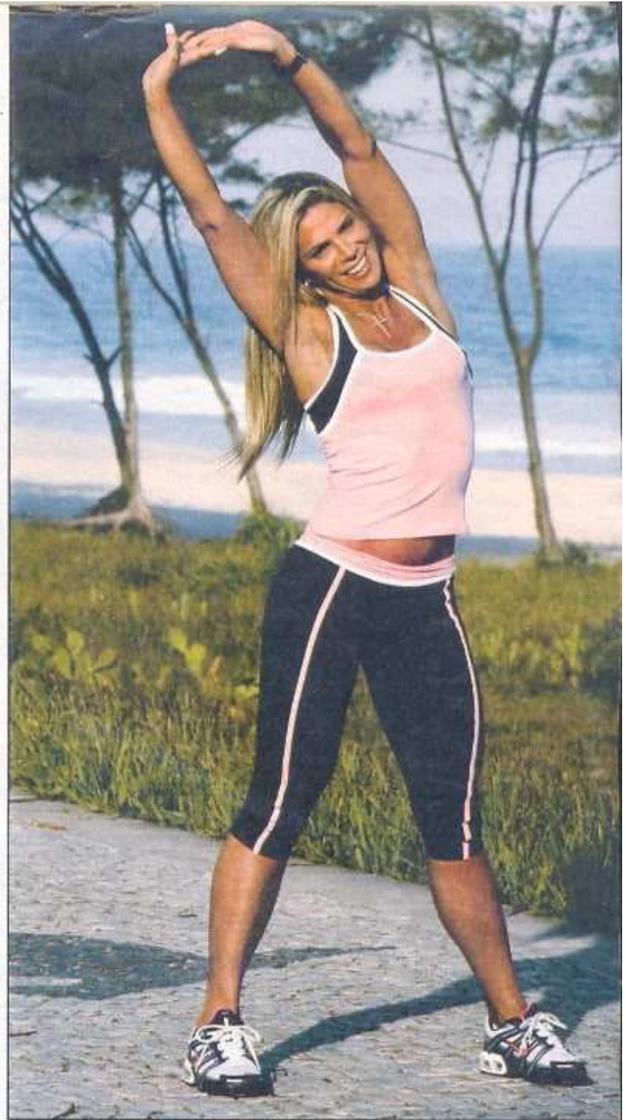
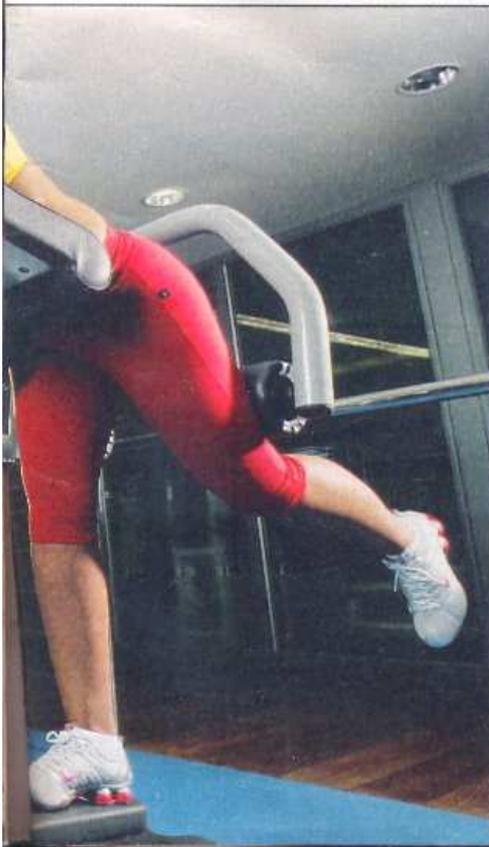
Aos 45 anos

O QUE ACONTECE COM O CORPO

O ganho de peso pode chegar a 200 gramas por ano, pois queimam-se 120 calorias a menos por dia. A estatura diminui entre 0,3 e 0,4 centímetro ao ano. A circunferência abdominal cresce até 0,2% ao ano. A força muscular total do corpo começa a baixar entre 1% e 1,5% e a agilidade reduz-se 1%.

EXERCÍCIOS RECOMENDADOS

As perdas são irreversíveis, mas podem ser minimizadas com exercícios que exigem força muscular. Quem não gosta de musculação tem as opções de ioga e pilates.



■ SILVANA BRAGA COELHO,

43 anos, empresária

Altura: 1,67 metro

Peso: 61 quilos

Atividade física: musculação cinco vezes por semana. Corrida, caminhada ou alongamento, duas vezes

Tempo de prática: dez anos

Hobby: não tem

Dieta: de segunda a sexta, não come doces nem frituras

O que muda com os exercícios: "Tudo, principalmente o meu corpo. Minha disposição aumentou 100%."

Conselho para quem vai começar: "Tenha um horário certo para a malhação. Respeite-o. Esse horário tem de ser sagrado e seu."

Boa forma

Aos 55 anos

O QUE ACONTECE COM O CORPO

Na menopausa, ocorrem as maiores mudanças físicas. A queda radical nos níveis de estrogênio e testosterona leva a uma perda anual de até 2% da massa óssea.

EXERCÍCIOS RECOMENDADOS

Aeróbicos, para combater doenças cardiovasculares, e de força muscular com peso, para combater a osteoporose. Nessa idade, é recomendável acrescentar impacto aos exercícios, como dar pulinhos, para incrementar a densidade óssea.

■ **ELIANE GONZÁLES,**
56 anos, empresária

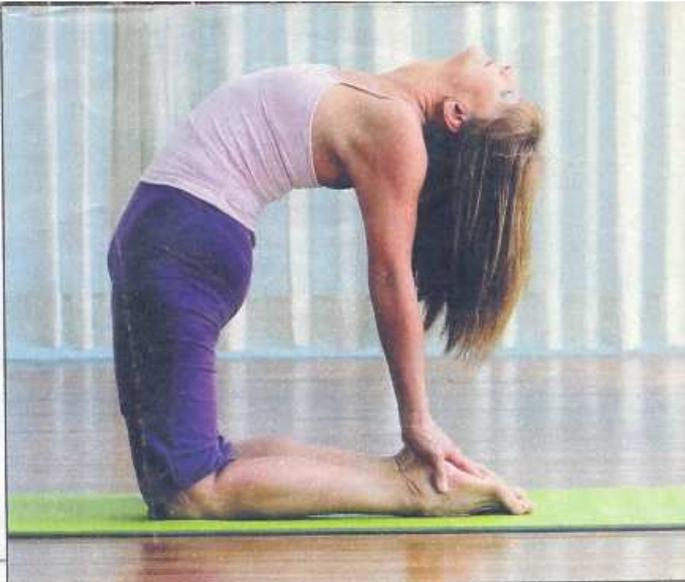
Altura: 1,60 metro

Peso: 53 quilos

Atividade física: ioga seis vezes por semana. Ginástica localizada, duas vezes

Tempo de prática: quinze anos

Hobby: andar de bicicleta nos fins de semana



Dieta: vegetariana

O que muda com os exercícios: "Tinha alergia e gastrite pelo nervosismo do trabalho. Hoje não tenho mais nada. Mudei meu corpo e até minha mente. Sou outra."

Conselho para quem vai começar: "Deve-se escolher uma boa ioga e não ficar só na prática física — é importante ler sobre seus preceitos. Para ter resultado, é preciso estar envolvida. Caso contrário, vira uma malhação normal."

FOTOS: FOLKART DABRAL



Aos 65 anos

O QUE ACONTECE COM O CORPO

A capacidade respiratória diminui 40% e a massa muscular, 25%.

EXERCÍCIOS RECOMENDADOS

Aqueles que trabalhem a flexibilidade, a postura, a estabilidade e a proteção contra quedas. Uma boa atividade é o tai chi chuan.

■ **ANNA SARAIVA,**
65 anos, pintora e ex-psicanalista

Altura: 1,55 metro

Peso: 66 quilos

Atividade física: tai chi chuan, cinco vezes por semana

Tempo de prática: vinte anos

Hobby: pintura

Dieta: não faz

O que muda com os exercícios: "A mudança mais radical foi eu ter largado o consultório clínico para pintar. Não sinto mais dores no corpo nem nas costas e hoje tenho bastante força muscular e equilíbrio."

Conselho para quem vai começar: "Não fique só olhando, comece a fazer. Olhando parece bem mais difícil do que é na prática."

Tal filha,

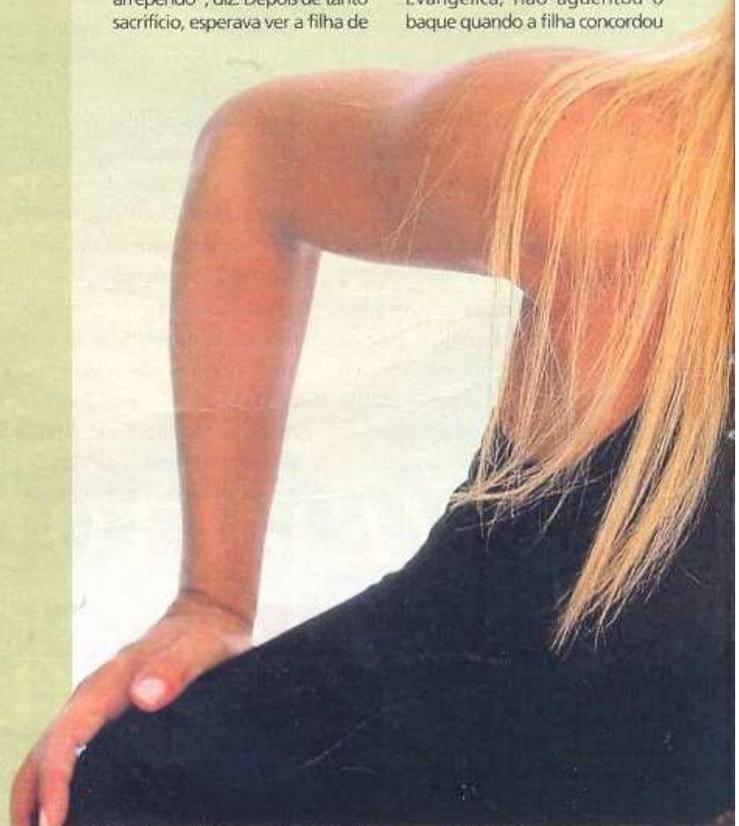
A menina fica famosa e mamãe pega carona: no cabeleireiro, no personal trainer, no cirurgião plástico...

Tem filha que, conforme vai crescendo, vai se tornando uma cópia da mãe. Quando a filha é famosa, porém, muitas vezes acontece o inverso: é da mãe que se diz ser "a cara da filha". Não é só questão de genética ou convivência. As mães costumam compartilhar os mesmos hábitos (quando não esteticistas e cirurgões plásticos) com a celebridade da família. Assim é que a mãe de Joana Prado, Mercedes, frequenta o mesmo cabeleireiro e usa a mesma tonalidade de tintura da ex-Feiticeira. Danielle Winits e sua conservadíssima mãe, Nadja, parecem irmãs — gêmeas. Suzana Alves, a ex-Tiazinha, bancou uma lipoaspiração generalizada na simplíssima Lúcia e divide com ela o mesmo hidratante. Isabel Fillardis corta o cabelo e faz as unhas em casa, junto com a mãe, com quem é agarradíssima. E sobre Sandy e mamãe Noely, nem se fala: é olhar para uma e ver a outra no cabelo, na sobrancelha, na maquiagem — até no guarda-roupa, que as duas, de vez em quando, dividem. O melhor de tudo: o sucesso ameniza a tradicional rivalidade entre mães e filhas — e todas as personagens desta reportagem se amam de paixão. **T.S.**

As independentes

Joana Prado, 27 anos, tinha só 2 meses quando a economista Mercedes Prado, 51 anos confessados sob tortura, voltou ao trabalho em uma firma de engenharia. "Chegava ao escritório chorando, mas não me arrependo", diz. Depois de tanto sacrifício, esperava ver a filha de

blazer e salto alto, como uma grande executiva. Joana aderiu ao salto alto, sim, mas combinando com biquíni e vêu: virou a Feiticeira, exibindo o corpo fenomenal ao país inteiro. "Foi um choque terrível", diz Mercedes. Evangélica, não agüentou o baque quando a filha concordou



em posar nua, em fotos feitas na Turquia: "Joana foi para o aeroporto e eu fui para o hospital. Tive um choque nervoso". Hoje, longe do véu, Joana quer ser apresentadora de TV e se "livrar desse estigma de símbolo sexual". Mercedes comemora: "Meu sonho era ver minha filha de roupa na TV".

Elas não vivem sem

descolorante. Joana e Mercedes freqüentam o mesmo salão e cuidam do corte e da cor com o mesmo profissional há três anos. O tom é praticamente o mesmo. A quase invisível diferença está nas mechas — em Joana, são mais fininhas.

Na clínica de estética

Para prevenir a celulite, Joana faz sessões semanais de drenagem linfática. Mercedes foi experimentar o tratamento na mesma clínica, mas desistiu.

De mãe para filha

As duas preparam uma receita caseira para deixar as mãos macias. A dona da receita é, na verdade, a mãe de Mercedes: misturar o suco de um limão a uma colher de sopa de açúcar, massagear bem e enxaguar.

De filha para mãe

Graças ao incentivo de Joana, Mercedes agora é adepta da malhação na academia. Coisa leve — nada que lembre o treino da filha, capaz de carregar até 60 quilos nas costas em um exercício de agachamento. "Ela malha a língua", brinca Joana. Plásticas, não, jura Mercedes. "Este peito é meu", declara. "O meu também é", rebate Joana. "Só que eu comprei."



tal mãe

PIERO BIRENS



FOTOS: PÉPPO HUENES

As parecidíssimas

A empresária **Nadja Winitz**, 49 anos, é apenas vinte anos mais velha que sua filha **Danielle** e tem o mesmo cabelão, o mesmo busto avantajado (o da filha, siliconado) e a mesma preferência por roupas decoradas. Nadja tem um filho, Victor, de 2 anos, com o ator Delano Avelar, dezoito anos mais jovem. "Acho que eu sou mais mãe que irmã do Victor", diz Danielle. As duas garantem que semelhança física não influi na relação delas. "Nunca competi com minha mãe", afirma Danielle.

Elas não vivem sem

ginástica. Nadja é profissional. Vai à academia todas as manhãs, praticar musculação, alongamento e spinning. Também faz caminhadas ao ar livre e pedala na praia. À tarde, ainda dá aulas particulares de power yoga, "uma coisa mais holística". Danielle sempre seguiu o exemplo da mãe malhadora e nunca ficou parada. Hoje, divide com Nadja o personal trainer Didi, que cuida de seu programa de musculação, na mesma academia.

agosto, 2003 **ESPECIAL MULHER**

No nécessaire das duas tem de ter

maquiagem, e muita.

De mãe para filha

Nadja é sócia de uma clínica de estética, onde dá aulas de power yoga e cursos sobre terapias alternativas. Lá, antes que o produto fosse retirado do mercado, experimentou aplicações de Lipostabil para reduzir medidas no abdômen. Dani aproveitou a boquinha e encarou algumas sessões de tratamentos para reduzir medidas, mas acabou optando pelas orientações nutricionais da sócia de Nadja, Maria Amélia Boga.

De filha para mãe

Nadja sempre foi loiríssima. "Dani começou a fazer reflexos aos 18 anos, no mesmo salão que eu." Hoje é a filha que inspira a mãe. "O cabelo chocolate de Dani em *Kubanaçan* acrescentou muito à imagem dela. Também fiquei com vontade de escurecer o meu", conta. Mas na hora H Nadja apenas acrescentou mechas douradas e loiro-escuras ao seu tom original.

As inseparáveis

Quando a atriz **Isabel Fillardis**, 30 anos, recebeu sua primeira proposta de trabalho na TV, foi a mãe dela, **Sônia**, 48, quem deu a resposta ao diretor: "Ah, ela é capaz de fazer, sim". Isabel ganhou o horário nobre e virou a espetivada Ritinha de *Renascer*. No papel de mãe e empresária, Sônia controla todos os passos da filha desde o início de sua carreira como modelo profissional, aos 15 anos. Isabel diz que nunca se incomodou: "Eu sempre quis minha mãe por perto, para me proteger". Ainda facilitou a missão — Sônia nunca teve de regular o tamanho dos biquínis, por exemplo, porque a filha mesma cuidava disso. "Eu nunca gostei de botar biquíni pequeno. Então, quem controlava era eu", diz Isabel. Ficar longe da primogênita querida, para Sônia, é literalmente insuportável. Quando Isabel embarcou para a lua-de-mel, ela não conseguia parar de chorar, mesmo sabendo que a filha voltaria para a casa dela com o marido. Isso mesmo: Isabel só foi embora da casa dos pais dois anos mais tarde. E Sônia chorou tudo de novo.

Elas não vivem sem

cuidados de beleza em casa. A cada duas semanas, uma cabeleireira vai até o apartamento de Sônia para aparar as pontas e fazer hidratação no cabelo de ambas. A manicure também vai atendê-las em casa. Elas só usam esmaltes em tons terra.

No nécessaire das duas tem de ter

hidratante para o corpo. "Isabel toma três, quatro banhos por dia. Sempre passa creme depois de se enxugar. Já eu sou mais preguiçosa, mas gosto de experimentar os que me recomendam."

De mãe para filha

"Não sou nada vaidosa", conta Sônia. "Nunca fui de passar creme. Então não ensinei nada dessas coisas a minhas filhas."

De filha para mãe

Isabel vive insistindo para que sua mãe faça alguma atividade física. Sônia já comprou esteira e bicicleta ergométrica, mas morre de preguiça. "De vez em quando dou uma caminhada."



Faça o que eu não fiz

Lúcia Alves, 47 anos, tirou a bicicleta nova da filha Suzana, 25, depois do primeiro tombo. "Não queria que ela ficasse com a perna toda marcada, cheia de manchas", justifica. A visão de longo prazo tinha um bom motivo. Paraibana de Cajazeiras, muita luta pela sobrevivência, ela transferiu para a filha os sonhos de um futuro melhor e a vontade de ser bailarina: "Aos 7 anos, Suzana fez teste para entrar no Municipal e passou. Até hoje, quando eu vejo um balé, penso: por que ela não está em um grupo de dança?". Evangélica, ficou "meio nervosa" ao ver Suzana usando lingerie na TV. Mas consentiu, porque o cachê ajudaria nas despesas da família. "Ajudou a pagar minha faculdade e as contas da casa", diz Suzana.

Elas não vivem sem

ir à manicure semanalmente. Lúcia faz as unhas em um salão do bairro em que mora, a Freguesia do Ó, em São Paulo. Suzana vai a um salão nos Jardins. "Vivo com uma lixa na bolsa. Estar com as unhas bem-feitas me dá uma sensação de limpeza."

No nécessaire das duas tem de ter

hidratante para o corpo Victoria's Secret com perfume de morango com champanhe. "Minha mãe diz que o creme apagou até umas sardazinhas no corpo dela."

De mãe para filha

Beber muito líquido é a lição de Lúcia. Ela ensinou a filha a carregar sempre uma garrafinha de água ou de chá. "Ela prepara chá verde e suco de beterraba. Diz que não dão barriga e são digestivos", acredita Suzana.

De filha para mãe

Suzana cuida da maquiagem da mãe quando não há um profissional por perto. Também a introduziu no mundo da plástica, ao lhe oferecer uma lipoaspiração. "Tinha um pouco de banha na barriga que me incomodava. Ai a Suzana perguntou: 'Quer fazer, mãe?'. Eu fiz", relata Lúcia. Mas não faria outra: "Deus me livre, dói muito. E está bom demais assim".

As duas juntas

"Colocamos chá de camomila bem quente em uma vasilha e tomamos o vapor no rosto. Ajuda a limpar as impurezas da pele", diz Suzana.



As perfeitinhas

Aos 20 anos, a cantora **Sandy** se parece cada vez mais com a mãe, **Noely**, 43. "Foi minha mãe que estacionou. Ficou com cara de 30 anos e não passa disso", afirma a filha, orgulhosa. Para Sandy, Noely é uma espécie de exemplo a ser seguido. Ela aprova quase tudo o que a mãe faz, embora às vezes os papéis se invertam: Sandy critica o gosto da mãe por hambúr-

guer ("Quando era mais nova, ela só comia porcaria, igual ao meu irmão"); Noely pressiona a filha perfeccionista para relaxar um pouco, exigir um pouco menos de si mesma. "A vida toda ela só tirou 10 na escola. Aí teve um dia em que tirou 9 e ficou arrasada. Eu tive de explicar que não era tão ruim assim", conta Sandy concordando que se cobra muito. "E não consigo pôr minhas emoções para fora", admite. Por isso, faz terapia há três anos. "Queria extravasar mais."

Elas não vivem sem

hidratação no cabelo. "Minha mãe entende tudo de cabelo. Até os 10 anos, ela é quem cortava o meu. Volta e meia ela traz um produto novo, vive conversando com os cabeleireiros", diz Sandy. "Eu tinha um cabelão, faz uns oito anos que cortei", conta Noely. "Eu não queria de jeito nenhum. Queria que a gente ficasse parecida", acrescenta a filha.

No nécessaire das duas tem de ter

maquiagem, principalmente no de Sandy, que gosta de guardar tudo no lugar certo. "Ela sabe que eu sou meio fresca para essa coisa de guardar tudo direitinho. Então, não ligo que mexa", diz Sandy. E, se for preciso, a filha, que adora rímel, sombra e batom, maquia a mãe.

De mãe para filha

Noely (1,54 metro, 45 quilos) já fez lipo na barriga e Sandy (1,58 metro, 40,5 quilos) também gostaria de fazer ("Eu tenho uma barriguinha aqui"), mas não tem coragem. "Dizem que sou louca, que preciso, isso sim, de lipo no cérebro", brinca.

De filha para mãe

"Digo para ela tomar cuidado com a sombra da maquiagem, para não ficar pesado. E outro dia ensinei minha mãe a secar a franja puxando para cima, o que dá mais volume."



Elas **prefere** os loiros

POR
MARIANA SGARIONI

Ou morenos, ruivos, negros. Desde que sejam bonitos

58

Detratores do gênero e implacantes em geral gostam de dizer que a primeira qualidade que as mulheres analisam nos homens é o saldo bancário. Do ponto de vista da biologia evolutiva, não estão só fazendo fofoca. Mulheres gostam, sim, de homens ricos e bem-sucedidos. Mas o anseio pela beleza também é um componente importante — e não é só para sentir aquele friozinho na barriga que dá quando se olha, por exemplo, para a foto ao lado. Nem é preciso ser um grande especialista em biologia evolutiva para entender o motivo. Fêmeas de todas as espécies, afirmam os pesquisadores e comprova o bom senso mais elementar, foram programadas para buscar no macho um provedor e reprodutor de qualidade. No caso das humanas, esses atributos alcançam hoje sua mais perfeita materialização sob a forma de uma boa conta no banco e uma bela

estampa. Um **Brad Pitt**, por exemplo.

Homens ricos, dizem especialistas, atraem as mulheres basicamente porque essa condição favorece as estratégias reprodutivas — ou seja, é mais desejável ter filhos com quem dispõe, por exemplo, de uma casa e recursos para mantê-la. “Todos os animais buscam parceiros que os ajudem em sua batalha por uma reprodução bem-sucedida. As mulheres melhoram suas chances de sucesso juntando forças com homens de status social elevado”, dizem os cientistas americanos Terry Burnham e Jay Phelan no livro *A Culpa É da Genética*. A beleza entra como o outro fator que aumenta as chances de atrair boas parceiras porque, tanto quanto proteger sua cria, as fêmeas da espécie querem mantê-la saudável. “É uma escolha quase inconsciente”, afirma a psi-

cóloga Zoraida de Andrade Faria, autora de tese de mestrado sobre a teoria da seleção sexual pela Universidade de São Paulo. “A beleza está associada à saúde e à capacidade de reprodução”, diz. Não é só uma hipótese de trabalho. Em estudo realizado pela Universidade de Valência, na Espanha, 66 mulheres selecionaram fotos de homens que consideraram bonitos. Coletado o sêmen dos eleitos, pesquisadores descobriram que seus espermatozoides eram mais rápidos que os dos outros. Sinal de que também a natureza prefere os belos.

O que é a beleza? Qualquer mulher que contemple, por exemplo, um Brad Pitt não terá dúvidas de que está diante dela. Mas a avaliação pouco tem de subjetiva: a fórmula da beleza, destrinchada desde a Antiguidade, é quase matemática, e seu principal fundamento está na harmonia

dos traços — mais precisamente, na simetria deles. Apresentar medidas quase idênticas dos dois lados do corpo e da face é irresistivelmente desejável porque, do ponto de vista da biologia evolutiva, a simetria é um sinal de saúde. A ciência já comprovou que animais simétricos apresentam crescimento maior que a média, são mais férteis e sobrevivem por mais tempo. No caso dos homens, tudo indica que são também melhores amantes. Pesquisa coordenada pelos cientistas americanos Steven Gangestad e Randy Thornhill, que envolveu o estudo da vida sexual de 86 casais heterossexuais na faixa dos 20 anos, constatou que as mulheres tinham mais orgasmos nas relações com homens cujo lado esquerdo era idêntico, ou quase idêntico, ao lado direito. De novo, um truque reprodutivo: estudos sugerem que, ao ter um orgasmo, a mulher retém mais espermatozoides — o que aumenta as chances de engravidar. Gangestad e

rem



59

5/14/03

Thornhill comprovaram ainda que os homens simétricos (leia-se bonitos) iniciam a vida sexual três a quatro anos antes dos outros, têm mais que o dobro de parceiras sexuais que a média e são mais infiéis que os assimétricos (leia-se feios ou não tão bonitos). Não que bonitões carreguem o gene da traição. "Eles são os preferidos e por isso recebem mais ofertas que os outros", explica a psicóloga Nancy Etcoff.

Até recentemente, os especialistas acreditavam que outro componente importante da beleza eram os chamados sinais de gênero — no caso dos homens, toda característica que acentue a virilidade. Maxilares proeminentes, sobrancelhas espessas e voz grossa, por exemplo, atrairiam as mulheres porque são um indício da presença de um nível mais elevado de testosterona no organismo — o que, na leitura evolutiva, significa mais espermatozoides e maiores chances de perpetuação da espécie. Um estudo realizado pelo psicólogo escocês David Perrett, da Universidade de St. Andrews, sugere que a experiência acumulada e o meio ambiente também têm sua influência sobre os imperativos biológicos. Na pesquisa, homens e mulheres do Japão e da Escócia, com idade entre 19 e 23 anos, foram convidados a analisar uma série de fotos de rostos do sexo oposto. Os retratos foram manipulados digitalmente de forma que os masculinos tivessem ressaltados, em maior ou menor grau, traços associa-

dos à feminilidade — como lábios cheios e rosto mais alongado. Os rostos femininos tiveram as sobrancelhas engrossadas e mais distanciadas para ganhar ares ligeiramente masculinizados. Entre os homens, o resultado não trouxe surpresa. A maioria dos entrevistados achou mais bonitos os rostos das mulheres que

continuaram parecendo bastante femininas. Já as mulheres preferiram os homens com feições mais suavizadas. As entrevistadas, constataram os pesquisadores, associavam esse tipo de imagem masculina a qualidades como "sensibilidade", "honestidade" e "dedicação paterna". Conclusão evidente:

o mundo mudou, as mulheres também, e hoje um exímio caçador de javalis talvez não valha tanto quanto um marido que leve as crianças à escola. Ou então é só mais um pretexto para olhar mais, e demoradamente, uma foto do Brad Pitt. Por exemplo.

GOSTOU? DARWIN EXPLICA

Especialistas em biologia evolutiva dizem por que as mulheres preferem os homens bonitos (como se você ainda não soubesse...)

Altura

Acima da média. "Homens altos inspiram dominância e poder", afirma a psicóloga Zoraida de Andrade Faria, autora de tese de mestrado sobre seleção sexual na USP. Estudo americano mostrou ainda que mulheres associam altura a atributos como saúde, virilidade e sucesso profissional



Reynaldo Gianecchini

RICARDO FASINELLO/STYMANA

Rosto

Masculinidade cuidadosamente temperada com traços femininos. Segundo pesquisa coordenada pelo psicólogo escocês David Perrett, mulheres tendem a relacionar a imagem de um homem de feições suaves à idéia de que ele será bom pai e companheiro mais fiel. "Os traços femininos amenizam os sinais associados a comportamentos negativos, como a violência doméstica e a infidelidade conjugal", afirma o pesquisador



Rodrigo Santoro

Queixo

Largo, com maxilar proeminente. Estudiosos da biologia evolutiva afirmam que a característica atrai as mulheres porque, assim como a testa avantajada e a voz grave, indica que o homem tem bons níveis de testosterona — hormônio masculino responsável, entre outras coisas, pela produção de espermatozoides



George Clooney

CORBIS SYGMA/STOCK PHOTOS

Cintura

Proporcional aos quadris. Dividindo a medida da cintura pela dos quadris, o resultado deve ficar entre 0,85 e 0,95 centímetro. Cinturas muito finas evocam feminilidade. Muito grossas, pouca saúde. A gordura na região abdominal está comprovadamente associada ao risco de doenças cardiovasculares



Josh Hartnett

KLEIN STERN/PIGAMMA

Ombros

Largos, com tórax bem desenvolvido. "Indicam que o homem tem pulmões maiores, uma boa capacidade respiratória e, portanto, mais chances de ser um bom provedor", diz o psicólogo Ailton Amélio da Silva, do Instituto de Psicologia Experimental da USP



Ben Affleck

PHILUSIA ROZESIN/PIRELLA

Fontes: A Lei do Mais Belo, de Nancy Etcoff; A Culpa É da Genética, de Terry Burnham e Jay Phelan; Judgements of Female Attractiveness, de David Perrett, Universidade de St. Andrews

"Adoro ser solteira"

Elas saem demais, ocupam-se demais, divertem-se demais. Namoro? Só se for com alguém muito, muito especial

MARIO GRANGETA

Quando beiram ou já passam a casa dos 30 anos, as mulheres solteiras sofrem com estereótipos. A palavra mais doce usada para se referir a elas é titia. Vistas como se estivessem sempre atrás de um namorado ou como se já fosse tarde demais para encontrá-lo, muitas mulheres solteiras querem agora sepultar a idéia de que sua felicidade depende de uma companhia masculina. A moça da foto ao lado é um bom exemplo. Chama-se Andréa Nicácio, tem 34 anos, é designer carioca, solteiríssima, e jura de pés juntos que prefere ficar sozinha a se envolver em uma relação pouco consistente. Na Europa, essa casta feminina já é conhecida como Sarahs, uma sigla que em inglês significa "Solteira, Rica e Feliz" (Single and Rich and Happy). São mulheres bem-sucedidas, que viajam bastante, saem para jantar em bons restaurantes, compram roupas de grife e se divertem com a turma de amigas. E só se valer muito a pena, muito mesmo, se envolvem com alguém.

Um dos principais motores desse novo comportamento é, sem dúvida, o fato de as mulheres estarem conquistando a independência financeira. À medida que se tornaram donas do próprio nariz, elas ficaram mais seletivas em suas escolhas — sobretudo no que diz respeito à vida amorosa. "Meu critério para escolher um namorado é rigoroso. Não vou me envolver com o primeiro que aparecer apenas para não ficar sozinha. Prefiro badalar com minhas amigas", diz Andréa Nicácio. É inegável que a sociedade

de está mais aberta às solteiras, ainda mais depois que elas passaram a ganhar e a consumir tanto quanto os homens. Ir desacompanhada a um local da moda, pedir uma taça de vinho e ficar olhando em volta é um programa que não choca mais. "Eu adoro sair sozinha. Só troco um cinema por uma saída com um homem se o sujeito for realmente muito especial", diz a carioca Joana Aguinaga, de 30 anos, gerente de um empório de vinhos.

O ser humano emite sinais contraditórios no campo do relacionamento. Por um lado, é gregário e gosta de viver ao lado de alguém. Por outro, tem dificuldade para fazer concessões. Se está namorando ou casado, freqüentemente sonha com a liberdade dos que vivem sós. Mas se deprime nas noites de sábado se não tem para quem ligar. É, em geral, na faixa dos 30 anos que o casamento se torna uma "questão" na vida das mulheres. Mesmo que elas estejam convencidas de que o importante é investir na carreira e não pensar em filhos, a intensa movimentação das amigas fazendo a lista de chá de panela desperta um certo incômodo social. O que as mulheres solteiras estão mudando não é a vontade de encontrar um parceiro. Essa continua. O que desapareceu foi a angústia de arrumar "um novo amor".

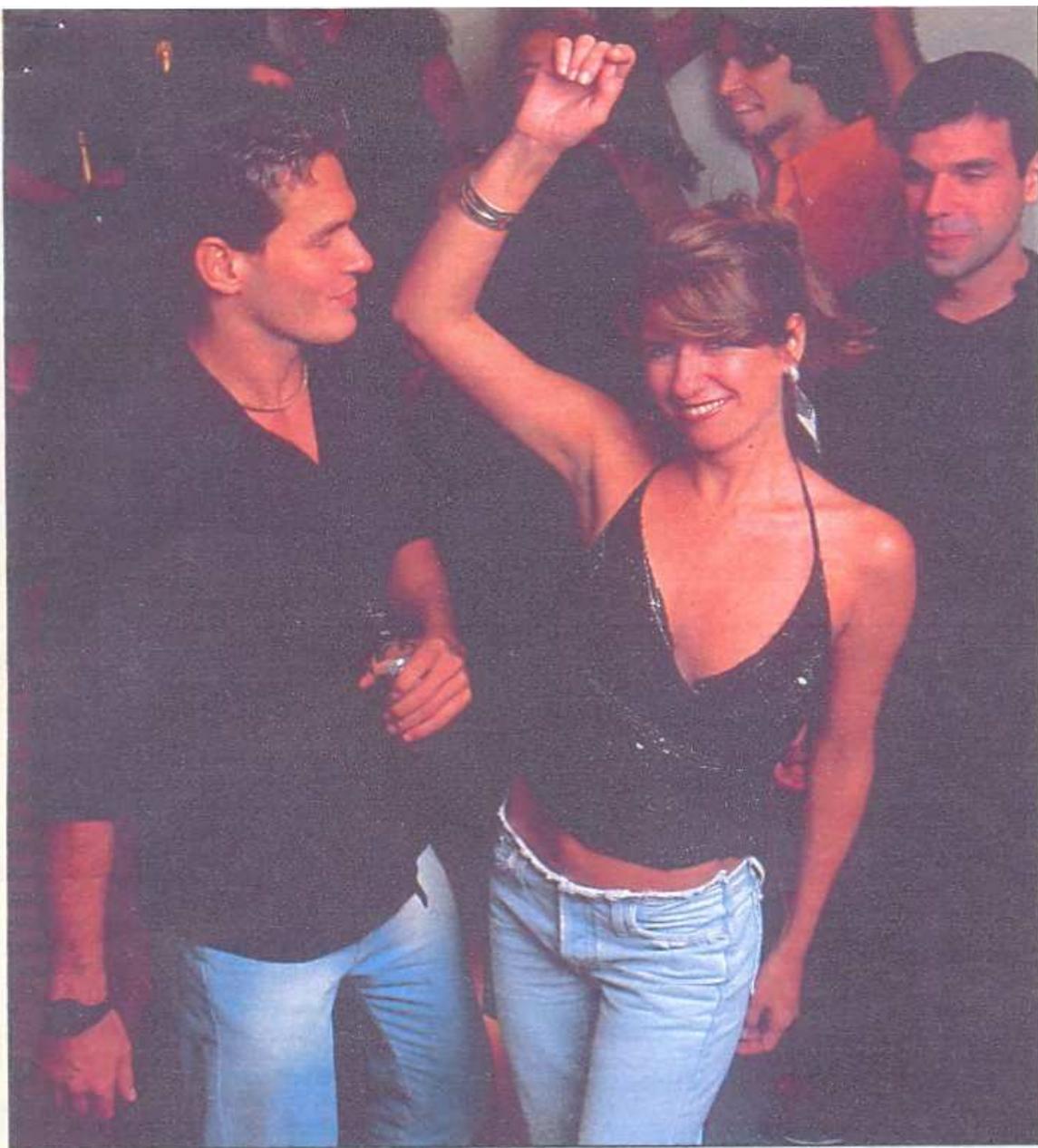
É o caso da analista comercial da Vale do Rio Doce Renata Abissamara Costa, de 27 anos. Sozinha há um ano e meio, ela diz estar completamente satisfeita com sua alucinante rotina, que inclui natação, ginástica, aulas de francês, de dança do ventre, sessões de massagem, fora as noitadas com amigos em boates e restaurantes. "Se eu namorasse, não faria metade das coisas", diz. Durante muito tempo, Renata reclamou da falta de namorado. Hoje, acha que simplesmente nunca cruzou com o sujeito ideal. "Enquanto isso não acontece, não fico me lamentando. Estou muito bem", diz.

De fato, as solteiras parecem administrar bem a vida privada. Relacionamentos descompromissados e sexo casual são uma constante em suas rotinas. Elas encaram esses laços efêmeros de maneira menos traumática que no passado, ainda que a realidade mostre que muitas delas sofrem de certa ressaca moral no dia seguinte. "É difícil para elas dissociar amor de sexo. Como resultado, as mulheres se cansam desse comportamento que antes era quase exclusivo dos homens", afirma a psicóloga inglesa Janet Reibstein, da Exeter University, co-autora de um estudo sobre a postura das mulheres a respeito do sexo casual. É a hora em que situações prosaicas

De matar de inveja

Por razões bem diferentes, solteiras e casadas costumam cobiçar a rotina uma da outra. O quadro mostra o que elas invejam na vida com e sem compromisso

O bom da vida de casada, segundo as solteiras, é...	O bom da vida de solteira, segundo as casadas, é...
ter sempre companhia para sair e não ter de voltar para casa dirigindo sozinha	poder paquerar e voltar para casa a qualquer hora
dormir abraçadinha	dormir espalhada na cama
fazer sexo quando quiser	fazer sexo com quem quiser
viajar para lugares românticos	viajar para qualquer lugar sem ter de dar satisfação
ter com quem dividir as contas	só ver os filmes que quiser
organizar uma festa de Natal em sua casa para a família	não ter sogra nem cunhada



SONIA IBITO

da rotina das casadas, como viajar para locais românticos ou dormir abraçadinhas todas as noites, provocam certa inveja nas solteiras.

Estatísticas provam que a impressão das mulheres sobre a falta de homens é equivocada. De acordo com o psicólogo Ailton Amélio da Silva, do Centro de Estudos sobre Sexualidade da Universidade de São Paulo, sobram homens na praça. As mulheres é que estão exigentes demais. Sua tese é corroborada por dados coletados em levantamentos oficiais do país. Apesar de os números absolutos indicarem a existência de um superávit de 3,5% de mulheres no país, há qua-

se 330 000 homens disponíveis no mercado amoroso brasileiro. A pesquisa, coordenada por Silva, é curiosíssima. Cruzando dados do censo com os da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados de São Paulo (Seade), o psicólogo descobriu a diferença. "Tirando o número de viúvos e viúvas do total de homens e mulheres, chegamos à conclusão de que existiam mais homens disponíveis que mulheres", explica. O que acontece é que os homens se casam em geral aos 27 anos. E preferem como parceiras mulheres na faixa dos 24. Resultado: sobram mulheres na casa dos 30 anos. Péssima notícia para as balzaquianas. ■

Andréa Nicácio:
"Divirto-me sozinha. Não quero um zé-ninguém"